



OUTSIDE

Death Row Chronicles Vol.2

N I C K Y J A M E S



KARDIA MOU





Vinte anos atrás, os portões da prisão fecharam a vida de Bishop Ndiaye quando ele foi condenado à morte por um crime que não cometeu. Sua vida se tornou um jogo de espera enquanto ele estava sentado no corredor da morte em uma das piores prisões do país, esperando que seu mandado fosse assinado e sua caminhada até a câmara da morte.

Mas isso nunca aconteceu.

A chegada de Anson Miller a vida de Bishop mudou tudo e, com mais nada além de uma esperança, uma oração e um advogado, Bishop lutou por sua liberdade e venceu.

Vinte anos trouxeram muitas mudanças.

Bishop precisa reaprender o mundo, o que não é fácil quando seu rosto se torna notícia de primeira página e sua história é sussurrada por multidões. Bishop não apenas se vê sofrendo de um trauma grave após todos os anos de reclusão, mas também descobre que o mundo lá fora pode não ser tudo o que ele pensava.

Alguns dias, é como se ele tivesse trocado uma prisão por outra.

Como se isso não bastasse, Bishop saiu da prisão direto para os braços do homem que ele ama, mas nunca havia explorado essa parte de si mesmo e mal sabe por onde começar. Navegar em um relacionamento, tecnologia, ansiedade e pessoas é esmagador. As rachaduras na fundação de Bishop começaram a aparecer e o grandão não sabe a quem pedir ajuda.

Valeu apenas toda essa provação? Talvez ele estivesse melhor preso...





REVISÃO E ARTE; NEPHRUS



Aviso ao leitor

Este é o segundo livro das Crônicas do corredor da morte e deve ser lido após o livro um INSIDE (Crônicas do corredor da morte, Vol. 1).



Capítulo Um

A chuva batia na vidraça acima da pia enquanto o vento uivava e sacudia as portas deslizantes do pátio em seus caixilhos. A tempestade de outono se aproximara como previsto, e por mais fascinante que fosse o espetáculo, eu não conseguia me desdobrar no pequeno canto da cozinha onde estava sentado - azulejos embaixo de mim, armários nas costas e escuridão ao redor.

Nenhuma quantidade de conversa interna poderia me convencer a enfiar a mão lá fora, mesmo quando eu queria desesperadamente sentir a chuva contra a minha pele. Faz vinte anos ... *vinte...* desde que eu tinha visto o exterior de uma cela.

O mundo além da janela estava escuro como breu. Eram duas da manhã de acordo com o relógio no micro-ondas. As nuvens haviam se movido ao redor de uma e bloqueavam a lua e as estrelas, tirando a cidade dos fragmentos finais de iluminação natural. Então a chuva começou.

As luzes da rua, brilhando a partir da rua seguinte, eram a única fonte de luz e refletiam nas vidraças molhadas, fazendo as gotas de chuva brilharem como diamantes. Toda a experiência foi surreal. Meu coração bateu um ritmo constante, empurrando um nervosismo desconfortável em minhas veias e me deixando um pouco sem fôlego enquanto eu observava.





—*Espere ficar um pouco sobrecarregado*— minha advogada, Cynthia Bellows, havia me contado. —*O reajuste pode levar tempo, especialmente depois de uma frase prolongada como a sua. Vá devagar*

Um pouco oprimido era um eufemismo. Eu era um homem livre por todos os quatro dias, e minha ansiedade não tinha se acalmado nem um pouco. Minha vida inteira - essa liberdade recém-descoberta - era estranha em tantos níveis, que eu não conseguia processar tudo. Como eu pude admitir o medo escondido no fundo da minha mente? Como expliquei os constantes arrepios que não dariam descanso ao meu corpo? Era tudo o que eu queria, tudo pelo que eu orava, esperava e ansiava, no entanto, eu estava em constante estado de pânico que não conseguia me livrar ou ignorar.

Se eu fechasse os olhos, tinha certeza de que essa realidade desapareceria. Eu acordava de volta na minha cela no corredor da morte, e tudo não passava de um sonho.

Pelo menos a tempestade enviou os repórteres para casa. Foi uma pequena bênção. Eles estavam acampados na frente da casa desde a minha libertação, abrigando um senso de direito fora de lugar sobre toda a minha história de vida. Cynthia e eu tínhamos dado a eles uma breve conferência de imprensa em Polunsky no dia em que fui libertado, mas não foi suficiente. Eles queriam mais e mais e mais. Como abutres, eles queriam separar todos os aspectos da minha vida e dissecá-lo. Pergunta após pergunta após pergunta. Eles não desistiram.





Eles voltariam amanhã, eu não tinha dúvida. Ainda tínhamos que sair de casa por causa disso. Desde o dia em que Anson me levou para sua casa em Onalaska, nós éramos prisioneiros, trancados atrás de sua robusta porta da frente com as cortinas fechadas nas janelas.

Eu havia passado de um nível de confinamento para outro. Este era mais favorável, mas nem de longe pacífico.

Ainda não.

Um relâmpago foi seguido rapidamente por um trovão. Eu pulei, os olhos arregalando quando eu puxei meus joelhos mais alto. O estrondo sacudiu as vidraças antes de rolar para longe e morrer. Estremeci e disse a mim mesmo para estar preparado para o próximo. Não havia necessidade de ser nervoso.

Uma vez que o trovão se foi, a batida constante da chuva foi mais uma vez o único som. Um tamborilar constante e suave, muito mais alto do que eu havia experimentado na minha cela quando choveu.

—Você não estava dormindo?

Eu me assustei de novo, muito mais saltitante do que o homem formidável que eu tinha estado na prisão, e empurrei minha cabeça em direção à figura escura e sombria que estava na porta da cozinha. A voz rouca do sono era familiar.

Anson

Meus músculos tensos desenrolaram uma fração, mas fiquei no meu cantinho protetor no chão.

—Parece que não consigo desligar minha cabeça.





Anson foi até onde eu estava sentado, entre os armários e a parede e me enrolou, e ele franziu a testa. —O que você está fazendo?

—Assistindo a tempestade.— Fiz um gesto para o espetáculo pela janela. Os galhos das árvores, girando ao vento, ficaram visíveis por um segundo quando outro relâmpago iluminou o céu.

—Eu tenho cadeiras, você sabe. E uma mesa.— Anson bocejou e passou o dedo por cima do ombro para o conjunto de quatro peças que eu estava negligenciando a cada noite.

— Estou bem!

—Ansioso. De novo?

Eu não respondi.

Anson suspirou e deslizou pelos armários para se juntar a mim, deixando um pequeno espaço entre nós. Ele tinha sido atencioso e não tinha ultrapassado meus limites desde que me deixaram sair da prisão. Senti que ele sabia como eu estava ferido e oprimido, apesar da minha relutância em expressar isso.

—Se importa se eu te fizer companhia?

— Claro. É sua casa.

Eu esperei ele me corrigir, lembre-me de chamá-lo pelo primeiro nome, lembre-me que era *nossa* casa, não dele, mas ele não fez.

Vimos a chuva cair em um silêncio agradável. A presença de Anson era mais do que física. Ele se tornou minha âncora nessa nova realidade, por toda essa transição. Por mais que eu escondesse meu desconforto e incerteza dele, ele me proporcionou





uma sensação de estabilidade que eu não conseguia explicar. Tudo o que ele precisava fazer era estar próximo e o emaranhado de videiras espinhosas afrouxava. O estrangulamento dificultando a respiração diminuiu.

—Como você está?— Sua pergunta cortou meus pensamentos em turbilhão. —De verdade. Não me engane. Percebo que você está lutando, então não faz sentido mentir sobre isso.

— Estou bem! Indo embora. É muito para me acostumar. Cynthia disse que levaria tempo.

— Eu sei. Será. Tudo bem em *não* ficar bem. É uma grande mudança. Qualquer pessoa no seu lugar lutaria.

—É estúpido. Eu deveria estar correndo pela rua e gritando minha vitória ao mundo. Em vez disso, me sinto como um potro novo que não encontrou as pernas. Com muito medo de fazer algo além de tremer em um canto, pulando na minha própria sombra.

Mais raios brilharam, mas o trovão foi atrasado. Ele retumbou à distância cinco ou seis segundos depois.

—Não se esforce. Virá.

—Eu gosto da chuva. Sempre fazia quando eu também era menino. —Mudar de assunto era minha maneira de dizer a Anson que não queria me concentrar em minhas lutas. Ele era um homem inteligente. E respeitoso.

—Você deveria sair. Sinta no seu rosto por um minuto. Cheirar a maneira como fica no ar.

Meu pulso disparou. Por mais que eu desejasse essa experiência novamente, o mundo fora das portas de vidro





deslizantes era assustador, e eu ainda não estava preparado para um espaço tão aberto. A vergonha queimou minhas bochechas e fiquei feliz pela cozinha escura.

—Maw Maw costumava nos avisar que pegaríamos um resfriado se jogássemos na chuva. Provavelmente é melhor eu ficar lá dentro. Não quero ficar doente agora, quero?

Anson riu. —Eu não estou dizendo ficar lá fora por horas. Estou dizendo, gaste um minuto, experimente. Quando foi a última vez que você ficou em uma tempestade? Sentiu cair no seu rosto?

Desde que eu tinha vinte anos, calculei, mas não contei isso a ele. Como Anson pôde entender como foi perder vinte anos de sua vida? De muitas maneiras, era como se eu tivesse caído em outro planeta e não falasse a língua.

—Talvez outra hora.

Anson não empurrou. Ele descansou a cabeça contra os armários e seguiu meu olhar pela janela.

—Eu tenho que voltar ao trabalho na segunda-feira. Você quer sair neste fim de semana? Talvez dê uma olhada nesta pequena cidade? Tem uma ideia de onde você mora agora? Aproveite o ar fresco? Pensei que poderíamos comprar mais roupas para você, fazer compras juntos, sabia?

Anson se referiu a Onalaska como *pequeno* em numerosas ocasiões. Com sua população de pouco mais de mil e setecentos, eu supunha que ele via dessa maneira. A maioria das pessoas pode. Para mim, era mais uma montanha assustadora para escalar. No corredor da morte, a população do minha cela era um. Outras





peessoas viviam na mesma vizinhança, com certeza, mas nunca ocupamos o mesmo espaço. Nós nunca nos misturamos.

—Não tenho certeza se essas notícias já terão desistido até então. Eles provavelmente vão nos seguir aonde quer que vamos, querendo saber de que cor são minhas roupas íntimas.

Anson riu. —Você quer falar com eles? Talvez se você responder algumas perguntas, contar a história delas, contar a cor da sua cueca, elas decolarão e nos deixarão em paz. Você é uma notícia quente, Bishop. Você passou dezesseis anos no corredor da morte por um crime que não cometeu e quatro anos em geral antes disso aguardando sua audiência. Isso é *vinete anos* atrás das grades. Vinte. As pessoas querem saber como é isso.

E como eu deveria explicar isso de uma maneira que Joe comum entenderia? Era uma daquelas coisas que você tinha que viver para entender. Não havia como fazer as pessoas entenderem o quão difícil era a vida e o que tinha feito comigo como pessoa.

Eu balancei minha cabeça, cerrando os punhos em torno do par macio de pijama que Anson tinha me dado quando eu fui libertado. O cheiro agradável de sabão em pó pairava no ar, e eu me peguei cheirando-os algumas vezes apenas pelo puro prazer de cheirar algo tão bonito. Era como flores ou perfume. Isso fez cócegas no meu nariz e me fez sorrir.

— Tudo bem. Não importa. Era uma ideia. Sem pressão de mim.

— Obrigada. Talvez outra hora.





A última coisa que eu queria era que Anson soubesse o quanto tenso eu estava, quanto paranoico e incerto. *Com medo*. Nós lutamos muito pela minha libertação. Eu esperava que parecesse diferente - mais libertador - mas não foi. Preocupava-me em nunca mais encontrar um nível de conforto no mundo exterior. Talvez eu fosse tanto um prisioneiro aqui como eu estava lá, apenas em um nível diferente.

—Vou fazer um café. Você quer um?

— Não, agradeço. —Café não era algo que eu tinha gostado, e nas poucas vezes em que Anson o fez nos últimos dias, eu não gostei.

—Você está com fome?

Eu referenciei o relógio no micro-ondas. —Ainda não é hora de comer, mas obrigado.

Anson parou a meio caminho de pé. Ele descansou a mão no meu joelho, chamando minha atenção da janela e da chuva.

—Não foi o que eu perguntei. Não olhe para o relógio. Você não está mais em uma programação. Você pode comer quando está com fome. Mesmo que seja no meio da noite. Você está com fome?

A temperatura do corpo de Anson estava muito mais baixa que a minha. Era algo que eu havia notado nas poucas vezes em que roubamos toques na calha de Polunsky. O calafrio de seus dedos passou pela minha calça de pijama, imprimindo na minha pele. Eu me concentrei nessa conexão em vez de encarar a pena em seus olhos. Pena por um homem que já se sentiu poderoso, forte e





inabalável. Mas essa era uma fachada que eu cresci para a prisão. Aqui fora, quem eu era? Um covarde? Fraco

Os toques de Anson eram uma maravilha, e eu os estimava toda vez que aconteciam. Em vinte anos, eu não tinha experimentado toque pessoal, além de ser manobrado de uma cela trancada para outra. Nunca em um nível íntimo.

Não até Anson aparecer e violar as regras.

Eu descansei minha mão sobre a dele, a diferença de tamanho surpreendente. Anson não era um homem pequeno, mas eu o superei em todos os sentidos.

— Você está com frio.

Ele riu e virou a mão para que pudéssemos ligar os dedos. — Você é como uma fornalha. Estou sempre com frio em comparação.

Minha atenção mudou de nossas mãos unidas para o rosto sorridente de Anson, não projetando mais pena. O nervosismo constante que senti desde a minha libertação se acalmou nas mãos carinhosas deste homem.

Mais de um ano atrás, eu compartilhei meu segredo mais profundo e sombrio com Anson, um que eu nunca havia expressado em voz alta em toda a minha vida. Naquela época, eu tinha certeza de que nunca havia uma chance de explorar minha sexualidade.

Mas aqui estávamos. O caminho diante de nós estava aberto, e tudo que eu precisava fazer era dar o primeiro passo.

Nós compartilhamos alguns beijos, de mãos dadas uma ou duas vezes e trocamos toques suaves, mas Anson nunca pressionou por mais. Ele queria - eu podia ver nos olhos dele -, mas deixei





Polunsky com meu próprio conjunto de muros da prisão que não conseguia desmontar.

Eu não sabia como proceder em um relacionamento, nem me sentia à vontade para pedir algo que sabia pouco. Parte de mim se preocupava com como lidaria com mais intimidade ou qual seria meu papel nessa parceria se Anson e eu decidíssemos levá-la ao próximo nível.

Passei vinte anos aprendendo a suprimir meus impulsos ou a cuidar deles por conta própria, para que não me demorassem e incomodassem, mas nunca havia considerado um mundo em que pudesse compartilhá-los com outra pessoa.

Eu tinha quarenta e um anos e a extensão de meus empreendimentos sexuais estava beijando uma garota aos quinze. Fim.

Eles me trancaram antes que eu tivesse a chance de explorar o que eu sentia pelos homens, então eu me esquivei de procurar mais com Anson - pelo menos por enquanto.

—Bishop?

—Hã? Sim. —Afastei-me da neblina e encontrei o rosto de Anson novamente. Seu sorriso desapareceu, e aquelas sempre presentes linhas de preocupação voltaram à sua testa.

—Eu perguntei se você estava com fome, mas você desistiu. Eu posso pegar algo para você comer. Você não comeu muito no jantar ontem à noite.

— Tudo bem. Claro. Obrigado, chefe - Anson.





Ele apertou minha mão e demorou mais um minuto, acariciando o lado do meu polegar antes de se afastar.

Enquanto a chuva continuava a cair, Anson remexia na cozinha, fazendo café e preparando algo para comer. No momento em que ele deslizou de volta ao meu lado, a tempestade lá fora havia se acalmado. Aquele na minha cabeça se enfureceu. A chuva não passava de um tamborilar suave na janela, e os galhos saturados dos carvalhos no quintal pendiam pesados, não mais dançando ao vento.

—Aqui. Manteiga de amendoim e banana na torrada. Um dos meus favoritos.— Ele me ofereceu um prato e guardanapo, uma caneca fumegante de café abraçada na outra mão.

—Obrigado. —Olhei para a torrada com sua espessa camada e grandes pedaços de banana em fatias. —Sabe, meus dias favoritos na prisão eram dias de panqueca. Não os tínhamos com muita frequência, mas era um mundo melhor do que a aveia ou o creme de trigo que às vezes recebíamos. Panquecas vieram com calda. Não é muito, lembre-se, mas foi um deleite agradável. Nunca tivemos nada assim. A torrada veio com manteiga. Se tivéssemos sorte, poderíamos pegar um pequeno pacote de geléia.

—Experimente. Me diga o que você acha.

Senti o calor da atenção de Anson e sabia que ele observava enquanto eu equilibrava uma única fatia na minha mão, me preparando para comer. A manteiga de amendoim doce e pegajosa cobriu o interior da minha boca de uma só vez, e a banana sedosa





misturou-se perfeitamente com o sabor. Minhas sobrancelhas se levantaram quando eu mastiguei.

—Veja. É bom, não é?

Eu tomei um tempo para saborear e engolir antes de responder. —Eu nunca provei nada parecido antes. Temos manteiga de amendoim com torradas uma vez, quando eu era a primeira na fila, mas estava tão fina que você mal sabia que era tão grudenta. Nunca houve uma banana em cima. Um cara teve uma grande reação alérgica a poucas celas de mim. Quase morto. Eles pararam de nos dar manteiga de amendoim depois disso.

Bati meus lábios algumas vezes, limpando minha boca da essência remanescente.

—Você não parece gostar de café, mas eu sei exatamente que tipo de bebida combina bem com uma refeição como essa. Aguarde!

Anson deixou o café no chão e saltou, apontando para a geladeira. Em pouco tempo, ele voltou com um copo alto de leite frio.

Ele estava certo, complementava perfeitamente a torrada com manteiga de amendoim e banana.

Ficamos em silêncio por um tempo, Anson tomando seu café, eu com meu lanche prematuro. Saboreei cada mordida, sugando manteiga de amendoim dos dedos, uma de cada vez, quando terminei - Anson parecia gostar quando fiz isso.

Ele pegou meu prato e copo de leite vazio, colocando-os de lado com sua caneca de café. Quando ele se acomodou novamente, estava mais perto do que antes. Seu ombro descansou no meu,





nossas coxas roçaram. Embora sentisse minha necessidade, mas também minha reticência em iniciar, Anson encontrou minha mão e entrelaçou nossos dedos.

—Estou bem assim?

— Eu gosto.

—Eu também.— Ele parou, examinando o quintal além da janela antes de inclinar a cabeça para olhar para mim. —Bishop.

—Diga.

—Estou aqui para te apoiar. Estou preocupado... Vejo como você está atado e só posso imaginar como isso deve parecer para você, então quero que saiba que tudo o que você precisa fazer é pedir, e ajudarei da melhor maneira possível.

— Estou bem! —As palavras eram automáticas, mais uma expressão do estado desejado de ser do que a verdade real.

Mas Anson sabia.

—Se você estiver sempre *não* tão bem, fale comigo. Por favor. Eu estava lendo este artigo sobre ...

Anson Apertei sua mão, parando seu impulso para a frente. Eu odiava ser um fardo. — Prometo voltar. Estou bem.

— Tudo bem. Não há vergonha em admitir fraqueza. Quero que você saiba disso. Acredite em mim. Eu ainda estou fodido na cabeça depois do que aconteceu em Michigan, e já faz quase dois anos. Eu precisava de terapia. Se você quiser ou precisar conversar com alguém que não sou eu, basta perguntar. Vou encontrar alguém para você.

— Eu irei.





Ele descansou a cabeça no meu ombro e, depois de um minuto hesitante, encostei minha bochecha nele, descansando meu rosto contra seus cachos macios e emaranhados na cama - os que ele me disse que precisavam ser cortados. Ele cheirava a sono e a essência persistente de sua lavagem corporal de sândalo. Eu queria dizer a ele o quanto gostei dos cachos rebeldes que ganharam vida própria durante a noite, mas expressar esse tipo de emoção levou tempo, e eu ainda não havia encontrado as palavras certas.

Em vez disso, fechei os olhos e apreciei a nossa proximidade.

A respiração de Anson mudou pouco tempo depois. O movimento suave da minha mão parou, e sua cabeça ficou pesada no meu ombro. A culpa me inundou. Eu estava na casa dele há quatro dias e o tinha desgastado. Quatro noites seguidas, eu escapei do conforto da cama que ele havia proporcionado em um quarto e fui para esse canto da cozinha. Quatro noites seguidas, ele se juntou a mim no chão, oferecendo conforto silencioso quando me recusei a admitir minhas falhas.

Eu queria que ele ficasse na cama, mas de alguma forma, mesmo quando não compartilhamos o espaço para dormir, ele sabia todas as vezes que eu escapava. Ele sabia quando minha cabeça estava inquieta. Ele sabia que eu lutava. Sempre tivemos esse vínculo ou vínculo indescritível entre nós.

Eu escovei meu nariz ao longo da cabeça dele, inalando seu perfume enquanto ajustava meu corpo o suficiente para despertá-lo do sono.





Ele respirou fundo e se esticou com um gemido. —Peguei no sono. Tanta coisa para café.

—Por que você não volta para a cama? Você não precisa me fazer companhia o tempo todo.

Ele se sentou para frente e passou a mão sobre o queixo enquanto bocejava. Ele não tinha se barbeado nos quatro dias que estivemos escondidos, e o crescimento da barba lhe parecia bom.

—Por que você não tenta dormir mais também?— ele sugeriu, me olhando com preocupação.

— Eu irei. Num momento.

O suspiro resignado que o deixou foi um que eu ouvi muito nos últimos dias, mas ele reprimiu seus argumentos. Lutando com a apreensão dos músculos, ele ficou de pé e estendeu a mão, passando a mão sobre a minha cabeça e inclinando o queixo para que eu encontrasse seu olhar. Dedos suaves deslizaram sobre minha bochecha. Seu toque foi bom. —Se você precisar de mim, venha me encontrar. Por favor.

— Eu irei. —Eu peguei sua mão antes que ele pudesse se afastar e beijei o centro da palma da mão, persistindo e saboreando a sensação de vibração que o pequeno gesto causou baixo na minha barriga.

Milhares de perguntas passaram pelos olhos de Anson. Ele era um livro aberto quando se tratava de suas emoções - algo que eu não achava que ele estava ciente. Eu aprendi isso morando em Polunsky. Ele tinha expressivos olhos castanhos que não





guardavam segredos. O homem não podia mentir se quisesse. Tudo estava escrito claramente em seu rosto.

Com o meu beijo, suas pupilas dilataram e seus lábios se separaram. Parte de mim queria me levantar do chão, segui-lo de volta para seu quarto, engatinhar na cama com ele e envolvê-lo em meus braços. Eu ansiava por isso há mais de um ano. Ele estabeleceu algo no meu coração.

Mas com esses pensamentos veio uma grande dose de medo e incerteza. Agora que eu estava livre para explorar o que era isso entre nós, o ato de fazê-lo acontecer parecia mais assustador do que eu esperava. Meu estômago caía toda vez que eu pensava nisso. Era apenas mais uma coisa que eu não sabia nada.

Soltei a mão de Anson, e ele me deu um pequeno sorriso antes de desaparecer na casa escura. Houve decepção em seu rosto por um segundo, e eu odiava fazer com que ele se sentisse assim depois de tudo o que ele fez por mim.

Muito em breve. Eu me ajustaria a tudo e encontraria minha coragem.

—Logo, chefe— eu sussurrei na cozinha vazia. —Breve? Me de tempo.

Eram sete da manhã quando deixei meu pequeno canto da cozinha. O céu estava ficando mais claro no leste, e a chuva havia se transformado em uma névoa suave, ainda caindo, mas leve o suficiente para não fazer muito barulho quando aspergiu contra a vidraça.





As silhuetas de galhos saturados de carvalho pingavam, poças cobriam o convés e alguns pássaros da manhã estavam sentados na beira do parapeito, cantando e cantando, apesar do mau tempo. As grossas nuvens de tempestade se separaram, deixando as finas para trás. Eles rastejaram pelo céu, dando dicas de uma noite sumindo atrás deles.

Eu estava na porta do pátio, uma mão tocando o painel frio enquanto observava o mundo acordar. Havia algo de tirar o fôlego na transição da noite para o dia. Eu não conseguia desviar meu foco de nada.

Meu coração bateu forte quando o vasto mundo do lado de fora das portas emergiu da escuridão com o sol nascente. Eu tentei regular minha respiração quando deslizei para suspiros curtos e rasos de ar. Era ridículo como algo tão simples como um espaço aberto provocava essa reação, desenterrando um desconforto que eu não conseguia tremer. O mundo era tão grande além da porta do pátio, além das quatro paredes da minha cela, que eu tinha esquecido como os humanos eram pequenos e insignificantes em comparação.

Os pássaros se multiplicaram e seus cantos encheram o ar. As nuvens mudaram, mas a chuva continuou a esparramar contra o convés, ondulando as poças.

Minha curiosidade e desejo de experimentar a chuva no meu rosto travaram uma batalha com esse medo embaraçoso de sair e ser cercado pela imensidão do mundo além.





Enraizado no lugar, vi o sol nascer pelo quarto dia consecutivo atrás da segurança de duas portas de vidro deslizantes, presas por minha própria escolha agora, porque não sabia como conter meu medo e dar o próximo passo.

O dia seguinte foi de tirar o fôlego. Os primeiros trechos de luz brilhavam nas gotas de chuva remanescentes. Cores emergiram das sombras, transformando o mundo escuro do monocromático em um arco-íris hipnotizante bem diante dos meus olhos. Era como quando Dorothy desembarcou em Oz. A grama era tão verde e vibrante. O tapume amarelo ensolarado da casa atrás de Anson brilhava com o dia seguinte. Um pisco de peito vermelho estava sentado, afofando as penas em um galho baixo da árvore molhada. Flores de rosa, roxo e laranja cresceram em uma cama logo depois do convés. Um magnífico céu azul apareceu por trás de nuvens brancas e macias de algodão. Eu queria alcançar e tocar em tudo, mergulhar nessa realidade de aparência fictícia. Meu mundo havia sido colorido há vinte anos, e essa visão era inspiradora.

De tirar o fôlego.

Poderia ter sido um sonho por toda a maravilha que despertou em minha alma.

Era de verdade. Isso não era um sonho. Não mais.

Provando, encostei minha testa no vidro e fechei os olhos, desafiando-o a desaparecer. Eu era mais forte que esse medo. Eu provaria isso.

Mantendo a respiração firme, taxiei meus ouvidos e ouvi os pássaros cantando suas canções alegres nas árvores, sintonizando





o tráfego dos primeiros viajantes cantarolando ao fundo e absorvendo o tilintar aleatório das gotas de chuva enquanto elas caíam no painel e no chão em poças lá fora.

Então, em algum lugar no fundo da minha mente, um portão bateu, quebrando o momento agradável e destruindo minha realidade.

O cheiro familiar de uma cela da prisão me envolveu. Um zumbido indutor de dor de cabeça das luzes fluorescentes no alto atingiu meu cérebro. O clipe firme de botas soou quando um guarda da prisão passou pela minha cela para checar, batendo na porta de aço e latindo. Então o metal frio das algemas cercou meus pulsos, esticando meus ombros enquanto eles forçavam minhas mãos a permanecer atrás das minhas costas.

Meu coração pulou na minha garganta, e eu abri meus olhos, ofegando por uma quantidade necessária de ar enquanto meu passado passava por todos os lados. Minha pele ficou viva com as lembranças, e eu agarrei a janela fria com as duas mãos enquanto tentava encontrar meus pés novamente, tentava forçar as visões para longe e trancá-las de volta.

—Não é real— eu ofeguei, minha voz rouca e rouca.

Mas a janela do pátio se transformou nos pequenos retangulares na porta da minha cela. O piso de cerâmica da cozinha tornou-se a superfície fria de concreto de Polunsky. Minha calça de pijama macia era o macacão irregular que eu usava todos os dias durante metade da minha vida.





Puxando minha gola e arranhando meu pescoço, lutei por ar. Eu estava sufocando. As paredes ficavam cada vez mais perto.

Afastei-me das portas do pátio e procurei comprar na ilha da cozinha. Minhas pernas não funcionavam, e tropecei em meus pés enquanto examinava e digitalizava a sala, lutando para conter os horrores que chicoteavam meu cérebro e apertavam o laço em volta do meu pescoço.

Era a cozinha de Anson. Eu não estava mais em Polunsky, exceto que os fios do meu cérebro estavam cruzados, desgastados e disparando informações erradas em todas as direções diferentes, e eu não conseguia me convencer da verdade, apesar de estar bem diante dos meus olhos.

A imagem mudou e mudou. Prisão para cozinha. Cozinha para a prisão.

Engasguei com o ar - ar sujo e contaminado da prisão - e lutei com tudo o que tinha para erradicar os tremores e acalmar o zumbido dentro do meu cérebro. As vozes dos homens subiram na neblina: outros presos cujas vidas eu ouvia em segundo plano por mais anos do que eu poderia contar. Gritaria. Provocando. Mantras. Vomitando a mesma raiva e veneno que senti em meu coração por metade da minha vida.

—Pare com isso— eu rosnei, apertando meus olhos fechados contra o ataque. —Estou no Anson. Eu não estou mais lá. Estou aqui. Estou aqui, caramba. Longe desse lugar. Estou aqui. Na casa de Anson. —Eu continuava murmurando para mim mesmo várias vezes até me convencer de que o pesadelo havia passado.





Forçando meus olhos abertos, examinei a cozinha, recolhendo uma evidência concreta após a outra para provar que estava livre dessa irreabilidade emaranhada. A geladeira, o fogão, o micro-ondas, a caneca de café suja que Anson usara algumas horas atrás que ele deixara na pia. Era uma cozinha, não uma cela.

—Eu não estou mais lá. Estou aqui.

Antes que eu me recuperasse completamente, Anson apareceu na porta tão amarrado e acordado quanto parecia no meio da noite quando me encontrou.

Eu endureci, puxando meus músculos tensos enquanto eu lutava pelas dragas finais de controle sobre esse recente ataque de pânico. Eu ainda estava frágil quando Anson parou e inclinou a cabeça para o lado, me examinando como se ele pudesse ver tudo. Ou talvez ele pudesse. Esperava que não. Este não era o homem que eu queria ser.

—Você está bem? Você tão pálido.

—Não é nada. Levantei-me rápido demais é tudo. Fiquei tonto. —Esfreguei a parte de trás do meu pescoço e sacudi minha cabeça para obter efeito. —Não esperava que você acordasse tão cedo, não depois que eu o mantive acordada metade da noite.

—Você não me manteve acordado. De qualquer forma, esperava dar uma corrida no dia anterior à volta dos repórteres, mas vejo que perdi minha oportunidade. Eles devem ter chegado com o amanhecer do sol.





Olhei por cima do ombro dele na direção da frente da casa. As cortinas estavam fechadas sobre a grande janela, de modo que a luz do sol não penetrava na sala. —Eles voltaram? Já?

— Sim. Eles vão desistir eventualmente. Vou sair e ir para a cidade. Não nesta cidade, a próxima. Quero um telefone para você, para que possamos nos encontrar quando voltar ao trabalho na segunda-feira. Apenas no caso de você precisar de mim. Também lhe dará um pouco de independência. Você não precisa vir comigo, mas eu adoraria sua companhia.

—Acho que vou ficar aqui se for tudo a mesma coisa.

Eu imaginei. Havia um desapontamento em seus olhos novamente antes de apontar para a geladeira e retirar o jarro meio vazio de suco de laranja. — Vou pegar algumas compras enquanto estiver fora também. Alguma coisa em particular que você gostaria?

Pensar em um bife no churrasco se infiltrou em minha mente, me fazendo salivar.

—Definitivamente não é creme de milho.

Anson riu. —Nunca. Que tal aquele bife que prometi a você?

—Você leu os meus pensamentos.

—Considere isso feito. —Ele se serviu de um copo alto de suco e bebeu alguns goles antes de me considerar. —Você pode se ajudar com o que quiser, sabe disso, certo? Você não é um convidado. Você mora aqui no que me diz respeito.

— Eu sei. Obrigado.

—Pare de me agradecer.





Anson estava perfurando isso na minha cabeça desde que o júri voltou com um veredicto inocente de que o que era dele era meu. Sem amarras, ele abriu sua casa para mim. Ele garantiu que eu entendi, sua oferta também não estava condicionada à construção de um relacionamento. Nós éramos amigos primeiro. Se algo veio disso, que assim seja.

Talvez este fosse meu novo lar em teoria, mas ainda não parecia assim. Polunsky ainda tinha suas garras em mim, e por mais que eu não admitisse isso para ninguém, a prisão era o único lar que eu conhecia. Estar fora me deu uma sensação de deslocamento.

Anson colocou o copo vazio na pia e me estudou por um momento. Parecia uma inspeção, e eu desviei o olhar, de volta pela janela e para o mundo além. O que estava ao meu alcance ainda estava fora de alcance. Da mesma forma que esse potencial relacionamento entre nós se sentiu.

—Volto em algumas horas.

— Com certeza.



Capítulo Dois

—Adicionei alguns contatos para você. Jalen, Cynthia e eu, é claro. Se houver alguém específico que você queira adicionar, me avise. Eu posso orientá-lo através disso. Não posso ter meu telefone comigo no trabalho, mas você sabia disso. Mas vou checar meu telefone no almoço e nos intervalos, então, se você me enviar uma mensagem, eu voltarei para você assim que puder. —Anson riu de si mesmo. —Eu pareço uma gravação de correio de voz. Por favor, deixe seu nome e número após o sinal sonoro.

Olhei para a engenhoca que ele colocou na minha mão há mais de vinte minutos e massageei minha têmpora, tentando absorver tudo e não parecer tão confuso quanto eu. Era preto e elegante com algum tipo de tela de borda que ele me disse que era novo. Ele respondeu ao meu dedo e não tinha botões, exceto por um volume e energia na lateral.

Eu estava me afogando em uma enxurrada de informações enquanto ele corria explicando tudo. Internet na ponta dos dedos, mensagens de texto, Google, algo chamado aplicativo Kindle que me dava livros diretamente no telefone, uma Play Store para procurar aplicativos, Spotify para música e infinitos tipos de plataformas de mídia social das quais eu não sabia nada. Um mini-computador, Anson chamou.





Os telefones celulares não eram tão comuns quando eu estava no ensino médio. De fato, nos anos 90, ninguém que eu conhecia possuía um. Eles não existiam na população em geral, a menos que você tivesse muito dinheiro e nenhum lugar para gastá-lo. Eu não conhecia pessoas assim.

Quando estava no último ano do ensino médio, eu mal havia me acostumado à idéia de usar um computador para escrever ensaios, e a World Wide Web era bastante confuso na época; Eu tinha evitado a todo custo. Não tínhamos computador em casa porque eram muito caros, nem era uma expectativa em nosso currículo. Maw Maw sempre nos dizia para tirar proveito dos computadores da biblioteca da escola, se precisávamos de um. Depois que terminei o ensino médio, eu morava atrás das grades, depois na solitária onde essas coisas não existiam. Foi outro exemplo de como o tempo se afastou de mim. A vida continuara, e eu não.

—Você está seguindo bem?

—Sim— eu menti, incapaz de admitir como ele me perdeu quando explicou sobre as opções de *travamento* no meu telefone com senhas, impressões digitais ou reconhecimento facial. Felizmente, ainda não estávamos fazendo isso.

—Há uma câmera também.— Os dedos de Anson voaram sobre a tela com facilidade e familiaridade. Num piscar de olhos, eu estava olhando para o chão pelo telefone.

Anson pegou meu braço e me incentivou a dobrá-lo e varrer a sala. —Você pode tirar fotos. Se você tocar nessa opção, ela muda





para o modo selfie. Viu? —Em um instante, eu estava olhando para o meu próprio rosto, um V profundo e proeminente visível entre minhas sobrancelhas. Anson encostou-se ao meu lado, sorrindo na tela. —Quando você tira uma foto, ela salva no seu telefone em formato digital na sua galeria. Você tem 32 shows de armazenamento no momento, mas é expansível. Ninguém possui mais uma câmera, a menos que sejam entusiastas ou profissionais da fotografia, ou algo assim.

Trinta e dois shows? Eu não sabia o que aquilo significava. E como eu parei de apontar para o meu rosto? Minha carranca profunda foi desconcertante.

Anson bateu mais algumas vezes e a câmera desligou.

—Mas como você os imprime se não há filme?

A câmera do meu avô tinha rolos de filme lá dentro que ele sempre nos avisava que não podia ser exposto à luz ou que estragávamos suas fotos. Nós não possuíamos nada digital quando eu era criança, então nunca entendi como isso funcionava.

—Existem quiosques na loja. Você emparelha seu dispositivo, baixa os que deseja imprimir e pronto. Demora cerca de cinco ou dez minutos. Foi assim que fiz quando lhe trouxe fotos durante nossas visitas.

—Isso mesmo...

—Sim. Você tem alguma dúvida?

Cerca de um milhão, mas era demais, e eu tinha certeza de que pareceria estúpido se perguntasse.





—Não, está tudo bem. Dou meu jeito. —Coloquei o telefone de lado, menos animado com o dispositivo do que Anson. Era tudo tão complicado, e eu não tinha certeza se estava pronto para mais confusão ainda. O mundo em geral era uma tarefa grande o suficiente para assumir no momento. Minhas preocupações estavam centradas em funcionar em um mundo que eu sabia pouco. Dormir. Comendo. A tarefa de sair ou conseguir um emprego. As pessoas do noticiário na frente que nunca foram embora. Os ataques aleatórios de pânico que eu não conseguia controlar. Telefone celular não entendi por que precisava de um. Para quem eu ia ligar? Por que isso era tão importante?

Anson deu um tapinha no meu joelho. Quando ele voltou para casa de sua viagem de compras, ele me caçou no quarto de hóspedes onde eu reivindiquei um pedaço de chão perto da janela com um livro emprestado de sua coleção para ler.

—O tempo está limpo. Que tal levarmos isso para fora - no convés traseiro e aproveitar o sol antes do inverno chegar? É lindo. Menos quente, segundo o meteorologista. Posso secar aquelas cadeiras de Adirondack e nos fazer algumas cervejas. Quando foi a última vez que você teve um bom gole gelado?

Há muito tempo para lembrar. Eu já estava trancado antes de ter idade suficiente para beber legalmente. Eu já tinha provado cerveja com um amigo quando ele a roubou do estoque de seu pai, mas não me lembrava se gostava ou não.

Anson não esperou uma resposta - ele estava sempre com pressa, eu estava começando a perceber. Ele se levantou, os joelhos





quebrando enquanto ele gemia. —Estou em melhor forma do que a maioria dos caras de trinta e poucos anos, mas você está me matando.

Ele riu, e eu forcei um sorriso, pegando sua mão oferecida e deixando-o me colocar de pé.

—Eu pensei que você estaria absorvendo todo o conforto de cadeiras macias e colchões grossos, mas toda vez que eu me viro, sua bunda está no chão.

Eu dei de ombros. —Velhos hábitos morrem com força, eu acho. O chão não me incomoda.

Eu peguei o livro que estava lendo, *O Hobbit*, um clássico e prequel de *O senhor dos Anéis* que eu nunca tive a oportunidade de ler antes, e segui Anson pelas escadas e pela casa.

Eu fiquei na ilha da cozinha enquanto ele encontrava duas cervejas na geladeira. —Da garrafa, ou você quer em um copo? —perguntou ele.

Dei de ombros, sem saber o que eu preferia. —De qualquer maneira, eu suponho.

Anson arrancou as duas garrafas e me entregou uma. Ele levou a boca à boca e engoliu alguns goles, sua garganta trabalhando e chamando minha atenção.

Ele usava uma camiseta vermelha justa com jeans azul desbotado hoje. Seu crescimento de barba escura sobre a pele de marfim era um belo contraste que nunca deixava de capturar meu olho. Anson tinha uma mandíbula cinzelada, expressivos olhos castanhos e uma pequena fenda no queixo que eu não conseguia





parar de encarar. Estava começando a ser engolido por sua barba, mas eu ainda conseguia entender se parecesse difícil. Quando ele sorriu, ele o fez com todo o rosto, os olhos apertando um pouco, trazendo pequenos vincos ou risadas, como algumas pessoas chamavam.

Embora meus um e oitenta e seis o superassem, ele era alto, com músculos magros, ombros largos e uma cintura fina. Suas coxas grossas vieram de anos correndo e malhando. Eles esticaram o jeans de uma maneira atraente que chamou a atenção.

Ele era o homem mais deslumbrante que eu já vira. Eu nunca esqueceria a primeira vez que o vi. Estava de volta a Polunsky em seu primeiro dia de trabalho no corredor da morte. Por mais que ele tentasse escondê-lo, seu mal-estar irradiava dele naquele dia, e eu fiz tudo ao meu alcance para intimidar o novo guarda.

I-Max deixou sua marca e meu comportamento o abalou. Eu nunca quis desequilibrá-lo naquela época, mas passamos rápido. Naquela época, eu não sabia o quanto suas experiências passadas o haviam moldado.

— O que? — Anson disse, interrompendo meus pensamentos. — Você está me encarando. — Ele riu e bateu na boca. — Tem algo no meu rosto?

— Nah, eu estava apenas ... admirando você é tudo. Não posso evitar. — Abaixei o queixo e virei a cerveja na mão para ler o rótulo. — Samuel Adams. Nunca ouvi falar dela.





Eu espiei, e meu pescoço e orelhas aqueceram quando encontrei um sorriso suave irradiando do rosto de Anson. Meu comentário e sua reação me fizeram cortar os olhos no chão e arrastar os pés. Eu queria retirar minhas palavras e encontrar algo menos revelador para dizer, mas tropecei.

—Experimente a sua cerveja— disse Anson, reconhecendo meu desconforto e sabendo o suficiente para redirecionar nossa conversa.

Coloquei a garrafa na boca e engoli uma porção generosa. Era forte e pungente. Quando abaixei a garrafa, estremeci e ri enquanto meus olhos lacrimejavam com o sabor penetrante. —Isso é... Uau. —Eu suspirei.

—Bom, não é? Gosta? É um IPA¹. Meu favorito pessoal.

—Eu não tenho certeza. É diferente.

—Vamos. Traga seu livro e vamos aproveitar o sol.

Eu olhei para as portas de vidro deslizantes que davam para o convés enquanto coçava uma coceira invisível na parte de trás do meu pescoço.

Quando eu era criança, minha Maw Maw costumava comprar doces para meu irmão e para mim na loja da esquina. Nossos favoritos eram aqueles bombons minúsculos que estalavam, borbulhavam e estalavam quando você os colocava na boca. Sob a minha pele, correndo pelas minhas veias, estava exatamente o mesmo sentimento quando pensei em me aventurar ao ar livre.

¹ India Pale Ale. É uma categoria de cervejas.





Anson não percebeu pela primeira vez e pegou uma toalha de chá antes de sair para o convés, deixando a porta aberta para que eu pudesse me juntar a ele. Por um tempo, meus pés permaneceram colados ao chão. Anson limpou as duas cadeiras e pendurou a toalha no parapeito antes de notar minha reticência.

Antes que ele pudesse perguntar o que estava errado ou se eu estava bem, eu me forcei a me mover e saí. Não era incapacitante e não impedia que meus pulmões funcionassem como meus flashbacks aleatórios, mas não era confortável. Nem estão perto disso.

Afastei esses sentimentos e trouxe uma máscara de indiferença para que Anson não se preocupasse tanto comigo. Eu não precisava que ele visse toda vez que tropecei - o que era muito. O homem passou muito tempo lutando por mim. Era hora de eu ficar sozinho e lutar por mim mesmo. Eu era homem o suficiente para fazer essa transição sem ele segurando minha mão a cada maldito segundo. Não havia espaço para fraqueza na prisão, por isso me deixou perplexo que eu o sentisse tão fortemente no mundo exterior.

Sentei-me em frente a ele, minhas articulações rígidas e relutantes em dobrar e mover como eu queria. Meu coração bateu forte e minha temperatura interna aumentou, me deixando suado e inquieto. Rígido. Examinei o pequeno quintal, observando o brilho, as cores e a quantidade infinita de espaço ao meu redor. Foi mais fácil processar tudo quando o vi por trás de um painel protetor de vidro.





O sol brilhava no meu rosto e o calor que sangrava pela minha pele era como nada que eu pudesse descrever. Isso foi bom. Fechei os olhos e deixei penetrar em meus ossos, deixei que o simples prazer que me fora negado por tantos anos se envolvesse em mim e se infiltrasse em meu âmago, esperando que vencesse o persistente desconforto.

—Não haverá dias agradáveis como esse daqui a um mês. Dias mais frios e noites ainda mais frias no horizonte.

—Isso significa que não há mais churrascos?

Anson bateu no meu ombro, abrindo meus olhos. Ele riu como se eu tivesse dito a coisa mais ridícula. —Você esquece que tenho Michigan no meu sangue. Frio e frio para um texano não são as mesmas coisas para mim. Vou fazer churrasco o ano todo. Caramba, em casa, eu desenterraria o churrasco debaixo de um pé de neve em fevereiro e faria um bife se quisesse.

—Parece insano se você me perguntar. Nunca experimentei neve, mas tenho certeza de que não é agradável.

—Talvez um dia vamos para Michigan e eu mostro a você. Mamãe gostaria disso. Poderíamos visitá-la.

Meu estômago caiu e eu desviei o olhar. —Você tem certeza que ela quer me conhecer?

—Mas é claro que ela faria. Eu falo sobre você o tempo todo. Por que ela não seria?

Porque, apesar de exonerado, a maioria das pessoas ainda pensava em mim como um ex-presidiário - inclusive sua mãe. Seu





melhor amigo, Javier, também. Por que Anson me levou para a vida dele, eles nunca entenderiam.

Eu peguei o rótulo na minha garrafa de cerveja. —Não há razão, eu acho.— Espiei meu livro onde o equilibrei no braço da cadeira e coloquei-o no meu colo para fazer algo. Minhas mãos precisavam ficar ocupadas ou eu estava focado no meu entorno. Meu joelho saltou e tive que lutar contra o desejo de pular e voltar para dentro.

—Como você gosta *de O Hobbit*?

—Eu apenas comecei ontem. Não me apresse. Não podemos todos ler em velocidades alucinantes como você.

Anson jogou a cabeça para trás e riu, expondo as longas linhas do pescoço. —Eu não leio tão rápido.

—Quantas vezes quando eu estava trancado você me presenteava com livros e esperava que fossem feitos em nossa próxima visita? ‘Aqui, Bishop, aqui estão seis novos livros. Certifique-se de que estejam prontos até segunda-feira’.

Anson balançou a cabeça, a luz do sol dançando em seus olhos. —Eu estava ansioso para discuti-los, só isso. Não é sempre que tenho um amigo que gosta tanto de livros quanto eu.

—Eu gosto de falar sobre eles também. Este aqui ... —Acenei entre nós. —Ouvi dizer que é um filme. Toda a série.

—Pode acreditar. Eles fizeram filmes também. Poderíamos assisti-los juntos quando eu tiver um fim de semana de folga. Quando você terminar de ler. Eu poderia fazer pipoca, puxar o cobertor da minha cama e ... —Ele parou de falar, mas eu sabia





onde seus pensamentos se desviavam. Suas bochechas pálidas assumiram uma pitada de cor atrás da nuca, e ele tomou um gole de cerveja para escondê-la, em vez de terminar sua frase.

—Seria bom. Como o cinema, menos o cobertor, porque, a menos que os tempos mudem, não me lembro deles oferecendo essas coisas quando você foi ao show.

—Não, o cobertor foi minha ideia. Eu estava apenas ... sugerindo que pudéssemos ... — Ele balançou a cabeça e olhou através do quintal, seu sorriso desaparecendo. —Você sabe, eles fazem essas coisas que você pode agitar na pipoca e dar o sabor que quiser. Pickles de endro, rancho, creme de leite e cebola, queijo cheddar. Como batatas fritas, exceto na sua pipoca. Nós poderíamos comprar um pouco disso.

—E aconchegar-se debaixo de um cobertor com um filme para comê-lo?— Era o que ele não estava dizendo, o que ele queria, e a ideia era atraente.

—Eu não pensei antes de falar. Desculpa. Não há pressão, ok? Eu adoraria ... ficar mais íntimo com você, mas não até que você esteja pronto. Mais resolvido. —Ele parou e pegou o rótulo da cerveja. —De jeito nenhum. Podemos manter isso amigável. Eu também estou bem com isso.

Exceto que ele não estava. Ele queria mais. Qualquer pessoa com olhos podia vê-lo.

Deixando o livro no meu colo, alcancei o pequeno espaço que separava nossas cadeiras e encontrei a mão de Anson. Nossos dedos se entrelaçaram quase naturalmente, e seu sorriso retornou,





mas estava tenso. —Eu também gostaria disso, Anson. Enrolar-se ao seu lado com pipoca e um filme ... Como *mais* do que amigos.

Ele apertou meus dedos e piscou uma vez, longo e devagar.

Quando eu estava na prisão, essa ação silenciosa era nosso meio de expressar todas as emoções que sentíamos em nossos corações que não podíamos dizer em voz alta. Copiei, piscando longa e lentamente e com significado. Eu não queria que ele pensasse que eu estava fechando a possibilidade de nós como casal. Eu precisava me aclimatar ao mundo novamente sem muitas complicações adicionais. Eu queria que isso fosse para algum lugar. Com o tempo. Eu não quero acabar com isso que nós temos.— Me deram a chance de voltar à vida e precisava acertar.

—É melhor você começar a ler então. Essa série é assustadora e vai demorar um pouco para você entender.

Estudei o livro no meu colo e sorri. —Sim, senhor.

Anson puxou minha mão de brincadeira, me puxando pelo pequeno espaço e descansando a testa na minha - não havia mais janela de vidro reforçado. —Eu te disse, pare de me chamar...

—Senhor. Ndiaye? Fiquei imaginando se poderíamos fazer algumas perguntas.

Anson rasgou do meu alcance e voou da cadeira, girando para o portão do quintal que levava à frente da casa. Uma repórter se deixou entrar na cerca da privacidade, seu fotógrafo tirando fotos enquanto cruzavam a grama em direção ao convés.

—O que diabos você está fazendo?— Anson estalou. —Você não pode voltar aqui. Essa é uma propriedade privada! Sai fora, ou





eu ligo para a polícia. —Anson colocou seu corpo entre mim e a mulher, as mãos nos quadris e no peito inchado. O rosnado em seu rosto teria feito um homem mais sábio recuar, mas não essa mulher. Era como se ela não tivesse registrado o olhar de hostilidade em seu rosto.

Inclinando a cabeça para o lado para olhar em volta dele, ela me encarou com um sorriso de plástico. —Senhor. Ndiaye, é aqui que você vai morar a partir de agora? Anson Miller é um dos seus oficiais de correção de Polunsky, não é? Quão perto você está? Os rumores são verdadeiros? Vocês estão em um relacionamento gay juntos? Quando isso começou?

Anson olhou por cima do ombro, sua fúria irradiando de seu núcleo quando ele chamou minha atenção. —Você *não* responda qualquer coisa. Entre e chame a polícia. Eu cuidarei disso.

Levantei-me e Anson me apressou através das portas de vidro deslizantes, mas não a seguiu. Ele invadiu o convés e desceu as escadas enquanto o repórter continuava lançando perguntas para a esquerda e para a direita, desconsiderando a tentativa de Anson de intimidar quando ele a colocou de volta em direção ao portão.

—Bishop Ndiaye é seu namorado, senhor Miller? Qual o seu papel em ajudar o Sr. Ndiaye a sair da prisão? Você acredita que ele é realmente inocente? Quem você acha que é responsável por esses dois assassinatos, se não ele? O que sua família pensa sobre você morar com um ex-presidiário?

Bati a porta do pátio e me afastei da janela, meu estômago em um nó. Demos a eles uma conferência de imprensa no dia em





que fui libertado. Cynthia havia orientado todo o processo, garantindo que não fôssemos atacados assim. O que mais essas pessoas queriam? Eles não respeitavam a privacidade?

Anson tinha me avisado mais de uma vez sobre responder a perguntas pessoais, especialmente sobre o nosso relacionamento. Ele me disse que a notícia sempre era embelezada pela pessoa que a denunciava, e seria fácil para eles torcer minhas palavras e me fazer parecer mal se eu não tivesse cuidado.

As suspeitas já estavam circulando em Polunsky. Era um ambiente perigoso para Anson confirmar que ele era gay ou que éramos algo além de amigos. Suspeitávamos há muito tempo que minha libertação seria um ponto de partida para problemas surgirem em seu trabalho. Ele já havia sofrido assédio e violência uma vez antes, e não tinha sido bonito. Eu não queria piorar as coisas para ele.

Por mais que ele não quisesse morar em um armário - como ele dizia - havia muitos riscos envolvidos quando se tratava de reclusos que sabiam a verdade sobre sua - e minha - sexualidade. Foi a mesma razão pela qual fiquei quieto sobre minhas preferências quando fui preso. Merda assim matou você.

Um minuto depois, Anson bateu na porta do pátio, batendo com um estrondo atrás de si. Ele fechou as cortinas, bloqueando o sol e o repórter intrometido que não havia escolhido abandonar sua tarefa, por mais violentos que fossem os protestos de Anson.

Ele esfregou o rosto e rosnou. —Malditos idiotas. Você ligou para a polícia?— Anson caminhou pela casa sem esperar por uma





resposta e parou na sala da frente. Ele abriu as cortinas, espreitando, as sobrancelhas franzidas.

Vi o celular dele sentado na ilha e atendi. Tudo o que consegui fazer foi ligá-lo. Antes que eu pudesse descobrir como operá-lo, a tela ficou escura novamente. Liguei uma segunda vez, olhando para a imagem de fundo e os pequenos ícones, que eu lembrava que Anson havia chamado de botões ou aplicativos ou algo assim, mas eu ainda não sabia como fazer uma ligação.

A tela ficou escura.

Deveria ser tão difícil descobrir um telefone? Se fosse uma emergência? E se Anson estivesse machucado e eu precisasse ligar para o 9-1-1? Examinando a cozinha, descobri que não havia telefone fixo. Tentei pela terceira vez, decidi acertar e consegui abrir algo que me dava uma longa lista de nomes de pessoas, mas não havia teclado nem lugar para discar números.

A tela ficou escura.

Suspirando, eu espiei. Anson continuou olhando pela janela enquanto mordida o lado do polegar. Recuando, eu trouxe o telefone dele e o estendi. —E você? Não consigo descobrir rápido o suficiente. Ele fica desligado antes que eu encontre os botões certos.

Anson pegou da minha mão sem tirar os olhos da janela, sua irritação madura. Ele olhou para o dispositivo uma vez e bateu mais rápido do que eu poderia seguir. —Esta tudo bem. Eu não tenho o número da estação aqui de qualquer maneira. Você precisa procurar online — ele retrucou.





Ele segurou o telefone no ouvido e esperou a ligação se conectar enquanto continuava a espiar além das cortinas.

Eu me afastei, deixando-o ao seu telefonema quando voltei para a cozinha. Eu tinha deixado meu livro no balcão, então eu o peguei e o levei para cima e de volta para o quarto, onde me senti confortável no chão perto da janela. O sol atravessou e me senti bem na minha pele, mas o mais importante, me senti mais seguro. As paredes e janelas de tijolo me protegiam do ar assustador e das pessoas que me viam como nada além de um espetáculo - um criminoso que havia sido libertado em seu mundo. Seria uma ameaça?

Anson me encontrou cerca de vinte minutos depois. Ouvi uma batida pesada na porta da frente pouco tempo antes, e Anson conversou com alguém que eu assumi ser um policial.

—Podemos voltar lá fora de novo. Eles estão enxotando todos eles e deixando um carro de patrulha na frente por algumas horas para mantê-los afastados.

Daria certo por enquanto, mas eles voltariam.

—Eu acho que vou ficar aqui um pouco, se é tudo a mesma coisa.

Os ombros de Anson caíram. —E os nossos bifes? Não deixe que eles o incomodem, Bishop. Eles vão se cansar disso e seguir em frente. E não ouça suas besteiras também. Eles estão pescando uma história. As pessoas podem acreditar no que quiserem. O júri considerou que você não é culpado. Não importa o que eles pensem.

Não é?





Derrotado, não querendo decepcioná-lo ou mostrar fraqueza, enterrei minha inquietação e assenti. O nó no meu intestino nunca teve a chance de relaxar completamente, mas eu me levantei e encontrei um sorriso para ele - não foi fácil, nem parecia genuíno. — Você está certo.

Pela primeira vez, Anson não viu além das minhas paredes, e a alegria que cruzou seu rosto e iluminou seus olhos fez esse pequeno engano valer a pena.

Antes que ele pudesse ir embora, peguei sua mão e o puxei para mais perto. Nossos corpos se alinharam, sem se tocar, mas perto o suficiente, eu pude sentir o cheiro do corpo remanescente de seu banho mais cedo.

Meu coração bateu.

Ele me observou com curiosidade, sem avançar, mas não mais correndo de volta para o andar de baixo.

—Eu estava pensando ...— Corri minha língua ao longo dos dentes, cavando as palavras certas. —Eu realmente gostaria de ... Anson

Ele se aproximou. Nossos peitos roçaram. Ele mudou sua atenção por todo o meu rosto como se estivesse tentando ler meus pensamentos. Havia esperança e otimismo atrás de seus olhos. — Como está? — sussurrou ele.

Limpei minha garganta, incapaz de segurar seu olhar. —Eu ... realmente gostaria de beijar você— eu resmunguei. —E eu queria saber se você também gostaria disso?





Anson riu, a pele ao lado dos olhos vincando com o sorriso. — Você nunca precisa perguntar, você sabe. Estou cem por cento a bordo com isso.

Eu assenti muito rápido. — Eu sei. Maw Maw sempre disse que é educado perguntar.

—Nesse caso, é desnecessário.

Anson tomou a iniciativa. Ele colocou a mão na minha camiseta e me puxou para o nível dele. Prendi a respiração, meu corpo ficando tenso e rígido. Não consegui evitar. Toda vez que nos reuníamos assim - que era apenas seis vezes até agora, e sim, eu estava contando -, Anson respirava fundo e trazia esses sentimentos e reações incontroláveis.

Nossos lábios se conectaram, levemente a princípio, depois com uma força mais contundente que eu não esperava. Não havia nada gentil em Anson. Ele sabia o que queria, e quando eu mostrei o menor traço de evidência de querer também, ele estava dentro, nunca perdendo o momento. Seu autocontrole era admirável. Embora eu pudesse dizer que ele queria mais e nos empurrou o mais perto possível, ele nunca nos empurrou. Ele reconheceu a ansiedade borbulhante no meu núcleo e se conteve.

Mas cada vez que nos reuníamos, os beijos que compartilhamos eram mais.

A língua de Anson deslizou contra a minha. Seus dentes morderam meu lábio inferior. Um grunhido emergiu do fundo de seu peito quando ele soltou minha mão e segurou meu rosto, segurando minhas bochechas e me mantendo perto.





Hesitante, com um tremor que eu não conseguia controlar, levei minhas mãos à cintura dele, aproveitando a sensação dele tão perto. Seu cheiro, seu sabor, a fome que ele não podia esconder. Minha pele queimava mais quente, mas, tanto quanto uma dor crescente cresceu e se expandiu do meu centro, eu o empurrei de volta, ofegando, tonto e desorientado. Eu ri com energia nervosa, depois engoli um pedaço espesso de vergonha quando meus ouvidos e pescoço aqueceram.

Anson fechou os olhos e baixou a testa contra o meu peito, sua respiração um pouco difícil. — Me desculpe. Estou tentando não me deixar levar. Você dificulta.

— Me desculpe. Não sei o que estou fazendo, Anson. Tudo isso é novo para mim.

— Eu sei.

— Não é que eu não queira isso. — *Estou me sentindo realmente sobrecarregado agora.* Mas não consegui expressar uma voz nessas palavras. Esta foi a primeira vez que eu reconheci ou explorei minha sexualidade, juntamente com a minha recém liberdade, e eu mal sabia onde me colocar.

— Eu sei disso, também. — Anson levantou o rosto e beliscou meu queixo. — Estou tentando não me jogar em você. Passamos muito tempo sem poder nos tocar. Muito tempo com vidro grosso entre nós, então fica difícil manter minhas mãos para mim, sabe?

Assenti. Como eu consegui fazê-lo entender que, além de ser escoltado por dois guardas, o único contato físico que tive com alguém em mais de dezesseis anos foram os momentos estranhos





em que tocamos as mãos na calha da minha cela e os seis beijos nós compartilhamos desde o meu lançamento fora. O contato físico foi intenso quando você ficou sem ele por tanto tempo.

A perspectiva de ter Anson em mim era ao mesmo tempo emocionante e aterrorizante por muitas razões. Era estranho sentir-se claustrofóbico em um lugar tão aberto, mas essa era a verdade. O mundo era grande. Eu estava muito mais estabelecido dentro das quatro paredes da minha cela.

—Sinto muito— eu disse, sem saber o que mais dizer.

— Não. Não esteja. —Ele beijou meus lábios, mais leve do que antes. —Mas você nunca precisa pedir isso, ok?

— Tá bom.

—E me diga para acalmar a porra se eu for rápido demais com alguma coisa.

Gargalhei. — Eu que irei.

—Que tal um jantar cedo? Você quer assar aqueles bifes?

Meu corpo cedeu com alívio. Desde que cheguei à casa de Anson, meu relógio interno vinha lutando para entender uma rotina tão vaga e variada. Na prisão, café da manhã, almoço e jantar foram servidos em horários específicos. Tivemos quinze minutos para tomar banho e duas horas para descansar. Caso contrário, deveríamos permanecer em nossa cela com entretenimento limitado.

Do lado de fora, as refeições aconteciam aleatoriamente, minha hora do banho não era mais regulada e Anson havia me lembrado mil vezes que eu não precisava sentar em um canto e ler





um livro o dia inteiro, se não quisesse. Eu podia assistir TV, sair ou fazer o que meu coração desejasse. Mas e se meu coração não soubesse diferente e não desejasse outra coisa senão um pouco de normalidade?

Três e meia não era um jantar para mim como Anson propôs. Chegou bem na hora e acalmou as emoções agitadas o suficiente para que eu pudesse sorrir.

—Parece bom.

Anson virou-se para sair, e eu o observei partir, imaginando se alguma coisa neste novo mundo pareceria normal.



Capítulo Três

ANSON entrou na cozinha e acendeu a luz, me cegando. Eu levantei a mão para proteger meus olhos contra o ataque e olhei enquanto o observava correndo pela ilha até o Keurig² no balcão distante. Ele usava uma toalha azul marinho em volta da cintura e nada mais. Gotas de água escorreram pelas omoplatas e ao longo da espinha dos cabelos molhados, enquanto ele puxava a vasilha da máquina e se dirigia para a pia para reabastecê-la.

Quando ele girou, ele assustou e apertou o peito. —Jesus, eu não sabia que você estava aqui. Eu pensei que você estivesse dormindo lá em cima.

—Não poderia.— Como toda noite, a cama do quarto era muito confortável, o quarto muito grande e meus pensamentos muito selvagens. Eu tinha escapado para o meu canto confiável da cozinha horas atrás. Por que isso o surpreendeu, eu não fazia ideia. Isso aconteceu todas as noites desde que ele me trouxe para casa.

—Eu ia começar um pouco de café para poder beber antes de sair pela porta.

² Marca de cafeteira.





Eu me levantei do chão e atravessei a cozinha, liberando-o do recipiente de água. —Que tal eu entender isso e você continuar e se arrumar? Não há necessidade de se apressar o tempo todo.

Foi o primeiro dia de Anson de volta ao trabalho, depois de duas semanas de folga. A primeira semana foi no final do meu julgamento e nos dias subsequentes que antecederam minha libertação. A segunda foi para que ele pudesse me ajudar a instalar-me em sua casa.

Ele largou a lata e ajeitou a toalha nos quadris, já que estava escorregando. —Você não precisa me atender. Eu deveria ter acordado mais cedo. —Ele bocejou, pontuando seu argumento. —Estou cansado.

—Ninguém está me forçando. Quero ajudar. Você quer algo para comer? Talvez aquela manteiga de amendoim com fatias de banana como você me fez? É bom? Eu mesmo gosto bastante.

Às três e meia da manhã - hora do café da manhã na prisão - eu tinha feito algumas. Tinha sido um processo lento, desde que eu não preparava comida para mim há vinte anos, mas tinha gostado da combinação e tinha um desejo que não podia ignorar.

Anson riu. —É bom, não é? Seria ótimo.— Seus olhos brilhavam e ele olhou para si mesmo, notando seu corpo quase nu pela primeira vez. Ele passou a mão sobre os cabelos molhados e sorriu. —Eu deveria me vestir e consertar esta bagunça de cabelos em algo que faça sentido.— Ele acenou com a cabeça na vasilha na minha mão. —Obrigado.

—Problema nenhum.





Nenhum de nós se mexeu. O ar ficou denso, e meu olhar deslizou de seu rosto para baixo de seu torso.

Eu não pude deixar de admirar seu peito largo e braços fortes, não mais escondidos atrás de uma camiseta ou uniforme. Eu não tinha visto Anson assim antes.

Um punhado de pêlos escuros no peito espanava seus músculos firmes e definidos. Quilômetros de pele de marfim pálida apareciam embaixo. Havia uma cicatriz no lado esquerdo abaixo das costelas, prateada e ligeiramente enrugada. Isso despertou raiva quando pensei sobre como ele conseguiu. Eu queria estender a mão e tocá-lo, roçar as pontas dos dedos ao longo de sua superfície.

Eu não disse.

Não poderia.



Continuando minha leitura, segui o cabelo escuro que levava para o sul do umbigo e desapareci sob a toalha. Meu sangue esquentou com a visão, imaginando tudo o que eu não podia ver. Foi uma reação visceral que eu não esperava.

Os dedos de Anson fizeram contato com os meus, e eu levantei minha cabeça, a culpa me inundando quando encontrei seu rosto. Como uma colmeia de abelhas havia sido perturbada, meu interior zumbiu, zumbiu e coçou. Meu sangue ferveu.

—Gosta do que vê?— Anson perguntou, nem um pouco tímido.

Minha garganta ficou apertada. Tudo o que consegui dar um pequeno aceno de cabeça antes de me afastar apressadamente e





levantar a vasilha como um escudo. — Vou tentar descobrir seu café, chefe. Continue agora, ou você se atrasará.

Virei as costas e me ocupei na pia. Meu coração bateu contra as minhas costelas enquanto eu taxava meus ouvidos para ouvir a retirada de Anson. Demorou mais do que eu gostei. Eu o imaginei me observando, se perguntando por que eu estava tão perturbado, se perguntando por que eu tinha um problema com essa coisa de intimidade. Ele não conseguiu entender. Por vinte anos, eu vivi atrás das grades. Reconhecer minha sexualidade foi uma sentença de morte. Tocar em outros homens era uma impossibilidade. Nenhum homem gay em sã consciência iria admirar abertamente outro homem dessa maneira enquanto estava na prisão, quanto mais agir sobre isso.

Mas eu não estava mais lá e Anson era o mesmo que eu.
E interessado em mais.

Quando soube que ele se foi, caí contra o balcão, cabeça baixa, vergonha e decepção me dominando.

Eu *fiz* como o que vi, e mais do que qualquer coisa no mundo, eu queria alcançá-lo e tocá-lo, mas naquele mesmo instante, a pressão trouxe fraqueza e medo à superfície tão rápido que pensei que meus joelhos cederiam ou meus pulmões parariam de funcionar. O que eu não daria para me sentir confortável em minha própria pele por cinco minutos.

E se eu fiz algo errado e Anson mudou de idéia? E se minha inexperiência e reticência aparecessem e ele risse? E se ele me visse fraco?





Eu tinha sido uma potência na prisão. Meu tamanho e olhares severos pararam os homens mais ousados em seu lugar. Sem pronunciar uma única palavra, as pessoas me respeitavam e me temiam, o que eu queria, porque na prisão não havia espaço para fraqueza.

Aqui no mundo de novo, eu estava caindo em queda, caindo de cabeça no desconhecido, e tudo que eu queria fazer era colocar os pés no chão e me levantar.

Uma dor surda pulsava na minha têmpora. Fechando os olhos, eu massageei a área, esperando que não estivesse com dor de cabeça. Forçando a tensão dos meus músculos, enchi a vasilha com água e trabalhei por um minuto para colocá-la de volta na máquina.

Eu assisti Anson fazer seu café várias vezes nos últimos dias, então eu peguei a caneca que ele gostava de usar e encontrei uma daquelas coisinhas que ele colocou na máquina. Após algumas tentativas e erros, consegui fazê-lo funcionar. Enquanto pingava café em sua caneca, encontrei o pão de centeio integral, manteiga de amendoim e a última banana da fruteira.

Quando ele desceu as escadas, eu estava brindando sua torrada, orgulhoso da minha conquista. Não parecia bonito - a manteiga de amendoim pingava nas bordas e as fatias de banana eram irregulares - mas era comestível.

Anson preencheu seu café com um pouco de leite antes de deslizar para uma cadeira na mesa da cozinha no canto. Trouxe sua comida e coloquei na frente dele. Ele pegou o telefone, passando os





dedos sobre a tela enquanto bebia sua bebida fumegante. Na semana em que eu estava morando com ele, observei que ele costumava sair enquanto fazia coisas no telefone, e eu aprendi que falar com ele enquanto ele estava nisso era inútil porque ele não me ouvia.

Quando ele desligou e empurrou para o lado, ele espiou sua torrada e sorriu. —Você é incrível. Parece incrível. Você não está tendo?

—Eu me fiz um pouco antes. Essa foi a última banana, no entanto.

Anson deu uma mordida na torrada e olhou para a fruteira. Depois que ele mastigou, engoliu e lambeu os lábios de manteiga de amendoim pegajosa o suficiente para eu desviar o olhar, ele disse: — Há um pequeno mercado a cerca de duas quadras daqui. Eu sei que você está relutante em sair de casa, mas se você quiser comprar um pouco mais enquanto eu estava no trabalho e me sinto ambicioso, você pode conferir. Há algum dinheiro nessa gaveta lá no final. —Ele apontou a direção.

A perspectiva era escandalosa. Embora os repórteres não voltassem desde que a polícia os perseguia, eu não tinha certeza de me aventurar lá fora ainda, muito menos fazer compras sozinho. Eu senti como se tivesse sido transportado vinte anos no futuro, e tarefas simples eram assustadoras. O mundo era estranho.

— Veremos. Talvez.

—Você decide. Não estarei em casa até depois das quatro. Eles estarão fechados até lá, então teremos que encontrar algo





diferente para o café da manhã amanhã, a menos que encontremos Livingston hoje à noite. Podemos...

Eu não respondi, mudando meu olhar sobre a cozinha.

—Você vai ficar bem hoje?

—Sim. Eu vou ficar bem.

Ele parou de comer e me estudou.

—Eu estou bem— eu reiterei.

— Tudo bem. Cynthia disse que ia ligar para você. Ela quer rever algumas coisas sobre o seu processo. Eu dei a ela seu novo número de telefone, então mantenha-o por perto, caso ela ligue.

Meu telefone estava lá em cima na mesa de cabeceira do quarto onde eu o deixei depois da aula. — Tá bom.

Anson colocou grandes torradas em sua boca, não provando mais enquanto bebia seu café, e verificou o horário em seu telefone duas vezes. Antes que a torrada acabasse e com a boca ainda cheia, ele se afastou da mesa e pegou a louça. —Eu tenho que correr, ou vou me atrasar.

Ele jogou o resto da torrada no lixo e derramou o restante do café no ralo antes de lavar as mãos e esfregar a palma da mão sobre a boca.

Ele enfiou o telefone no bolso e girou, examinando a cozinha. Ele usava bem seu uniforme de oficial de correção. Ele abraçou seu corpo e lhe deu uma vantagem autoritária que eu sempre admirava.

Ele viu as chaves na ilha e as pegou antes de se virar para mim.





— Tudo bem. Estou fora.— Ele girou em pé, apontando para mim, depois se afastando antes de oferecer um sorriso tenso que cheirava a frustração e indecisão.

Ele queria um beijo ou contato de algum tipo. Eu vi, mas minhas paredes eram altas demais para ele se sentir em segurança. Antes que eu pudesse iniciar ou dizer a ele que eu também queria, ele saiu pela porta da cozinha e desapareceu no corredor, cabeça baixa, ritmo determinado. —Me mande uma mensagem se tiver um problema ou uma pergunta ou se precisar de algo. Vou me certificar de verificar meu telefone nos meus intervalos.

No corredor da frente, ele amarrou as botas e se levantou. Quando ele abriu a porta e olhou para trás, ele parou. —Tem certeza de que está bem?

Eu peguei, mas fiquei alguns passos para trás.

—Eu sou um garoto grande, chefe. Vou dar um jeito.

O sorriso de Anson era tenso, seu aceno de cabeça cortado.

Então ele se foi, e aquele beijo que eu estava tentando entregar não aconteceu. Ele correu rápido demais, e eu não fui capaz de me preparar para isso ou agir a tempo. Outra coisa que notei desde que deixei Polunsky foi o ritmo do mundo ao meu redor. Todo mundo estava com pressa. Eu simplesmente não consegui acompanhar. Era como se houvesse uma corrida da qual eu não fizesse parte e não pudesse processar na mesma velocidade que todos os outros.

A casa parecia silenciosa ao meu redor. O jipe de Anson voltou à vida lá fora, depois partiu para o dia seguinte.





Eu fui deixado sozinho.

Pela primeira vez em vinte anos.

Sem a necessidade de manter paredes ou uma personalidade segura, caí contra a parede pela entrada da frente e esfreguei a mão sobre a cabeça, exausto. Eram cinco e meia da manhã. De volta a Polunsky, se eu estivesse na primeira rotação, seria levado ao meu chuveiro agora. Eles me faziam me despir, me revistar, me prender e me levar a uma sala menor com quatro paredes de concreto diferentes que estavam mais próximas. Eu teria quinze minutos para limpar com apenas uma temperatura da água. Mesma rotina, ano após ano após ano.

Anson não estava lá para me lembrar que eu não precisava mais seguir essa rotina. Pareceu incomodá-lo quando voltei ao único horário que sabia. Com a ausência dele, subi as escadas e entrei no banheiro. Ele não precisava saber. Poucas coisas me deram estabilidade na semana passada. Manter um cronograma reconhecível era um deles.

Toalhas felpudas penduradas em uma prateleira sob a janela fosca, azul marinho como a que Anson havia enrolado na cintura mais cedo. Garrafas de xampu, condicionador e saboneteira cobriam o box. Um cheiro residual de sândalo pairou no ar do chuveiro de Anson mais cedo. Inalei, aproveitando o lembrete de como sua pele cheirava quando eu estava perto o suficiente para apreciá-la.

No balcão ao lado da pia havia mais pertences de Anson: colônia, creme de barbear, escova de cabelo, mousse, um copo





pequeno com escovas de dentes e pasta e um novo pacote de barbeadores descartáveis que ele havia comprado para que eu pudesse fazer a barba.

Fazer a barba já era uma tarefa em si, pois nunca me permitiram uma navalha no corredor da morte e confiei em outra pessoa para fazer o trabalho por todos esses anos. Com extrema cautela, eu consegui evitar me cortar e tive alguns dias de prática sob o meu cinto. Apenas outro obstáculo que eu não tinha compartilhado com Anson. Eu superaria tudo sozinho.

Comecei com a barba. Pescando uma nova lâmina da embalagem, abri a lata de creme de barbear que Anson estava feliz em compartilhar, mas antes de esguichar um pouco na palma da mão, olhei para cima e parei.

O homem no espelho estava irreconhecível. Uma semana lá fora, e eu ainda mal conhecia meu próprio rosto. Na prisão, não havia espelhos. De vez em quando, um barbeiro mais gentil poderia segurar um espelho ou eu pegava um leve reflexo no vidro da sala de visitas, mas, caso contrário, meu rosto era o de um estranho.

Sem a pressão da presença de Anson persistindo na casa, levei um minuto para me encarar, aprendendo quem era esse homem do lado de fora. Vinte anos me mudaram. Me endureceu. Eu não era mais uma criança. Eu tinha quarenta e um anos e parecia.

Eu toquei minha bochecha. Minha pele escura estava cansada com um cansaço que senti em minha alma. O tormento permaneceu atrás do olhar de aço que eu já havia apresentado a





todos os guardas que passavam. Meus lábios estavam se curando. O produto que Anson me dera estava eliminando aquelas rachaduras persistentes de anos de pele rachada e ressecamento.

Um V profundo viveu entre minhas sobrancelhas, e nenhuma quantidade de esfregão o fez desaparecer. Eu tinha passado muitos anos com uma expressão perpétua no rosto. Maw Maw e Anson foram as duas únicas pessoas que conseguiram me fazer sorrir e esquecer a porta de aço que me mantinha prisioneiro.

Tirei a camiseta branca lisa que Anson me dera para vestir e a joguei no chão. Em seguida, tirei a calça de pijama macia que ele havia fornecido. Nu, encarei meu corpo, observando todas as mudanças, contando todas as falhas e me vendo através de novos olhos. Mas o verdadeiro dano do meu encarceramento vivia sob a superfície da minha pele, não visível a olho nu.

O que Anson viu quando olhou para mim? Ele gostava de me ver em carne tanto quanto eu gostava de vê-lo esta manhã? Ele estava atraído por esse corpo como se eu era para o dele? Ele sabia o quão assustado eu estava por baixo? Ele podia ver o que eu tentei desesperadamente esconder?

Eu não estava flácido ou com sobrepeso. -O oposto. Na verdade, eu poderia fazer para ganhar alguns quilos. Meu corpo de mais de um metro e oitenta e poucos não era tão saudável quanto eu gostaria. Os músculos que eu tinha eram firmes e formados, especialmente no meu abdômen, peitoral e bíceps. Eu me assegurei de me manter o mais ativo possível atrás das grades, mas consistia principalmente de flexões na única barra da sala de visitas ou





flexões e flexões na minha cela. Nunca houve uma abundância de comida.

Eu não tinha mais vinte anos, isso era certo. Minha vida difícil mostrou-se de várias maneiras.

Abaixei o queixo e examinei a cicatriz cortada na palma da minha mão, massageando-a e vasculhando as antigas memórias do dia em que minha vida havia mudado para sempre. Durante anos, os pedidos de ajuda de Ayanna que eu tinha ouvido por telefone me assombraram. Foi a última vez que a ouvi viva.

Minha luta frenética com Isaiah caiu na superfície, e eu fechei meus olhos, respirando fundo e empurrando aquele pesadelo para longe. Eu lutei com ele na minha cabeça por mais de vinte anos, e terminei de lutar. Eu não aguentava mais.

Encontrando equilíbrio, concentrei-me na tarefa de fazer a barba. Um golpe cuidadoso de cada vez, passei a navalha sobre meu queixo e pescoço. Em seguida, comecei a água no chuveiro. Foi uma tarefa acertar a temperatura. Eu estava acostumado a um único botão na parede e sofria com o que quer que saísse do bico. Nunca estava quente na prisão. Frio ou morno era o melhor que podíamos esperar.

Decidi que gostava da temperatura mais fria que a escaldada. Um passo antes da minha pele empolar. Foi divino. Adaptar-me a períodos mais longos de banho era fácil quando eu podia relaxar no calor. Eu abaixei minha cabeça e deixei chover sobre meu corpo, deixei o calor afundar profundamente em meus músculos tensos e lavar minha turbulência.





Não corri para me limpar. Não antecipando mais um guarda batendo na minha porta para me dizer que o tempo acabou, fiquei até a água esfriar, saboreando cada segundo. Era um pequeno luxo que a maioria das pessoas tinha como certo.

Depois que limpei todo o calor do tanque, ensaboei-me e enxaguei antes de cortar a água e encontrar uma daquelas toalhas macias que pareciam seda contra a minha pele. Eles eram tão macios e esplêndidos quanto as calças de pijama que eu usava para dormir a semana toda. Um conforto que eu tinha esquecido existia.

Sequei e fui para o meu quarto - o quarto de hóspedes. Por ter recusado todas as ofertas de Anson para sair para fazer compras, eu tinha roupas limitadas. Ele pegou algumas coisas aleatoriamente na loja, mas era um jogo de adivinhação, acertando meu tamanho. Ele usava calça de moletom e camiseta principalmente. Eu não me importei. Eles eram confortáveis, e para quem eu tinha que gostar?

Vestindo um par, sentei-me na beira da cama e peguei o telefone que Anson havia me dado. Sem a presença iminente dele aumentando a pressão, eu me atrapalhei em ligá-lo para tentar me familiarizar com a nova tecnologia que ele achava ser tão importante.

Eu me senti idiota quando não consegui telefonar para a polícia outro dia e sabia que precisava aprender como funcionava para não repetir o desastre. Por que ele tinha que explicar tudo tão rápido?





Com a tela acesa, usei um dedo para tocar em um dos ícones - a foto de um envelope. Em um piscar de olhos, a tela mudou, informando que eu não tinha uma conta de email configurada e queria criar uma?

—Não, obrigado, porque isso parece complicado.

Eu queria voltar para a primeira tela, mas não conseguia me lembrar de como chegar lá. Depois de algumas tentativas fracassadas, encontrei meu caminho. Em seguida, apertei o botão com o balão e os pontos no meio. Minha tela mudou para mostrar três nomes em uma lista. Anson, Cynthia e meu irmão, Jalen.

Presumi que essa fosse minha lista telefônica. Novamente, voltei para a primeira tela e parei, sem saber o que mais fazer. O mundo ao meu alcance, explicou Anson. Ele certamente passou muito tempo olhando para o telefone, mas eu não entendi o porquê ou o que ele estava fazendo.

Antes de desistir, toquei a barra longa com a palavra Google. Anson disse que eu poderia digitar o que quisesse naquela barra e isso me levaria à Internet - ou algo nesse sentido. Internet Eu estava um pouco familiarizado com o conceito da escola. Fomos encorajados a usá-lo para obter informações sobre projetos. Foi um período de transição quando eu estava no ensino médio, uma época intermediária. Grande parte do trabalho da nossa escola ainda contava com a biblioteca e os livros gordos para quando fizemos nossa pesquisa, mas a Internet estava crescendo.

Eu olhei para o pequeno teclado que apareceu e considerei o que digitar.





O que eu queria saber?

Ponderando por muito tempo, a tela ficou escura. Até meu telefone estava com pressa por respostas e mal podia esperar o tempo suficiente para eu pensar. Suspirei e reservei. Eu não queria saber de nada agora mesmo. Eu só queria encontrar um pouco de paz e equilíbrio nesta nova vida sem o estresse adicional de dispositivos complicados, como telefones celulares.

Andei pela casa, espiando pelas janelas e aproveitando o novo dia. O sol havia nascido e o céu era de um azul pálido com uma exibição esporádica de nuvens brancas inchadas de horizonte a horizonte.

Em um momento de bravura, saí no convés dos fundos e fiquei de pé junto à grade, deixando a brisa suave soprar sobre minha pele e o sol aquecer meu rosto. Meu nervosismo interno diminuiu depois de alguns minutos, e uma sensação de orgulho me fez sorrir.

—Veja, se ninguém me apressar, eu posso fazê-lo.

Com os pés descalços, desci as escadas para o quintal e fiquei na grama, mexendo os dedos dos pés. Não havia nada parecido. A umidade úmida encharcou minha pele, e minúsculas folhas de grama grudaram nos meus pés. Andei pelo quintal, absorvendo os múltiplos prazeres simples antes de decidir me sentar no meio do quintal enquanto me acostumava ao ar livre. O orvalho encharcou minha calça de moletom, mas eu não me importei.





A natureza me cercou. Os cheiros eram frescos e vibrantes: terra, flores e árvores. Uma pitada de poluição estragava o frescor uma fração, mas não o suficiente para importar. Escovei meus dedos na grama, arrancou alguns pedaços e os trouxe ao meu nariz, inalando. Uma coisa tão pequena e insignificante para a maioria das pessoas, mas um perfume que eu não sabia que tinha sentido falta até ficar sem ele por tanto tempo.

Os pássaros estavam sentados no alto das árvores, cantando e agitando suas asas, pulando de galho em galho. À distância, os carros viajavam na rodovia, seus motores barulhentos. Cães latiam, um sino da igreja tocava e um alarme aleatório perfurava o ar por um instante antes que alguém o silenciasse.

Quando algo fez cócegas no meu pé, olhei para baixo. Uma formiga negra e gorda rastejou pelo meu dedão do pé e pelo tornozelo. Coloquei um dedo ao lado dele, e ele não hesitou em subir. Eu assisti o menininho por um longo tempo, transferindo-o de uma mão para a outra, enquanto ele continuava andando com tanta pressa quanto todos os outros no mundo exterior.

—Aonde você está indo? Você continua indo e indo como o mundo vai acabar se você não chegar a algum lugar em breve. — Eu ri e abaixei minha mão para que ele pudesse agarrar uma folha de grama. Lá ele foi.

Por fim, deixei as formigas, os pássaros, a grama e os cheiros e voltei para dentro com uma força e um orgulho recém-descobertos que não sentia desde que saíra da prisão. Essa pequena experiência foi mais fácil do que eu previra, e me senti bem.





Talvez eu pudesse me aventurar no mercado mais tarde. Talvez eu pudesse me adaptar a essa nova vida no tempo. Talvez, se eu desse um pequeno passo de cada vez como minha amigo formiga, eu poderia chegar lá.

Às dez e meia, na hora do almoço da prisão, eu estava com fome. Minhas habilidades na cozinha eram limitadas, e eu me vi abrindo armários e procurando na geladeira, sem saber o que eu queria ou o que era capaz de fazer. Quando você passou vinte anos entregando suas refeições, sem opções, sem levar em conta preferências ou humor, gostos ou desgostos, você comeu o que lhe foi entregue.

Acabei fazendo torradas de manteiga de amendoim novamente, mas perdi as fatias de banana adicionadas o suficiente, debati pela segunda vez se seria capaz de administrar uma viagem ao mercado. Era para ir sozinho e tentar aprender a percorrer uma loja de cidade pequena, esperar Anson chegar em casa e se aventurar em um supermercado maior com mais pessoas, ou ficar sem minha nova refeição favorita.

Antes que eu pudesse decidir, um som estranho me pegou desprevenido. Era melódico e tilintava como sinos ou sinos de vento. Uma música que se repetia várias vezes. Não agrediu os ouvidos, mas era estranho na casa silenciosa.

Eu o segui.

Escada

No quarto de hóspedes.





Quando descobri a fonte - meu novo celular - a música parou.

Sentei-me na cama e o encarei. A música começou de novo e o telefone acendeu na minha mão. *Chamada recebida de Cynthia* foi escrito na tela. Havia dois botões. Aceite ou Recusar.

Toquei no botão Aceitar, mas nada aconteceu. Eu bati de novo. Nada. O ícone brilhava cada vez mais. Frustrado, joguei o telefone na cama ao meu lado. A cantoria parou.

—Eu não consigo nem descobrir como atender um maldito telefone.

Um momento depois, o dispositivo estúpido tocou. Eu olhei para ele. —O quê? E agora?

Peguei e acendi a tela. Uma banda do meio me disse que eu tinha uma mensagem de voz de Cynthia.

— Que bom. Suponho que também devo saber como ouvir essa mensagem agora. Bem, adivinha só? Eu não sei.

Desliguei o telefone e o deixei na mesa de cabeceira. Foi muito bom quando era muito complicado de usar.

Decidindo tentar um passeio, encontrei alguns dólares na gaveta da cozinha e amarrei o par de tênis esfarrapado que trouxe de Polunsky comigo. Eles tinham visto dias melhores, mas até que eu estivesse pronto para uma viagem de compras às grandes lojas, eu teria que morar com eles.

Preparando-me, peguei o conjunto de chaves sobressalentes que Anson havia me deixado, tranquei e segui pela calçada até o mercado. Tudo correu bem nos primeiros quarteirões, mas quanto





mais longe eu andava, mais vasto e aberto o mundo se tornava. Havia muito espaço e espaço ao meu redor. A falta de paredes aumentou meu batimento cardíaco. Eu me recusei a me virar. Era uma coisa boba. Eu era um homem adulto que tinha passado vinte anos de dificuldade. Eu não teria medo do ar livre.

No momento em que cheguei ao centro da cidade e à localização central das poucas empresas que Onalaska abrigava, eu estava nervoso e chateado comigo mesmo por não conseguir reunir minhas coisas.

O tráfego passou a um ritmo frenético. Pedestres zuniam de carro em loja, carro, cabeças abaixadas e olhos grudados nos telefones. Deu a impressão de que tudo ao meu redor estava funcionando rapidamente, e eu fiquei preso em câmera lenta.

Com esforço, segurei as rédeas apertadas e entrei no pequeno mercado localizado na esquina em frente aos correios e bancos da cidade. Eu me concentrei em obter bananas e não deixar a enormidade da tarefa me dominar. Uma rápida verificação da planta me disse que os produtos estavam do outro lado da loja. Também me disse que a pequena loja estava ocupada.

Peguei uma pequena cesta de mão e mirei na direção certa com visão de túnel e um objetivo.

Bananas

Se eu pudesse realizar essa tarefa e chegar em casa, consideraria uma vitória do dia.

Desviei de um homem empurrando um carrinho que estava mais preocupado com seu telefone celular do que para onde estava





indo. Ele passou por mim sem perceber que quase caímos. Uma segunda mulher com uma criança gritando correndo nos calcanhares passou voando por mim a tal velocidade, eu me afastei, abraçando uma exibição de cereal para não ser atropelado.

Quando consegui chegar ao produto, um sentimento de realização e orgulho afugentaram minha incerteza. Pela primeira vez em vinte anos, eu estava lá fora no mundo. Comprando. Eu estava entre as pessoas novamente. Realizando uma atividade rotineira normal e cotidiana, da qual eu havia sido privado por metade da minha vida.

Mal podia esperar para contar a Anson. Mostrar força e coragem, duas coisas que eu tinha certeza que me abandonaram com a minha libertação.

Na produção, eu digitalizei, procurando bananas. Foi então que notei dois homens vestindo aventais de loja me seguindo, franzindo a testa profundamente embutida em seus rostos. Mas eles não foram os únicos que notaram minha presença.

Homens e mulheres com carrinhos de compras e carrinhos de bebê espiavam por trás dos corredores ou olhavam descaradamente na minha direção. Sussurros surgiram e um garoto de uns quinze anos apontou, sua voz alta o suficiente para alcançar meus ouvidos.

—Esse é o cara que estava no corredor da morte que eles deixaram escapar. Aquele que matou duas pessoas. Puta merda, cara. Olha! —O garoto deu um tapa no braço do amigo, mas ele já estava boquiaberto, com o queixo trincado e olhos arregalados.





Seu comentário chamou mais atenção e mais sussurros zumbiram no ar.

Meu coração disparou quando percebi que era um espetáculo, e não havia uma única pessoa que não estivesse olhando para mim.

Num piscar de olhos, meu senso de pertencimento e orgulho me abandonou. Eu fui condenado novamente, preso e acorrentado. As paredes de Polunsky me cercaram, os portões bateram e meus ouvidos tocaram. O mercado desapareceu nos limites da minha visão, e esses sussurros se voltaram para protestos e reclamações dos prisioneiros.

Fechei os olhos e empurrei com força contra a invasão, mas foi inútil. O ataque foi muito forte e muito intenso. Não, nada havia mudado. Examinei o mercado, trabalhando duro para me ater no aqui e agora.

Eu não estou em Polunsky. Eu não estou mais lá. Mas com o ataque ao meu redor, eu desejei estar errado. Eu queria a segurança da minha cela.

Agarrando uma onça fugaz de sanidade, examinei a loja, entendendo minha situação.

Fiquei e peguei minhas bananas ou saí porque estava claramente indesejável e causando uma cena?

Virei, digitalizei, virei novamente. Quando fechei os olhos com um dos funcionários da loja que estava analisando todos os meus movimentos, eu sabia a resposta. Toda pessoa olhava para mim





como se eu fosse um leão faminto solto na rua. Havia medo, desconfiança e pânico em todos os rostos.

Deixei minha cesta ali mesmo no chão e fui para a primeira saída que pude encontrar, o sangue correndo em meus ouvidos e roubando minha capacidade de me concentrar.

Do lado de fora, eu aspirei grandes goles de ar enquanto eu apontava para casa, esperando que minhas pernas me levassem tão longe.

Essa tinha sido uma péssima ideia.

E ficou pior no minuto em que virei na rua de Anson. Uma van de notícias estava estacionada em frente à sua casa, e uma mulher de salto com muita maquiagem pulou no minuto em que me viu. Era a mesma mulher que nos assediara no fim de semana passado. Um cara com uma câmera o seguiu, tirando fotos antes que eu pudesse pedir para ele não fazer.

Minhas pernas agarraram, e ela estava na minha cara antes que eu pudesse processar meu próximo passo.

—Senhor. Ndiaye? Fiquei me perguntando se poderia lhe fazer algumas perguntas.

Ela ficou entre mim e a porta da frente, e eu precisava da fuga mais do que podia articular. —Se é tudo a mesma coisa, prefiro não agora.

—As pessoas estão interessadas em saber como é ser libertado da prisão depois de vinte anos no corredor da morte.

—Eu estava no corredor da morte há dezesseis anos, senhora. Não vinte. Eu estava na população em geral antes disso.





—Erro meu. Gostaria de comentar como é voltar ao mundo após uma prisão tão prolongada?

Prefiro entrar e trancar a porta. Meu peito estava apertado e dolorido, minha cabeça latejava e ela falou tão rápido que dificultou o processo. A última coisa que eu queria fazer era responder a perguntas.

—Tem sido difícil. Agora, se você me desculpar... Eu preciso entrar agora.

Tentei contorná-la, mas ela se esquivou e bloqueou meu caminho.

—É verdade que você está morando com um de seus agentes de correção? Gostaria de comentar sobre a natureza do seu relacionamento? Há especulações e rumores circulando de que você é gay. Sua sexualidade era de conhecimento comum quando você estava na prisão? Você e Anson Miller estão coabitando como casal?

—Ele é apenas um amigo.

Eu mudei para ultrapassá-la, mas mais uma vez, ela estava no meu caminho. Massageei os dedos em minha têmpora, evitando a dor aguda que se originava naquela área e latejando entre os dentes e a mandíbula. —Senhora, por favor. Desculpe-me.

—Você foi inocentado dos assassinatos de Ayanna e Keon Williams. O júri considerou você inocente, mas você sabe quem é o responsável?

—Sem comentários. Agora, se você me desculpar...

O cameraman estava na minha cara, seu flash me cegando toda vez que ele tirava outra foto. Rabiscando em um caderno, a





repórter ficou colada ao meu lado. O ar nos meus pulmões ficou denso como lama, e eu não conseguia respirar. Meu mundo girou, me deixando enjoado.

Maw Maw sempre me ensinou a nunca ser rude, mas educado não estava funcionando nesse caso. A mulher era implacável. Eu tive que entrar onde essa claustrofobia esmagadora não existia. Eu queria me arrastar para aquele cantinho doce da cozinha, puxar meus joelhos no peito e fechar os olhos até que tudo acabasse.

Mais uma vez, eu me esquivei da repórter, mas desta vez, quando ela tentou bloquear meu caminho, coloquei uma mão gentil no braço dela para segurá-la. Ela se assustou e se afastou, porque, apesar do que o júri disse, apesar de eu ter sido libertado da prisão e exonerado por esses crimes, eu ainda era aquele assassino aos olhos dela, e ela só era corajosa desde que mantivesse um mínimo de distância.

Quando ela se moveu, abaixei o queixo e corri para a porta. Mexendo com a chave na fechadura, demorou mais um minuto para abrir a porta. A mulher recuperou sua força com a minha distância, e suas perguntas inundaram o ar ao meu redor.

Ignorando-a, bati a porta e pressionei minhas costas contra ela enquanto a rotação na minha cabeça inclinava meu mundo em seu eixo. Tropeçando, apontei para a cozinha e o único espaço que encontrei algum conforto.

Por tantos anos quanto eu desejei, esperei e rezei para ser libertado da prisão, agora que finalmente saíra, tudo que eu podia





fazer era desejar minha cela novamente. Quatro paredes de concreto que eram familiares. Seguro. Muito reconfortante.

Hoje eu falhei com tudo. O telefone, o mercado e a vida em geral.



Capítulo Quatro

EU SENTEI NO MEU canto da cozinha e assisti o dia passar pela janela, assisti o sol atravessar o céu e as nuvens viajando de horizonte em horizonte. Os pássaros vieram e se foram. Sombras mudaram, se transformaram e se moveram. O tempo passou pelos meus dedos enquanto eu ocupava espaço dentro da minha cabeça, me retirando deste complicado mundo exterior.

Minha ansiedade foi calmante.

Pensei em Maw Maw e em todos os anos que ela dedicara a visitas semanais. Todo o amor incondicional que ela me deu quando eu tinha certeza de que não merecia nada disso. Pensei em Jalen, nos anos, nas milhas e no tempo que ele passara levando Maw Maw de casa e para a prisão, apesar da brecha que havia crescido entre nós. Ele se sacrificou muitos dias por minha causa. Sem pensar, ele ajudou Anson a tornar minha liberdade possível e, no entanto, não tínhamos falado mais de dez palavras entre si em décadas. Por onde comecei quando se tratava de reparar esse relacionamento? Porque foi possível?

Pensei em Anson e em seu compromisso e dedicação em ajudar a dizer a minha verdade. Ele arriscou seu trabalho várias vezes, me apoiou em altos e baixos, abriu sua casa, confiou em mim





e acreditou em mim. Por quê? Para que eu pudesse vacilar e falhar no minuto em que estivesse livre?

A porta da frente bateu e eu pulei, piscando para longe dos pensamentos emaranhados onde eu estava perdido.

Este dia estava faltando em realizações.

Tudo o que eu tinha para mostrar era uma dor de cabeça e exaustão.

—Bishop?— Anson chamou da frente da casa.

Não respondi, mas o ouvi tirar as botas. Não demorou muito para ele me encontrar. Ele entrou na cozinha como se estivesse em uma missão - ou naquela corrida sem fim que eu não conseguia entender - e jogou as chaves no balcão com um barulho antes de girar e me encontrar no chão no meu lugar.

— Aí está você. O que há? Você está bem? —Eu te enviei uma mensagem cinco vezes antes, e Cynthia ligou para me dizer que estava tentando falar com você.

Eu pisquei para ele enquanto pensava por onde começar ou como. Uma pequena marca vermelha ao lado de seus olhos me distraiu. Tinha o formato de meia-lua e corria da testa até o topo da bochecha.

—E onde está seu telefone? Por que você não respondeu minhas mensagens?

—Lá em cima na mesinha ao lado da cama.

—Bem, isso responde isso. Você deve colocá-lo no seu bolso. Você não pode ouvir quando está lá em cima.





Ele sumiu num piscar de olhos e subiu as escadas subindo o segundo andar antes que eu pudesse pensar em como explicar a complicação do telefone. Eu olhei pela janela enquanto o ouvia remexendo.

Quando ele voltou, ele estava vestindo calças esportivas e uma camiseta e carregando o telefone que eu tinha ignorado o dia todo.

—Aqui. — Quando olhei para cima, ele me jogou o dispositivo com um meio sorriso no rosto. —Você deveria ligar para Cynthia de volta e ver o que ela queria. O escritório dela fica aberto por mais uma hora ainda.

Coloquei o dispositivo no chão ao meu lado. — Tudo bem. Vou fazer.

O sorriso de Anson desapareceu e ele inclinou a cabeça para o lado, me estudando. —Há quanto tempo você está sentado lá?

— Há algum tempo. Como foi seu dia? O que aconteceu com seu olho?

Anson tocou o local em questão antes de se virar e vasculhar a geladeira para encontrar uma garrafa de água. —Foi apenas descuido. — Ele quebrou a tampa da água e engoliu alguns bocados enquanto examinava a cozinha. — Suponho que você não chegou ao mercado, já que não há mais bananas. Você quer ir para Livingston e pegar algumas compras daqui a pouco? Eu ia correr agora, mas podemos ir atrás. Talvez possamos jantar fora.

Antes que eu pudesse encontrar uma desculpa, Anson caiu no chão ao meu lado, pegando meu telefone e cutucando meu





ombro. —Não fale mais nada. Experimente. Vai ficar tudo bem, e eu estarei com você. Pequenos passos. Vamos pegar algumas coisas. Será um bom começo.

Os rostos dos estranhos no mercado me encaravam na minha mente. O formigamento de inquietação retornou quando seus sussurros ecoaram dentro da minha cabeça.

— Por mim? Tente por mim, Bishop. Parece tudo grande e assustador por aí, mas não é. Prometo. Não há motivo para isso.

Suspirando, assenti. —Está bem.

Anson se apoiou no meu ombro. Ele estendeu a mão e desenhrou meu rosto para que eu olhasse para ele. Ele estava perto. O brilho em seus olhos castanhos brilhava de felicidade, tudo porque eu tinha concordado em ir à loja. Como eu poderia negar a ele? Como eu poderia contar a ele sobre o desastre que foi o meu dia? Eu era mais forte que isso.

—Aviso justo— ele respirou contra os meus lábios. —Eu vou te beijar. Se você não quer que eu faça, então ...

Inclinei-me e liguei nossos lábios, interrompendo suas palavras. Sete... Sete vezes eu senti sua boca na minha, e era feliz toda vez. Não deixando que ele se apressasse ou se tornasse selvagem, assumi o controle e o mantive leve, explorando sua boca e língua com ternura e curiosidade nascidas de vinte anos de antecipação.

Por que tivemos que ter pressa o tempo todo? Momentos como esse devem ser saboreados. Valorizado. Nunca é um dado adquirido. Definitivamente não acelerou em velocidades vertiginosas





e esquecido. Talvez isso fosse algo que eu pudesse ensinar a Anson. Talvez eu tivesse valor neste grande mundo, apenas para mostrar às pessoas como diminuir a velocidade para uma mudança.

Ele suspirou contra a minha boca quando o beijo terminou naturalmente. Não nos afastamos, mas mantivemos nossas testas juntas.

—Isso foi legal— Anson respirou. —Um dia desses, vamos encontrar um lugar um pouco mais confortável para fazer isso, ok?

Gargalhei. —Você não gosta do meu lugar?

Ele riu comigo. —Não, eu não. Dói na minha bunda, e se alguma coisa vai doer na minha bunda, eu quero que seja ...

Anson ele deu boas gargalhadas. —Não seja grosso!

Ele me beijou novamente, rindo ainda enquanto chupava meu lábio inferior. —Não posso fazer nada.

Com um longo suspiro, ele se afastou e me estudou. Com dedos gentis, passei por cima da marca ao lado do olho dele. — Parece dolorido, chefe.

Anson pegou minha mão e beijou meus dedos. —Tá tudo bem. Eu juro.— Ele apertou o telefone na minha mão e beijou minha boca uma última vez. —Agora ligue para Cynthia de volta enquanto eu corro. Alguns quilômetros e depois vou tomar banho e podemos sair. Estou pensando mais ou menos uma hora. Tudo bem?

— Estou sim.





Anson pulou do chão e piscou antes de decolar em direção à frente da casa. Um minuto depois, a porta da frente bateu atrás dele.

Até sua escolha de exercício estava correndo.

Abandonando meu canto, puxei uma cadeira na mesa da cozinha e estudei o telefone. Quando o liguei, havia mais barras na tela do que antes. O original que me dizia que eu tinha uma mensagem de voz de Cynthia permaneceu, e houve um segundo com o nome de Anson e o número cinco ao lado.

Toquei a barra com o nome de Anson e fui levado para uma tela diferente. Era a lista de mensagens de texto que ele enviou.

Anson: No almoço. Apenas checando. Como está tudo?

Anson: gtg³ de volta ao chão ttyl⁴

GTG ttyl? O que isso queria dizer? Franzindo a testa, continuei lendo.

Anson: Você fez a visita ao mercado?

Anson: Alô? Me envie uma mensagem de volta para que eu saiba que você está bem.

Levei um segundo, mas eu descobri o seu significado. Por que ele não escreveu as palavras completas?

O último texto foi simples, *Cynthia me ligou olhando para você. Chame-a.*

Confundindo as opções na tela, toquei o lugar na parte inferior, onde assumi que escrevi minhas respostas. Trouxe um

³ Existem vários acrônimos, Go to go, Going to go, Good to go.

⁴ Talk to you later





mini teclado. Determinado a descobrir como tudo isso funcionava, digitei uma resposta, mesmo sabendo que era tarde demais.

Meus dedos eram grandes demais para os botões e eu continuava batendo nas letras erradas. Ao longo de cinco minutos, consegui uma resposta desajeitada que faltava em qualquer pontuação porque não conseguia descobrir como encontrar certos botões - incluindo o backspace.

Bishop: Ligue para o telefone agora

Então, não consegui ver como enviá-lo. Por mais alguns minutos, estudei todas as opções até descobrir. Realizada, depois de enviar minha primeira mensagem, sorri para o meu telefone. O próximo passo foi ligar para Cynthia.

Foram necessários mais cinco minutos para descobrir como fazer uma ligação, mas eu fiz.

—Bellows, McNally e Price. Como posso ajudar?

—Sim, oi. Este é o Bishop Ndiaye. Estou retornando uma ligação da minha advogada, Cynthia Bellows. Ela me ligou mais cedo e queria falar comigo.

—Segure, por favor.

Eu arranquei o telefone da minha orelha quando um concerto de piano tocou no volume máximo. Um minuto depois, cortou.

—Cynthia Bellows.

—Oi, Srta. Bellows. Este é o Bishop Ndiaye retornando sua ligação.

—Bishop. É bom te ouvir. Como você está se ajustando?





—Estou indo embora, obrigado. Este mundo se move muito mais rápido do que eu estou acostumado.

—Eu aposto que sim. Anson está ajudando você?

— Ele está.

—Bom. A razão pela qual estou ligando é para atualizá-lo sobre Nancy Petty. —Nancy era a defensora pública nomeada pelo tribunal que me representou durante meu primeiro julgamento. O julgamento que terminou comigo foi condenado à morte. —Ela está sendo cooperativa e não quer que isso aconteça em um tribunal. Ela sabe que fez algo errado. Ela entrou com uma declaração admitindo ter sido coagida por Terry Gordon e recebendo um suborno grande para evitar o nome filho durante o julgamento original. Aparentemente, o alcance de Terry se estendeu a várias pessoas envolvidas no seu caso, e a declaração de Nancy iniciou uma investigação. Embora Isaiah não possa ser julgado pelo mesmo crime duas vezes, há evidências suficientes mostrando que ele e seu pai poderiam ser acusados de terem corrompido um julgamento por suborno e coerção. Eles estão caçando esses dois homens e os trarão para interrogatório, mas acho que há evidências suficientes de que eles estarão aquecendo uma cela por muitos anos. Vou mantê-lo informado.

—Obrigado.

—Quanto ao seu processo por condenação injusta, toda a documentação necessária foi arquivada e estamos apenas aguardando a data da audiência. Solicitei a colocação máxima juntamente com uma compensação adicional por assistência





médica e honorários advocatícios. Como você sempre manteve um argumento inocente, eles não deveriam ter nada a discutir. Outros casos de homens exonerados registrados mostram que se declararam culpados ou confessaram falsamente em algum momento durante seus julgamentos. Por terem contribuído para sua própria convicção, acabaram por um acordo menor no final. Esse não deveria ser o caso. Eu estimo que provavelmente levará três a seis meses antes de ouvirmos alguma coisa, mas fique firme, isso acontecerá. Enquanto isso, estou preocupada com a sua reintegração, porque eles literalmente abriram as portas e o libertaram de volta ao mundo sem nada. Sem reabilitação, aconselhamento, nada.

—Eu tenho Anson, senhora. Ele terá certeza de que estou bem.

—Estou feliz que ele esteja lá para você, mas não posso imaginar que ele saiba a extensão de tudo que você enfrentará. Se você tiver algum problema ou tiver alguma dúvida, ligue para mim.

— Eu que irei.

—Tome cuidado, Bishop.

Ela desligou antes que eu pudesse responder.

Anson voltou quarenta minutos depois, o suor escorrendo da testa, o peito arfando enquanto se dirigia para a geladeira, puxando uma garrafa de água fresca e drenando-a. Eu não tinha saído da mesa.

Ele encostou as costas na ilha enquanto recuperava o fôlego.

—Liguei para Cynthia.





—Bom. Alguma novidade?

—Parece que eles estão chamando Terry e Isaiah para interrogatório. Meu antigo advogado fez uma declaração, admitindo que ele a subornou.

—Puta do caralho. Ela merece ter sua licença retirada.

—Sim. Ela vai.

Anson tirou o telefone do bolso e baixou o queixo enquanto se perdia no que quer que fosse que ele fazia no telefone. Um segundo depois, um sorriso fez seus olhos apertarem os olhos quando ele olhou para mim. —Eu recebi seu texto.

—Apenas praticando. Ainda não sou muito bom nisso.

Os dedos de Anson voaram sobre sua tela, e então meu telefone fez um barulho na mesa ao meu lado. Anson piscou.

Tentei abrir a mensagem que ele enviou e franzi a testa.

Anson: LOL eu vou praticar com você a qualquer momento. : P

— Eu não sei o que isso significa, senhor.

—O que significa?

—L-Oh-L.

—Rir em voz alta. É um acrônimo. As pessoas usam muito quando enviam mensagens de texto.

— Por quê?

—É mais rápido do que escrever as palavras. Mais fácil

—Como estes?— Apontei para a mensagem em que ele havia escrito gtg e ttyl. Anson se inclinou e leu onde eu indicava.

—Sim. Isso significa ‘preciso ir’ e ‘falo com você mais tarde’.





—Mas qual é a pressa? Por que não apenas escrever as palavras?

—Eu não sei. É apenas uma linguagem de mensagens de texto. Como quando coloco a letra U no lugar da palavra. Reduz toda a digitação e economiza tempo

Economiza. tempo Porque, mais uma vez, todos estavam com pressa. Eu não tinha certeza se entendi, mas deixei para lá.

—E como você fez uma carinha com a língua saindo?

—Isso é um emoji. Existem todos os tipos. Você pode fazê-los também. Também há gifs ou adesivos que você pode enviar. Quer que eu te mostre?

Tocando minha têmpora, fechei os olhos e balancei a cabeça enquanto empurrava meu telefone de lado. —Não agora. Obrigado. —Eu não conseguia imaginar outra sessão de Anson correndo através de instruções complicadas e eu me perdendo. No final, eu não estaria mais à frente. Na verdade, eu previ uma montanha de frustração. Além disso, eu não sabia o que era um gif e não queria perguntar. —Dou meu jeito.

— Tudo bem. Eu vou tomar banho; então podemos sair.

Antes de Anson subir as escadas, meu telefone fez o barulho de canto novamente, o mesmo que eu tinha ouvido mais cedo naquela manhã. Sua versão do toque, deduzi. Anson parou quando eu peguei e verifiquei a tela. O nome de Cynthia apareceu. Aperto o botão Aceitar, mas nada aconteceu. Foi uma repetição desta manhã, exceto que eu tinha uma plateia me assistindo falhar.

Eu empurrei de novo, com mais força. Continuou tocando.





—Passe o dedo, começando no círculo Aceitar chamada. É um golpe para responder, não um toque.

—Arraste? — Como eu deveria saber?

—Sim, assim mesmo— Anson se inclinou sobre o meu ombro e passou o dedo na minha tela. — Aí está. Agora fala!

—Alô?

—Bishop? Cynthia novamente. Desculpe-me te incomodar. Minha mente está toda confusa. Esqueci de mencionar, fiz algumas ligações e entrei em contato com um representante do Projeto Inocência. É uma fundação que ajuda homens e mulheres inocentes que foram injustamente acusados de crimes e que ficaram atrás das grades como resultado. Eles ajudam no processo de exoneração, mas também fornecem suporte após o lançamento. Eles estão mais do que felizes em encontrá-lo e oferecer uma ajuda com qualquer coisa que você possa precisar. Eles fornecem aconselhamento privado e oferecem companhia individual para ajudar na reintegração, se solicitado. Eu poderia lhe enviar as informações e um nome de contato se isso fosse algo que você quisesse ver. Pode ajudar conversar com alguém que já esteve lá antes e conhece as lutas que você está enfrentando.

Meus olhos ardiam. Afastando-me de Anson para que ele não pudesse ler a emoção no meu rosto, eu pisquei para afastar as lágrimas. Fazia apenas uma semana desde o meu lançamento, mas nunca me senti tão perdido ou sozinho em toda a minha vida. Conversar com alguém que esteve lá, que entendeu minhas lutas, seria um alívio.





— Eu gostaria disso. Parece uma coisa boa.

—E sim. Ex-presidiários que cumprem seu tempo e são libertados têm muito apoio e muletas para se apoiar, mas para homens inocentes que são exonerados, eles tendem a cair entre as rachaduras, o que é realmente lamentável. O Projeto Inocência foi fundado por esse mesmo motivo. Eles ajudarão você a se reerguer.

—Obrigado.

—Você tem um endereço de e-mail configurado para onde eu possa enviar as informações?

— Hum, não.

—Eu entendi. Eu tenho um aqui para Anson. Posso enviar para ele?

Espiei por cima do ombro. Anson pairava perto da porta. —Aí não teria problema. Ele não vai se importar.

—Tudo certo. Vou mandar isso hoje.

—Obrigado.

Quando descobri como desconectar a ligação, desliguei o telefone e virei para encarar Anson. —Cynthia vai lhe enviar algumas informações para mim. É sobre uma coisa chamada Projeto Inocência. Eu posso ligar para eles e eles me ajudarão a me acostumar com tudo isso, se eu quiser.

—Magnífico! Correio, como em correio postal ou e-mail?

—Email. Eu não tenho um desses. —Eu levantei uma mão antes que ele pudesse pular e se oferecer para me ajudar a fazer uma. —Ainda não estou pronto.





Ele riu. — Tudo bem. Eu vou tomar banho. Podemos verificar uma vez que ela enviar.

—Você pode colocar esse número no meu telefone?

—Posso. Vou fazer isso.

Eu balancei a cabeça, olhando para o dispositivo estranho e sentindo uma leve liberação de pressão subir do meu peito.

Anson desapareceu no andar de cima. Depois que ouvi o chuveiro ligar, puxei meu telefone para mais perto e tentei o Google novamente. Desta vez eu tinha algo para procurar. Com um elemento de luta, digitei *Projeto Inocência* na pequena barra e encontrei o botão Enter.

Em segundos, fui confrontado com uma lista. Toquei no primeiro e acabei em uma página que falava sobre a fundação. Orgulhoso de mim mesmo, descobri como rolar o artigo e navegar por todos os botões que me levaram a diferentes partes.

Foi aí que Anson me encontrou quando terminou o banho.

Ele engasgou quando caiu na cadeira em frente a mim, uma lufada de sândalo batendo no meu nariz. — Puta merda, Bishop Ndiaye enterrou o rosto em um telefone? Ligue para a imprensa.

Eu sorri e virei para mostrar a ele. —Minha primeira pesquisa no Google. Agora me diga, espertinho, como faço para voltar quando eu terminar com isso?

Anson pegou meu telefone, mas certificou-se de virá-lo para mim antes de me guiar pelo processo. —Não é difícil. Depois de fazer uma ou duas vezes, torna-se uma segunda natureza.





—Meus dedos são grandes demais para esses pequenos botões.—

—Isso chegará a tempo também. Olhe para esses polegares. —Ele mexeu os dois. —Esses otários fazem todas as minhas mensagens de texto sem problemas. Eles não são maiores do que esses dedos aqui. Ele apertou minhas mãos e apertou.

—Prática, suponho.

—Sim. Você está pronto para sair ou deseja ler mais sobre este programa?

—Vamos abordar essa coisa das compras.

— Excelente. Eu pensei que talvez pudéssemos pegar pizza para o jantar. Há um bom local em Livingston em que podemos comer ou levar para casa.

Um fio de ansiedade despertou dentro de mim, mas eu o segurei, determinado a ser o homem forte que eu era quando conheci Anson. —Seria bom.

Embora eu quisesse contar a ele o que havia acontecido no pequeno mercado antes, não queria me debruçar sobre a negatividade ou incomodá-lo. Anson era protetor de mim, e ele não ficaria satisfeito se soubesse como eu fui tratado.

A viagem para Livingston não demorou muito. Demorou cerca de vinte e cinco minutos. Passei a viagem olhando pela janela e contemplando a paisagem enquanto o mundo passava. Havia tanto espaço aberto que eu mal sabia para onde olhar. Você esquece a enormidade do mundo quando vive em uma pequena cela por tantos anos.





—O que você fez hoje?— Anson perguntou, quebrando o momento tranquilo.

—Não muito. Sentei-me no quintal por um tempo.

—Isso é bom.

Fui ao mercado, fui bombardeada por um repórter e perdi as quatro paredes da minha cela em Polunsky por um tempo. Mas eu não podia contar essas coisas para Anson.

—Convidei Javier para assistir ao jogo neste fim de semana. Eu pensei que seria bom relaxar e fazer algo relaxante assim. Você deveria socializar um pouco e se acostumar com as pequenas coisas, sabia?

—Ele estava bem em vir?

—Sim. E por que ele não seria?

—Não há razão, eu acho.

Javier tinha sido uma fonte fundamental de apoio a Anson enquanto eu lutava pela liberdade. Ele esteve no nosso intermediário por quase um ano quando Anson foi transferido para um quartirão diferente. No entanto, quantas vezes ele falou comigo ou agiu como se estivesse do meu lado, eu não senti falta do olhar cauteloso em seus olhos. A desconfiança e ceticismo. Ele carregava a dúvida como todo mundo. Em algum lugar lá no fundo, ele acreditava que eu era capaz de matar pessoas a sangue frio.

—Estou feliz que ele esteja vindo— eu disse quando ficou estranho e senti que Anson estava adivinhando sua decisão de convidar seu melhor amigo.

—Eu também.





Anson estacionou nos fundos do estacionamento de uma grande cadeia de supermercados cujo nome eu reconheci há anos. — Esta tudo bem? —ele perguntou enquanto desligava o motor.

—Eu estou bem— eu menti.

Foi uma simples viagem de compras. Eu poderia fazer isso. Só porque toda a experiência se transformou em uma merda, mais cedo, não significava que essa seria ruim também.

A multidão era maior do que eu havia experimentado no mercado menor de Onalaska. Eu segui Anson quando ele pegou um carrinho e apontou para a seção de produtos primeiro. O tempo todo, mantive meu queixo abaixado e os ombros erguidos enquanto examinava cada rosto, procurando sinais reveladores de reconhecimento e, por sua vez, repulsa ou medo. Treinei meus ouvidos para ouvir os comentários desagradáveis.

Eu não era um homem pequeno, e me destaquei na multidão sem ter o rosto reconhecível de um criminoso exonerado. Tenso e em alerta, esperei os primeiros sinais de problemas. Meu rosto estava na primeira página dos jornais e minha história havia sido veiculada em todo o estado. Qualquer um que desse meia atenção às notícias descobriria.

Parei com Anson ao lado de um carrinho cheio de maçãs. Ele tirou uma sacola transparente de um rolo e acenou com a cabeça para a fruta. —Escolha alguns. Você já espalhou manteiga de amendoim em fatias de maçã?

—Não, não fiz.





Anson sorriu. —Sua vida está prestes a melhorar, meu amigo. Você acha que torradas com manteiga de amendoim e banana são boas, só espere.

Ajudei-o a colher algumas maçãs, o que me distraiu do meu redor. Em seguida, encontramos as bananas. Anson escolheu alguns legumes que ele alegou serem bons espetos no churrasco, e passamos à seção de carnes. Quanto mais comprávamos, mais relaxado me tornava. Eu fiz isso na minha cabeça quando era bem simples.

Não foi até o carrinho estar meio cheio que notei um guarda de segurança no final do corredor. Quando passamos para o próximo, ele o seguiu, mantendo uma distância moderada. O corredor depois disso, ele apareceu novamente. Um depois do outro. Os bons sentimentos que eu consegui acumular evaporaram. Eu não era louco. Ele estava nos seguindo, e eu sabia o porquê.

Dobrei meu queixo e segui ao lado de Anson, não participando mais ou ajudando a decidir o que comprar. Meu queixo ficou tenso e a dor de cabeça que eu consegui escapar voltou.

Anson não notou a nossa escolta até que fizemos fila para pagar.

Até então, mais do que algumas pessoas haviam notado minha presença. Os olhos queimaram nas minhas costas e arrepiaram os cabelos da minha nuca. Sussurros atingiram meus ouvidos.

As paredes pressionaram em torno de mim.





Quando fechei os olhos para respirar fundo, Anson tocou meu braço, me assustando. —Qual é o problema? Você está bem? Você ficou pálido.

—Eu estou pronto pra ir.

Franzindo a testa, ele examinou a loja. Eu soube no minuto em que ele viu o guarda de segurança porque seus ombros ficaram tensos e ele ficou mais alto. Não era como se o homem fosse discreto. Ele estava a menos de três metros de distância, as mãos nos quadris, os olhos brilhando adagas em nossa direção.

Anson ergueu o queixo alto, e ele deslizou em sua postura machista, oficial de correção. Aquele que não tirou nada de ninguém. —Algum problema?— ele chamou o homem que estava de guarda.

—É por isso que estou aqui. Para ter certeza de que não há.

—O que isso deveria significar?

—Anson, deixe isso. Vamos sair daqui.

— Não. —Anson passou por mim e invadiu o espaço do homem. —Você tem algum problema conosco comprando aqui?

—É meu trabalho ficar de olho nos problemas. E aquele homem há problemas. Eu já vi as notícias. Quando eles deixam assassinos e estupradores passear pelas ruas, alguém tem que garantir que nada aconteça e eles seguem a linha.

—Como é? É melhor encontrar um gerente agora, ou haverá um problema.

—Anson ...





Ele não me ouviu, mas sua voz e argumento levantados chamaram a atenção de mais compradores. O pessoal de outras filas parou e ficou olhando. Alguns fizeram a conexão de quem eu era e apontaram, sussurrando para os companheiros. Os caixas fizeram uma pausa no trabalho.

Minha visão esmaeceu nas bordas, e meu pulso disparou e pulsou junto com a minha dor de cabeça. Pressionei a palma da mão em uma orelha e balancei os pés. Desculpando-me, atravessei a multidão reunida. As pessoas saíram correndo do meu caminho como se eu fosse uma ameaça. Mães com crianças pequenas se encolheram, puxando os filhos pelas costas enquanto assistiam com olhos selvagens e medo.

No estacionamento, apontei para o jipe de Anson, mantendo a cabeça baixa. Estava trancado e eu não tinha chaves, então me encostei na porta do passageiro, enterrando o rosto nos braços.

Quando Anson tocou minhas costas uma dúzia ou mais minutos depois, eu me assustei. Sem uma palavra, ele me puxou contra seu corpo e me segurou forte, segurando minha cabeça contra seu ombro enquanto ele beijava minha têmpora.

— Sinto muito. Isso foi ridículo, mas eu não podia ficar lá e deixá-los te tratarem dessa maneira.

Eu não respondi. Não poderia.

Ele beijou o lado da minha cabeça uma última vez antes de se afastar e me examinar.

—Você está bem?





—Estou bem. Eu sou um garoto grande, chefe. Só não achei sábio ficar por aqui, já que minha presença estava causando uma cena.

Eu era a coisa mais distante, e causar uma cena não era por que eu corria, mas ele não precisava saber disso. Meu coração palpitante e pressão arterial elevada de lado, eu sabia quando não pertencia. E até agora, eu não tinha encontrado meu lugar neste mundo exterior. Se eu admitisse o tumulto girando e agitando no meu intestino dia após dia, Anson veria minha fraqueza.

Anson passou os polegares pelas minhas bochechas, embalando meu rosto. Segurei seus pulsos e os puxei para baixo e para longe, me puxando mais alto e apertando as rédeas de minhas emoções. —Estou bem— reiterei. —Vamos apenas chegar em casa.

— Tudo bem. Deixe-me por essas compras no jipe.

Fiquei surpreso que ele tenha ficado por perto e saído depois daquela explosão.



Capítulo Cinco

Às três e meia da manhã, olhei para a torradeira, com a faca de manteiga na mão, esperando o pão de centeio integral terminar de tostar. Eu fiquei acordado por duas horas, incapaz de descansar, com a mente girando enquanto repassava nossa excursão ao supermercado várias vezes.

Era como se o mundo inteiro tivesse se decidido sobre mim. Eu poderia não ter sido culpado aos olhos da corte, libertado para viver novamente entre a população, mas com que finalidade? O homem comum me via culpado de assassinato e uma ameaça a pé em seu ambiente outrora seguro. A especulação os fez se esconder porque, e se o júri estivesse errado?

A torrada estalou, e tomei o cuidado de tomar manteiga enquanto adicionava uma camada grossa de manteiga de amendoim. Depois de colocá-lo em um prato, cortei uma banana em pedacinhos e os coloquei por cima até cobrir a superfície.

Lavei minha faca, joguei a casca de banana e levei meu prato para a janela onde o céu ainda estava escuro, e as nuvens finas deram lugar a uma tela de estrelas acima. Comi, saboreando cada mordida enquanto os sabores se misturavam na minha boca e observava o céu noturno e a lua.





Anson dormiu esta noite. Minha fuga para a cozinha passou despercebida pela primeira vez em mais de uma semana. Ele precisava disso, especialmente desde que voltou ao trabalho. Eu sentia falta da companhia dele.

Depois que meu café da manhã terminou, limpei minha louça e bebi um copo de leite frio, um maior do que jamais teríamos recebido na prisão. Era uma novidade que eu ainda estava me acostumando.

Depois que eu comi, eu andei. Meu interior estava atado e nervoso, e nada funcionou para me acalmar. Parte de mim desejava que Anson acordasse e me encontrasse. A presença dele trouxe paz, e eu precisava disso agora.

Quando o relógio no micro-ondas marcava quatro e vinte e quatro, e ele não tinha chegado para me encontrar, preparei um café exatamente como ele gostava e subi as escadas. Seu alarme disparou às quinze para as cinco, e não demorei muito para aprender, o homem funcionava melhor a essa hora da manhã com um café quente nas mãos.

Além disso, eu precisava de alguns minutos de proximidade antes que ele corresse para o trabalho e o sol surgisse nessa vida nova e aterrorizante da qual eu não tinha certeza se gostava. Ele iria embora, e eu ficaria sozinho novamente, sem saber onde me colocar.

A porta de Anson estava aberta alguns centímetros, e sua respiração pesada adormeceu no corredor. Até este ponto, mantivemos nosso relacionamento de construção lenta fora do





quarto. Enquanto Anson ficaria feliz em saltar para a fase final, eu estava trabalhando com coragem para explorar algo que reprimi por mais da metade da minha vida.

Parte de mim temia que minha necessidade de conforto pudesse ser interpretada como algo diferente.

Entrei em pés silenciosos, dando aos meus olhos um minuto para me ajustar ao escuro. As pesadas cortinas da janela não estavam fechadas, então a lua crescente dava a tudo um brilho prateado. Coloquei o café na mesinha ao lado da cama e me dei um minuto para observá-lo enquanto ele dormia.

Ele estava de bruços, de frente para a direção oposta. Suas mãos estavam cruzadas sob o travesseiro apoiando a cabeça e as cobertas caíam no meio das costas. Suas costas nuas. Eu não sabia se Anson dormia nu ou de cueca, ou calças de dormir como as que ele me deu.

Uma dose de adrenalina percorreu minha pele.

Por mais de duas horas no andar de baixo, eu lutei com um pânico interno e chateado que não conseguia me livrar - como toda noite. Minha libertação me jogou nesse estado perpétuo de confusão e preocupação. Tudo que eu queria era me sentir relaxado por cinco segundos. Ver Anson, forte e esparramado na cama, teve o efeito oposto. Eu era a coisa mais distante da calma se o sangue aquecendo meu núcleo e centralizando na minha virilha me dissesse alguma coisa.





De acordo com o relógio de cabeceira, seu alarme tocaria em cerca de dez minutos. Se eu queria esse momento, precisava pegá-lo ou perdê-lo.

Eu só queria estar perto dele. Com desespero.

Ajoelhei-me na beira da cama, tomando cuidado para não mergulhar de repente, para que ele acordasse. Dormia. Cuidadosamente, eu me arrastei para o lado dele e me deitei ao lado dele. Sua respiração mudou. Ele se mexeu, virou a cabeça no travesseiro, mas não acordou. Com Anson de frente para mim agora, eu o vi dormir por mais alguns minutos, admirando esse homem que se esforçara para salvar minha vida. Este homem que me visitou na prisão, conversou comigo e, mais importante, o homem que acreditou em mim quando ninguém mais ouvia. O homem que me centrou e me aterrou, que trouxe paz ao meu coração tumultuado.

Estendi a mão e rocei as costas dos nós dos dedos ao longo de sua bochecha, aproveitando o arranhão áspero de sua nuca. Ele raspou a barba antes de voltar ao trabalho, de modo que apenas um dia se acumulou.

Os olhos dele se abriram. Apertando os olhos para o escuro, Anson processou a situação antes que os cantos da boca se levantassem.

—Ei, você.— O tom rouco de sua voz trouxe meu próprio sorriso.

—Pensei em te acordar com uma boa xícara de café quente antes desse alarme.





—É de manhã?

—Sim. Ainda não são quinze para as cinco. Quase.

Anson fez um ruído satisfeito e fechou os olhos novamente. —
Que legal. Você pode me acordar quando quiser.

Movi minha mão para as costas dele e tracei um padrão de cima a baixo na espinha. Sua pele estava quente como o sono pela primeira vez. Depois de alguns passes, Anson rolou para o lado. Por instinto, apliquei pressão no meio de suas costas, puxando-o para mais perto. Ele não hesitou.

Seu braço deslizou em volta da minha cintura enquanto nossos corpos se alinhavam. Anson enterrou o rosto na curva do meu pescoço e inalou, apertando os dedos na minha camiseta.

Um peso saiu dos meus ombros e a tontura que não me deixou desde a nossa viagem ao supermercado no dia anterior desapareceu.

Isso fez eu sentir-me bem. Tudo. Seu calor, a solidez de seu corpo e o toque explorador que viajava sob minha camisa e pela parte inferior das costas, franjavam minha pele.

Um rosnado suave escalou a garganta de Anson, e ele levantou o rosto, encontrando meus olhos no escuro. Nossos narizes batiam uma vez, duas vezes; então, sem hesitação, nossas bocas se uniram. No escuro, meus demônios recuaram, e era mais fácil passear pelos lugares que eu apenas sonhei.

Oito. Oito beijos espetaculares. Lembrei-me de cada um deles.





Mas Anson não estava contente em manter as coisas simples. Talvez ele achasse que me arrastar para a cama dele era um convite e, para o homem comum, deveria ter sido. Meu interior aqueceu, gostando de onde isso estava indo. Necessidade pulsou em minhas veias. Mas meu coração disparou com tanta indecisão e incerteza que não consegui recuperar o fôlego. Levou tudo em mim para não me afastar e pedir para ele diminuir a velocidade.

O aperto de Anson se firmou, seu corpo ficou tenso e sua língua procurou a minha de uma maneira que fez meu sangue cantar. Ele gemeu no beijo e me rolou de costas, aterrissando em cima, seu peso uma combinação de conforto e confinamento. Eu não conseguia entender todo o conflito crescente. O desejo, a hesitação, a necessidade, a relutância. Ele colidiu e fez minha cabeça girar.

Estávamos correndo de novo como se estivéssemos em uma ladeira descendente da montanha-russa mais alta, e meu estômago revirou e revirou. Parte de mim queria sair. Outra parte queria se segurar e aproveitar o passeio.

Um bipe de assalto atravessou o ar e Anson se afastou com um suspiro, depois um gemido. — Filha da puta! Sério?

O alarme dele.

Não sabia se estava agradecido pela interrupção ou tão irritado.

Anson saiu de cima de mim e o silenciou. De costas, ele esfregou o rosto e riu. — Eu finalmente te coloco de bom grado na minha cama e não há tempo para nada.





—Não há pressa.

— Eu sei. —Sua mão encontrou a minha no escuro, e ele a apertou uma vez antes de beijar meus dedos. —Você está indo bem?

— Estou bem.

—Você está acordado há muito tempo?

—O habitual.

Ele suspirou. —É a cama ou a sua cabeça? Essa coisa de insônia me preocupa.

—Vou tentar tirar uma soneca hoje enquanto você estiver fora.

—Por favor.

—Você poderia colocar esse número no meu telefone antes de ir? Eu gostaria de ligar para o lugar que Cynthia estava falando.

—Com certeza.— Ele rolou para o lado e colocou uma perna sobre a minha. Segurando minha bochecha, ele me puxou para encará-lo. —Fale sobre ontem.

—Estou bem. As coisas vão morrer, certo? Foi o que você disse.

— Todos acreditarão. É porque ainda está fresco. As pessoas vão esquecer, e isso não vai mais acontecer.

Eu gostaria de poder acreditar.

—Eu ouvi algo sobre café?

Afastando-me de seu aperto, sentei-me na beira da cama e ofereci sua caneca. —Não queria que você corresse por aí e não tivesse tempo para se divertir.





Anson tomou um longo gole e fez um barulho contente. —Mm ... suco de cérebro. Gente, como é bom isso. Obrigado.

Enquanto Anson tomava banho, voltei para a cozinha e fiz um café da manhã para ele. Mesmo com a minha ajuda, ele era como o Coelho Energizador, percorrendo a casa como se o mundo terminasse nos próximos cinco minutos. Sua bunda nem sequer bateu na cadeira para comer sua torrada hoje. Ele deu mordidas aleatórias enquanto passava a camisa do uniforme, fazia uma ou outra coisa no telefone e embalava um almoço.

O tempo todo, sentei-me e o observei sair de um lugar para o outro.

—E onde está seu telefone? Eu deveria colocar esse número antes que eu esqueça.

Eu tive que procurar porque, ao contrário de todos neste novo mundo, não estava no meu bolso ou na minha pessoa.

Anson me preparou antes de subir na porta da frente para amarrar suas botas. Eu o conheci no corredor, e hoje, ele parou o tempo suficiente para beijar minha bochecha e esfregar meu braço. —Me mande uma mensagem se precisar de alguma coisa. Eu estou aqui viu.

—Certo, chefe. Eu estou...

—Certo. Eu sei. Você continua dizendo isso. Não tenho certeza se acredito nisso. Eu te conheço, Bishop. Você não precisa ser forte para mim.

Então ele bateu no chão correndo, pela porta, no jipe e pela estrada até desaparecer de vista.





Esperei até as nove da manhã antes de ligar para o número que Cynthia havia enviado para o Projeto Inocência. Eu não sabia o que tudo o que eles podiam fazer por mim, mas de alguma forma, saber que eles existiam já parecia um bálsamo para a minha alma. Se alguém entendesse esse sentimento de perda e deslocamento, seria uma base que funcionasse com pessoas como eu.

Quando um homem respondeu, eu me apresentei e expliquei minha situação e como consegui o número deles. Eu era uma notícia quente na mídia, então ele sabia exatamente quem eu era antes de terminar minha história.

—O que você está sentindo é cem por cento normal, Bishop. Acredite em mim. O que eu posso fazer agora, se você estiver interessado, é um dos nossos patrocinadores. Temos homens que já percorreram esse caminho antes e o conquistaram que estão dispostos a ajudar. Essa pessoa pode ajudá-lo nos ajustes do dia-a-dia, ajudá-lo a encontrar trabalho, se é isso que você deseja, ou até mesmo ajudá-lo a adquirir a documentação para conseguir emprego, se você não o tiver mais. Muitas vezes, as pessoas encarceradas desde que você não saiba mais onde estão as certidões de nascimento ou onde localizar o número de segurança social. Se você quisesse uma carteira de motorista, eles também poderiam levá-lo através desse processo. É esmagador, e nós entendemos.

—Eu realmente gostaria de ser capaz de sair sem meu coração tentar romper meu peito.





O homem, que se chamava Carson, riu. —Eu conheço esse sentimento.

— Sim?

—Sim, senhor. Passei doze anos trancado antes de me exonerarem em 98. Não é um processo fácil.

—Acho que gostaria de conversar com um desses patrocinadores, se pudesse.

—Vou fazer algumas ligações. Eu tenho um cara perfeito em mente. A história dele não é diferente da sua. Posso dar a ele seu nome e número de telefone?

—Sim, por favor. Ainda não sei como fazer o email, por isso, se pudermos evitar isso, eu agradeceria.

— Sem problemas. Dê-me uma hora ou mais para entrar em contato com esse cara, e se ele estiver disponível, eu vou ligar para você. Se ele não estiver, eu vou encontrar outra pessoa. Deixe isso comigo. Você não está mais sozinho.

— Obrigada. Eu aprecio muito isso.

Enquanto esperava, vaguei pelo quintal, sentado na grama como no dia anterior e aproveitando o sol na minha pele, onde não havia outras pessoas por perto para me olhar, sussurrar e apontar. Demorou duas horas para o meu telefone tocar. Eu trouxe comigo, seguindo o conselho de Anson para mantê-lo por perto.

Lembrando que eu tinha que deslizar para atender, liguei a ligação. —Alô?

— Olá. Este é o Bishop Ndiaye?





—É.— Arranquei em pedaços aleatórios de grama enquanto ouvia.

—Ei, cara, meu nome é David. David Menard. —Sua voz era áspera como a de um fumante pesado. —Sou patrocinador do Projeto Inocência, e Carson me ligou e disse que tinha um cara novo do lado de fora que precisava de um amigo.

Eu ri, mas meus olhos lacrimejaram ao mesmo tempo. —Esse seria eu. Você não faz ideia.

—Na verdade, aposto que sim. Carson disse que você está morando em Onalaska, está certo?

—É.

—Não estou muito longe. Estou do lado de fora de Houston. O que você diz que planejamos um café para conversar e conversar?

—Eu não ligo muito para o café, mas gostaria dessa parte do bate-papo.

—Minha tarde está agitada hoje, mas estou livre amanhã de manhã. Que tal?

—Não tenho para onde estar. Se você não se importa, eu gostaria de evitar sair. Você se importaria de vir para casa? Sei como fazer café, mesmo que não o beba.

O sorriso de David apareceu em seu tom. —Isso funciona para mim.

— Hmm... Carson disse que você e eu não somos muito diferentes. Isso é verdade?

—É verdade, cara. Eu vi sua história no noticiário. Passei 23 anos no corredor da morte. Fui exonerado e enviado para um





mundo que não conhecia mais. Qualquer família que eu tinha deixado me abandonou. Eu não tinha ninguém. Eu estava perdido. Quatro semanas do lado de fora, e tentei tirar minha vida. Passei mais duas semanas no hospital depois disso. Foi meu advogado quem me apresentou ao Projeto Inocência. Ele era o único amigo que eu tinha na época, e isso é muito triste, não é? Ele veio e sentou comigo no hospital, mesmo quando não precisava. Devo a ele minha vida.

—Bishop, eu sei como é pisar fora dos muros da prisão e sentir que você aterrissou em um planeta diferente. Eu sei do jeito que você provavelmente está sendo tratado e todos esses pensamentos questionáveis gritando em sua cabeça noite e dia, tornando impossível dormir. Eu não quero que você siga o mesmo caminho que eu segui. Pode não parecer agora, mas fica melhor. Fica mais fácil.

—Espero que sim. Eu sinto que não sei mais quem eu sou. Como se eu tivesse perdido minha identidade no minuto em que eles me deixaram sair. Fico com medo das coisas mais estúpidas.

—Isso era de se esperar. Deixe-me dar meu número pessoal. Amanhã, passarei por aqui e podemos conversar e ver que tipo de ajuda você acha que precisa, mesmo que seja apenas alguém com quem conversar. Sem pressão, sem grandes expectativas, apenas um bate-papo. Você e eu...

— Tá bom.

Fui para dentro para encontrar uma caneta e papel. Trocamos informações e planejamos nos encontrar no dia seguinte





às dez da manhã. Até a nossa curta conversa no telefone resolveu minha mente. Eu não estava pronto para pular e correr para a loja, mas o desconforto contorcido e os pensamentos acelerados que me seguiram por dias a fio se dissiparam.

Passei o resto do dia lendo no convés. Eu me acostumei ao quintal e à abertura que me cercava. A alta cerca de privacidade ajudou alguns. A van de notícias não estava de volta, mas eu aprendi a não confiar em sua ausência. Pelo que eu sabia, estava escondido na esquina, esperando eu sair pela porta da frente.

Anson chegou em casa por volta das quatro. Ele caiu na mesa da cozinha com um grunhido. —Deus, que dia longo.

—Está tudo bem?— Ele não mencionou se houve problemas ou se os rumores se espalharam ou pioraram.

—Esta tudo bem. O que você queria jantar hoje à noite?

Por ter esquentado uma lata de sopa às três e meia, eu não estava morrendo de fome, mas não queria que Anson soubesse o quanto era difícil para mim quebrar essa rotina da prisão, então eu disse: —Adoraria acender a grelha.

—Eu adoraria isso também. Eu poderia juntar alguns hambúrgueres e uma salada, se você quiser.

—Deixe-me lhe ajudar. Eu só preciso que você me aponte na direção certa, e eu devo ficar bem.

Juntos, trabalhamos no jantar. Foi bom contribuir e não ficar de fora assistindo. Minhas habilidades não eram ótimas, mas estavam melhorando. Talvez fosse a minha confiança que estava crescendo.





Anson apimentou a carne moída e a transformou em rissóis circulares perfeitos enquanto eu cortava legumes para entrar em nossa salada. Eu estava no meio de uma pimenta verde quando a luz do teto capturou a borda da lâmina, refletindo de volta nos meus olhos. Isso foi o suficiente para que a realidade escapasse.

Eu não estava mais na cozinha, ajudando no jantar. Eu estava sentado no chão em uma sala destruída, poças de sangue ao meu redor, corpos caídos no chão enquanto apertava a faca com tanta força que meus nós dos dedos ficaram brancos.

Num piscar de olhos, eu estava de volta ao presente, mas a breve visão me fez ofegar, e a faca caiu no chão enquanto eu me afastava do balcão. A imagem horrível do meu passado desapareceu tão rápido quanto parecia, mas deixou sua marca como uma contusão em minha mente.

—Você está bem?— Anson tocou meu braço e eu me afastei dele enquanto trabalhava para recuperar o fôlego.

—Estou bem. Desculpe. Simplesmente... Quase me cortei. Não quis pular fora assim.

Ele pegou minhas mãos, acariciando sua superfície com toques suaves enquanto as examinava. —Você parece bem.

—Eu sou. —Eu tirei minhas mãos das dele e sacudi o pânico momentâneo. —Eu vou continuar.

Anson não voltou a fazer hambúrgueres imediatamente. Senti o calor do seu olhar quando peguei a faca e continuei com o meu trabalho. Meticulosamente, piquei os vegetais restantes, sempre atento à faca na minha mão, mantendo essas lembranças





assustadoras à distância. Eu não tinha esses flashbacks em anos e não gostei nem um pouco.

Depois que os hambúrgueres começaram, sentamos no convés, Anson com os olhos fechados, o cansaço presente em todo o corpo, eu no limite, ainda desequilibrado a partir daquele momento na cozinha. Por que tudo isso estava voltando à tona?

Não querendo me concentrar nisso e arriscar a minha fraqueza, estudei Anson.

—Você parece exausto.

—Estou bem. Apenas um dia difícil. —Ele olhou para mim e forçou um sorriso antes de fechar os olhos novamente. —Ray está falando sobre me mudar de volta para B desde que você se foi. Eles têm pouco pessoal nessa área e é um dos quarteirões mais movimentados.

—Você voltaria com todos os seus velhos amigos. Essa é uma boa jogada, certo?

Anson deu de ombros. —Sim, está tudo bem, eu acho. Javi ficou feliz em ouvir isso.

— Quando?

— Não sei. Muito em breve.

Ele não ofereceu muito mais informações, e tive a sensação de que ele não queria discutir trabalho ou voltar ao bloco B.

—Conversei com um cara do Innocence Project hoje. O nome dele é David. Ele vem pela casa amanhã para que possamos conversar.

Anson abriu os olhos e levantou uma sobrancelha. —Ah, é?





—Sim. Ele estava no corredor da morte vinte e três anos antes de ser exonerado. Então ele entende. Tudo o que ele estava dizendo ... Era como se ele pudesse ler meus pensamentos.

Anson voltou sua atenção para o céu e assentiu. —Bom. Isso é bom. Estou feliz que você tenha alguém com quem conversar. — Sua linguagem corporal me disse que ele não estava sendo honesto ou que estava chateado. Eu não conseguia entender o porquê.

Eu o estudei, mas ele não disse mais nada.

Inquieto, levantei-me e verifiquei os hambúrgueres, saboreando o cheiro de carne queimada. A brisa aumentou desde aquela manhã, baixando a temperatura em cerca de cinco graus. Agora estava frio enquanto o sol beijava o horizonte. Nuvens grossas pairavam baixas no céu, cinzentas e pesadas com a chuva que caía.

—Como eles estão?— Anson tocou meu cotovelo, me assustando. Eu não o ouvi se aproximar.

—Quase pronto, eu acho.

—Bom. Vamos comer lá dentro. Parece que vem chuva.

Nós comemos em silêncio na pequena mesa da cozinha, Anson longe dentro de sua cabeça, eu com minhas próprias emoções confusas.

Ele parecia cansado. Todo o seu corpo cedeu, e ele precisou apoiar a cabeça em um braço durante toda a refeição. A marca ao lado de seus olhos estava machucada hoje e um pouco inchada, mais óbvia do que no dia anterior, e desviou a atenção das sombras escuras, indicando sua falta de bom sono nas últimas semanas.





—Que tal um filme depois do jantar?— Eu sugeri, tentando puxá-lo para a conversa.

Ele piscou para fora do funk e se concentrou no meu rosto. — Com licença?

—Um filme. Você quer assistir um filme depois que comermos? Nós podemos nos aconchegar debaixo de um cobertor. —Eu sorri, esperando que minha sugestão dissipasse o que o estivesse incomodando. —Não tenho certeza se tenho espaço para pipoca.

Um traço de sorriso virou sua boca. — Parece ótimo. Eu gostaria disso, mas você tem certeza?

—Tenho certeza. Você vai pegar alguma coisa, já que eu não tenho idéia sobre filmes hoje em dia, e eu vou limpar a cozinha.

Depois que Anson desapareceu na sala, peguei nossos pratos e os lavei com água da torneira antes de colocá-los na máquina de lavar. Limpei os balcões e parei, examinando para garantir que tudo parecia arrumado.

A chuva começou a cair, tilintando contra a vidraça acima da pia. As nuvens eram cinza ardósia, mais escuras pela noite invasora e pelo sol poente. Uma brisa aumentou, e os carvalhos no quintal balançavam.

Fiquei alguns minutos junto às portas deslizantes, olhando para o outro lado do convés e vendo a chuva cair. O ritmo constante era calmante e hipnotizante. Abrindo a porta, aproximei meu nariz, inspirando. O clima tinha um perfume específico, e eu não tinha certeza de quantas pessoas o perceberam. Estando por dentro por





tanto tempo, fiquei em sintonia com as correntes cambiantes no ar. O sol, a chuva, a escuridão da meia-noite, tudo carregava seu próprio cheiro.

Uma mão caiu no centro das minhas costas. Anson beijou meu ombro e me deu uma cutucada. —Vamos. Vamos sair por um minuto e sentir. Não vai te matar.

Desta vez, eu não resisti. Anson pegou minha mão e abriu as portas, me puxando para o convés. O cheiro da natureza me cercou, mais pungente à medida que se saturava. Eu levantei meu rosto para o céu escuro, fechando os olhos enquanto as gotas de chuva tomavam conta de mim, pingando minhas bochechas e do meu queixo e rolando pelos meus lábios onde eu podia sentir o gosto.

Não havia palavras para descrever a sensação. Era como se os céus soubessem dos meus problemas em andamento e estivessem me dando esse presente, banhando-me em paz e satisfação. Foi glorioso.

Pingos de chuva escorriam do meu nariz e escorriam pela minha nuca sob o colarinho da minha camisa, seguindo a curva da minha espinha. Minhas roupas estavam absorvendo e ficando mais pesadas com água. Eu não me importava. Continuei ali de pé, com o rosto virado para o céu e um sorriso esticado de orelha a orelha. Não importa o que Maw Maw disse todos esses anos atrás. Se eu pegasse minha morte pelo frio, valeria a pena.

Um par de mãos com dedos gelados agarrou minhas bochechas e puxou meu rosto para baixo. Eu pisquei, abrindo os olhos, as gotas molhadas caindo dos meus cílios enquanto olhava





para um sorridente Anson que estava tão molhado quanto eu, seu cabelo saturado grudado na testa.

Ele não disse nada. Ele ficou na ponta dos pés e me beijou. de forma totalmente aberta.

Nove. E foi o melhor beijo de todos.

Rejuvenescido, passei meus braços em torno de seu meio e o puxei para mais perto, nossas roupas molhadas grudando enquanto nossos corpos se alinhavam. A presença sólida de Anson era tão reconfortante quanto a chuva.

Anson rosnou profundamente em sua garganta e levou nosso beijo a um nível que nunca nos aventuramos. Estava com fome e desesperado. Ele me apoiou contra o parapeito, roçando as unhas no meu couro cabeludo enquanto mantinha nossas bocas juntas. Sua língua explorou, deslizando contra a minha enquanto mais sons escapavam de sua garganta.

—Juro por Deus, se você quiser me foder bem aqui no convés na chuva, você pode. Eu sei que isso é novo para você ... —Ele mordeu meu lábio inferior e apertou nossas metades inferiores. — Mas eu quero você e tudo isso muito.

—Anson —Ele engoliu meu protesto antes que eu pudesse, batendo os dentes contra os meus enquanto ele esmagava nossas bocas. Eu cedi - por um segundo - antes de empurrá-lo de volta. — Anson, por favor.

Ele lutou para recuperar o fôlego, apoiando a testa na minha. A chuva continuou nos banhando, escorrendo em um fluxo constante pelo meu rosto e pelo nariz.





Anson pegou minha mão e a colocou na frente da calça jeans.
— Sabe o que faz comigo?

A noite fria não fez nada contra o fogo queimando em meu núcleo. Minhas narinas se alargaram quando eu respirei fundo. Deus do céu, eu nunca havia tocado em um homem assim.

Ele guiou meus movimentos, incentivando-me a esfregá-lo, e eu não me afastei. Eu queria, mas não sabia como fazer meu corpo se acalmar o suficiente para pegar a onda. Envergonhado e envergonhado com a minha inexperiência, fechei os olhos enquanto ele movia minha mão sobre sua excitação. Tornou-se mais firme com o meu toque - assim como o meu.

—Fale comigo— ele sussurrou contra o meu ouvido. —Por que você está tão hesitante? É porque é novo? Porque você tem medo de errar? Você não vai. Eu juro. Todo mundo tem que ter uma primeira vez, Bishop. Nunca é perfeito, mas não precisa ser tão longo quanto é nosso.

—Eu quero.

Abrindo os olhos, minha mão ainda pressionada contra a ereção de aço de Anson, estudei a luxúria e o desejo irradiando dele. Pingos de chuva caíam por seu rosto, pingando seus cílios e sendo pego em sua nuca. Sua camiseta estava encharcada. Eu não estava melhorando.

A expressão no rosto de Anson me disse que ele estava esperando por orientação, esperando que eu dissesse a ele que estava tudo bem em prosseguir. Conflito, não querendo que ele me visse fraco ou com medo, tropecei no que dizer. Eu queria ir mais





longe, mas Anson estava correndo de novo, e temia que, se continuássemos nesse ritmo, nunca conseguiria acompanhar. Eu tinha certeza de falhar ou decepcionar.

—Podemos entrar agora? Estou bem molhado, e você também.

Ele não respondeu imediatamente, mas soltou minha mão - a que ele colocou na frente da calça.

Lá estava. Decepção, e eu me odiava por causar isso.

Ele foi se afastar, mas eu o puxei de volta contra o meu corpo e levantei meus dedos no botão de seu jeans, meu coração cantando como um cavalo de corrida no trecho final. Havia algumas coisas em que eu era bom porque tinha muita prática. Não poderia ser tão diferente fazer isso com outra pessoa, poderia?

—O que você está fazendo?— Sua respiração engatou quando ele se agarrou com um punho à minha camisa molhada.

Eu não respondi - não tinha certeza se poderia trazer as palavras para minha garganta e dizer em voz alta.

Melhor mostrar a ele.

Tremendo - e não de frio - apertei o botão e puxei o zíper para baixo antes de deslizar minha mão dentro de suas calças e boxers, onde segurei sua ereção quente, sólida e rígida, mas suave e enfraquecido nos joelhos.

—Jesus. Sim. —Ele deixou cair a testa no meu peito e pressionou os quadris para a frente, me incentivando.

Eu nunca tinha tocado em outro homem assim antes e encontrei meu corpo respondendo quase que instantaneamente. O





fogo no meu núcleo cresceu para um inferno, e minha virilha se apertou, pulsando com sua própria necessidade de atenção.

Anson não reclamou, então eu continuei.

Quando a chuva caiu ao nosso redor, nos encharcando até os ossos, agarrei esse momento que trouxe tantas emoções avassaladoras à superfície e corri com ela.

Os barulhos que Anson fez me deixaram louco. Eu usei uma noção do que achei que ele iria gostar - uma que eu havia praticado em mim mesmo. Não demorou muito tempo antes que suas unhas cravassem na minha pele, e ele estava ofegando em staccato, respirações descontroladas, seu corpo vibrando.

—Bishop ... Eu estou... Merda Meu Deus.

Seu corpo ficou rígido, e a umidade quente cobriu meus dedos quando ele estremeceu e gemeu contra o meu peito. Quando passou, ele ficou mole nos meus braços. Eu o peguei e segurei firme, deixando-o absorver todo o efeito de seu orgasmo.

—Seu coração está acelerado— ele murmurou depois de alguns minutos.

—Tudo bem se eu ficar?— *Foi o suficiente por enquanto?*

—Foi incrível.

Ele levantou o queixo, as bochechas coradas contra a pele pálida.

—Devemos sair da chuva.

—E você e isso?— Ele segurou minha ereção através da minha calça de moletom e apertou, enviando um pulso de prazer sobre a minha pele.





Eu ri, minhas bochechas em chamas. —Hum ... talvez dentro.

Esses planos provisórios fracassaram. Uma vez lá dentro, Anson foi tomar banho enquanto eu encontrava algo seco para vestir. Ele montou um filme na televisão na sala de estar, e o grande cobertor da cama estava lá e esperando. Eu me arrastei por baixo, buscando calor, já que estava com frio por ficar tanto tempo na chuva, e adormeci antes que Anson terminasse o banho.

Em vez de me acordar, ele se arrastou para baixo e se juntou a mim, aconchegando-se perto, e foi lá que dormimos. Juntos. Toda noite?

E foi a primeira noite em que não acordei e fui até a cozinha.



Capítulo Seis

A porta tocou às dez para as dez da manhã seguinte. Eu andava lendo desde que Anson tinha ido trabalhar, mas estava inquieto, antecipando essa reunião com David e discutindo sobre as atividades sexuais de Anson e minhas na noite anterior.

Se eu não tivesse caído no sono, o que teria acontecido?

Repetidas vezes, revivi a sensação e euforia de trazer prazer a Anson. Os sons que ele fez quando eu o levei ao clímax ainda soavam na minha cabeça, e eu tive que cuidar de minhas próprias necessidades duas vezes naquela manhã já apenas para entender as coisas. O tempo todo, imaginei que era a mão dele me acariciando, Anson me trazendo prazer.

Como seria ter outro homem fazendo isso?

Mais e mais, eu queria descobrir.

Quando abri a porta, fui recebido por um rosto sorridente atrás de uma barba grossa prateada e ruiva. Os óculos de sol aviador estavam no topo de uma montanha de cabelos encaracolados, que quase chegavam aos ombros do grandalhão.

David era um cara corpulento, grosso no meio, a barriga pendurada sobre o jeans com cinto por vários centímetros, mas seus braços tatuados não eram flácidos ou carnudos. Eles eram





musculosos e esticaram sua camiseta. Ele usava botas de caubói e uma coleção de pulseiras de prata no braço direito. Um forte cheiro de cigarro pairava no ar ao seu redor. Combinado com as manchas amarelas nas unhas e a voz rouca que ouvi por telefone, achei que David era fumante de longa data.

Havia uma certa vantagem nele que me fez pensar que ele não pareceria deslocado dirigindo uma Harley. Ele era vários centímetros mais baixo que eu - mas a maioria das pessoas era - e uns dez anos ou mais, mais velho. Ele teve uma presença sobre ele que veio de ter passado muitos anos no interior.

—Bishop Ndiaye, eu presumo?

—Esse sou eu. —David bateu a palma da mão na minha, tremendo com um aperto firme, seu sorriso nunca vacilante. — Entra. Pensei que poderíamos sentar na sala de estar.

—Onde você estiver confortável, companheiro.

Eu sorri, certo de que ele não iria querer sentar no chão no canto da cozinha.

David se abaixou no sofá com um gemido, braços grossos apoiando as costas do sofá de ambos os lados enquanto olhava ao redor. —Que casa legal.

—Anson trabalhou duro para renovar.

—Anson... Ele seria o oficial de correções de Polunsky onde você estava, correto?

— Isso está correto.

David me estudou, perguntas não feitas pairando no ar entre nós.





—Ele é um amigo— acrescentei.

—Isso é o que eu li.

—Posso pegar um café para você?

—Isso seria fantástico. Eu gosto de preto como a noite. Nada mais, obrigado.

Pedi licença para a cozinha e liguei o Keurig. Com o café acabado de fazer, voltei para a sala, colocando-o na mesa de café.

—Presumo que você ainda não tenha gostado da bebida do diabo, não é?

Eu me acomodei em uma cadeira oposta ao sofá. — Não. Anson me fez uma caneca quando saí, mas não consegui beber. Ele parece gostar bastante por nós dois.

David riu, sua voz rouca se transformando em uma tosse fleumática. —Dê tempo ao tempo. Você quer continuar do lado de fora, vai aprender a amar essa merda.

David tomou um gole de café e pousou, olhando para mim. — Que tal eu contar um pouco sobre mim? Facilita-nos para a conversa. Suponho que todo esse mundo ruim do outro lado dessas barras parece demais agora, certo?

—Vou continuar tentando.

David assentiu, entendendo nos olhos dele. — Eu sei que sim. E eu sei que não é fácil. Eles me trancaram quando eu tinha dezoito anos por quatro acusações de assassinato em primeiro grau. Minha mãe, meu padrasto e minhas irmãs gêmeas de nove anos. Todos foram encontrados mortos em casa em suas camas. Eu tinha motivo e oportunidade, sem álibi, e todas as evidências





apontavam para um adolescente zangado em busca de vingança, porque ele não recebeu a atenção que achava que merecia.

Meus olhos se arregalaram e David riu antes de começar a tossir novamente.

—Incrível, não é?— Seu sorriso desapareceu e foi substituído por uma mágoa há muito tempo que ele não conseguia esconder. — Eu fui a resposta fácil. Desde que minha mãe começou essa segunda família, fiquei na lama, um lembrete de sua antiga vida. Professores e vizinhos viram esse adolescente indignado que sempre lhes dava um tempo difícil e que sempre brigava com o padrasto. Alguém que não se encaixou. Depois que eles me perseguiram como o principal suspeito, eles pararam de procurar alguém que pudesse estar envolvido. Eu fazia sentido. Assinalei todas as suas caixas. Eu era a resposta perfeita. Por que olhar mais longe quando você tem certeza de que tem o homem certo? Vinte e três anos depois, as evidências de DNA me exoneraram e Jamail Rodriguez, um antigo cliente de meu pai, se declarou culpado. Ele está atrás das grades e nunca mais verá a luz do dia.

— Uau.

—Sim. Mas eles tiraram algo de nós, Bishop. Algo que nunca voltaremos. Eles acham que, ao abrir as portas das celas e nos deixar andar livres ou nos dar uma compensação considerável por anos injustamente cumpridos, isso mudará o fato de que passamos os primeiros anos de nossas vidas atrás das grades. Quando você perde grande parte da sua vida e vive em solitário como nós, não





pode voltar ao mundo e espera ficar bem. Isso nos afeta. Aqui, em cima. —David bateu na têmpora.

Ele se puxou para a frente no sofá e apoiou os cotovelos nos joelhos, prendendo-me com um olhar sério. —Deixe-me apostar em todas as coisas com as quais você está lutando agora. Pare-me se eu estiver errado. Tudo é muito grande, muito aberto e espaçoso. Há muitas pessoas por aí. —Ele apontou para a porta da frente. fazer muito barulho. E tudo, *tudo* se move muito rápido para você processar. O mundo está correndo ao seu redor, e você não pode acompanhar.

Meus olhos ardiam, mas tudo que eu podia fazer era ouvir.

—Sua rotina está desligada, e você apreende esse pouco de familiaridade o máximo que pode, porque é uma das poucas coisas que lhe dá conforto e que você pode controlar. Tudo, desde fazer suas próprias escolhas, até dormir em uma cama confortável, não parece certo. Você está confuso porque parte de você quer voltar para dentro, onde tudo parece normal, mas você lutou por sua liberdade, você lutou por *esta*. — Ele apunhalou um dedo na mesa de café, pontuando suas palavras. —Não faz sentido.— Ele parou, olhando um buraco através de mim antes de assentir, conscientemente. —Você está com medo. Você se sente sozinho aqui, como se ninguém pudesse te entender. Estou certo?

—É exatamente isso.— Limpei o nó da garganta. —Anson me pergunta o tempo todo se eu estou bem...

—E você diz a ele que está bem porque fomos treinados por muitos anos para esconder fraquezas, não é? A fraqueza na prisão





mata você. Você tem que ser forte e feroz, e não há espaço para essa besteira emocional em que você está se afogando, mas não pode fazê-lo parar. —

— Exatamente e tudo isso. Toda palavra.— Coloquei meu queixo no peito e esfreguei minha cabeça. —O que eu faço? Como faço para parar? Odeio isso.

—Deixe-me dizer uma coisa, e eu quero que você ouça bem. Espero que você tenha prestado atenção.

Eu encontrei os olhos de David, esperando que ele continuasse.

—Você não está sozinho, bispo. E tudo bem ter medo. E eu *faço* entender cada última coisa que você está sentindo. Tudo. Meu erro quando fui libertado não foi estender a mão e pedir ajuda quando as paredes estavam desmoronando ao meu redor. Eu estava muito ocupado tentando ser o prisioneiro mais durão que costumava ser, e ignorei o fato de que estava desmoronando. O mundo exterior estava lentamente me destruindo. Eu não sabia como morar aqui e não sabia como pedir ajuda. Ficou cada vez pior, até que um dia, foi encontrar uma maneira de me jogar de volta na articulação ou acabar com tudo. Eu escolhi o último porque não sou o criminoso violento que eles pensavam que eu era por todos esses anos e não queria machucar outras pessoas só porque não estava bem.

—Eu não quero acabar assim, mas sinto cada coisa que você acabou de dizer.





— Foi o que pensei. —David tomou um gole de café. —Quer falar sobre isso?

Suspirei e coço a parte de trás do meu pescoço. Pela primeira vez, senti que poderia me libertar sem o medo constante de parecer fraco. David entendeu. — Estou sim. —Examinei a sala, sem saber por onde começar. —Estou impressionado. Com tudo. Tarefas simples que não devem ser um grande problema são enormes. Como sair ou ir à loja. A princípio, até o quintal me assustou. Havia tanto espaço e eu... Como posso descrevê-lo?

—É sufocante.

—Sim. Quero dizer claustrofóbico, mas isso é meio oposto, não é?

—É uma boa maneira de descrevê-lo. Os especialistas chamariam de agorafóbico. É comum para caras como nós. Fora parece inseguro, imprevisível, desconhecido. Então nós surtamos. Não parece bom sair por aí, então não fazemos isso. Torna-se um hábito. Então você fica preso nessas quatro paredes o tempo todo.

—Mas eu sei que na minha cabeça é ridículo e preciso superar isso.

—Com o tempo. Terá. Por vinte anos, seu mundo inteiro foi uma pequena cela. As paredes não ultrapassavam os poucos metros em qualquer direção. Aposto que até estar dentro desta casa parecia grande a princípio. À medida que você se estabilizar, se sentirá mais seguro e sair para fora não causará as mesmas reações.





—O quintal está mais confortável agora. Passei um tempo lá fora um pouco mais.

—Veja. E quanto mais vezes você tentar sair, mais fácil será. Não fique sozinho. Se seu amigo, Anson, ajuda você a se sentir fundamentado, verifique se ele está com você. Ter uma âncora é vital. E não defina objetivos enormes imediatamente. Vá devagar. Se as lojas forem muito grandes, caminhe pelo quarteirão algumas vezes à noite. Acostume-se ao meio ambiente. Então, quando estiver confortável, tente empurrar um pouco mais. Em seguida, experimente um café até altas horas da noite, onde as multidões são menores ou dê uma volta pelo shopping em uma manhã de domingo. Você me pegou?

Eu assenti, mas fiz uma careta. —O que não ajuda é a mídia. Meu rosto tem sido notícia nas últimas semanas e, quando tentei sair, as pessoas me encaram como se eu fosse atacá-las ali mesmo na loja. Eles me veem como um criminoso. Um assassino que eles deixaram sair da prisão.

David suspirou. —Foi um passo difícil para mim também. Não vou mentir, Eu tive o mesmo problema. Eu era o rosto do homem que matou toda a sua família enquanto eles dormiam em suas camas. Não importava que eu fosse exonerado, eu ainda era o vilão.

—O que você fez? Isso para? As pessoas continuam e esquecem?

— Sim, acho que sim. Para ser sincero, fazia parte da minha ruína. Parte do que me levou ao hospital. Até a força policial local,





que deveria saber melhor, costumava me perseguir pela minha pequena cidade, olhando e esperando que eu fizesse algo errado. Quando saí do hospital, me mudei para tirar o calor.

—Mudou-se?

—Mudei-me da Califórnia para o Texas.

— Oh.

—Sim. Eu estava em San Quentin, não aqui. Eu era originalmente de Napa, e pensei que retornar a um lugar familiar seria útil. Não foi. Doeu mais do que tudo. Vir para o Texas foi o começo de uma nova vida para mim. As pessoas aqui não sabiam quem eu era. As notícias não chegaram tão longe.

Derreti-me no sofá, minha esperança de um amanhã melhor se dissolvendo. Anson plantou raízes aqui no Texas. Ele já tinha fugido de uma situação ruim. Não havia como ele querer correr novamente. Ele tinha sua casa, seu emprego, amigos e eu - um fardo crescente.

—Não significa que é isso que você tem que fazer. Você tem o direito de viver nesta cidade como qualquer outra pessoa. Ainda é novo. Dê tempo ao tempo.

Eu me mexi na cadeira e espiei as pesadas cortinas que cobriam a grande janela da sacada. Mais de uma vez, eu queria afastá-los e deixar o sol entrar. —E se eu desse a esses repórteres outra chance e respondesse suas perguntas? Isso ajudaria, você acha?

— Provavelmente não. Tudo o que faria é manter o rosto renovado nas notícias. Melhor deixá-los ficar entediados e ir





embora. Quanto mais cedo eles encontrarem histórias mais interessantes, melhor.

David terminou o café. Meu humor havia despencado, e ele sentiu.

—Como você está dormindo?

—Não muito bem. Eu me sinto muito inquieto o tempo todo. Agitado.

—Você tem um lugar?

Eu encontrei o seu olhar. —Me desculpe?

—Um lugar para onde você vai faz tudo aqui se acalmar.—

Ele bateu na têmpora. —Para mim, foi o banheiro. As paredes eram tão próximas quanto as da minha cela. Se eu apagasse as luzes, poderia fingir estar de volta lá. Isso me faz sentir melhor.

Um lugar —Sim. Há um canto na cozinha onde eu gosto de sentar e olhar pelas portas do pátio para o quintal.

—Não há nada de errado nisso, você sabe.

Eu não sabia. Desde o meu lançamento, eu pensava em pensamentos depreciativos porque via isso como um sinal de fraqueza. Toda vez que Anson me encontrava lá, eu tinha vergonha e vergonha.

Nossa conversa mudou e virou-se para muitas coisas diferentes. Não havia uma direção definida, mas era bom desabafar com alguém que esteve lá.

—Você já pensou em conseguir um emprego algum dia?

—Talvez. Eu não sei o que eu faria. Eu não tenho educação além do ensino médio.





—Você pode fazer alguns cursos na faculdade local.

— Talvez.

—Uma das coisas com as quais os exonerados lutam é localizar os papéis de que precisam para se reintegrar no mundo. Certidões de nascimento, diplomas do ensino médio, números de previdência social. Você precisa dessas coisas para conseguir um emprego, uma licença, abrir uma conta bancária. Você sabe onde estão todos os seus papéis antigos? Caso contrário, podemos passar pelo processo de obter novos. Pode ser complicado, então ajuda alguém a guiá-lo.

Eu pensei por um minuto, sem saber o que poderia ter acontecido com eles. —É possível que meu irmão Jalen saiba onde eles estão. Minha Maw Maw os teria mantido em algum lugar seguro, presumo. Ele cuidou dela até que ela passasse.

—Você está em contato com seu irmão?

Eu suspirei. —Ainda não. Tivemos uma briga enquanto eu estava na prisão, mas acho que cabe a mim dar o primeiro passo para corrigi-lo.

— Muito bem. Vou deixar isso com você. Se não for possível ou ele não souber onde estão esses papéis, avise-me e tomaremos medidas para obter novos.

— Tá bom.

David ficou mais de duas horas. Ele não tinha todas as respostas; de fato, ele tinha poucos. Mas ele era alguém que tinha passado por isso. Ouvir sobre sua experiência fez a minha parecer menos anormal. Quando ele saiu, eu entendi que me acostumar





com esse mundo exterior seria um processo. Um que eu não podia apressar. Eu tive que aceitar os pequenos obstáculos no meu caminho e vencê-los um de cada vez.

Ele prometeu procurar alguém no Projeto Inocência, responsável por ajudar as pessoas a se organizarem com um conselheiro, se necessário. Quando ele sugeriu a idéia, eu inicialmente a rejeitei, mas depois de pensar um pouco, eu concordei.

Sentindo-me inspirado e mais positivo, decidi fazer o jantar de Anson, apesar do meu conhecimento limitado na cozinha. Depois de algumas discussões e buscas nos armários, decidi que mesmo uma pessoa sem habilidades poderia ferver macarrão e abrir uma lata de molho de macarrão. Espaguete era. Foi uma refeição que eu tive bastante quando criança e um dos favoritos do meu avô.

Às quatro, quando Anson ainda não estava em casa, cobri a panela pronta e a deixei no fogão para aquecê-la enquanto me sentava com o livro à mesa, lendo.

Cinco horas chegaram e se foram. Ainda não Anson.

Às quinze para as seis, ouvi a porta do jipe bater e me levantei para cumprimentá-lo. Ele entrou, de cabeça baixa, enquanto chutava as botas, batendo-as contra a parede. Seus ombros estavam rígidos e seus movimentos bruscos.

— Ei. Aonde você foi? Fiz um jantar para nós.

—Eu preciso de um banho.





Ele passou por mim sem outra palavra e subiu as escadas, ondas de irritação irradiando para fora. Incerto do que estava errado, dei-lhe alguns minutos e o segui.

Batendo na porta do banheiro, gritei: —Anson? Está tudo bem?

—Estou bem. Mande uma mensagem para você dizendo que eu me atrasaria, mas obviamente você não entendeu.

O chuveiro começou, marcando o fim da nossa conversa.

Desci as escadas e olhei para a panela fria de espaguete. Poderíamos esquentar, mas eu não tinha certeza se ele estava com vontade de comer. Sentei-me à mesa e folhee as páginas do meu livro. Ouvindo suas palavras novamente, fui e encontrei meu telefone. Eu o joguei na mesa de café quando David chegou e esqueci. De volta à mesa da cozinha, abri o texto de Anson.

Anson: vou me atrasar. Idk⁵ quando eu vou para casa x

Eu não sabia o que aquilo significava. Todos os seus acrônimos malucos impossibilitavam a leitura.

Anson apareceu meia hora depois, calça de moletom pendurada nos quadris, toalha de cabelo seca e sem camiseta. Ele apontou para a geladeira e pegou uma cerveja. Somente depois que ele abriu a tampa e esvaziou a metade, ele notou a panela no fogão e eu sentado em silêncio à mesa.

—Você cozinhou?

⁵ I don't know





—Pensei que você estivesse com fome quando chegasse, e você me serviu muito. Eu queria fazer algo legal. É apenas espaguete. Espaguete frio agora. Nada chique.

Anson me encarou pela primeira vez desde que ele voltou para casa. Meus olhos se arregalaram. Seu lábio do lado esquerdo estava inchado e partido, mantido unido com alguns pontos, e havia uma contusão de aparência dolorosa na bochecha que era de um vermelho raivoso.

— O que aconteceu?

Anson abaixou o queixo, os dedos alcançando o rosto antes de recolhê-los e girar em direção ao jantar abandonado. —Não se preocupe, deixe isso pra lá. Por que não esquentamos isso?

—Anson —Eu o virei, e a raiva brilhou em seus olhos.

Ele sacudiu meu braço. —Não se preocupe, deixe isso pra lá.

Ele bateu nos armários, procurando pratos e serviu o espaguete, deixando-o respingar contra os pratos, sem se importar com o fato de estar fazendo uma bagunça. Ele enfiou um prato no micro-ondas e apertou alguns botões, depois pegou um garfo na gaveta e foi embora com o segundo prato - ainda frio - e sua cerveja pela metade.

—Para onde você vai?

—Meu quarto. Eu só preciso de um pouco de espaço agora.

Sozinho, parado na esteira de sua raiva, confuso e um pouco magoado, eu o deixei ir. O micro-ondas apitou, dizendo que meu jantar estava aquecido, mas eu não estava mais com fome. Eu limpei a cozinha, colocando as sobras na geladeira antes de





encontrar meu lugar aconchegante no chão no canto da cozinha. Qualquer inspiração que eu tive sobre seguir em frente e encontrar meus pés novamente diminuiu.

A meia-noite veio e foi. Eu sabia que deveria fazer um esforço para dormir na minha cama, especialmente porque David havia me incentivado a continuar tentando, mas eu estava muito inquieto. Tive a sensação de que sabia o que tinha acontecido com o rosto de Anson e seus olhos alguns dias antes, mas ele não falou em voz alta.

Foi por minha causa.

Em algum momento, eu cochilei.

Acordei com alguém balançando meu ombro, não com força, mas o suficiente para me impedir de dormir. Meu pescoço estava rígido por ter ficado em um ângulo estranho por tanto tempo.

—Bishop. Bishop, vamos lá. Você não deveria dormir aqui.

—Anson?

Quando soltei meus olhos, e seu rosto entrou em foco, vi sua dor no coração e a qualidade de sangue nos olhos. Ele parecia triste e cansado.

—Vamos.

Deixei que ele me levantasse. Sem dúvida, de mãos dadas, eu o segui até a sala em direção ao sofá. Ele derrubou o cobertor como na noite anterior, junto com alguns travesseiros. Eu não precisava de incentivo para rastejar por baixo.

Ele se juntou a mim.





Cara-a-cara, pernas entrelaçadas e, perto o suficiente, respiramos a mesma bolsa de ar e nos encaramos. Toquei seu lábio inchado, e ele sugou o ar, encolhendo-se, mas não se afastando. Parecia doloroso. Em vez de perguntar como aconteceu, eu me inclinei e o beijei - com cuidado para não exacerbar - evitando a área costurada da melhor maneira possível.

Anson suspirou contra a minha boca, inclinando-se, mas me deixando controlar o ritmo. Foi um pouco estranho desde que eu estava preocupada em causar-lhe dor, mas ele não me afastou.

Enquanto eu passava beijos pelos lábios dele, depois descí até a mandíbula, enterrei minhas mãos embaixo da camisa dele, saboreando os planos duros dos músculos ao longo de suas costas enquanto o aproximava. Então eu me abaixei, movendo as duas mãos embaixo da calça de moletom e da cueca para que eu pudesse segurar seu traseiro firme.

—Bishop — ele respirou, inclinando a cabeça, me dando acesso ao seu pescoço. Concentrei-me no ponto do pulso, sentindo-o correr sob minhas ministrações.

Eu estava ficando excitado a cada segundo e, por mais que me preocupasse em estragar tudo e sentir o peso do mundo, eu queria que Anson se sentisse bem. Eu queria retribuir a ele depois de tudo o que ele havia me dado.

Ele empurrou seus quadris, trazendo sua ereção sólida contra a minha, e eu estremeci quando esse desejo inescapável se formou e cozinhou, fervendo e ganhando vida.





—Eu não quero estragar tudo— eu disse, plantando beijos de boca aberta ao longo de sua clavícula.

—Você não pode. Confie em mim.

Mas que vergonha ter que pedir instruções. Eu sabia como isso funcionava entre dois homens em teoria, mas parecia muito mais assustador atravessar essas linhas na realidade.

Incapaz de esconder meus tremores, abaixei a calça de Anson o suficiente para me dar acesso. Minha intenção era fazer novamente o que tinha feito antes, mas Anson não estava conseguindo.

—Espere— ele disse quando eu o peguei na mão.

Ele pressionou nossas testas juntas, a respiração ofegante enquanto colocava os dedos no topo da minha calça de dormir.

—Posso? Deixe-me mostrar uma melhor. Eu não vou nos apressar para o sexo completo, prometo, mas acho que você vai gostar disso.

Incapaz de vocalizar, assenti.

Ele deslizou minhas calças até o meio da coxa e me pegou na mão. Uma onda incontrollável de prazer ondulou sobre meu corpo, deixando minha respiração presa. Foi uma experiência totalmente diferente do que quando me toquei.

Ele acariciou uma vez, duas vezes, e eu não conseguia manter meus olhos abertos ou impedir que o gemido escapasse.

—Anson— eu sussurrei, sem saber o que estava perguntando, apenas sabendo que não queria que isso parasse.





Anson aproximou seus quadris, e antes que eu soubesse o que estava acontecendo, seu pênis estava tocando o meu, quente e com a mesma força. Ele passou a mão em torno de nós dois e balançou no espaço fornecido, deslizando seu comprimento para que ele se arrastasse contra o meu.

Foi glorioso.

Era demais para processar. Anson me beijou então, indiferente ao lábio machucado. Senti o arranhão dos pontos e tomei o cuidado de tomar cuidado. Nós nos mudamos juntos, balançando nas mãos de Anson. Eu não conseguia domesticar o orgasmo, que fervia e fervia até a vida profundamente no meu corpo. Tudo terminaria rápido demais, e não havia como parar.

Tudo o que precisou foi Anson apertar um pouco a mão, e eu terminei. Ele rugiu por todo o meu corpo, mas saiu em um grito silencioso e ofegante enquanto eu derramava entre nós e sobre a mão de Anson. Em mais alguns golpes, auxiliado pela minha libertação, Anson grunhiu e tremeu e gozou também.

Somente quando a realidade voltou ao foco eu percebi o quão duro meu coração estava batendo. Batia tão rápido e tão freneticamente que eu tinha certeza de que Anson podia ouvir.

Nossas testas ainda estavam pressionadas juntas, nossos olhos ainda presos, e eu estava sem palavras.

—Prometa que vai ficar aqui enquanto eu corro e nos encontrar algo para limpar.

— Prometo voltar.





Quando ele saiu do cobertor, senti falta do calor dele. Ele voltou pouco tempo depois, e nós dois limpamos a bagunça. Depois, ele se aconchegou de volta sob as cobertas, cara a cara, nossas pernas entrelaçadas. Seu braço descansou na minha cintura, e o meu ficou enrolado no dele. Dormimos assim, juntos, pelo resto da noite.

Anson me acordou antes do alarme aplaudindo beijos na minha mandíbula. —Eu tenho que acordar logo.

— Eu sei.

—Quero me desculpar pela noite passada. Você fez um bom jantar, e eu vim para casa e caguei no seu bom dia.

Eu beijei o lado inchado do lábio dele. — O que aconteceu?

Ele abaixou o queixo, balançando a cabeça. —Não importa. Não se preocupe com isso. Estou bem.

—Anson

Mas ele era teimoso. —Como você gostaria de ir a Houston hoje à noite e sair para jantar? Um. Encontro. Você e eu...

—Houston. Essa é uma cidade grande.

—Sim. Muitas boas opções de comida, menos chances de você ser reconhecido e evitado, e podemos ser um casal. De mãos dadas e esteja fora para variar. Chega de besteira escondida.

Porque estar em uma cidade pequena como Onalaska, a poucos passos da prisão onde Anson trabalhava, era uma boa maneira de pedir problemas. Nós já éramos um destaque no noticiário, então não demoraria muito para dar credibilidade aos boatos que circulavam por aí. Se o rosto danificado de Anson era





alguma indicação, as pessoas já haviam se decidido sobre nós. Eu gostaria de saber quem fez isso com ele, porque eu apostaria qualquer dinheiro que não fosse uma parede ou uma porta como ele reivindicou. Anson foi atingido ontem. Bem se os pontos fossem alguma indicação. Seja um colega de trabalho ou um preso, este foi o começo de más notícias. Talvez fosse por isso que Ray sugeriu sua mudança para o bloco B.

—Não tenho certeza se ainda quero ir a uma cidade tão grande.— Como David havia explicado, eu precisava começar pequeno. O vasto mundo fora do quintal ainda era um pouco assustador, não importa um lugar com milhares de pessoas e tráfego que fez minha cabeça girar.

— Tá bom. —Ele estava prestes a se levantar, seus meios de esconder sua decepção, mas eu o parei.

—Que tal um filme e mais disso?— Esfreguei a mão em sua coxa.

O sorriso de Anson brilhava no escuro. —Isso? Significado...— Ele pressionou sua parte inferior do corpo na minha, mostrando que ele já estava na metade do caminho.

—Sim, exatamente isso.—

—Foi bom? Você se divertiu?

Gargalhei. —Foi incrível.

—Só vai melhorar.



Capítulo Sete

O resto da semana foi mais suave. Anson não voltou para casa com mais marcas questionáveis no rosto e parou de me pedir para sair o tempo todo. Passei meus dias no quintal, acostumando-me ao mundo exterior como David sugerira, um pequeno passo de cada vez.

Por duas vezes, falei com David por telefone. Ele queria que eu soubesse que ele estava disponível se eu precisasse de alguém com quem conversar. Planejamos nos reunir em um pequeno café na semana seguinte para conversar pessoalmente e testar meus limites.

Toda noite, Anson e eu terminávamos no sofá. Todas as noites, explorávamos esse novo passo em frente. Era tudo mãos e beijos, mas era o suficiente para minha mente absorver.

Toda noite, nós dois dormíamos melhor.

No domingo, eu estava ansioso novamente. Javier, o melhor amigo de Anson, estava vindo para assistir ao jogo. Estávamos planejando pedir pizza e beber cerveja, a noite de um cara de verdade, como Anson disse.

A campainha tocou logo depois da uma e Anson chamou do andar de cima. —Você pode pegar isso?





Ele acabara de chegar de uma longa corrida e estava limpando o banheiro.

Eu abri a porta. Javier segurou uma caixa de cerveja e deu um sorriso - até me ver. O sorriso vacilou antes que ele se contivesse e se endireitasse, forçando-o de volta ao rosto. —Bishop. Ei.

—Ei.

Uma pausa embaraçosa o fez arrastar os pés e olhar para a rua.

—Entra. Posso pegar isso? Anson chegará em alguns minutos. Ele está saindo do banho.

—Oh... É claro. —Javier me entregou a cerveja e entrou. — Então ... como está a vida lá fora tratando você?— Javier enfiou as mãos nos bolsos e balançou sobre os pés, olhando rapidamente e nunca encontrando meus olhos.

—Está tudo bem. Ainda estou me acostumando com tudo.

—Faz sentido. Então... —Ele parou.

—Então.— Passei o queixo por cima do ombro. —Vou colocar na geladeira. Fique à vontade na sala, eu acho.

Levei um tempo para descarregar a cerveja, esperando que Anson caísse antes de terminar. Era óbvio que Javier não se sentia tão confortável ao meu redor - como todo mundo. Eu era uma intrusão no que costumava ser o tempo dele e de Anson. Ele não pôde deixar de me ver como sua ala, não como parceira de seu amigo.





Anson apareceu na cozinha enquanto eu colocava a última garrafa na prateleira. —Quer manter três desses fora?

—Ah, certo.

Entreguei a ele duas e guardei uma para mim, ainda sem saber se eu era fã de cerveja, mas não queria me destacar quando parecia ser o costume dos jogos de futebol.

Na sala, encontrei um assento na cadeira oposta ao sofá, deixando Anson sentado ao lado de seu amigo. Não senti falta da maneira sutil de Javier me inspecionar durante a conversa. Não que ele me desse olhares sujos, mas estava claro que ele estava perturbado na minha presença.

—Então, você acha que voltar para B fará a diferença?—
Javier perguntou algum tempo na conversa.

Eu os estava meio ignorando enquanto assistia ao programa de pré-jogo na TV, mas a menção de problemas no trabalho de Anson me fez animar. Ele se recusou a me dizer qualquer coisa. Algo estava acontecendo, e ele não queria que eu soubesse.

Anson soube imediatamente que eu estava ouvindo, e eu pude perceber pelo seu cenho franzido e pela maneira como ele mudou seu olhar para mim por um momento que ele não queria discutir isso. Ele virou o corpo, me impedindo de conversar enquanto se sentava confortável no sofá.

— Espero que sim.

—Como foram quinta e sexta-feira? Melhor?





—Certo. Vai ficar tudo bem. —Anson tomou um longo gole de cerveja e olhou para a TV, gesticulando quando a tela mudou. — Esse cara é promissor. Gosto dele.

Javier olhou para a TV, mas não se intimidou.

—O diretor estava foddidamente chateado, sabia? Depois de quarta-feira, ele nos levou a uma reunião e nos leu o ato de revolta sobre assédio. Você deveria ter visto os olhares que ele estava dando a Ezra. Juro por Deus...

— Eu sei. Esqueça isso. —Anson pulou do sofá. —Outra cerveja?

Javier me olhou de novo, depois olhou para Anson antes de dar de ombros. — Sim, claro.

Eu ainda tinha três quartos no meu, então recusei.

No minuto em que Anson limpou a sala, Javier voltou sua atenção para a TV e balançou a perna.

—Ele preferia que eu não soubesse que ele estava tendo problemas no trabalho— ofereci.

Javier assentiu, mas ainda não olhou para mim. Eu o estudei, sua postura rígida e traços rígidos.

—Estou deixando você desconfortável?

Javier dirigiu sua atenção em minha direção e ajustou seu assento antes de forçar um sorriso. — Não. Eu estou bem.

Quando Anson voltou, e ele e Javier voltaram a conversar, pedi licença, deixando minha cerveja na mesa de café e subindo as escadas.





No quarto, encontrei meu livro e me sentei no chão perto da janela, com as costas contra a parede. O sol estava brilhando hoje, e o céu estava azul com apenas algumas nuvens finas. Eu segui um avião enquanto ele atravessava minha visão e vi um esquilo mergulhar de uma copa de árvore para outra, mal dando o pulo.

Por um tempo, eu me perdi no mundo pela janela, ouvindo a TV lá embaixo e o suave murmúrio de vozes. A entrega da pizza chegou e o cheiro de carne e queijo subiu pelas escadas. Por mais que a idéia de pizza me excitasse, eu não estava mais disposto a isso. Participar desse mundo exigia esforço, e eu estava ficando sem força, especialmente quando sabia que não era bem-vindo.

Folhee o livro que estava lendo, *A sociedade do Anel* e suspirou, sem saber se eu queria continuar. Minha cabeça estava muito ocupada e eu tinha certeza de que não conseguia me concentrar e acabaria relendo os parágrafos várias vezes. Mais uma vez, meu interior tremeu e o peito apertou. O desejo de subir e correr foi esmagador, mas o chute foi: eu não sabia para onde queria ir ou por quê. Tudo que eu sabia era que, quanto mais eu me sentava, mais esse sentimento estranho inundava meu corpo até que tudo o que eu conseguia pensar e focar.

Eu sentia falta de fazer arte. Queria minha cela da prisão e o pequeno pedaço de carvão que comprava a cada duas semanas do comissário.

Eu abaixei minha cabeça nos joelhos dobrados e amarrei os dedos na minha nuca, balançando e fazendo tudo o que pude para afastar a corrida dentro de mim. As coisas estavam melhores





quando éramos apenas Anson e eu no sofá. Sozinho. Quando o mundo estava retido atrás das paredes da casa. Quando éramos nós e somente nós, mas não era assim que funcionava desse lado. Por aqui, tudo se chocou com a forma como eu costumava viver. Tudo era diferente.

—Ei, o que você tá fazendo?

Eu levantei minha cabeça ao som da voz de Anson. Ele estava na porta, com os braços cruzados sobre o peito, franzindo a testa.

—Pensei que eu deixaria vocês dois desfrutarem de algum tempo juntos.

—Convidei Javier para que todos pudéssemos passar um tempo juntos. A noite do cara, lembra?

— Eu sei. É... Não tenho tanta certeza de que ele aprecie minha compainha. Eu o deixo desconfortável, então achei melhor deixar vocês dois em paz.

—O quê? Você não o deixa desconfortável. Do que você está falando?

Anson deixou cair os braços e entrou no quarto, sentado no final da cama e de frente para mim.

—Anson, ele não pode nem me olhar nos olhos. É como todas as outras pessoas por aí. Ele é cético. Talvez ele queira acreditar que sou inocente, mas parte dele ainda tem dúvidas. As paredes estão entre nós, e ele não sabe como me aceitar como algo além de sua ala por dentro.

— Javier me ajudou. De nós. Ele sempre assegurava que tivéssemos uma linha aberta de comunicação quando tudo que eu





podia fazer era visitá-lo uma vez por semana. Ele se esforçou para me ajudar quando eles colocaram você no relógio da morte. Ele colocou o pescoço em risco.

—Eu sei, mas ainda sou o homem que estive em uma cela por todos esses anos. Eu ainda sou o homem que ele acompanhou até os chuveiros, revistou e acorrentou como um animal cruel. Eles não me enjaularam, Anson. Eu sou uma ameaça para ele agora. Se você não acredita em mim, pergunte a ele. Eu vejo isso nos olhos dele. Estou sentindo.

—Então você só vai se esconder pelo resto da vida porque pode deixar alguém desconfortável?

—Não é bom quando alguém olha para você assim.

—É por isso que você não sai de casa? Porque as pessoas *poderiam* olhar para você assim?

—Não *poderia*! Pessoas *fazem* olhar para mim assim. Você estava lá no supermercado. Você viu em primeira mão. Como acha que me sinto ao saber disso?— Ele não esperou por uma resposta. Eu fiz uma careta, balançando a cabeça. —Eu vou te dizer. Isso me faz sentir que não pertenço a este mundo com você. Eu não pertenço a este lado da porta de aço. Sabe, alguns dias, eu me sinto mais prisioneiro aqui do que nunca, mas você não entende. Você não viveu essa vida. Você não sabe. Você acha que deveria ser fácil. Bem, não é, Anson. Não há nada de novo nisto. Alguns dias...— Fiz uma pausa, minha garganta crua, meus olhos ardendo. Soltei um suspiro antes de continuar, recusando-me a mostrar o quanto isso doía. —Alguns dias, eu gostaria que você tivesse me deixado lá.





Deixe-me morrer quando me deram o meu encontro. —Balancei minha cabeça, olhei pela janela e depois de volta para Anson.

Sua mandíbula tiquetaqueava quando ele me atacou. Por mais que tentasse esconder suas emoções, ele sempre foi um livro aberto. A carranca em seu rosto se aprofundou. Seu nariz queimava a cada inspiração e expiração forçadas. O ar ao nosso redor ficou tenso. Então Anson voou da cama e saiu, batendo a porta ao sair e me deixando sozinho.

Eu bati na minha testa. Caramba! Então eu fiz de novo e deixei minha cabeça cair de joelhos. Como se eu não estivesse agitado o suficiente, eu apenas tinha piorado. Eu deveria ter calado a boca e não disse nada.

Não deixei o quarto de hóspedes pelo resto do dia. Às dez horas da noite, ouvi Javier sair. A casa ficou em silêncio depois disso. Parte de mim queria caçar Anson e conversar com ele, tentar explicar as emoções emaranhadas que viviam dentro de mim, mas eu me senti muito vazio, vazio e inútil demais para me incomodar. Além disso, o que eu diria que já não tinha dito? Como eu poderia explicar algo que ele não podia entender?

Às onze, ouvi-o subir as escadas e usar o banheiro. Então ele entrou em seu quarto, e a porta bateu, anunciando que ele tinha ido para a cama.

À meia-noite, quando as emoções do dia transbordaram sob a forma de lágrimas silenciosas e uma crescente sensação de desamparo, encontrei meu telefone e me atrapalhei com uma mensagem de texto para David, precisando de conselhos de alguém





que entendesse. Levei quase quinze minutos para montar uma frase curta, e a única razão pela qual não desisti e joguei meu telefone do outro lado da sala foi porque senti a força desesperada de que David havia falado. A necessidade de escapar. Essa sensação de não ter saída.

Bishop: Lembre-me por que lutei pela minha liberdade de novo?

Sua resposta veio imediatamente, o que me surpreendeu, e me perguntei se ele estava tão ligado ao telefone quanto Anson.

David: Dia difícil?

Bishop: sim

Minhas habilidades de mensagens de texto eram tão ruins que eu não conseguia começar a explicar tudo, sabendo que levaria metade da noite para me expressar.

David: Precisa conversar?

Bishop: sim. Eu te ligo. 1 min

Eu estava começando a entender o uso de acrônimos por Anson.

Desci as escadas, não querendo incomodar Anson se ele estivesse dormindo, e encontrei meu lugar no chão da cozinha. O mundo do lado de fora das portas do pátio estava escuro. Estrelas salpicavam o céu onde a nebulosidade se separava. A lua estava alta e brilhante.

Eu encarei nossa conversa de texto, em pânico por um minuto, preocupado por ter esquecido como fazer uma ligação.





Então me lembrei e encontrei o símbolo do telefone, aliviado quando tocou.

—Ei, companheiro, noite difícil, hein?

—Não sei onde me colocar. Estou tão agitado. Tenho vontade de fugir e, no entanto, só quero me deitar e esquecer tudo.

—Respira fundo. Apenas fale. Eu não me importo por onde você começa ou, se faz sentido, basta sair. Lembre-se, eu não vou julgá-lo. Eu já andei por essa estrada antes.

Então contei a David sobre meu dia, sobre a vibração desconfortável que recebi de Javier, o desapego quando não fui capaz de participar de suas conversas, a briga com Anson e o buraco no peito que doía e ansiava por algo que eu não podia colocar meu dedo. Além disso, o desespero de encontrar paz junto com a intensa falta de motivação que tornava difícil saber onde me colocar na maioria dos dias - especialmente hoje.

—Posso te perguntar uma coisa pessoal?— David perguntou quando eu terminei.

— Claro, sim. —Eu sabia o que ele ia perguntar antes dele, porque era a única coisa que eu ainda não tinha admitido, mas me preparei mesmo assim, sem saber como responder.

—Você e Anson. Eu vou assumir que os rumores são verdadeiros e que vocês dois não estão vivendo juntos como amigos, mas como parceiros. E se for esse o caso, é apenas mais um pico a conquistar em uma montanha já complexa, não é?

Eu suspirei. — Pode se dizer que sim.





—Vou te fazer uma pergunta. Sem todos os outros problemas externos, como vocês estão?

—Estamos chegando lá, eu acho.

—Você acha?

—Eu nunca estive em um relacionamento antes. Esta é a primeira vez que eu reconheço minha sexualidade em voz alta, não importa, explorei qualquer tipo de experiência sexual.

—Aposto que sim.

—Às vezes, quero nos levar adiante e tentar todas as coisas que perdi porque elas me chamam desde que cheguei à puberdade, sabe? Mas então, quando a oportunidade está lá, fico assustado e tenso e me preocupo em estragar tudo. Tenho 41 anos e não tenho ideia do que estou fazendo. É ridículo.

David riu e meu rosto aqueceu. —Companheiro, continuarei dizendo até que você acredite. Você não está sozinho! Questione-se Anson se importa com quanta experiência você tem?

— Não. Ele não se inclina.

—Isso mesmo. Como tudo o que é novo para você aqui, dê um passo de cada vez.

— Somos... É apenas isso... E esse não é o único problema. Ele viveu toda a sua vida deste lado. Sim, ele trabalha no sistema, mas não sabe como é estar do outro lado. Às vezes, gostaria de poder fazê-lo entender como me sinto, mas não consigo. E ele funciona em um ritmo muito mais rápido do que eu. Sinto que não consigo acompanhar.

—Você já tentou explicar isso para ele?





— Não. Como isso me faria parecer?

—Você acha que isso faria você parecer um covarde.

—Não é?

—É preciso muita coragem para sair dos portões da prisão com o queixo erguido e ignorar os desdém e as palavras sussurradas daqueles que não acreditam que você deva ser livre. Até você acreditar que merece, você lutará. Você está certo, este é um mundo em ritmo acelerado, e é difícil recuperar o atraso depois de estar no interior por vinte anos.

Esfreguei meu rosto e fechei meus olhos, deixando minha cabeça cair na parede. —Estou tão... cansado.

— Eu sei.

—Eu disse a ele que ele deveria ter me deixado lá. Me deixe morrer.

David suspirou. —É assim que você se sente neste minuto? Você quer morrer?!

—Eu não sei. Eu quero minha cela. Quero minha arte e minha cama desconfortável. Quero banhos frios e mingau de milho.

—As lágrimas se soltaram novamente e eu tive que respirar antes que pudesse falar sem minhas emoções amortecerem minhas palavras. —Há algo realmente errado nisso, não é?

—Ouça bem, companheiro. Fique no telefone comigo. Se você não quer conversar, tudo bem. Ouça apenas. Todas essas coisas que você sente são uma reação normal à sua situação. Você precisa ver um terapeuta, e estou trabalhando nisso agora. De fato,





amanhã estarei correndo. A fundação do Projeto Inocência não vai deixar você cair nas frestas. Está lá para ajudar pessoas como nós.

David falou e falou e falou. Algumas delas eram histórias pessoais de sua própria experiência lendo o mundo, outras eram do seu tempo lá dentro. Ele não esperava que eu participasse da conversa, ele só queria que eu ficasse no telefone.

Demorou duas horas para eu entender o que ele estava fazendo. Ele sabia e entendia a desconexão que eu estava sentindo, e sabia tudo sobre o sentimento de desesperança que me cercava. David estava me aterrando, me mantendo aqui e agora, para que eu não pudesse escorregar naquela ladeira escorregadia e desistir.

Eu estava tão perto da borda?

Eu não achava isso, mas meus comentários eram preocupantes o suficiente para ele querer ajudar.

Isso significava mais do que eu poderia expressar.

Às três e meia, meu estômago roncou. —David?

—Pois é, companheiro.

—Obrigado.

— Como está se sentindo?

—Está com fome?

—Hora do café da manhã, não é?— Ele riu.

—Parece que não consegue quebrar o cronograma.

—Não preciso. Você não está machucando ninguém. Vai comer alguma coisa e depois me faz um favor?

Eu esperei.





—Vá fazer as pazes com seu parceiro. Eu sei que é difícil admitir fraquezas e nos permitir ser menos do que estoicos e fortes, mas tenho a sensação de que ele vai ouvir, e mesmo que ele não entenda verdadeiramente, ele tentará.

— Esta bom.

—Prometa que vai ligar a qualquer hora, dia ou noite, se você se sentir assim novamente.

— Eu irei.

—Vou conseguir um conselheiro para você o mais rápido possível. Eu prometo.

Nos despedimos, e eu me tirei do chão. Ao preparar meu novo café da manhã favorito, pensei em tudo o que David havia dito. Comi, olhando pelas portas do pátio, do outro lado do quintal escuro, onde os carvalhos balançavam na brisa suave. Era uma hora da noite tão pacífica. Calmante para minha alma perturbada.

Quando minha torrada acabou, eu limpei minha bagunça e debati o que fazer. Ir para a cama com Anson me dava a impressão de que eu estava procurando algo? Ele me diria para sair desde que eu sabia que ele estava chateado com meus comentários mais cedo? Eu poderia explicar que eu só queria parar meu tumulto interno por alguns minutos e ficar perto dele?

Suspirando, subi as escadas e permaneci na porta fechada do quarto. Ele fechou bem esta noite. Sem bater, girei a maçaneta e me encolhi quando as dobradiças chiaram.

Ele desenhou as cortinas sobre a janela, para que estivesse escuro como breu lá dentro. Deixando a porta aberta uma fresta, fiz





meu caminho em direção a sua cama. Quando meus olhos se ajustaram, eu vi sua forma adormecida enrolada e de frente para o outro lado da sala.

Tentando não pensar muito, deslizei para baixo das cobertas e me aproximei mais dele. Passei um braço em torno de seu meio e enterrei meu nariz na parte de trás de seu pescoço.

Ele se mexeu e estendeu a mão, descansando a mão na minha coxa e me puxando para mais perto.

—Eu só preciso estar perto de você— eu sussurrei contra sua pele quente do sono. —Eu nunca quis te chatear. Por favor, perdoe-me, Anson. Eu não aguento se você está com raiva de mim. Eu posso ser um cara grande do lado de fora, mas este mundo está me deixando bem, e não estou me saindo tão bem por dentro.

Anson olhou por cima do ombro e estendeu a mão para roçar os dedos ao longo da minha bochecha. —Você acha que eu não tenho ideia do quanto isso é difícil para você? Estou vendo! Eu posso não entender, mas eu vejo. Bishop, você colocou um muro entre nós, e eu vou ser sincero, estou cansado de paredes e portas de aço atrapalhando. Eu gostaria que você falasse comigo. Pare de me expulsar.

Peguei sua mão e beijei sua palma. Então, eu beijei seu lábio machucado. —Isso vai nos dois sentidos, chefe. Não sou um tolo.

— Eu sei.

Anson se virou e nos conectou completamente. Nós nos beijamos por alguns minutos até Anson se afastar, rindo.

— Cedo?





—Deve ser logo depois das três e meia da manhã.

— Por que acha isso?

—Você tem gosto de manteiga de amendoim.

Eu ri com ele. —Eu deveria ter escovado os dentes, mas estava ansioso demais para me deitar na cama ao seu lado.

Anson deslizou uma mão pela minha coxa, deslizando-a por baixo da minha calça de dormir e ao redor da minha bunda. —Ao menos estamos no quarto.

Nossas bocas se juntaram novamente. Eu vim buscando conforto, mas meu corpo estava pegando fogo com uma necessidade mais profunda. Aqueles beijos iniciaram mãos errantes, que passaram de toques exploratórios para momentos quentes de troca de prazer. Depois que descemos do alto e nos limpamos, enfiei meu queixo e enterrei meu rosto no sulco do pescoço de Anson, saboreando seu calor, seu cheiro e segurança. Meu coração se acalmou. O tormento que eu não tinha sido capaz de abalar o dia todo fugiu.

Ele me dobrou nos braços e dormimos.



Capítulo Oito

ANSON estava agendado nas tardes da semana seguinte, o que significava que ele não chegava em casa até quase onze da noite. Apesar de nossas atividades matinais e adormecer após nossa luta, as coisas ficaram tensas entre nós.

Ele dormia até tarde, escapava da casa por longas corridas todas as manhãs quando acordava, depois tomava longos banhos quando entrava. No resto da manhã, ele me evitou ou conversou sobre o clima. Quando ele perguntou se eu gostaria de sair para o café da manhã, fiquei chocado, mas recusei. A expressão em seu rosto me disse que ele não esperava que eu concordasse de qualquer maneira.

Anson não falou sobre trabalho e, por sua vez, eu não tinha compartilhado sobre minhas lutas em andamento. Ele estava certo, havia um muro entre nós.

Tarde da noite, sentei-me na cozinha e me perdi na cabeça. Como se a meia-noite de alguma maneira dissimulasse nossos problemas e os tornasse sem importância, Anson viria me encontrar e me levar para sua cama. Nós nos beijávamos, tocávamos e trazíamos prazer um ao outro.

Mas nunca conversamos.





Dormimos e, pela manhã, o ciclo recomeçou.

Quanto mais distante ele se tornava, mais desapegado do mundo eu me sentia. Ele era minha âncora do lado de fora; sem ele, eu me afastei.

Na quinta-feira à tarde, recebi uma mensagem de Anson quando ele estava no primeiro intervalo.

Anson: Javi quer sair, se pudermos vir as 4 thxgvg⁶ lmk⁷ o que você pensa.

Eu li três vezes e sacudi minha cabeça. Por que ele teve que escrever assim? Não fazia sentido, então deixei meu telefone de lado e peguei meu livro novamente. Um segundo texto chegou uma hora depois.

Anson: wdyt⁸?

Eu debati sobre mensagens de texto e perguntei o que ele queria dizer, mas achei que isso o perturbaria.

Um terceiro texto seguiu dez minutos depois.

Anson: num⁹

Eu estava mais confortável mandando mensagens para David. Ele usava palavras completas, nunca siglas, e sempre me dava muito tempo para responder, sabendo que ainda lutava com essa nova tecnologia. Levei cinco minutos para escrever uma frase completa, mas eu estava me familiarizando com o processo.

⁶ Thanks giving é uma expressão de agradecimento antecipado, mas geralmente usado para se referir a ação de graças.

⁷ Let me know.

⁸ What do you think (o que você acha?)

⁹ Never mind. (Não importa)





Nós tínhamos mandado uma mensagem muito essa semana. David ficou de olho em mim, garantindo que eu estava lidando e não deslizando para trás. Ele mudou nossa reunião de café para sexta-feira para poder convidar um cara chamado Roger Ellwood para se juntar a nós. Roger foi voluntário no Projeto Inocência como conselheiro. Como a maioria dos voluntários, ele também era exonerado, libertado da prisão em noventa e nove depois de cumprir onze anos por um crime que não cometeu.

Por mais que eu me preocupasse em ir a um café para uma reunião, parte de mim estava ansiosa por isso.

Eu estava tão sozinho!

Os dias se misturaram e, por mais que eu soubesse que estava no controle da minha vida agora, sentia falta da estrutura da prisão. Eu sentia falta de me dizer o que fazer e quando fazê-lo. Claro, escolher minhas refeições e fazer minha própria comida era bom, mas esses atos simples tinham uma tendência a aumentar minha ansiedade. *Qualquer coisa* fora do comum, tendia a causar discórdia.

Foi frustrante.

O tempo estava chuvoso a semana toda, o que me manteve dentro de casa. Não há mais aventuras no quintal. Não há mais aclimatação para o exterior. Sentei no chão em um canto ou outro e li. Todo o meu progresso da semana anterior fez uma inversão de marcha. Meu interior gritava por familiaridade. Tomei banho de acordo com o tempo de prisão na terceira rotação - deixando a temperatura da água um pouco além do congelamento e me





limitando a quinze minutos - comi em um horário definido e olhei para as paredes quando me cansei de ler.

Era o que eu estava acostumado a fazer. Mais e mais, eu sentia falta da minha arte.

Sexta de manhã, quando Anson voltou da corrida e terminou o banho, ele se juntou a mim na cozinha. Ele me lançou um olhar engraçado quando fiquei no chão no canto, então fiz um esforço para usar a mesa quando ele estava em casa. Ele entrou e se serviu de uma tigela de cereal, sentando-se à minha frente no momento em que terminei de lutar com uma mensagem para David, dizendo que ainda estávamos naquela tarde.

—Pra quem você está mandando mensagem?— Seu tom era cortante.

—David. Vamos nos encontrar no café hoje à tarde enquanto você estiver trabalhando. Vou conversar e visitar.

Anson fez uma pausa, com a colher a meio caminho da boca enquanto olhava para mim. Então ele voltou sua atenção para a tigela e comeu.

Não foram compartilhadas mais palavras. Não foram feitas mais perguntas. O silêncio se tornou nosso novo normal.

—Estou quase terminando de ler *O senhor dos Anéis* Series. Se você quiser assistir ao filme juntos, nós poderíamos.

Ele pegou sua tigela vazia e foi até a pia. Em vez de responder, ele ligou a água e lavou a louça. Depois de colocá-los na máquina de lavar louça, ligar a carga e ligá-la, ele se encostou no balcão, olhando distante.





—Anson?

— Pois é. Talvez este fim de semana.

— Tá bom.

Ele respirou e olhou para mim por um longo momento como se estivesse prestes a falar; então ele soltou o ar e balançou a cabeça, girando para o Keurig e ligando-o.

Levantei-me da mesa, torcendo as mãos enquanto pensava em como me aproximar dele. Essa barricada estava ficando desconfortável. Sem falar, me mudei para trás dele e passei meus braços em torno de seu meio, traçando meu nariz ao longo de sua linha fina de cabelo úmida em sua nuca. Ele cheirava a sândalo e xampu.

—Anson— eu sussurrei. —Talvez devêssemos conversar.
David disse ...

Anson se encolheu de ombros, a ação repentina cortando minhas palavras. Ele girou, olhando furioso. —Oh, por favor, me esclareça. Isto deve ser O que *David* dizer?

—Você esta bravo.

—Não, não, não mesmo. Estou curioso para saber o que David mágico, que tem todas as respostas malditas, tem a dizer.

—Por que você está falando assim?

Anson girou e enfiou o dedo na máquina de café, desligando-a. Ele pegou seu telefone da mesa e tentou passar por mim. Eu o parei com um toque em seu braço. Meu coração bateu forte, e eu senti que estava estragando tudo, e não sabia como parar ou o que tinha feito.





—Anson, eu não entendo por que você está tão bravo.

Suas narinas queimaram, mas ele não encontrou meus olhos. Ele olhou para o corredor, onde eu sabia que ele queria escapar. — Bem, por que você não manda uma mensagem para seu amigo *David* e veja se ele sabe. Ah, espere, não se preocupe, basta perguntar a ele quando sair hoje e encontrá-lo no café.

O mesmo sentimento de claustrofobia me cercou naquele momento. O temperamento elevado de Anson me deixou desequilibrado, e eu agarrei a parede em busca de estabilidade enquanto continuava a estudar seu perfil, tentando entender.

Ele balançou a cabeça e riu, mas não havia humor por trás disso. Jogando meu braço, ele recuou um passo, olhando para mim como se eu devesse saber o que estava acontecendo. —Você não tem ideia, não é?

— Não. Não tenho ideia — repeti, balançando a cabeça.

— Tudo bem. Ok, você quer conversar? Você quer entender?

— Sim. Por favor.

—Estou frustrado, é isso que está errado.— Ele andava, corpo rígido, uma profunda carranca no rosto. —Eu não pensei por um minuto que toda essa transição seria fácil para você, mas eu disse a mim mesmo que estaria lá para você da maneira que pudesse. Enquanto você estava na prisão, desenvolvemos uma amizade confortável e as bases para um relacionamento potencialmente bonito, mas eu sabia que não seria tão fácil assim. E eu estava certo.





Ele parou de andar e ficou de pé, com as mãos nos quadris, me estudando. —Eu recuei em todas as coisas sexuais porque achei que você precisaria de tempo. Eu tentei deixá-lo confortável nesta casa. Tentei lhe dar uma casa. Eu te dei seu próprio quarto - que você nunca usa. Dei a você um meio de manter contato comigo quando não podia estar aqui para você. —Ele jogou o braço para a mesa, indicando o meu celular. —Mas isso é apenas uma grande piada de merda que não fez nada além de me dar um tapa na cara. Você nunca responde aos meus textos, Bishop. Durante toda a semana, enviei mensagem após mensagem após mensagem. E você respondeu uma vez. Uma. No entanto, toda vez que me viro ultimamente, você está mandando mensagens para seu novo amigo, David.

—Anson...

—Eu não terminei— ele retrucou.

Talvez percebendo o quão cáustica sua raiva estava ficando, ele fechou os olhos e levou um minuto para se recompor. Quando ele os abriu novamente, ele continuou. —Desde que eu te trouxe para casa, eu perguntei centenas de vezes como você está, e você sempre me diz *bem. Estou bem, Anson. Estou bem*. Mesmo quando eu sei que é besteira. Mesmo quando há lágrimas nos olhos ou nas mãos tremendo. Mesmo quando eu posso sentir seu coração acelerado ou ver o pânico fazendo você tremer. Você está sempre bem!

—Mas David, bem, David entende você. David sabe como é. David já esteve lá antes. Então você pode falar com o David. Você





pode dizer *a ele* quando você não está bem. Você pode ligar para *ele* quando você está chateado no meio da noite e falar, mas Deus não permita que você venha a mim.

Ele andou de novo, e tudo que eu pude fazer foi ficar lá e ouvir enquanto ele derramava seu coração aos meus pés. Ferido e magoado e triste não começaram a cobrir as emoções que saíam dele. Mas eles eram os mesmos sentimentos em mim.

—Se eu pedir para você sair comigo, você me diz que não. Quando David sugere, não há problema. Tudo o que eu sempre quis foi estar lá para você, Bishop. Ser o ombro em que você chorou ou a pessoa que o abraçou quando tudo isso foi demais. Mas eu não sou essa pessoa, sou? David é. E ele está na sua vida há quanto tempo? Uma semana. E talvez seja estúpido que eu espere ser essa pessoa, e talvez seja minha culpa, porque, ao lhe dar espaço, talvez eu não tenha garantido que você entendeu o quão importante você é para mim.

Ele abriu bem os braços e me encarou. —Bem, aqui estou eu lhe dizendo. Você é importante para mim, Bishop Ndiaye! Eu me apaixonei por você naquela prisão. Arrisquei tudo para estar com você. Minha carreira —Ele tocou o lábio costurado. —Minha saúde. Amizades. Porque eu te amo, porra. Tá me ouvindo? Nada e mais ninguém importava. Só você importava e ainda o faz. A única coisa que me importava quando você estava trancado era limpar seu nome e tirar você desse buraco infernal para que pudéssemos ter uma chance. Para que você possa ter sua vida de volta. —Sua





energia diminuiu. Os braços dele. —Mas então eu descobri que você preferiria ser deixado lá para morrer. Que soco no estômago que foi.

A derrota roubou seu impulso, e seu corpo ficou imóvel. — Acho que não sei mais onde estou, e me sinto um pouco abalado. Talvez seja juvenil. Talvez seja ciúme. Eu não sei. Não. Sei. Por que Davi recebe seus textos? Por que David leva você para sair? E por que Davi está lá para você quando as coisas estão difíceis, não é? E eu? O que eu ganho?

Sentindo que era minha hora de entrar, eu me aproximei e peguei sua mão, colocando-a sobre o meu coração e segurando-a ali. —Você pegou meu coração, Anson. Pertence a você desde o dia em que você colocou ar naquele bola de basquete para mim na sua primeira semana de trabalho em Polunsky. Eu sabia que havia algo de especial em você, algo que eu nunca poderia deixar ir.

—Então por que você me exclui?

Pensei na melhor maneira de explicar, exausto dessa batalha que vinha lutando desde o meu lançamento, e decidi que a honestidade era a única maneira de avançarmos. Divulgação completa, por mais que me doesse.

Eu o puxei contra o meu peito e levei minha testa à dele. Foi uma das únicas maneiras pelas quais conseguimos nos conectar quando eu estava na prisão. Não havia mais uma janela entre nós.

—Passei vinte anos da minha vida forçado a me tornar um certo tipo de pessoa para sobreviver. Na prisão, você veste uma capa de poder, sangra a força do seu núcleo e a infunde em todos que se atrevem a olhar para você. Fique de pé. Você fica feroz. E





—você nunca, *jamais* deixe eles te verem quebrar. Fraqueza não existe. Não pode. Fraqueza vai te matar. Vir aqui, sendo livre, todas as regras que eu já conheci na minha vida adulta mudaram, e é aterrorizante. *Aterrorizante*, Anson. Mas admitir esse medo, mostrar ou contar a alguém como me sinto vai contra tudo que já aprendi. Por semanas, tudo que eu queria fazer era encontrar um equilíbrio e não ter tanto medo ou oprimir o tempo todo. Eu pensei que poderia fazer isso sozinho, mas não posso. Dói-me ver essas fraquezas.

— Por quê?

—O homem que você conheceu era poderoso e inflexível. Agora minha fundação está toda abalada. Eu deveria ser forte, Anson.

—Pro inferno com isso. Não pra mim. Não espero que você seja forte o tempo todo.

—Você não vê? Isso faz parte da minha luta. Estou tentando aprender a ser vulnerável. Estou tentando aceitar esse desequilíbrio e admitir minha necessidade de ajuda.

—Mas eu sei que as coisas são difíceis para você. Não esperava que fossem fáceis.

—Fui eu quem não esperava essas lutas. Não nessa extensão. Eu ando todos os dias com a barriga em um nó, e odeio como é. A menor coisa desencadeia flashbacks, e nem sempre consigo sair deles. É debilitante. O lado de fora é tão grande, barulhento e veloz, eu tenho que me preparar se quiser ir lá fora, e isso foi antes de começar a receber os olhares de outras pessoas. Anson, alguns dias





parece que eu não consigo acompanhar - ou não quero —
acrescentei, resignado ao peso esmagador que me prendia.

—Mas por que David?

—Ele não me apressa.

—Eu não sei!

Eu pressionei meus lábios nos dele, silenciando-o com um
beijo suave. —shiiiiuu. Escute. É a minha vez.

Ele assentiu.

—Você é quem eu quero ser forte. David está me ajudando a
chegar lá. Quando não consigo descrever esses sentimentos dentro
de mim, ele já sabe. Quando digo a ele que o mundo se move muito
rápido, não preciso explicar o que isso significa; ele sente isso
também. Te incomoda quando não lhe envio uma mensagem de
texto, mas deixe-me mostrar uma coisa.

Eu o soltei e fui para a mesa para pegar meu telefone.
Demorou um minuto, mas eu peguei o nome dele e a nossa
conversa unilateral. —Esses textos que você me envia, eu não
entendo metade deles. Eu não cresci fazendo esse tipo de coisa. Eu
disse que não entendo todas essas siglas, mas é assim que você
digita. O que isso significa? Como devo responder quando não sei o
que você escreveu? E ... é constrangedor ter que perguntar o tempo
todo.

Anson pegou meu telefone, examinando suas mensagens e
seu rosto caiu. — Não tinha ideia. É apenas uma prática comum.
Nem pensei.





—E um dia eu chegarei lá. Mas mal consigo digitar uma frase completa neste pequeno teclado em menos de cinco minutos. Você me faz sentir apressado e, quando não consigo acompanhar, me sinto estúpido e fraco.

— Sinto muito.

—David me ajuda a praticar para que eu possa ser melhor. Para você. Essa viagem ao café foi para que eu pudesse praticar estar perto de pessoas em um ambiente silencioso. — Soltei um suspiro e acrescentei: —E para eu me encontrar com um conselheiro porque ... bem, em parte por causa das coisas que lhe disse na outra noite e também por causa dos sentimentos crescendo dentro de mim. Eles... Eles estão me assustando, Anson.

A preocupação encheu seu rosto. — Não tinha ideia. Que coisas?!

Engoli um caroço grosso e empurrei para frente, apesar do desejo de esconder essa feiura, essa fraqueza. —Na outra noite, na noite em que Javier esteve aqui, atingi um novo nível de baixa. Eu disse que desejava que você nunca tivesse me ajudado a sair, e é verdade, eu queria voltar. Cada vez mais, sinto falta da minha cela, e isso é ridículo, eu sei. Eu não consigo descrever. Não tenho certeza se posso explicar o suficiente para você entender. Mas são os pensamentos alternativos que são os mais assustadores. — Eu parei. A atenção de Anson foi extasiada e cheia de preocupação. — Eu não queria mais fazer isso. Eu não queria me sentir assim. Eu só queria que acabasse. Ir embora. Eu queria a paz. Não estou dizendo que sou suicida, por isso não fique preocupado, mas esses





pensamentos passam pela minha cabeça de vez em quando, e o alívio da idéia apenas... É atraente.

—Jesus, Bishop. Por que você não disse nada?

—Foi por isso que passei metade da noite no telefone com David. Ele me manteve aqui. Ele me manteve no chão e garantiu que eu não faria nada estúpido. Ele não me deixou ir até que soubesse que eu era estável. É por isso que estou conhecendo esse conselheiro.

—Bishop. — Anson tocou meu rosto. Os dedos dele tremeram. —Que merda. Ouvi você falando com ele metade da noite e fiquei chateado. Especialmente depois que você me disse que eu deveria ter deixado você lá dentro. Desculpa.

—Foi uma noite difícil, mas você não tem nada para se desculpar. David está me incentivando a falar mais com você. Você pode não entender completamente, mas agora vejo que não lhe dei uma chance.

—Você quer que eu vá junto? Eu posso ligar. Tire um dia doente. Você não precisa fazer isso.

—E não estou sozinho. David é um bom amigo.

Anson soltou um suspiro, com os olhos mais brilhantes que o normal. Os vincos permaneceram em sua testa enquanto ele rolava o peso da informação que eu tinha colocado sobre ele em sua cabeça. Ele beliscou os lábios, e eu poderia dizer que ele estava tramando algo.

Quando ele falou, ele olhou para um ponto no chão. —Ray me mudou de volta para B porque eu estava tendo problemas com





alguns presos e um policial em particular. Eles sabem que eu sou gay. Eles sabem que estamos juntos. Parece não haver mais uma pergunta.

Ele se retirou para a cozinha e ficou de pé junto às portas do pátio, olhando para o quintal ensopado de chuva. Ele esfregou metodicamente sua nuca. —Primeiro dia de volta, Terry, o oficial com quem eu estava trabalhando, me empurrou para uma porta.— Ele tocou a lesão antiga ao lado do olho. Não era mais que uma marca amarela desbotada. —Ele alega que esbarrou em mim por acidente. Não pude provar o contrário, e ninguém mais viu. Mas eu sei que foi deliberado. Ele estava me dando olhares e proferindo insultos baixinho o dia todo. Mais tarde naquela semana, estávamos fazendo uma transferência, e o preso escapou das mãos de Terry. —Ele fez citações com os dedos. —O cara me pegou desprevenido e girou ao meu redor. Me bateu no chão e me bateu na cabeça pelo menos seis vezes antes que eu pudesse lutar com ele.

—Terry não ajudou?

—Não. A bomba f foi lançada repetidamente, e não quero dizer a palavra foda-se. O preso, ele disse que não queria nenhum filho da puta em sua prisão. Disse que ele ouviu que eu tinha uma reputação de foder presos, e ele não queria fazer parte disso. Considere isso como um aviso.

—O que aconteceu com Terry?— Eu sabia quem era o preso, ele tinha um nível automático dois e sua cela foi retirada.





—Ele foi suspenso e aguarda uma revisão do diretor. Eles não aceitam esse tipo de assédio de ânimo leve. Eu me encontrei com o diretor e Ray no dia seguinte. Eles expressaram preocupação com a minha segurança, blá, blá, blá. Já ouvi tudo isso antes.

—Você não está seguro lá.

Anson se virou e me encarou pela primeira vez. —Eu não quero correr de novo.

—É muito arriscado.

— Não me importo. É o meu trabalho e sou gay. É melhor as pessoas se acostumarem com isso. Essas duas coisas não parecem se encaixar, eu entendo isso, mas quero acreditar que as coisas vão acabar. B é um bloco melhor. Os caras com quem trabalho são mais solidários.

—E quanto a Ezra?— Eu sabia, por ter vivido naquele quartirão por dezesseis anos, que ele era um policial que gostava de causar problemas. Se alguém iria incomodar Anson, seria ele. Eu não confiava naquele cara.

—Ray ameaçou movê-lo ao primeiro sinal de problema.

—Só é preciso uma vez, Anson.

—Vou ficar bem. Ray está vigiando todo mundo. Eles não podem me deixar ir ou forçar uma transferência. Eles sugeriram um, mas eu recusei.

Meu estômago apertou. Eu queria poder acreditar que as coisas ficariam bem, mas eu morava lá. Eu sabia que tipo de assédio ele poderia enfrentar. Se não de seus colegas de trabalho, certamente dos homens atrás daquelas portas de aço. Eles não





toleravam muito. Eu nunca admiti minha sexualidade na prisão por um motivo. Se eles soubessem ...

—Seja cuidadoso. Não dê as costas a nenhum desses caras. Me prometa. E eu estou falando sobre os que estão lá dentro.

—Eu vou tomar cuidado —Anson estendeu a mão e eu a peguei. —O que você precisa de mim? Como posso te apoiar?

—Eu não sei. Eu acho, deixe-me levá-lo um dia de cada vez. Eu preciso me comunicar melhor e parar de tentar me esconder.

—Nós dois fazemos.

Apertei sua mão. —Sim. Tem mesmo. Estou lutando para me ajustar. Este mundo se move muito mais rápido do que eu estou acostumado. É difícil não se sentir um estranho o tempo todo.

—Sinto muito pela coisa das mensagens de texto. Eu não percebi. Vou desacelerar e usar todas as palavras agora.

—E não espere respostas imediatas. Esses polegares não digitam como o seu.

Ele riu e fechou a distância entre nós, descansando a cabeça no meu peito. —Javier perguntou se queríamos nos juntar a ele e Melanie no jantar de Ação de Graças. Era o que eu estava perguntando ontem.

—— Oh. Não tenho certeza.

—Conversei com ele naquela noite em que fiquei com raiva de você. Você tinha razão. Ele se sente desconfortável ao seu redor. Mas ele também disse que esse era o problema dele e não o seu. Ele nunca esteve em uma situação em que um homem sob seus cuidados foi libertado. Ele disse que era estranho, e ele não sabia o





que dizer ou como reagir. Ele quer que você saiba que sente muito. E eu também, porque não vi. Eu não sabia que ele estava agindo de graça até você dizer isso.

— Tudo bem.

— Não é assim... Ele é meu melhor amigo, e isso dói.

—Posso pensar no jantar? Ainda é difícil sair.

— Pois é. Ainda faltam algumas semanas.



Capítulo Nove

Para me testar, eu disse a David que o encontraria no café. Estava a alguns quarteirões de distância, e a chuva que caía não impedia. Na verdade, me chamou e facilitou a saída da porta da frente. Estava legal, e Anson insistiu que eu usasse sua jaqueta resistente à água com capuz.

Passei pela calçada com o queixo dobrado para dentro, o zíper puxado alto e o capuz puxado baixo.

Pingos de chuva dançavam sobre mim, tamborilando ritmicamente enquanto eu caminhava. Evitei poças na tentativa de manter meus tênis secos. Carros passavam na estrada, avançando, limpadores de para-brisa trabalhando horas extras. Não havia pássaros ou esquilos. As nuvens cinzentas estavam baixas e pesadas.

Eu absorvi tudo.

No café, fiquei grato por descobrir que o mau tempo mantinha a maioria dos clientes afastados. Havia uma jovem trabalhando em um laptop em uma cabine de canto e um homem em um terno de negócio, bebendo café e rolando no telefone.





No balcão, lutei uma mini-batalha para levantar a cabeça e encontrar os olhos do barista, temendo os olhares que poderiam seguir.

Ela não tinha mais de dezoito anos, cabelos amarrados em um rabo de cavalo bagunçado, dentes brilhando com um bocado de aparelho. Não havia reconhecimento em seu rosto, e eu queria cair de joelhos e chorar.

—O que eu posso fazer para você hoje? Nossa bebida apresentada é a Harvest Spice, e nosso tratamento especial é o cheesecake de abóbora.

—O cheesecake parece adorável, mas eu não gosto muito de café.

—Talvez um chocolate quente ou um chá?

Eu considerei o cardápio e concordei com um chocolate quente, lembrando os momentos em que Maw Maw havia tratado Jalen e eu com a bebida doce quando éramos crianças.

O jovem barista colocou na sua caixa registradora, e eu paguei.

—Isso será por aqui ou para ir?

—Por aqui, por favor.

—Eu posso trazer isso para você.

Eu me virei e examinei a loja. Era um lugar aconchegante, com cabines e pequenas mesas e cadeiras de ferro forjado. Ao longo das paredes, prateleiras altas exibiam uma variedade de cafés especiais, canecas e guloseimas embaladas que os clientes podiam comprar. Havia placas nas paredes que diziam coisas como 'Lar é





onde está o café' e 'A vida acontece, o café ajuda'. O jazz suave tocava em alto-falantes ocultos.

Uma cabine perto da janela era atraente - era isolada, privada, e eu podia ver a chuva cair. Sentei-me, tirando minha jaqueta molhada e colocando-a no banco ao meu lado. Enquanto esperava meu chocolate quente, guloseima e companhia, peguei meu telefone - que aprendi a manter comigo - e verifiquei se David havia enviado uma mensagem.

Ele não tinha, mas Anson tinha.

Anson: Pensando em você. Espero que esta viagem para fora de casa corra bem. x (<= isso significa beijos)

Eu ri, meu peito esquentando. —Eu sei disso, bobo. Um x significa beijos desde antes da existência dos telefones celulares. Mas eu não dei a ele um tempo difícil. Ele tornara o texto legível, e isso significava tudo.

Com grandes dores, digitei uma resposta.

Bishop: Acabei de chegar aqui. Sim, eu estou bem. Chocolate quente e cheesecake.

O barista chegou com meu pedido quando eu apertei Enviar. Ela sorriu largamente, seu aparelho brilhando quando ela colocou meu prato e caneca na minha frente.

—Clima desagradável lá fora, hein?

Eu segui o olhar dela pela janela. A chuva caiu em lençóis e ricocheteou na calçada, ricocheteando em carros e janelas. O vento também aumentara e os galhos retorcidos ao longo da rua





arborizada balançavam e chicoteavam de todas as formas. Para a maioria das pessoas, o tempo estava péssimo.

—Eu meio que gosto disso. Há algo na chuva que faz meu coração sorrir.

—Que bonitinho. Meu pai sempre diz que esse tipo de clima é para os patos.

Gargalhei. —Meu avô costumava dizer a mesma coisa quando eu era criança.

—Bem, aproveite seu chocolate quente e guloseimas. Esse cheesecake é o meu favorito.

— Eu irei. Obrigado.

Ela voltou para trás do balcão enquanto meu telefone fazia o barulho de mensagens de texto.

Anson: É assim que você deixa um homem com ciúmes. Eu tenho uma fraqueza pelo cheesecake. Deixe-me saber como você se saiu. Meu intervalo acabou, tenho que ir. x

Ele terminou cada uma de suas mensagens com o mesmo pequeno beijo. Eu achei boa. Ele flutuou fundo na minha barriga e me fez sorrir.

Em vez de uma grande resposta que levaria muito tempo para ser digitada, eu respondi com a mesma carta. Um x; um beijo.

Pondo meu telefone de lado, concentrei-me na minha sobremesa. Lembrei-me com perfeita clareza da última vez que tomei cheesecake. Eu tinha doze anos e meu avô trouxe uma casa da padaria para o aniversário de Maw Maw. Foi a coisa mais deliciosa que eu já provei na minha vida. Ele nos disse para comer





devagar e saboreá-lo, porque o cheesecake era uma delícia cara que você não recebe todos os dias. Meu avô não sabia o quanto ele estava certo. Fazia quase trinta anos desde que eu provei esse presente.

Cortei a cunha cor de laranja com a lateral do garfo e trouxe um pedacinho à boca. Era sedoso e derretia na minha língua. A mistura de especiarias e a explosão de abóbora eram como provar o outono. Fechei os olhos e deixei os sabores se misturarem enquanto se dissolviam na minha boca. Foi o paraíso.

O cheesecake de abóbora subiu até o topo da minha lista de alimentos mais favoritos, ao lado de manteiga de amendoim e banana na torrada com pão de centeio.

Eu estava três mordidas na minha sobremesa quando os sinos acima da porta soaram, e David entrou com outro homem. Roger era alto e magro, com cabelos grisalhos e uma vida dura de rugas e cicatrizes no rosto. Seus olhos eram de um azul pálido e sua pele pendia frouxa dos ossos com o passar do tempo, mas ele estava impecavelmente vestido com um colete de suéter por cima de uma camisa passada e calças passadas. Seu cabelo estava gelificado até uma polegada de sua vida.

Roger sacudiu e dobrou um guarda-chuva escuro enquanto David examinava o pequeno café e me encontrou. David não carregava um guarda-chuva, e sua jaqueta e cabelo estavam bem saturados pela chuva. Seu sorriso contradiz sua aparência.

—O melhor tipo de clima que existe, estou certo?— ele gritou comigo do outro lado da sala.





Eu ri de sua ousadia. O homem nunca deixou de me surpreender. Ele deu a impressão de que todo o seu tempo lá dentro ricocheteou dos ombros e não o afetou. Eu sabia a verdade. Ainda hoje, muitos, muitos anos depois, ele carregava as cicatrizes de seu encarceramento em seu coração como eu.

David foi em minha direção. Roger o seguiu. Eles pararam ao lado da mesa e David fez as apresentações.

—Bishop, aqui é Roger Ellwood, o cara de quem eu estava falando. Roger, meu bom amigo Bishop.

Os dedos de Roger estavam frios como os de Anson quando tremíamos, mas frágeis e ossudos. Sua voz era mais aguda e suave do que eu imaginava.

—Prazer em conhecê-lo, Bishop.

David bateu no ombro de Roger e apontou para o balcão. — Posso pegar um café para você, companheiro?

—Chá verde para mim.

— Mais alguma coisa?

—Não, eu estou bem, obrigado. A esposa me deu um grande almoço.

David foi fazer seus pedidos enquanto Roger deslizava na cabine em frente a mim. —David me diz que você é bem novo por fora, não é mesmo?

—Há algumas semanas agora. Ainda é tudo novo.

—Demora um bom tempo.

—Isso é o que todo mundo continua dizendo.

—É verdade demais.





Os sinos acima das portas da frente soaram quando dois homens mais jovens entraram correndo no café pela chuva. Eles riram de si mesmos encharcados e se afastaram em pé na entrada, pingando poças no piso laminado. Seus cabelos estavam encharcados também, e eles pareciam dois cães, enviando uma cascata de gotas de chuva espalhadas ao redor deles. Pela aparência de seus moletos com capuz e jeans, eles estavam lá por mais de alguns minutos.

O cara de cabelos mais escuros examinou o café, e quando seu olhar caiu sobre a nossa mesa, eu enrijei, esperando por reconhecimento ou um sinal de que ele sabia quem eu era. Ele parou quando nossos olhos se encontraram, piscando um momento como se tentasse colocar meu rosto. Antes que amanhecesse, seu amigo agarrou seu braço e o arrastou para o balcão, cortando nossa conexão em troca do café e rosto bonito da garota.

—Você é reconhecido muito?— Roger perguntou, chamando minha atenção.

—Não tenho saído muito por causa disso. Tive algumas experiências ruins na primeira semana.

—Infelizmente, isso é comum.

—Foi o que David disse.

—Fica melhor.

—Quando? —Abracei minha caneca de chocolate quente, lixiviando o calor e encarando o chantilly derretido que já havia cercado o topo em um redemoinho perfeito.





—Com o tempo. Esta é uma cidade pequena. Pode demorar mais.

—Era disso que eu tinha medo.

David apareceu e apertou seu corpo grande no banco, sentado ao lado de Roger. Ele colocou duas canecas cheias de bebidas quentes, uma de cor verde, a outra tão escura que você não podia ver o fundo da caneca.

—Chá verde para você— disse ele, deslizando um para Roger. —E café para mim porque eu me amo.

—Não deixe que ele lhe diga que o café melhora— disse Roger. —Ele não tem. Desisti de tentar provar isso há cerca de dez anos.

David riu, que se transformou na tosse rouca de fumante que eu já ouvira várias vezes antes. —Esqueça vocês dois. Não há nada errado com uma boa e velha xícara de Joe.

—Eu vou ficar com o meu chocolate quente, obrigado.— Tomei um gole da bebida doce, lambendo o creme batido dos lábios antes de pegar meu garfo novamente e comer mais cheesecake.

—O que você tem aí?— David se inclinou sobre a mesa, olhando minha sobremesa com uma careta. —Parece bolo de queijo, mas é laranja.

—Cheesecake de especiarias de abóbora. Especial festivo, eu acho. É delicioso.

David fez uma careta e recostou-se. —Provavelmente tão ruim quanto torta de abóbora. Não, obrigado. Você pode manter isso por





si mesmo. Bagas são as únicas coisas de que gosto em minhas tortas e bolos de queijo.

Puxei outra mordida do garfo com os dentes e olhei para o meu novo amigo enquanto mastigava e engolia. —E quem disse que eu estava compartilhando?

Roger sorriu e David riu, seu peito estremecendo. —Me pegou lá, companheiro. Então, como você está saindo de casa?

Olhei em volta do café, notando os dois garotos encostados no balcão enquanto o barista corria para pegar seu pedido. O de cabelos claros só tinha olhos para a garota que trabalhava. O moreno estava olhando de soslaio para mim novamente com um olhar que dizia que meu rosto era familiar, mas ele não tinha entendido como ou por quê.

—Nervoso. — Eu me virei para David. —Eu continuo antecipando o pior.

David seguiu meu olhar. —E daí se ele descobrir? Deixe ele olhar para você. Deixe ele sussurrar para o amigo. Você não está sozinho aqui, Bishop, e não é culpado de nada. Você tem o direito de beber chocolate quente e comer bolo de abóbora como eles são.

Apontei meu garfo para David. —É melhor você não estar insultando minha sobremesa.

—Eu não sonharia com isso.

Roger soprou o chá, mas colocou-o no chão sem beber. —É mais fácil falar do que fazer, não é? Ignorando os olhares e os sussurros? Faz você se sentir um pária em qualquer lugar que você vá. Como se você não pertencesse.





—Sim. Também é constrangedor.

Os meninos do balcão pegaram suas bebidas e guloseimas e escolheram uma mesa do outro lado do café. Eu me virei para Roger.

—É mais fácil quando você sai com os amigos— disse ele. — Sozinho, você está mais apto a ser assediado. Com o tempo, para.

—Todo mundo fica me dizendo que leva tempo. Eu respeito isso. Eu acho que é apenas o caminho que eu tenho que seguir para chegar lá. Estou me sentindo impaciente. Já fiz tempo mais que suficiente neste momento.

—Você sabe o que eu acho que ajuda homens e mulheres na sua situação.— Roger colocou as mãos em volta da caneca e observou o vapor subir e se dissipar no ar enquanto ele falava. — Estabelecendo metas alcançáveis. Nada escandaloso. Se você simplificar, você ganha uma sensação de realização todos os dias. À medida que os dias e as semanas passam, você encontrará as metas definidas lentamente, proporcionando uma sensação de estabilidade. Você ficará mais confortável com esta vida aqui e descobrirá que pode fazer mais.

—Objetivos como o quê?

Roger cutucou David. —Que tal compartilhar alguns de seus objetivos iniciais?

David pigarreou e olhou para longe. — Vamos ver. —Algo brilhou em seus olhos, e ele bateu na mesa e balançou um dedo. — Um objetivo simples. Eu tenho um. Hoje vou cortar a grama da frente. Estarei do lado de fora, em frente à casa, mas perto o





suficiente para que meu santuário esteja ao meu alcance, caso eu precise. —David sorriu e tomou um gole de café.

Passei a sugestão pela minha cabeça. —Um grande objetivo se eu soubesse trabalhar o cortador de grama.

—Ah— Roger interrompeu. —E que tal isso? Um objetivo simples. Hoje vou aprender algo novo, como usar o cortador de grama. Você tem um colega de quarto, correto?

Disparei meu olhar entre Roger e David. — Sim.

—Um parceiro— acrescentou David. — Não se envergonhe aqui, companheiro. Você chama o que é.

—Ok, então seu objetivo simples para o dia pode incluir perguntar a este parceiro...

—Anson— interrompi.

—Este parceiro, Anson, como usar o cortador de grama.

—E pedir ajuda ou admitir suas deficiências sim. Só que não. Marca. Você. Fraco — acrescentou David, lendo minha mente.

—Isso é apenas um exemplo— disse Roger. —Então, em um dia, você pode perguntar a Anson como usar o cortador de grama e tomar a iniciativa de cortar a grama da frente. Se você conseguir realizar essa tarefa, pergunte-se como isso o fez se sentir. Se, por algum motivo, esse objetivo for inatingível naquele dia, pergunte-se por quê. Foi porque você não estava pronto para esse desafio? Talvez você pudesse ter feito isso, mas algo ficou no caminho. —Ele apontou para a janela. —Como a chuva. Nesse caso, tente no dia seguinte.

Objetivos pequenos. Podia fazer isso.





—E não se sobrecarregue. Atenha-se a alguns objetivos por dia. Dois ou três, não cinco ou dez. É menos provável que você falhe dessa maneira. Com o tempo, você verá as coisas ficarem mais fáceis.

— Então... —Eu considere exemplos de objetivos. —Talvez algo como, tomar café da manhã em um horário diferente?

—Exatamente— disse David. —Ou sente-se à mesa enquanto você come.

—Como você sabe que eu não faço agora?

O sorriso de David era onisciente. —Você age como se eu nunca tivesse estado lá. Você sabe quantas refeições eu comi no meu banheiro?

A pele ao redor dos olhos de Roger enrugou quando ele sorriu, mostrando sua idade. —Ou quantas eu comi no armário?

— Sério? —Eu fiquei boquiaberto. —O armário.

—Sim, senhor. Todos nós temos nossas muletas, e isso é normal. Você entendeu a ideia.

— Acho.

Conversamos por mais uma hora sobre pequenos objetivos, nossas experiências pessoais do lado de fora e os desafios que enfrentamos. Roger tinha muitos anos desse lado do que David e eu, mas sua história não era tão diferente assim. Todos nós andamos pela mesma estrada; a única diferença era que alguns de nós estávamos mais longe.

Roger me deu o número dele e organizamos uma sessão particular de aconselhamento individual para a semana seguinte.





—Aqui está uma pequena meta— disse David, ajudando-me a programar o número de Roger no meu telefone. —Aprenda algo novo sobre este dispositivo aqui.

—Esse é um objetivo assustador e enorme, se você me perguntar.— Peguei meu telefone de volta e admirei minha crescente lista de contatos. —Essa coisa é complicada como o inferno, e eu odeio isso.

—Você já tentou ligar para esse seu irmão?— David perguntou, apontando para a lista e o nome do meu irmão.

— Ainda não.

—Reconectar-se com a família pode ser difícil— disse Roger. —Especialmente se você se afastou deles enquanto estava dentro. É possível que você seja evitado e eles não vão querer reconstruir um relacionamento, mas descobrimos que nossos exonerados têm um histórico positivo quando se trata de família.

—A menos que você seja eu— disse David.

Infelizmente. Roger apertou o braço grande de David. —Mas vale a pena tentar na maioria dos casos.

—Pode ser um pouco maior que um objetivo pequeno, não é?— Eu disse, franzindo a testa para o nome de Jalen.

—Acho, não tenho certeza. Talvez seja o objetivo mais fácil de todos. Você não saberá a menos que tente.

Eu levantei minha cabeça e Roger sorriu melancolicamente.

—Você se reconectou com sua família? — eu perguntei.

—Sim eu quero. Com os que foram deixados. Uma irmã, tia e tio, e dois primos. Meus pais faleceram enquanto eu estava





trancado. Não nos vemos muito, mas tentamos nos reunir para o feriado.

Eu balancei a cabeça, colocando meu telefone no bolso. — Vou pensar no assunto.

Nossas bebidas estavam prontas, meu cheesecake se foi há muito tempo e a chuva não tinha diminuído nem um pouco.

—Bem, é hora de enfrentar as atividades ao ar livre, eu acho.— David tirou um pacote de Marlboros e um isqueiro do bolso interno da jaqueta. —Você quer uma carona de volta para casa?

—Obrigado, mas eu passo. Eu não ligo para a chuva.

Um olhar de conhecimento passou entre meus dois novos amigos. Suspeitei que houve um tempo em que eles também se entregaram a essa experiência que a maioria das pessoas achou desagradável. Ficamos de pé e, pela primeira vez em mais de uma hora, examinei o pequeno café. Havia mais pessoas do que antes, e nenhuma delas estava focada em nosso pequeno grupo. Foi bom se misturar. Eu não era ingênuo em acreditar que estava acima do obstáculo e nunca mais seria discriminado em público, mas era uma experiência positiva que eu levaria comigo.

Eu disse adeus a David e Roger, apertando as mãos e vendendo-as pela porta antes de voltar e fazer fila para comprar um segundo pedaço de cheesecake de abóbora. Para Anson.

De volta à casa, sentei-me à mesa e pensei seriamente sobre que tipo de pequenos objetivos eu poderia estabelecer para mim todos os dias. Pensei na rotina que lutei para quebrar, no tempo limitado que passei ao ar livre e no canto confortável para onde





escapei mais vezes do que não. Além disso, considerei o quarto que raramente usava e o convite aberto de Anson para me juntar a ele em sua cama sempre que quisesse.

Decidi que o objetivo um era escolher um local comum para dormir. Nem o canto da cozinha, nem o sofá da sala, nem a cama do quarto que não parecia minha desde o dia em que me mudei.

O melhor sono que eu tive foi com Anson ao meu lado.

Meu segundo objetivo era contar a Anson sobre meus objetivos. Não há mais esconderijo. Se as coisas me desafiassem ou me deixassem desconfortável, ele seria o primeiro a saber.

Como seu turno não terminava antes das dez da noite e ele não estava em casa frequentemente até as onze, jantei moderadamente sopa e torradas em lata, deixei seu cheesecake na geladeira com uma pequena nota e me arrumei para dormir. Quando me arrastei para baixo de suas cobertas, seu perfume ao meu redor, enviei uma mensagem para ele.

Bishop: Cansado demais para ficar acordado. Me acorde quando chegar em casa.

Enquanto esperava, li meu livro.

Eu sabia que o quarto dele era o último lugar que ele procuraria, então quando o ouvi chegar em casa logo depois das onze, chutando as botas contra a parede, como de costume, apaguei a luz da cabeceira e deitei em silêncio, ouvindo-o se mover. a casa.

Primeiro, ele foi para a cozinha. Embora eu não o tenha ouvido abrir a geladeira, quando ele exclamou: —Legal!— Imaginei





que ele tivesse encontrado o cheesecake. Não houve mais barulho até a pia correr cinco minutos depois. Então, seus pesados passos subiram as escadas. Ele entrou no banheiro onde eu escutei enquanto ele tomava um longo banho e escovava os dentes. Depois, ele passou por sua porta e foi para o quarto no final do corredor. O quarto de hóspedes.

Um momento depois, passos se aproximaram da porta do quarto e as dobradiças se queixaram quando ele a abriu.

Fechei os olhos, fingindo estar dormindo.

—Bem, merda— ele sussurrou.

A cama mergulhou e um corpo frio deslizou sob as cobertas, avançando e pressionando contra mim, uma perna tecendo entre as minhas. Abri os olhos quando o hálito fresco de Anson apareceu no meu queixo.

—E aqui pensei em ganhar na loteria quando encontrei cheesecake na geladeira.

Ele me beijou, longo e profundo, movendo seu corpo para que ele se aliasse ao meu, e sua ereção esfaqueou minha coxa.

—Está tudo bem se eu dormir aqui hoje à noite?— Eu perguntei quando chegamos ao ar.

—Mais do que tudo bem.

Sua boca estava em mim de novo, procurando a língua, mãos enterrando debaixo da minha camiseta.

—Anson— eu disse no beijo. —Eu quero lhe contar sobre o meu dia.

— Esta bom. —Mas ele não fez parar.





Ele empurrou minha calça de pijama para baixo e me pegou na mão. Eu ofeguei em nosso beijo quando ele acariciou com propósito. Com determinação.

—Anson...

—Depois. Este primeiro...

Eu não estava prestes a discutir. Minha única condição era compartilhar a experiência.

Joguei sua cueca para baixo e bati sua mão, puxando meus quadris para a frente e deleitando-me com o deslizamento de nossos cumprimentos nus.

Não foram necessárias mais palavras. Nós nos mudamos como um. Anson se aproximou, eliminando a brecha e elevando o atrito. Nossas bocas nunca se separavam quando nós nos beijávamos. Anson gozou primeiro, mas o calor de sua libertação quando ele se derramou entre nós me fez subir ao meu próprio local de euforia.

Eu nunca me cansaria de compartilhar esse prazer com Anson. E esse é só o começo. Tínhamos muito mais a explorar.

Corações correndo, nos abraçamos. Nossos toques se tornaram gentis e preguiçosos. Nossos beijos diminuíram. Ofegando, saboreando os tremores residuais que balançavam pelo meu centro, estudei Anson no escuro, garantindo que ele não tivesse trazido para casa novos cortes ou machucados.

—Devemos limpar? — eu perguntei.

—Ainda não. Me conte sobre o seu dia.





Eu compartilhei sobre minha viagem ao café e a conversa que tive com Roger e David. Depois que expliquei sobre os mini-objetivos que queria estabelecer todos os dias, disse a Anson que o primeiro era encontrar um local estável para dormir.

—Você sabe que eu queria você na minha cama por um longo tempo.

— Você não se importa?

— De jeito nenhum.

—Você acha que coisas assim podem acontecer com mais frequência?

Anson riu. —Espero que sim, porque é muito bom, você não acha?

—Sim, e gosto de compartilhar com você.

—Então, quais são seus objetivos para amanhã?— ele perguntou, passando a mão sobre minha coxa nua. —Estou de folga o fim de semana inteiro.

—Eu ainda não tenho certeza. Eu deveria ter certeza de que eles são viáveis. Talvez possamos planejar pequenas caminhadas pelo bairro. Não vai a lugar nenhum em particular, mas apenas sai e pratica.

—Boa ideia.

—E...— Eu me afastei, sem saber como expressar a segunda coisa.

—E?

—Roger pensou que eu deveria tentar me reconectar com Jalen.





As sobrancelhas de Anson se ergueram, a surpresa em seu rosto evidente mesmo no escuro. —Ah, é?

—Sim. Eu não sei. E se ele não quiser falar comigo?

—E se ele fizer? Bishop, ele deu o primeiro passo no dia em que o júri leu seu veredicto. Ele veio e viu você. Parabenizou você. Você se lembra do que ele disse?

—Na verdade não. Foi um dia avassalador.

—Ele disse: ‘Anson tem meu número, se você quiser conversar’. Para mim, isso foi um convite.

Eu balancei a cabeça, virando isso na minha cabeça. Ele tinha razão. Foi a minha vez de dar o próximo passo. — Tudo bem. Então talvez eu faça disso um objetivo. Me deixa pensar sobre isso.

—Me avisa. Se você precisar de um intermediário, alguém para preencher a lacuna da primeira vez, estou disposto a ajudar.

Eu não respondi. Sentindo meus pensamentos conturbados, Anson me levou a outro beijo profundo e apaixonado. Cantou através do meu corpo e me acendeu fogo mais uma vez. Eu cresci excitado, necessitado e com fome. Como isso foi possível? Eu não conseguia obter o suficiente dele. Toda vez que nos reuníamos, meu corpo ansiava cada vez mais, não importa que estivesse satisfeito há dez minutos.

Então um pensamento me ocorreu, e eu me afastei.

—Qual é o problema?— Anson perguntou, ofegante.

—Eu perdi a noção.

—De quê?

—Quantas vezes nos beijamos.





—Você estava contando?

—Valorizando cada um. Não acredito que perdi a noção.

—Bem, se você me perguntar, está perdendo tempo, porque ficará sem números algum dia. Pretendo beijar você um número infinito de vezes e depois mais um pouco. Você nunca seria capaz de contar tão alto.

—Meus lábios podem ficar doloridos.

Anson riu. —Vou comprar protetor labial.

Nós nos reunimos novamente, e parecia que meu plano para dormir melhor à noite não iria acontecer compartilhando uma cama com Anson.

Não fiquei desapontado.



Capítulo Dez

O DIA SEGUINTE, nós dormimos. Eu tinha acordado no meio da noite, mas com o corpo quente de Anson ao alcance do braço, eu estava menos inclinado a fugir para a cozinha. Em vez disso, rolei para encontrá-lo, passei o braço em volta dele e o puxei contra o meu corpo. Ele está de costas para minha frente. Então eu dormi novamente.

O sol brilhou através da janela quando abri os olhos pela segunda vez, mas Anson dormiu. Ele ainda estava em meus braços, sua bunda corada com a minha semi ereção. A posição inundou idéias à superfície, coisas que ainda não tínhamos feito, mas coisas que eu estava cada vez mais interessado em explorar. Em pouco tempo, esse semi estava cheio como aço, e eu o pressionei contra o vinco de sua bunda quase instintivamente.

Anson gemeu e mudou os quadris para trás, incentivando algo que eu não sabia se deveria começar. Eu esfreguei sua nuca, inalando o cheiro de sua pele quente como o sono. Mais uma vez, cutuquei sua bunda, gostando da sensação e visualizando mais.

—Muitas roupas— Anson murmurou em seu travesseiro enquanto se mexia de volta contra mim.





Eu me vesti de pijama e Anson de cueca depois que finalmente limpamos a noite passada.

—Eu estava indo fazer um café para você. Por que você está acordado?

Ele resmungou, as palavras ininteligíveis.

Eu beijei sua têmpora e tentei me afastar. Ele pegou minha mão e a colocou sobre sua ereção, me mantendo no lugar. —Ou você pode encontrar o lubrificante na gaveta e me foder assim.— Ele virou a cabeça, o travesseiro enrugou uma das bochechas e o cabelo emaranhado do sono me fez sorrir. —Mas apenas se você quiser— acrescentou, sua voz rouca e rouca.

Eu considerei seriamente sua oferta. Parecia lógico e fácil, e eu queria, mas ...

—Deixa pra lá.— Anson beijou meus lábios, vendo minha indecisão antes de expressar uma única palavra. —O café parece incrível. Também devemos fritar um pouco de bacon e ovos esta manhã.

—Anson...

Ele acariciou minha bochecha. —Eu não estou com raiva. Tudo bem. Isso é um grande negócio para você, eu sei, e é um grande passo.

— Creio que Talvez se eu soubesse o que estava fazendo, seria mais fácil.

Suas sobrancelhas se encontraram no meio enquanto ele estudava meu rosto. — O que quer dizer?





Minhas bochechas esquentaram. —Eu quero dizer... Eu nunca fiz isso antes. Você sabe disso. Entendo como dois homens estão juntos, mas... —Franzi o cenho, envergonhada e desconfortável.

Fale de uma vez.

—Quando eu estava em geral, naqueles primeiros anos antes do meu caso ser julgado, eu vi ... Eu testemunhei o ato uma ou duas vezes nos chuveiros. Isso foi *não* consensual e foi *não* feito para ser agradável para os dois homens. Foi ...

—Estupro.

—Sim. E o homem que eles pegaram, ele sangrou e gritou de dor, e eu não quero fazer nada para machucá-lo. Eu sei o que eles fizeram foi duro e ...

Anson pressionou um dedo nos meus lábios, a preocupação grossa em seu rosto. —Eles já fizeram isso com você?

Balancei a cabeça. — Não. Eu acho que meu tamanho me salvou. Ninguém mexeu muito comigo. Aprendi rápido como me tornar assustador e misterioso. As pessoas ficaram longe.

Anson caiu de alívio.

—Mas— eu continuei. —A logística do que devemos fazer. Apenas ... parece que doeria, ou pelo menos seria desconfortável.

—Pode ser. Será, mas existem medidas a serem tomadas para aliviar parte desse desconforto, e não fica desconfortável. Quando seu parceiro é gentil e atencioso, pode ser bastante agradável. Para as duas pessoas. —Ele segurou minha bochecha e me prendeu com





um olhar ardente. —Eu sei que você nunca me machucaria de propósito, Bishop.

—Eu não quero fazer isso.

—Eu posso lhe mostrar como torná-lo bom para nós dois.

Eu acenei lentamente. — Tudo bem. Mas talvez...

—Talvez falemos sobre isso fora do quarto, onde não há pressão. Então, quando estiver pronto, colocamos em prática, mas não antes.

— Parece bom. Você não pensa menos de mim por ser tão inseguro?

—Eu penso menos de você por se importar com o meu bem-estar e por não querer me machucar?— Anson riu. —Nunca. Agora, que tal aquele bacon e ovos? Você está com fome?

—Morrendo de fome

Foi bom ter Anson em casa do trabalho. Muitas vezes meus dias eram solitários. Era mais fácil me convencer a experimentar coisas novas quando eu tinha apoio moral.

Juntos, preparamos um bom café da manhã. Acabou que quebrar ovos não era meu forte.

No momento em que nos sentamos para comer, eram quase dez horas e eu senti como se tivesse perdido uma refeição por completo. Anson tomou um gole de café, e eu disse a ele como David estava convencido de que eu sentiria gosto por isso com o tempo.

—Talvez você só precise disso um pouco mais doce. Tente adicionar um pouco de açúcar.





Quando ele bebeu a maior parte do café, ele encontrou o açucareiro e acrescentou um pouco à sua caneca. Ele mexeu e deslizou.

Eu torci o nariz e olhei para ele. —Não sei.

—Experimenta.

—Nem cheira bem.

—Blasfêmia. Café cheira incrível. Experimenta. —Seu sorriso se alargou, os olhos enrugando nas bordas.

Hesitante, trouxe-o para a minha boca e tomei um gole. Ainda foi um choque para o sistema. O sabor simplesmente não era atraente. Estremeci e ri enquanto deslizava a xícara de volta sobre a mesa. —Eu acho que não é para mim.

Com humor, Anson levou o resto para a pia e jogou-o fora. — Sabe, acho que o café é mais um vício. Quando eu tinha doze anos, eu costumava assistir minha mãe tomando seu café da manhã o tempo todo. Eu mal podia esperar até ficar mais velho para ter um também. Parecia a coisa adulta de se fazer, você sabe. Ela me disse que quando eu estava no ensino médio, se eu quisesse, eu poderia. Então eu fiz. No minuto em que ela me considerou velho o suficiente, tomei uma xícara de café todas as manhãs e, para ser sincero, foi a coisa mais nojenta que já provei.

—Mas você continuou bebendo?

—Eu te disse, eu queria ser adulto. Os garotos mais velhos do ensino médio, os idosos, todos batiam na cafeteria antes da escola e vinham andando pelos corredores com suas xícaras de viagem como os maus que eram. Eu queria ser como eles. Era uma marca de





idade. Ritual de passagem. Era a coisa mais segura a se fazer. — Nós dois rimos. —Então sim, eu engasgava todos os dias. Mamãe também não me deixou adoçar, então bebi com apenas um pouco de leite como ela.

—Então, um dia, percebi que não odiava mais. Não sei quando aconteceu, mas lembro-me de estar na cozinha uma manhã, quando eu estava no segundo ano, morto de pé porque fiquei acordado estudando a noite toda, esperando a panela cozinhar, porque mamãe acordou tarde. Eu estava cansado de cachorro e xingando a máquina por ir tão devagar. Percebi que estava desejando esse estímulo. Precisava disso. Não foi possível obtê-lo rápido o suficiente. O cheiro foi suficiente para fazer meus olhos revirarem na minha cabeça.

—Oh Senhor, você está certo, é um vício. Você é um viciado.

—Cem por cento, e isso é bom para mim. Não fumo. Eu não uso drogas, mas Deus ajude quem estiver entre mim e meu café da manhã. Eu vou estragar tudo e não vou sentir vergonha.

—Anotado. Provavelmente é melhor você parar de tentar compartilhar comigo então.

—Você sabe o que, você está certo. No que eu estava pensando?!

Nós limpamos a cozinha juntos e, depois, Anson sugeriu uma curta caminhada ao redor do quarteirão, seguindo as ruas mais calmas e evitando as partes mais movimentadas da cidade. Não que Onalaska estivesse sempre ocupado, Anson me informou. Dessa





vez, lembrei a ele como minha cela estava lotada por vinte anos e como uma multidão de seis ou sete se sentia ocupada comigo.

O tempo estava frio naquele dia, e o sol estava escondido atrás de nuvens cinzentas baixas. Não havia previsão de chuva, mas havia uma umidade no ar que cortava nossos ossos. Até Anson, senhor *Eu tenho sangue de Michigan e sou imune ao frio* estremeceu.

Anson me guiou por algumas ruas residenciais onde, nos anos 60, as casas em estilo de fazenda ficavam a uma certa distância da estrada, cada uma com um tom semelhante de tapume e garagens unidas por carros, cada uma com algumas árvores estabelecidas crescendo nos gramados da frente. A próxima rua que viramos nos levou a um bairro com uma igreja na esquina e casas com uma variedade diferente de arquitetura. Havia várias casas de artesãos de dois andares e, no final do quarteirão, uma fileira de casas em estilo adobe. A igreja em si tinha uma placa de pedra datada do edifício aos dezoito e noventa e sete.

Dez minutos depois, os dedos frios de Anson procuraram os meus. —Você está bem com as mãos?

—Você só quer o meu calor.

—Você gosta de mim.

Examinei a rua, mas além de um ou dois carros aleatórios, não tínhamos visto ninguém. —Desde que você não esteja preocupado, eu estou bem com isso.— Apertei sua mão.

—As pessoas no trabalho já sabem. Não parece que importa mais. Além disso, eu odeio me esconder.





—Então você tem sua resposta.

Então seguimos em frente, mãos juntas, ombros roçando de vez em quando. Tínhamos ido longe e, por um momento, eu não tinha certeza se lembrava do caminho de casa.

Uma onda de tontura me pegou desprevenido enquanto examinava a rua desconhecida. Pela primeira vez desde que saímos de casa, a enormidade do mundo se registrou. Parei de andar, a vertigem me deixando sem equilíbrio. Temendo que eu caísse, ampliei minha postura e apertei Anson.

—Whoa, você está bem?

Eu apertei meus olhos fechados um minuto, focando em seu toque e estrutura sólida ao meu lado, lembrando-me de ficar de castigo e não deixar a maré me levar embora. —Preciso de um minuto. Tonto. Eu deixei minha cabeça vagar. Quando presto muita atenção ao espaço aberto ao meu redor, fica esmagador. Me esgueirou dessa vez.

Anson esfregou meus braços enquanto eu respirava através do ataque. A vergonha me cercou, mas eu lutei contra isso, determinado a não deixar que isso provocasse outra cunha entre nós.

— Há algo que eu possa fazer?

Abri meus olhos e me concentrei nele, permitindo que sua presença me enraizasse no aqui e agora. —Estou bem. Está passando. Talvez... Talvez devêssemos voltar. Desculpa. Eu acho que isso é suficiente por um dia.





— Não se arrependa. Nós fomos longe. Você deve estar orgulhoso!

—E eu estou? Nossa conversa compartilhada foi uma boa distração.

Passamos o resto do sábado no sofá, enrolados em um cobertor com filmes. Nós assistimos *O Hobbit* e *A sociedade do Anel* - discutindo as diferenças entre os livros e os filmes - comemos pipoca, cochilamos e nos perdemos algumas vezes intimamente. Foi um bom dia.

A certa altura, depois de termos nos exaurido o suficiente para exigir chuveiros, mas não havíamos encontrado energia para levantar e levá-los, Anson explicou os detalhes técnicos do sexo anal e como torná-lo agradável.

Ele também compartilhou que se considerava o que os gays chamavam de versátil, o que ele explicou significava que estava tão feliz por estar no topo quanto por estar no fundo. Eles eram novos termos para mim, e ele deu uma boa risada quando eu o lembrei de que não tinha exatamente acesso à pornografia gay no corredor da morte e não sabia o que eles significavam.

Independentemente do constrangimento causado pela conversa, prestei muita atenção e pensei em quando poderia torná-la realidade. Uma coisa que eu tinha certeza era que não estava pronto para o fundo. Ainda. Anson não parecia incomodado com a minha admissão.





No dia seguinte, enquanto tomamos um café da manhã mais simples, Anson perguntou: —Você já pensou em seus objetivos para hoje?

Eu tinha, mas estava indeciso se queria me comprometer com um deles ainda ou não. —Ainda não tenho certeza.

—Jalen?

—Sim. Eu sei que não deveria. Eu sei que provavelmente estou fazendo parecer que isso é algo importante na minha cabeça, mas ...

Anson estendeu a mão sobre a mesa e pegou minha mão. —Mas é difícil. Faz muitos anos.

—O que devo fazer?

—Não posso decidir por você, mas posso apoiá-lo. Sei que, depois de várias trocas com seu irmão, ele não o evitou. Ele quer consertar pontes.

Peguei um pedaço de massa restante da minha torrada. —Sinto que o telefone é muito impessoal para algo assim.

—Concordo. Posso fazer uma sugestão?

—Estou ouvindo.

—Que tal eu ligar para Jalen e marcar um horário para ele vir? Vocês podem ter uma tarde juntos. Eu acho que ele bebe café.

—É claro que estava. Vocês e suas drogas.

Anson riu. —Então, isso soa como uma boa idéia?

Assenti. —Sim, eu gosto disso, exceto ...

Quando não continuei, Anson perguntou: —Exceto o quê?

—Exceto, eu poderia gostar de ir à casa dele melhor.





Considerando como eu estava em casa, achei que poderia surpreendê-lo. Quando Anson não respondeu, eu olhei para cima.

—Você quer ir na casa dele? Esse seu pequeno objetivo ficou muito maior.

— Eu sei. Talvez seja por isso que estou hesitante.

—Por que a casa dele? Tenho certeza que ele viria aqui.

Eu me mexi na cadeira e peguei minha crosta novamente. — Quero visitar as sepulturas da minha Maw Maw e do avô. Eles estão enterrados lá em Georgetown. Se formos ver Jalen, também podemos vê-los. Eu ... preciso dizer adeus. Ainda não tive chance e não quero atrasar.

—Acho que isso soa como um bom plano. Eu nunca pensei nisso antes. Você quer que eu ligue para ele e prepare algo?

—Eu odeio pedir para você fazer isso. Sou um garoto grande e deveria ...

—Não me importo, Bishop. Jalen e eu temos um relacionamento, então ligar para ele não me incomoda. Talvez seja melhor deixar-me preencher a lacuna da primeira vez.

— Tá bom.

Depois de tomarmos o café da manhã, Anson desapareceu em outra parte da casa para fazer a ligação. Saber que ele estava conversando com meu irmão me deixou nervoso, e eu fui para o meu canto para sentar e olhar para o outro lado do quintal.

David estava certo. Era o meu lugar seguro.

Como eu faria uma viagem à casa de Jalen quando lutava para ficar ao ar livre por grandes períodos de tempo? Talvez isso





não fosse uma ideia tão boa assim. Minha ansiedade disparou apenas com o pensamento, não importa abrir a porta para o meu passado e me reconectar com o único membro da família que me restava.

E se ele dissesse não?

E se ele dissesse a Anson que não estava pronto?

E se...

—O canto é um sinal de que você está ansioso?

Eu me assustei com a presença repentina de Anson.

Ele deslizou pela parede ao meu lado e apertou minha coxa.

—Ele está tão nervoso quanto você, se isso ajuda.

—O que ele disse?

—Ele disse que adoraria ter você. As próximas semanas estão ocupadas para ele. Nossos horários se chocam. Ele trabalha nos próximos dois fins de semana e, no Dia de Ação de Graças, tem planos com ... um amigo, mas nos convidou no sábado seguinte. Ele está de folga então, e eu também.

— Tudo bem. Isso é bom, certo?

—É

Eu suspirei. —Nem sei o que dizer.

—Você descobrirá quando chegar lá.

— Eu nem o conheço.

—Ele também não te conhece mais, mas você é da família. Já existe uma fundação. Você só precisa ser pego.

—Espere.— Eu me sentei de pé, minha coluna rígida. —O que ele sabe sobre nós?





Vários pensamentos indiscerníveis passaram pelos olhos de Anson antes que ele dissesse: — Não confirmei nada. Ele também não pediu, mas suspeito que ele sabe que somos um casal.

—Isso... Isso não o perturba ou ... nojo? Você acha que ele vai ficar bem se viermos e contarmos a ele? Confirme?

Os lábios de Anson se contraíram e abriram um sorriso suave. Ele tocou minha bochecha e me beijou. Não passava de um selinho. —Eu acho que ele vai ficar bem com isso. Digamos que foi um palpite.

Assim eu esperava. Como Anson, eu não queria esconder quem eu era. Eu disse a ele uma vez, quando ainda estava na prisão, que, se algum dia tivesse minha liberdade, a aceitaria em todos os níveis, incluindo a abertura à minha sexualidade. A vida era muito curta para se esconder ou se desculpar por ser gay. Isto era quem eu era, quem nós éramos.

—Vamos tentar ir ao Javier no Dia de Ação de Graças? Ainda não lhe dei uma resposta, mas estamos convidados.

— Oh. Eu tinha esquecido disso. Isso está chegando em breve.

—Sim. Três semanas

Eu me contorci por dentro, mas trabalhei duro para não demonstrar. — Eu... Você acha que isso constitui um objetivo pequeno? Indo para a casa de um amigo?

—Eu acho que apenas você pode responder a isso.

Javier vindo à nossa casa não tinha passado muito bem. Se aventurar com ele seria melhor?





—Se ajudar, Javier e eu tivemos uma longa conversa.

— Eu sei. - Você me disse.

—Ele se sente um idiota. Você não será evitado lá, Bishop.

Prometo. Sua noiva também é doce. Ela perguntou muito sobre você. Ela é meio romântica e está torcendo por nós desde o primeiro dia. De qualquer forma, eles não estão tendo uma casa cheia de pessoas. Seríamos nós e mais um casal. Amigos de Melanie.

Seis pessoas no total. Se alguma coisa, seria uma boa maneira de mergulhar lentamente em multidões cada vez maiores.

— Tudo bem. Vamos tentar. Eu tenho tempo para trabalhar nisso, eu acho.

—Se a qualquer momento você não estiver bem, podemos fazer um plano para que você possa escapar e respirar. Ou, se o pior acontecer, podemos sair. Javier vai entender.

—Certo, chefe. Diga-lhe que estaremos lá.

As semanas que antecederam o Dia de Ação de Graças foram sem intercorrências, e eu quase acreditei que as coisas estavam se acalmando. Eu não havia me aventurado além de alguns quarteirões ao redor da casa, mas era um progresso, até certo ponto. Eu me encontrei com Roger duas vezes para sessões de terapia particulares e tomei café com David em casa algumas vezes também.

Eu estava começando a acreditar que a vida estava se acalmando. Anson não tinha compartilhado nenhum problema no





trabalho, e todos os dias eu me sentia mais corajoso e mais decidido.

— Deveria ter sido mais esperto.

Era a semana de Ação de Graças, quando tudo foi uma merda.

Anson estava de volta ao turno da manhã, o que significava que um alarme nos assustou quando acordamos na manhã de segunda-feira. Anson gemeu e puxou o travesseiro sobre a cabeça depois que ele o desligou, cavando mais fundo nas cobertas. Sabendo que ele não era fã desses turnos iniciais, eu cuidadosamente o desembrulhei de seu casulo e comecei a beijar toda a pele exposta, da base do pescoço, da espinha e concentrando-me na redondeza de sua bunda, coberta de um par apertado de cuecas azul marinho.

Na noite anterior, Anson me enviou para as estrelas quando ele me levou em sua boca pela primeira vez. Não havia como descrever o sentimento. Eu disparei como um canhão em minutos, para minha vergonha, e lutei para recuperar o fôlego por uns bons dez depois. Durante toda a noite, pensei em devolver o favor, imaginando como seria levá-lo assim, trazer-lhe o mesmo prazer que ele tinha me mostrado.

Anson gemeu quando puxei sua cueca por cima de seus dois globos perfeitos e beijei a pele nua de suas costas.

—Eu realmente não tenho tempo para isso— ele murmurou.
—Mas eu realmente, realmente quero.





—Podemos pegar isso mais tarde quando você estiver fora do trabalho.

—Por favor.— Ele desenhrou a palavra enquanto minha língua viajava para lugares que não tinham antes. —Me dê o telefone, eu estou ligando doente.— Ele fez um esforço fraco para alcançá-lo na mesa de cabeceira.

Rindo, eu coloquei sua cueca de volta no lugar, beijando sua espinha na nuca e sussurrando em seu ouvido. —Tome um banho. Vou fazer café e café da manhã.

Ele choramingou em seu travesseiro e, embora abafado, eu peguei as palavras *provocação* e *não é justo* enquanto eu descia da cama.



Nossos planos para explorar ainda mais naquela noite não deram certo.

Às duas e meia, recebi uma mensagem de Anson, dizendo que ele não estaria em casa às quatro, como de costume. Às cinco, ele ainda não havia chegado. Quando seis chegaram e foram, enviei uma mensagem para ele, mas não obtive resposta. Passava das sete antes de ele entrar na garagem. Eu estava esperando no sofá e voei no minuto em que ouvi a porta do jipe bater.

Quando ele entrou em casa, ofeguei e cobri a boca enquanto meus olhos se transformavam em pires. Seu braço estava em uma tipoia preta e ele tinha uma contusão roxa desagradável na têmpora que avançava em direção ao olho.





—Anson...

Ele suspirou e caiu contra a parede como se seus pés cederiam a qualquer momento. —Eu preciso de analgésicos. Advil, Tylenol, Aleve, uísque. Todas as anteriores O que quiserem. Por favor.

Eu estava no meio da escada quando liguei de volta: —
Armário de remédios?

— Sim.

—Sente-se antes de cair. Estarei bem ali.

Encontrei alguns comprimidos de Advil e uma garrafa de água gelada na geladeira antes de retornar ao salão da frente. Ele não tinha ido longe. Com a bunda plantada no chão ao lado da porta, a cabeça inclinada para trás e os olhos fechados, ele parecia ter ido de igual para igual com um trem e perdido.

Ajoelhei-me na frente dele e toquei sua perna. Seus olhos se abriram. Tanta tristeza refletida em mim, meu coração se partiu.

—Aqui. Pegue estes.

Ajudei-o a desatarraxar a tampa da água e colocar as pílulas na palma da mão. Depois que ele os levou, perguntei: —Eles não lhe deram nada por dor?

—Doutor era um idiota homofóbico. Disse que eu ficaria bem com coisas sem receita, e eu deveria chupar tudo e ser um homem para variar. Provavelmente pensou que eu merecia.

— O que aconteceu?

Seus olhos ficaram sem foco quando ele olhou para um lugar que eu não podia ver. —Eu caí da escada de aço.





—Não me engane, Anson. Eu pensei que estávamos além disso.

—É verdade. Eu não estou mentindo. Você se lembra daquele cara que tinha caído algumas celas de você? O psicopata? Léon?

— Sim.

Lembrei-me bem dele. Ele era o preso mais instável que eu já tinha visto em muitos anos. O cara não estava certo na cabeça e causou mais do que seu quinhão de problemas. Graças a ele, tivemos mais quedas do que qualquer outro quarteirão no meu último ano em Polunsky.

—Estou acompanhando esta semana. Derrick está comigo. Bom garoto. Eu senti falta dele. —Anson fechou os olhos e seu rosto se contorceu de dor quando ele respirou fundo algumas vezes antes de continuar. —Estávamos levando Léon para gravar no bloco D. Tudo parecia bem, então do nada, ele a perde. Fica balístico. Ele bateu o pé na minha frente e me checou lateralmente com o ombro quando estávamos no topo da escada. O momento me derrubou. Eu não consegui me segurar. Tropecei nos meus pés. Bati minha cabeça no caminho para baixo. Me nocauteou.

Toquei o hematoma inchado perto de sua têmpora. Meu intestino apertou. —Era apenas Léon sendo Léon, ou era outra coisa?

Anson se mexeu, puxando seu corpo mais vertical com um grunhido de dor. —Derrick relatou que Léon estava cantando ‘Mate o viado, mata o viado, mata o viado’ repetidamente. Cantando quase como o maldito monstro que ele é. Você sabe como ele se sai com





aquelas músicas estranhas dele. Não me lembro de nada disso. Caí em uma pilha de membros no fundo. Derrick sentiu-se horrível por não ter conseguido impedir minha queda, mas conseguiu conter Léon e pedir ajuda. Ele disse que eu não me mexi ou respondi aos seus gritos por uns bons cinco minutos.

—E seu braço?

—Foi deslocado. Eles colocaram de volta. Machuca como foda. Precisa ficar pendurado por duas semanas no mínimo. Eu tenho uma concussão moderada e também estou bastante espancado com esse uniforme. O médico disse para congelá-lo e não se preocupe, porque nada estava quebrado. Eu tenho que voltar para uma reavaliação com meu médico regular em algumas semanas. Acabei de ganhar uma folga e outro ingresso de volta para ver o diretor. Que merda!

A folga não era uma coisa ruim, na minha opinião, mas eu não disse isso a ele. Eu sabia que Anson amava o seu trabalho e estava fazendo todo o possível para se posicionar sobre o assédio moral e a discriminação, mas as coisas haviam caído e queimado desde a minha libertação. Mais uma vez, ele estava enfrentando violência por causa de sua sexualidade. Era o I-Max tudo de novo e, com o tempo, ele acabaria seriamente ferido ou morto. Isso teve que parar.

—Anson.

—Você pode me ajudar? Eu preciso de um banho e preciso me deitar.

—Que tal algo para comer?





—Não estou com fome. A dor me deixou um pouco enjoado.

Então eu o ajudei a tomar banho, esperando do lado de fora quando ele insistiu que não precisava que eu fosse mãe dele e o coloquei na cama. Ele dormiu até as duas da manhã. Quando ele acordou, gemendo de dor, eu lhe dei mais analgésicos, encontrei algumas compressas de gelo e ele saiu novamente em menos de vinte minutos.

Terça-feira, Anson estava deitado no sofá, perdido em sua cabeça enquanto fingia assistir TV. Ele parecia derrotado e torcido. Eu o incomodava demais, querendo ajudar, odiando não poder melhorar. Eventualmente, ele estalou, imediatamente se desculpando, mas eu escapei para a cozinha depois e pisei levemente.

Meu objetivo era simples na terça-feira: cuide de Anson, por mais que ele me permita.

Eu cozinhei para ele. Fracamente. Trouxe café, comprimidos para dor, compressas de gelo e água quando ele pediu. À tarde, ele deu um tapinha no sofá ao lado de onde estava deitado e disse: — Apenas deite comigo. Pare de abastecer e correr. Você está me deixando louco. Eu quero ser infeliz e sentir pena de mim mesmo. Se você quer ajudar, apenas me abrace.

Então eu fiz. Por horas ficamos juntos, Anson nos braços, a cabeça apoiada no peito.

Quarta-feira, Javier ligou. Anson estava dormindo durante o terceiro filme da manhã, então atendi o telefone.

—Ei, grandalhão. Como está Anson?





—Ele é irritadiço e limítrofe intolerável.

Javier riu. —Aposto que sim. Presumo que ele esteja dormindo agora desde que você atende o telefone dele?

—Sim. Ele desmaiou no sofá. Você quer que eu o acorde?

—Não, Deus, não! Não preciso da bunda dele gritando comigo. Ele me mandou uma mensagem ontem e disse que vocês ainda viriam jantar amanhã. Ele perguntou se poderia trazer alguma coisa, e eu disse a ele que iria conversar com o chefe e voltar para ele. Melanie disse que se ele quisesse trazer uma sobremesa, seria incrível.

—Uma sobremesa Vou avisar ele.

—Ótimo. Obrigado.— Javier fez uma pausa. —Estou feliz que você esteja vindo para o jantar. Anson me disse que tem sido difícil para você deste lado das portas.

—É um ajuste. Estou chegando lá!

—Me desculpe se eu lhe dei a impressão errada ou fiz você sentir que não o aceitei.

—Está tudo bem.

— Não, não é. Eu nunca estive nessa situação antes. Como agente de correções, nós meio que treinamos a nós mesmos para sermos indiferentes às pessoas lá dentro, sabe? Não nos permitimos fazer amigos ou simpatizar. Bem, a maioria de nós não.

Gargalhei. —A menos que você seja Anson.

—Entendi. A menos que você seja Anson. Ele tem um coração de ouro, esse. Eu nunca conheci alguém mais determinado a fazer as coisas direito. Eu pensei que ele era louco, mas ele era meu





melhor amigo, e eu o apoiei. Mas ele estava certo sobre você, Bishop. Você o faz feliz. Consigo ver. Ele merece isso.

—Ele me faz feliz.

—Ótimo.— Javier soltou um suspiro audível. —Ok, chega de besteira piegas. Então, vejo vocês amanhã, suponho?

—Você vai. Isso será bom para ele. Acho que ele precisa de um amigo além de mim.

Desligamos e estudei a forma de dormir de Anson no sofá. Eu debati em acordá-lo para que ele soubesse o que Javier havia dito, mas decidi deixá-lo em paz. Ele estava rabugento nos últimos dois dias, e o médico havia dito para ele descansar e melhorar.

Eu não tinha feito nenhuma meta para quarta-feira, e o desejo de ser útil era força motriz suficiente para me tirar de casa. Não era uma caminhada ao redor do quarteirão, não estava cortando a grama da frente, mas a pequena padaria da cidade não estava muito longe e, como o café, eu esperava que não estivesse ocupado.

Deixando Anson no sofá, encontrei uma jaqueta leve, alguns dólares em dinheiro da gaveta de dinheiro extra e saí. Na varanda da frente, respirei fundo duas vezes e saí.

Não tendo comemorado um feriado em vinte anos, eu não previa a correria das pessoas tentando fazer suas compras. Isso também significava que eu não conhecia a padaria no dia anterior ao Dia de Ação de Graças.

Quando virei para a rua principal que abrigava o pequeno punhado de lojas em Onalaska, meus pés pararam. Os carros





estavam estacionados para cima e para baixo nos dois lados da estrada. O pequeno mercado em que eu havia falhado em minha primeira aventura fora de casa estava fluindo com pessoas indo e vindo, carrinhos cheios a rebentar, todo mundo correndo, correndo, correndo. Havia pelo menos uma dúzia de pessoas nas calçadas, correndo de um estabelecimento para o outro, com sacos de plástico cheios de compras.

A padaria, meu destino, tinha duas grandes janelas da frente, uma de cada lado da entrada. A mais de meio quarteirão de distância, pude ver que estava cheio de clientes. Minha pele formigou com pequenas gotas de suor, apesar da temperatura mais baixa. Parte de mim queria se virar e ir para casa; a outra parte estava me dizendo para não ser covarde e fazer o que vim fazer.

Fiquei por uma dúzia de minutos indecisos no meio-fio, olhando as pessoas indo e vindo, assistindo a agitação sem fim. Minha pele coçava e zumbia, mas lutei por ela e coloquei um pé na frente do outro, apontando para a porta da frente.

Com meu foco no tênis, incapaz de resistir à tentação de esconder meu rosto, abri a porta e esperei enquanto uma mulher idosa disparava, agradecendo-me. Apertei-me dentro do pequeno estabelecimento e fui espancado pelo cheiro doce de guloseimas assadas e pão de fermento que pairava no ar. Vitrines alinhadas em duas paredes e suas janelas mostravam várias tortas e bolos, tortas e biscoitos. Uma prateleira grande na parte de trás da loja estava meio cheia com uma variedade de pão, todos embalados em sacos de papel pardo. Uma segunda prateleira continha sacos





transparentes cheios de pães recém-assados. Havia um jovem de avental, reabastecendo os lugares vazios tão rapidamente quanto eles estavam sendo comprados pelos clientes.

Uma sobremesa. Minha missão foi uma sobremesa. Eu poderia fazer isso.

Mantendo o foco, ainda sem vontade de levantar o queixo, fui para o balcão mais próximo com guloseimas. Maw Maw sempre fazia torta no Dia de Ação de Graças. Parecia a escolha apropriada.

Sem saber onde ficava a fila ou a quem eu deveria perguntar sobre arrumar algumas tortas, levantei minha cabeça mais alto, examinando a agitação das pessoas ao redor.

Na maior parte, eu passei despercebido. As pessoas estavam concentradas em suas tarefas, ocupadas demais para notar o homem negro de um metro e tantos, cujo rosto estava por todo o noticiário.

Quando descobri onde a fila terminava, atravessei a loja. Um choque por trás me fez tropeçar alguns passos antes de me endireitar e espiar por cima do ombro.

—Sinto muito— disse uma jovem mãe que segurava uma criança no quadril. Um segundo filho agarrou-se à perna dela, piscando para mim com grandes olhos azuis. —Eu não quis bater em você. Cheio, não é?

—Sim, senhora.

Eu estava prestes a voltar quando seus olhos se arregalaram, e ela agarrou a manga do meu casaco, me parando. —Caramba!





Você é ele. Você é aquele homem que estava na prisão, não é? Eu vi você no noticiário.

Meu peito se apertou, e eu virei meu olhar sobre a loja com uma vontade súbita de fugir. Molhei meus lábios e assenti. —Sim, senhora.

Naquela época, voltei e contei quantas pessoas estavam à minha frente. Seis. Seis demais. Meu coração bateu mais rápido, acelerando junto com meus pensamentos. Foi preciso muito esforço para me manter no chão e não deixar o pânico me consumir.

Eu assisti o chão, contando os sapatos das pessoas, incapaz de encontrar a coragem de manter meu queixo erguido. O tempo se arrastou. Quando as poucas pessoas à minha frente concluíram seus pedidos e se afastaram, fui até o balcão.

Minhas mãos estavam escorregadias quando deslizei a nota de vinte dólares que levei de casa para a senhora que trabalhava. — Uma torta de abóbora e uma torta de maçã, por favor.

Embora não olhasse para cima, recusando-me a encontrar os olhos da senhora da padaria, sabia que ela me ouvia, mas continuava de pé no lugar. Por que ela não estava recebendo meu pedido?

Os murmúrios ao meu redor cresceram em intensidade. Eles distorceram e mudaram de conversas regulares para algo mais sinistro, algo mais focado. Vozes caíram. Sussurros surgiram. O ar ficou mais e mais denso.

Eu espiei a mulher de olhos arregalados atrás do balcão. Ela era idosa com cabelos brancos e faixas etárias. No instante em que





nossos olhos se encontraram, ela se assustou e correu, assumi pegar as tortas.

Eu estava errado.

Onalaska era uma cidade pequena. Uma cidade pequena onde não demorou muito tempo para uma pessoa viajar de um extremo ao outro, o que significava que as notícias também se espalharam à velocidade da luz.

Com minha pele em chamas, meu pulso pulsando em meus ouvidos, fiz tudo o que pude para controlar meu tremor interior enquanto esperava a mulher voltar, ainda convencido de que poderia realizar minha tarefa e chegar em casa inteiro. Eu pegava as tortas e saía. Eu não olharia para ninguém. Eu não os tocava ou lhes daria qualquer motivo para me temer ou desconfiar de mim. Eu nem esperaria pelo meu troco.

Um toque no meu ombro me fez pular. Eu estava mais apertado que uma mola e não esperava. Empurrando, com os nervos em disparada, fiquei cara a cara com um homem alto, de uniforme azul marinho escuro. O remendo no ombro me dizia que ele era um policial de Onalaska.

—Vou pedir que você saia comigo para conversar um pouco. Legal e quieto, você me ouviu? —Sua mão agarrou meu braço, com força suficiente, eu sabia que ele estava falando sério e antecipando que eu causaria um problema.

—Só estou aqui comprando tortas para o jantar de Ação de Graças. Não estou causando nenhum problema, oficial.





—Você é surdo ou idiota? Não perguntei qual era o seu negócio nesta loja aqui. Pedi-lhe para sair agradável e quieto para podermos conversar. Tá me ouvindo? Nós podemos fazer isso da maneira mais fácil, ou eu posso dar um tapinha na sua bunda e levá-lo de volta à estação para essa conversa. Sua decisão?

Foi então que notei que me tornaria o centro literal das atenções. Os outros clientes formaram um amplo círculo ao meu redor, todos olhando, sussurrando, alguns apontando. A mulher e seus dois filhos que primeiro me reconheceram ficaram ao lado de um cavalheiro que exibia o olhar mais vil em seu rosto. De alguma forma, eu sabia que era ele quem chamava a polícia.

Eu balancei a cabeça para o policial, voltando minha atenção para os meus sapatos enquanto seguia para a porta. Seu aperto firme no meu braço permaneceu, cortando dolorosamente o meu braço. Se eu fechasse os olhos, quase podia imaginar que Ezra estava ao meu lado, o guarda da prisão que se esforçara para tornar toda a nossa vida miserável em Polunsky. Mais ainda para nós, homens que eram de uma raça diferente dele.

Na rua, eu não era menos um espetáculo. As notícias viajaram e as pessoas ficaram do lado de fora das lojas e diminuíram suas corridas urgentes de um lugar para outro para testemunhar minha humilhação. O carro-patrulha do policial estava parado no meio-fio próximo, as luzes rodando silenciosamente, chamando a atenção de qualquer pessoa nas proximidades.





—Qual é o seu negócio nesta padaria aqui?— O oficial sem nome me soltou, mas se posicionou com os braços cruzados sobre o peito. A parede de tijolos do prédio estava nas minhas costas, me dando uma sensação de claustrofobia da qual não pude escapar.

—Como eu disse antes, estava comprando tortas para o jantar de Ação de Graças.

—Você está ficando irritado comigo?

—Não, senhor. Apenas respondendo sua pergunta.

—Você planeja pagar por essas tortas?

Não consegui parar o vacilo nem o olhar de horror que cruzou meu rosto. —Claro que sim! Você acha que eu ia roubá-los?

—Eu não sei o que você planejava fazer, mas com certeza dá uma olhada em você.

—O olhar?

—Como um homem que não é bom. Você está carregando uma arma?

—O quê? Não!

—Vire-se e coloque as mãos na parede.

—Por quê?

—Eu disse, vire-se e coloque as mãos na parede.

Meu olhar saltou pela rua, observando todos os espectadores. Submetendo-me, sabendo que era melhor não lutar, virei-me e coloquei minhas mãos na parede, como ele pediu, quando uma onda de emoções subiu pela minha garganta e formigou lágrimas de vergonha nos meus olhos.





Ele não me algema como eu pensei que ele ia fazer, mas suas mãos estavam por todo o corpo enquanto ele me revistava e me procurava por armas. Fechei os olhos e peguei, apertando minhas mãos em punhos e fazendo tudo o que pude para manter os flashbacks afastados. Eles estavam lá na superfície, ameaçando me puxar para baixo.

Eu podia ouvir barulhos da prisão ao meu redor e sentir as paredes pressionando por todos os lados.

Um chute forte no meu tornozelo me puxou de volta ao presente, e eu resmunguei com a dor que cortou o osso.

—Vire-se!

Eu cumpri.

—Eu sugiro que você saia daqui e não me deixe pegar você incomodando esse tipo de gente novamente. Somos uma comunidade pacífica e não queremos problemas nesta cidade. Você tem cara de problema. Dá pra perceber. Você não está enganando ninguém.

—Posso pegar minhas tortas?

Foi um vacilo. Eu queria correr e nunca olhar para trás, mas em algum lugar no fundo do meu coração, me senti compelido a cumprir meu pequeno objetivo do dia. Eu não queria falhar.

—Você tem dinheiro para essas tortas?

Bati meus bolsos. —Sim eu... — *deixou no balcão lá dentro.*

— Foi o que eu pensei. Eu não quero que ele te veja aqui! Se eu fizer ... —Ele não terminou sua frase, mas não precisava.





Com o coração acelerado, virei-me para casa e fiz tudo ao meu alcance para não correr. Eu senti os olhos em mim o caminho todo. A queima de vergonha tomou conta de mim de dentro para fora.

Quando voltei para casa, não consegui segurar o poço de emoções subindo na minha garganta. Lágrimas silenciosas rolaram pelas minhas bochechas, mas eu as afastei, odiando essa fraqueza, odiando essa perda de controle.

Encontrei Anson ainda dormindo no sofá e me arrastei para debaixo das cobertas ao lado dele, tomando cuidado para não empurrar seu braço. Ele se dobrou ao meu redor, enfiou o rosto no meu pescoço e continuou dormindo.

Fiquei acordado por horas, pensando, fervendo e desejando poder voltar para Polunsky e fechar a porta da minha cela. Nunca mais sentir que não pertencia.



Capítulo Onze

Ainda era noite antes de Anson acordar. Esticando o braço bom acima da cabeça e arqueando as costas, ele bocejou e gemeu. — Porra. Eu nunca vou dormir esta noite a esse ritmo.

— Como está se sentindo?

—Dolorido. Preciso de mais remédios. Sinto como se tivesse sido atropelado por um caminhão. Precisa de comida também. Estou faminto.

—Passa das quatro.

—Que merda. O quê?

—Sim.

—O que fez o dia todo? Sinto como se você estivesse ao meu lado há muito tempo.

—Eu estive. Não fez muito. —Passei a mão por seu abdômen por baixo da camisa, aproveitando a maneira como seu pêlo macio se movia entre meus dedos. Eu não conseguia olhar nos olhos dele. Meu dia seria escrito em todo o meu rosto, e eu não tinha certeza de como explicá-lo.

Ele pegou minha mão e olhou para o meu perfil, o calor do seu olhar abrasador. —O que você quer jantar? — perguntou ele.

—Algo simples.





—Simples assim. Hm... Tenho peixe congelado e batata frita?

— Perfeito.

—Ai, merda.— Anson se levantou com um grunhido de dor.

Ele se inclinou desajeitadamente sobre mim e pegou seu telefone na mesa de café. —Javi deveria ligar e me dizer o que poderíamos trazer amanhã.

Ele mexeu no telefone enquanto tentava usá-lo com uma mão antes que eu o pegasse e o colocasse de volta na mesa. — Sim. Eu respondi.

—E?

—Ele perguntou se poderíamos trazer uma sobremesa.

— Porra. Tenho que correr, ou tudo vai ficar fechado, e terei que ir a Livingston.

Auto-aversão subiu na minha garganta quando eu o impedi de cair sobre mim para sair do sofá. —Anson, preciso lhe contar uma coisa.

Foi então que ele registrou a dor irradiando do meu rosto e parou de se mover.

—O que foi?

—Fui à padaria. Conseguir tortas para levar ao Javier.

— Você falou sim. Isso é... Aconteceu uma coisa.

Meu rosto me denunciou.

Eu concordei, ainda não encontrando seus olhos.

—Diga.





Engoli em seco. Um caroço alojado no fundo da minha garganta tornou difícil. —Alguém me reconheceu. Eles chamaram a polícia.

—Eles o que?

—Um oficial veio e me tirou da loja, revistou-me em busca de armas e ameaçou me algemar e me levar para a delegacia. Ele...

Anson estava fora do sofá em um flash, o fogo brilhando em seus olhos. —Diga-me que você está brincando agora.

—Ele basicamente me acusou de intenção de roubar ou causar problemas ou alguma bobagem. Me perguntou onde estava meu dinheiro, mas eu o deixei dentro do balcão porque ele ameaçou me algemar na frente de todas aquelas pessoas.

—Iss... Dane-se. Não. Vou chamar a polícia. —Ele pegou o telefone da mesa.

—Anson, isso *foram* os policiais. O que você fala? O que isso vai provar? Você vai piorar as coisas.

Ele bateu o telefone do outro lado da sala em um grunhido, e ele bateu na parede com força suficiente para deixar um impacto no drywall. —Isso está errado— ele gritou, apontando para mim. —Eles não podem abusar de você assim. Você é um homem livre e inocente. Deus, caramba. —Ele chutou a mesa do café.

—Anson, você vai se machucar. Pare.

Ele passou a mão pelos cabelos e invadiu a cozinha. Eu o deixei ir, sabendo que ele precisava de um descanso. Esta semana havia sido uma tempestade de merda após a outra. Eu odiava





adicionar meus problemas à mistura, mas prometi ser mais transparente.

Vinte minutos se passaram. Quando enfiei a cabeça na cozinha, Anson ainda estava furioso, olhando pela janela, as narinas dilatadas. Eu não achava prudente entrar ainda, então me retirei para a sala de estar. Sem saber como abordar a situação, sentei no sofá e apertei minhas mãos, preocupando meus polegares em círculos.

Mas eu não conseguia ficar parado, então pulei e andei de um lado para o outro. Avistando seu telefone, me inclinei para atendê-lo. Estava quebrado. Uma teia de aranha de rachaduras cobria a superfície. Apertei o botão liga / desliga e a tela acendeu, mas estava preta em pontos e sangrando em longas filas de cima para baixo, distorcendo a imagem.

Coloquei-o na mesa de café e continuei andando.

Passou quase uma hora inteira antes que Anson retornasse à sala de estar. — Sinto muito. — Suas bochechas estavam vermelhas e os olhos pesados de tristeza.

—Não é sua culpa.

—Não, não é isso. Por ficar tão chateado. Você não precisava disso. Tudo. — Ele passou a mão pelos cabelos, os olhos cheios de lágrimas não derramadas. — Não sei por que não podemos viver em paz. Por que toda vez que nos viramos, alguém está subindo de bunda e tentando nos derrubar. Não lutamos o suficiente? Já sofremos o suficiente?

O olhar suplicante retornou para mim foi demais.





Eu fui enterrá-lo. Ele caiu contra o meu peito, sua respiração engatada, e ele se agarrou com sua mão boa, amarrando-se a mim, prendendo-a na minha cintura como se nunca quisesse deixar ir.

—Não é justo o que ele fez com você. Estou com muita raiva. Você não merecia isso, e eu não sei como consertar isso.

Nem eu. Eu beijei o topo de sua cabeça e o respirei.

Ficamos assim, balançando levemente para frente e para trás.

—Normalmente corro quando fico assim e não posso. Sinto-me enjaulado e não sei como liberar todo esse vapor.

— Eu sei. —Esfreguei suas costas e beijei o topo de sua cabeça.

—Deixe-me fazer algo para comer— eu disse depois de um curto período de tempo.

—Eu não estou mais com fome.

—É uma pena. Eu vou me atrapalhar na hora de cozinhar enquanto tento não queimar o jantar, e você vai muito bem sentar e se divertir porque mal comeu o dia todo.

Anson levantou a cabeça, uma única sobrancelha se curvou. —Uau, acabei de trazer Bishop mandão?

—Muito certo.

—Eu meio que gosto dele. O Bishop mandão precisa aparecer no quarto. Eu não reclamaria.

Gargalhei. —Ah, assim, é?





Ele deu de ombros e puxou dos meus braços. —Eu tenho alguns segredos do quarto que você ainda não conhece.—
Deixando-me com essas palavras, ele girou e voltou para a cozinha.
—Então, tá.

Pelo menos ele estava sorrindo de novo.

Peixe congelado e batata frita não eram extravagantes. Nós dois escolhemos nossa comida, o apetite se foi. Não pude deixar de pensar que nada disso teria acontecido se nunca tivéssemos nos conhecido.

Quinta-feira de manhã, uma nuvem escura pairava sobre nós dois. O clima em si era agradável - o sol brilhava através de uma fina camada de nuvens, aquecendo nosso pequeno recanto da terra em toleráveis sessenta e dois graus -, mas Anson e eu lutamos para encontrar alguma alegria no feriado.

—Eu tenho uma reunião com o diretor e Ray na segunda-feira— disse Anson enquanto lutava com uma mão para abotoar a bela camisa que ele escolheu usar.

Bati sua mão e fiz isso por ele. —Você quer que eu entre com você?

Anson bufou enquanto me observava. —Em suas palavras, eu sou um garoto grande, eu posso lidar com isso. Estou preocupado com o que isso significa, para ser sincero.

—Eles podem forçá-lo a sair?





—Eu não sei. Acho que não. No I-Max, quando eles me levaram ao escritório depois que me recuperei do ataque, eles recomendaram fortemente que eu fizesse uma transferência. Eu concordei prontamente, então não sei o quão fortes eles se tornariam se eu tivesse me metido e dito que não.

—Eu não posso vê-los fugindo deixando você ir. Você teria fortes motivos para um caso de discriminação, visto que isso reflete diretamente em você ser gay.

— Eu sei.

Quando terminei com os botões, alisei a mão em seu peito, admirando o modo como sua camisa se encaixava em seu corpo esculpido. Eu não parei por aí. Ele vestiu um belo par de calças pretas, mas ainda não as tinha feito. Sua cueca boxer preta apareceu. Dei um puxão nas calças dele, enfiando a camiseta por dentro antes de fixar o zíper no lugar, então apertei seus quadris, puxando-o contra mim.

—Você é um homem muito bonito, Anson Miller. Eu gosto de tocar em você e saber que você é todo meu.

Ele sorriu e eu tinha certeza de que era a primeira felicidade que eu via dele a semana toda. —Você me deixa envergonhado.

—Sendo bem franco.

—Você é muito bonito, e essas roupas se encaixam muito bem.

Eu olhei para as minhas novas calças e blusa com decote em V. Passamos um tempo me medindo e fazendo compras on-line, já





que eu ainda não conseguia me convencer a ir às grandes lojas. Eu possuía muitas roupas novas agora.

— Obrigada. Fico feliz que pense assim.

Seus profundos olhos castanhos esvoaçaram por todo o meu rosto, impressionados. —É engraçado— ele disse depois de um tempo. —Eu não estava procurando amor ou qualquer tipo de relacionamento quando cheguei ao Texas. Eu estava procurando uma fuga. Minha vida estava uma bagunça, e eu estava fugindo, tentando encontrar meus pés depois de ser derrubada várias vezes. Mas você apareceu do nada. Você cavou seu caminho direto para o meu coração, e imaginar que você não está mais aqui é insondável.

—Isso é duas vezes que você falou de amor, chefe. Tem certeza de que pode amar um homem complicado como eu?

—A coisa mais fácil que já fiz.— Então ele me beijou, profundamente na alma, e me deixou sem palavras.

Eu o segurei o mais próximo possível, nunca querendo deixar ir, respirando-o enquanto compartilhamos esse momento intocável.

—Anson?

—Sim— ele disse contra os meus lábios, recusando-se a se afastar muito.

—Todo dia que estou nesta terra é um presente. Todo dia que tomo ar nos pulmões, é um dia que eu não esperava. Essa vida, essa liberdade ... Não acreditei em milagres até conhecer você.

—Eu não sei se você é um homem religioso, mas Maw Maw incutiu fé em Jalen e em mim quando estávamos crescendo. Eu gosto de pensar que Deus trouxe você para a minha vida quando eu





perdi toda a esperança. Quando mergulhei em desespero, estava pronto para desistir e precisava de um amigo. Você não era tão diferente assim, não é? Você estava tão perdido. Igualmente abandonado. Quando ele testemunhou nosso vínculo crescente, acredito que *Ele* nos deu esse presente. Esta vida que poderíamos compartilhar juntos. Nunca vou me arrepender de um único dia em que estou com você, por mais difícil que seja, por quantos desafios enfrentarmos. — Eu segurei suas bochechas e descansei nossas testas juntas. — Eu amo você, Anson Miller, com tudo o que sou, até eu dar meu último suspiro, o que espero que seja daqui a muito tempo. Vou adorar todos os dias com você, não importa o quê.

—Putá merda.— A garganta de Anson tremeu e ele piscou rapidamente. —Javier nunca pode descobrir que você é tão romântico quanto eu, entende? Nós nunca vamos viver isso.

Eu ri, e Anson agarrou a parte de trás do meu pescoço e me puxou contra seus lábios. Não havia outro lugar que eu queria estar.

A direção até a casa de Javier estava quieta. Tanto os ferimentos de Anson no trabalho quanto minha saída no dia anterior permaneceram na minha mente. Quando afastei esses pensamentos, novos pensamentos sobre minha próxima reunião com meu irmão tomaram seu lugar. Eu queria manter nosso momento de paz no quarto, há uma hora atrás. Se pudéssemos





viver nessa pequena bolha de felicidade, a vida seria boa, mas isso não era realidade.

Inclinei minha cabeça para trás e belisquei a ponta do meu nariz.

—Você está bem?

—Sim. Muito em minha mente.

—Você e eu ambos.

—Às vezes parece que estamos presos em um carrossel, e tudo que eu quero fazer é sair.

Anson não respondeu. Ele sentiu também, eu sabia que sim.

Eu o estudei enquanto ele dirigia. Ele usava a tipoia sobre sua bela camisa. O machucado no lado da cabeça era de aparência áspera e dolorosa. Sob suas roupas havia meia dúzia de hematomas depois de sua queda. Embora ele ainda tomasse analgésicos a cada quatro horas, ele estava se movimentando um pouco melhor hoje.

—Estou preocupado com você voltar ao trabalho.

Ele dirigiu com uma mão e essa mão agarrou o volante com mais força. —Eu sei, mas é o meu trabalho. Dou meu jeito.

Nas conversas anteriores, eu aprendi que um antigo namorado de anos atrás costumava assediar Anson por seu trabalho ser muito perigoso. Ele repetidamente se queixou dele trabalhando nas prisões e pediu para ele parar várias vezes. Eu não queria ser assim, mas o histórico de Anson falava por si. A realidade era que ser abertamente gay em uma prisão supermax era um risco para sua saúde e sua vida - e eu não estava bem com isso.





—Eu respeito o amor que você tem pelo seu trabalho. Você sabe que quero. Você foi um dos bons. Todos pensamos assim, mas em que momento você define a linha e decide que talvez não valha a pena?

Sem resposta.

Então deixei pra lá. Anson não era estúpido. Em algum lugar no fundo, ele sabia que era uma batalha perdida.

Javier e sua noiva moravam em um bairro tranquilo de Livingston. A entrada de automóveis de sua casa térrea de tijolos de dois andares estava cheia de dois carros, então Anson estacionou o jipe na rua.

Fomos juntos para a porta da frente, Anson carregando a sacola plástica que continha nossa sobremesa na mão boa. Ele saiu correndo de manhã cedo e conseguiu encontrar uma loja de conveniência que estava aberta. Não era uma torta recém-assada como as que eu pretendia comprar na padaria, mas era alguma coisa. Pelo menos não estávamos aparecendo de mãos vazias.

Na porta, eu o parei antes que ele tocasse a campainha. Corri meus dedos ao longo da nuca em sua bochecha. Ele desistiu de se barbear novamente, pois não estava no trabalho, e eu fui atraído por isso como um ímã, sempre o tocando.

—Eu sei que você disse que se eu lutasse hoje à noite, eu deveria lhe contar e nós partiríamos, mas o mesmo vale para você. Se você estiver com muita dor, me avise.





— Eu irei. Eu carreguei no Advil. Eu deveria ter algumas horas em mim, pelo menos. Adicione algumas cervejas à mistura e eu devo estar certo como chuva.

—Lembre-se, eu não sei dirigir. Você bebe demais e ficaremos presos aqui durante a noite.

—Droga. Sei.

Uma bela mulher hispânica, com trinta e poucos anos, nos recebeu na porta com um sorriso radiante. Ela tinha uma pele lisa de azeitona e cabelos cacheados escuros presos em um rabo de cavalo no alto da cabeça.

No minuto em que avistou os ferimentos de Anson, seu sorriso mudou para choque e depois preocupação. —Cara!!! Olhe para você. Você está horrível.— Ela tomou Anson em um abraço apertado, balançando-os para frente e para trás enquanto acariciava o cabelo dele como um gatinho novo.

— Valeu. Horrível é exatamente o que eu estava procurando. Bishop disse que eu deveria tentar me tornar bonito, mas eu coloquei meu pé no chão.

Ela estremeceu e se afastou, segurando-o pelos ombros enquanto o examinava. —Javi me contou o que aconteceu. Olha, isso tá ficando fora de controle. O que você vai fazer?

—Eu não vou me preocupar com isso hoje à noite. Vou passar o Dia de Ação de Graças com alguns amigos incríveis e esquecer toda essa merda. Melanie, gostaria que você conhecesse o Bishop.





Melanie não tinha mais que um metro e meio de altura, então ela teve que esticar o pescoço para me olhar nos olhos. —Oi, bonitão. —Ela bateu no ombro bom de Anson. —Você nunca me disse que ele era *tão* quente. Devia ter vergonha. Uma garota precisa saber essas coisas. —Ela se abanou.

—Sim, que vergonha para mim. Em que eu estava pensando? Tire as mãos. Ele é meu homem gostoso; pegue o seu.

Melanie zombou zombeteiramente de Anson, depois se virou para mim e tocou meu braço, um olhar de aprovação em seus olhos. —Eu ouvi tudo sobre você, Bishop. É bom finalmente conhecer você.

—É um prazer conhecê-la também, senhora. Muito obrigado por nos convidar.

—Ah, e ele é educado— disse Melanie, golpeando Anson novamente. —Você e Javi precisam ter aulas.

—Isso é tudo o que é preciso? Ligo para você de vez em quando e diz, por favor, e obrigado, e depois subirei na hierarquia para o garoto mais legal do mundo? Onde está sua outra metade, afinal? Por que você está nos assediando na porta? Javi!— Anson entrou na casa. —Desligue a esposa antes que ela comece a esfregar a perna de Bishop.

—Ela ainda não é minha esposa, imbecil. Mel, deixe Bishop em paz. Você coça a perna dele, e eu não sei o que Anson fará com você, mas não será bonito. Ele é possessivo assim, e Bishop é seu brinquedo amoroso de um metro e oitenta e tantos, e não o seu.

—Adora brinquedo? Jesus.— Anson gemeu.





—Como você saberia que Anson é possessivo?— Mel gritou de volta para casa. —Você tentou esfregar a perna de Bishop? Anson conta as histórias de seu quarto? Você gosta deles? Tem alguma coisa que eu deveria saber?

—Isso é normal?— Eu sussurrei para Anson.

—Infelizmente sim. Mel, antes de tudo, eu nunca iria compartilhar histórias de sexo com seu homem. Ele está muito desconfortável com a minha sexualidade. Ele não admite, mas é. Isso o faz se contorcer. Agora, desculpe-me enquanto mato seu futuro marido por sugerir que Bishop é meu brinquedo de amor. — Anson passou por ela e entrou na casa, me abandonando na varanda com a noiva de Javier, que parecia pronta para me escalar.

—Venha, querido. Ignore-os. Deixe-me apresentá-lo à minha amiga, Katie.

Ela me arrastou para dentro da casa, enlaçando o braço no meu e me guiando através de uma sala de estar modernamente decorada, onde Javier, Anson e outro homem estavam se cumprimentando e entrando em uma cozinha nos fundos da casa.

Uma mulher com um corte pixie loiro e brincos grandes de argola misturava algo no fogão. Ela era alta e esbelta, vestindo calça preta de ioga e um vestido de malha que mal cobria o traseiro redondo.

—Katie, conheça o namorado de Anson, Bishop. Bishop, esta é Katie. Trabalhamos juntos no St. Jude's.

Katie se virou e parou. Ela tinha o mesmo olhar que Melanie tinha quando olhou pela primeira vez em mim. Sem vergonha, ela





demorou-se, examinando-me da cabeça aos pés enquanto lambia algo - molho talvez? - do dedo.

—Mas que saco. Olá, estranho. Eca! Prazer em conhecê-lo.— Ela estendeu a mão com um sorriso brilhante de dentes brancos estampado no rosto. —Levei-o.

—Muito prazer.

—E você é o homem de Anson, está certo?

— Hmm... Sim, senhora.

Katie virou-se para Melanie. —Eu nunca conheci esse amigo Anson de Javier, mas vamos apenas dizer, ciúme é uma coisa, e por que todos os gatos são gays?

—Certo!

Minhas bochechas esquentaram e me mexi, sem saber onde me colocar. Ouvir as pessoas falarem tão casualmente sobre minha sexualidade não era algo que eu estava acostumado.

Os cheiros do jantar de peru estavam fazendo meu estômago roncar, então eu examinei a cozinha em busca de uma distração.

—Existe algo que eu possa ajudá-lo aqui?— Eu perguntei a Melanie, esperando desviar a atenção de toda essa coisa de lisonja estranha.

— Não. Está tudo resolvido. Posso pegar uma taça de vinho, cerveja ou café?

—Hm. —A cerveja estava boa e o café estava fora de questão. Hesitei, inseguro. —Eu nunca tomei vinho antes. Talvez eu tente isso.





—Você nunca tomou vinho?— Os olhos de Katie se arregalaram e ela levou a mão ao peito, onde o corte baixo de sua blusa mostrava pele sardenta, um colar de corrente de ouro e muito decote. E olhei.

— Não, senhora.

—Eu já disse, Bishop é o cara que Javi costumava ter no seu quartirão no trabalho. O cara no noticiário que foi exonerado. Lembra?—

Meu interior se torceu enquanto esperava a reação esperada de medo e nojo.

Isso nunca chegou.

Katie inclinou a cabeça para trás. — Ah, certo. Droga. Me desculpe. Ela tocou minha mão. — Eu sabia. Não, eu não estava pensando. Uau, vinte anos atrás das grades. Isso é realmente triste.

Atordoadado por sua fácil aceitação, tudo que eu podia fazer era olhar. Melanie colocou uma taça de vinho na ilha ao meu lado antes de encher novamente a dela e a de Katie.

—Puxe um banquinho e fique um pouco. Conte-nos como a vida no mundo real está tratando você? —Melanie deu um tapinha em um banquinho, e Katie tomou um gole de vinho, olhos azuis sorrindo sobre a borda do copo, admiração e admiração presentes onde eu esperava o oposto. Foi estranha essa reação e agradável estar entre amigos.

—Eu não sei o que te dizer— eu disse honestamente. —Tem sido uma grande mudança.

—Eu aposto— disse Katie. —Você mora com Anson?





—Eu sou. —Tomei um gole do vinho e girei em volta da minha boca. Não foi ruim, então eu me servi de mais. —Não tenho certeza de onde eu teria terminado de outra maneira.

—Você não tem família?

Eu olhei para as duas mulheres, estranhamente à vontade, apesar de não conhecer nenhuma delas. —Tenho um irmão em Georgetown. Nós vamos nos reunir no próximo fim de semana. Eu realmente não falo com ele desde que eles me trancaram. Meu Maw Maw e meu avô não estão mais vivos. Eles nos criaram. Ele é tudo o que me resta agora.

Aww elas fizeram o som juntos.

—Isso é triste. —Katie tocou minha mão novamente, acariciando o topo. Ela não se afastou dessa vez e continuou me tocando. Foi... estranho. Eu não queria ser rude, então deixei. —Seus avós faleceram enquanto você estava na prisão?

Eu balancei a cabeça e bebi meu vinho.

—Pelo menos você tem seu irmão, certo? Alguma família é melhor do que nenhuma. —Todo o foco de Katie estava em mim. Tive a sensação de que ela tinha tomado um pouco de vinho antes de chegarmos. Os olhos dela estavam vidrados e as bochechas estavam rosadas.

— Pois é. Espero que possamos consertar pontes. Faz muitos anos e tivemos uma briga.

—Bem, ele seria estúpido para não tentar fazer as pazes. A vida é muito curta para ficar com raiva — acrescentou Mel, igualmente atenta, menos o toque.





Tomei outro gole de vinho em vez de responder. Aqueceu um caminho no meu esôfago e na minha barriga, entorpecendo qualquer ansiedade persistente. Quanto mais eu bebia, melhor me sentia e mais gostava. Fazia muito tempo que eu não compartilhava companhia com pessoas que me tratavam como iguais - além de Anson.

Sem saber como, acabamos discutindo como os tempos mudaram drasticamente desde vinte anos antes. Compartilhei minhas lutas contínuas com a tecnologia e, em vez de vergonha, ri de minhas próprias falhas quando se tratava de telefones celulares.

Anson entrou na cozinha e nos pegou rindo da minha inaptidão. Nossos olhos prenderam por um momento antes de ele se virar para Melanie. Entrega de torta. Eu esqueci completamente que estava pendurado no meu braço. —Está congelado - ou estava - mas é o melhor que eu poderia fazer em pouco tempo. Desculpe. Também fui instruído a trazer de volta uma rodada de cervejas. Onde você gostaria disso? —Ele levantou a sacola plástica no braço.

—É um cozinheiro congelado?— Mel contornou a ilha e livrou Anson da bolsa, espiando dentro.

—Nenhum palpite. É um achado de última hora em uma loja de gasolina, não vou mentir.

Mel revirou os olhos e pegou a caixa, lendo a embalagem antes de colocá-la na grande porta dupla, geladeira de aço inoxidável. —Vai fazer.





—Como você está se saindo?— Anson tocou minhas costas, observando onde Katie ainda estava acariciando minha mão. Ele cutucou meu ombro e sorriu. —Ouvi vocês rindo aqui.

Eu tirei minha mão da Katie e a coloquei perto do meu corpo. Minhas bochechas estavam quentes, e eu não sabia o porquê. — Tudo bem. Tomando vinho e conversando com essas adoráveis damas. Compartilhando histórias.

—Oh, certo— disse Mel do balcão onde ela estava checando a comida. —Katie, Anson. Anson, Katie. Essa é o melhor amigo de Javi do trabalho e namorado de Bishop. Ele é onde podemos direcionar todo o nosso ciúme.

Anson riu e estendeu a mão para Katie, que estava ocupada examinando-o da mesma maneira que ela fez comigo. —Dois homens ridiculamente bonitos. E ambos são gays. Como isso é possível?— Ela suspirou. —Figuras. Prazer em conhecê-lo, Anson. Você tem um namorado muito lindo e doce.

—Katie— Mel advertiu.

—O quê?

Anson riu. — Obrigada. Estou inteiramente de acordo.

—Então, como vocês se conheceram?— Katie perguntou, inclinando-se para a frente, segurando o queixo nas mãos e batendo nos cílios.

Mel revirou os olhos quando voltou ao seu lugar. —Jesus, Katie. Você é a razão pela qual as pessoas fazem piadas louras. Sério, vamos tentar novamente. Se liga Aqui é o Anson. Anson trabalha na prisão. No corredor da morte. Com Javi. Bishop é seu





namorado. Bishop acabou de ser exonerado. Ele costumava *viver* na prisão. No corredor da morte. Está me seguindo?

Katie jogou um pano de prato descartado na amiga. — Cala a boca. Tomei quase uma garrafa inteira de vinho e os dois homens gostosos estão confundindo meu cérebro com toda a sua sensualidade.

Mel balançou a cabeça. —Sinto muito, Anson.

—Está tudo bem. Eu concordo. A boa aparência de Bishop é muito perturbadora.

—Chefe, não os encoraje.

Ele beijou minha bochecha bem ali na frente dos dois e sussurrou no meu ouvido. —O nome é Anson, não chefe. Cuidado com esses dois, eles tentarão embriagar-se em vinho e sentir toda essa sensualidade. Eu conheço o tipo deles.

—Anson— Meus olhos se arregalaram.

—Estou brincando! Tipo isso. Cerveja — perguntou ele. — Onde eu o encontraria?

—Na pequena geladeira da garagem.— Ela apontou por cima do ombro para uma porta. —O jantar durará vinte minutos.

Anson foi nessa direção, mas chamou por cima do ombro. — Lembre-se, senhoras, sou eu quem o levará para casa hoje à noite e, como suas mães sempre lhe disseram que cresça, olhe com seus olhos, não com suas mãos.

Eles suspiraram em uníssono.

Anson riu.

Meu pescoço queimou e engoli mais vinho.





As mulheres não me deixaram ir a noite toda. Eles me reivindicaram por si próprios - agarrados aos meus braços, apesar dos protestos de Anson. Depois do jantar, eles me arrastaram de volta para a cozinha - ou o covil deles quando eu estava começando a vê-lo - onde os ajudei a limpar.

Uma terceira garrafa de vinho entrou em jogo - poderia ter sido a quarta - e não importa o meu tamanho, o calor difuso dos vários copos que eu havia consumido estava subindo à minha cabeça. Não era como se eu tivesse bebido muito na minha vida. Eu tinha zero tolerância ao álcool.

Os caras começaram a jogar na sala de estar e passaram a noite gritando com a TV, rindo e conversando alto. Por mais que eu quisesse juntar-me às vezes, eu estava decidido e feliz em manter a companhia das duas mulheres bêbadas. Fiquei chocado com o quão fácil era tudo. Havia uma sensação de paz e segurança aqui.

Eu estava entre amigos.

Às onze e meia, Anson veio e me encontrou na cozinha. As mulheres estavam me regalando com histórias de enfermagem. Meu rosto doía de tanto sorrir e minha barriga doía de tanto rir. Eles conversaram a maior parte do tempo, mas eu ouvi e entrei quando pude.

—Sinto muito por terminar esta festa, mas vou roubar meu homem e levá-lo para casa, se não se importar. Acho que o compartilhei o suficiente esta noite e quero ele todo agora.





Anson passou o braço bom por trás de mim e apoiou o queixo no meu ombro, bicando minha bochecha. Ele cantarolou enquanto passava o nariz pelo meu pescoço e inalava.

—Aww, isso é fofo— Katie disse enquanto nos observava.

—Eles estão ficando excêntricos na minha cozinha— Mel riu.
—Não é doce. Obtenha um quarto.

Anson riu, sua respiração quente se espalhando pela minha pele. —Meus remédios há muito tempo acabaram, e eu estou começando a me sentir uma merda— ele sussurrou em meu ouvido.
—Eu sei que você está se divertindo, e me mata pedir isso a você, mas acho que aguentei o máximo que posso.

Girei no banquinho, abrindo minhas pernas para que ele pudesse ficar entre elas e segurei seus quadris. Foi então que notei que ele ficou pálido ao longo da noite e a faísca em seus olhos havia diminuído. —Por que você esperou tanto tempo?

Ignorando o público pequeno e altamente atento, Anson apoiou a cabeça no meu ombro, fazendo carinho e beijando a pele exposta acima da minha camisa. —É a primeira vez que te vejo relaxado e sem estresse. Você esteve rindo e se divertindo a noite toda. Eu não queria tirar isso de você. Adorei ver e ouvir.

Passei meus braços em volta dele e acariciei suas costas, beijando sua têmpora. —Você é um homem bobo, Anson Miller. A gente tinha um acordo!

—É uma coisa boa que você me ame, certo?

—Oh meu Deus. Vocês dois são doces em filmes de romance, e eu mal posso suportar. Saia da minha casa. Vá para a sua casa.





Javi? —Mel chamou na sala de estar. —Anson e Bishop estão colocando a fasquia super alta agora. Podemos nos divorciar antes de nos casarmos nesse ritmo. Você precisa melhorar seu jogo.

—Ah, porra, sério?— Javier entrou da sala com o namorado de Katie, Hugh, atrás dele. Javier fez uma careta e Hugh escondeu um sorriso largo enquanto bebia uma garrafa de cerveja.

O corpo de Anson tremeu quando ele riu, enterrando o rosto no meu ombro, mas não se afastando.

—Juro por Deus, imbecil, já é ruim ouvir você dizer toda essa merda da Hallmark quando temos tempo, mas isso não pode acontecer, cara. Não em minha casa. Não onde minha mulher está assistindo e tomando notas de merda. Nós, homens heterossexuais, temos uma reputação a defender. Você está estragando tudo para todos nós.

—Eu gosto desses dois— anunciou Mel. —Eles são adoráveis juntos. Deveríamos tê-los mais vezes.

Javier gemeu e murmurou algo sobre melhores e adoráveis melhores amigos.

Anson puxou de meus braços e deu um soco em Javier. — Cara, sua esposa esteve em todo o meu homem esta noite. Se eu não viesse aqui e o reivindicasse, eu o perderia. Houve uma quantidade excessiva de toques.

Mel e Katie trocaram olhares e deram de ombros. —É verdade— disse Katie. —Eu mal posso manter minhas mãos para mim.





—Cem por cento— acrescentou Mel. —Mas vamos lá ...— Ela acenou com a mão para mim como se seu argumento fosse sólido.

— Vê? —Anson parecia presunçoso.

Javier jogou as mãos para o alto, mas riu antes de apontar para Melanie e adotar uma expressão que eu pensava ser séria. Não foi. —Eu não estou comprando flores para você e escrevendo poesias, então não fique com essa merda na cabeça.

—Eu não sonharia com isso. Vou lhe dizer uma coisa, que tal me cortar e não peida na cama e nós terminamos?

—Ele peida.— Javier apontou um dedo para Anson.

—Mas eu nunca peidei em você na cama, bebê. Vamos cair na real por cinco minutos aqui. Isso é rude.

— Eu o odeio. Eu odeio todos vocês.

A cozinha inteira caiu na gargalhada.

—Nós podemos?— Anson perguntou, puxando meu foco de volta para ele. Sua diversão estava quase escondendo o quão cansado ele estava, mas eu vi.

Drenei o último gole de vinho da minha taça e me levantei. — Obrigado por me fazer companhia, senhoras. Olha foi um grande prazer.

Mel deu a volta na ilha e me abraçou com força, me puxando para o nível dela e dando um beijo na minha bochecha. — Venha a qualquer hora, querido. Foi ótimo ter vocês aqui.

Katie sorriu e ofereceu um pequeno aceno em vez de um abraço. Apertei as mãos de Javier e Hugh. Anson também se despediu, o que incluiu um abraço para seu melhor amigo, que





parecia menos do que satisfeito por receber um adeus tão íntimo, mas o tapa nas costas durou o suficiente para que eu soubesse que era um ato.

—Eu ligo para você depois da minha reunião segunda-feira— disse Anson.

—Você está melhor. Se cuida irmão.

—Você também.



Capítulo Doze

Caí na cama com apenas uma cueca e rolei de costas quando Anson tirou a tipoia e trabalhou para desabotoar a camisa. — Você está bêbado? — ele perguntou com uma peculiaridade nos lábios.

—Morno e distorcido. Eu ainda estou no controle de minhas faculdades, se é isso que você está se perguntando. Vinho é bom embora. Melhor que cerveja.

—Você nunca pode sair com as mulheres novamente. Não apenas eles te foderam e te apalparam a noite toda, mas também o colocaram contra a cerveja. Bem, não podemos deixar isso acontecer. Já é ruim o suficiente você ser anti-café.

—Eu me diverti hoje à noite — eu admiti, meu olhar deslizando pelo corpo de Anson quando suas calças caíram no chão.

—Você parecia que era. Fico feliz.

—Como está se sentindo, chefe?

Ele tomou algumas pílulas no minuto em que chegamos em casa, mas sua cor não havia retornado. —Cansado. Rispido. Um pouco dolorido, mas o Advil está entrando.

Eu cantarolei, incapaz de parar de examinar os quilômetros de carne nua que ele estava descobrindo. Seus hematomas ainda





eram proeminentes - um no quadril, um na parte superior da coxa e outro no ombro -, mas eram roxos no centro e amarelos no lado de fora.

Ele parou, de pé apenas naquelas cuecas boxer pretas sensuais que eu o assisti colocar naquela tarde. — Por que pergunta?

Dei de ombros, cruzando as mãos atrás da cabeça, um sorriso solto se formando no meu rosto. — Eu não me importaria de colocar minhas mãos em cima de você, mas não se você estiver dolorido e cansado.

— Eu não estou tão dolorido. — Enganchou o polegar no elástico da cueca e os deixou cair no chão, deixando-o nu.

Eu não conseguia descolar os olhos. Nunca na minha vida eu quis mais ninguém.

Ele caminhou em direção à cama, movendo-se silenciosamente pelo piso de madeira até que suas canelas batessem no colchão. Sua excitação ficou mais espessa e mais dura quando ele olhou para mim de cima.

Estendi a mão, chamando-o para mais perto. Ele pegou, permitindo que eu o desenhasse em cima de mim, seu peso como um cobertor reconfortante, me prendendo. Ele favoreceu seu braço bom, inclinando-se para o lado oposto enquanto tecia suas pernas com as minhas.

Eu odiava não ter tirado minha cueca. Essa barreira fina era demais.





— O que você tem em mente? —Anson pairou perto, nossos lábios roçando juntos, sua respiração abanando meu queixo.

Eu alisei minhas mãos em sua espinha e sobre sua bunda, incapaz de resistir a levantar meus quadris e pressionar contra ele, buscando aquele atrito irresistível que incendiou meu sangue.

—Eu acho que, se você é capaz e disposto, eu gostaria de tentar todas essas coisas sobre as quais conversamos no outro dia.

Sua respiração parou e seus olhos brilharam conscientemente. —Você quer me foder?

Passei a língua pelo lábio inferior, pensando. Eu ansiava como nada mais, querendo saber como era estar enterrado dentro dele, mas fiquei preocupado com o ato todo e causando a ele mais dor desnecessária. — Sim. Muito. Se você me guiar ...

Anson gemeu e baixou a testa na minha, fechando os olhos e puxando os quadris para a frente, moendo contra mim. —Caramba, sim! Por favor.

—E o seu braço?

—Tá tudo bem. Eu vou tomar cuidado

Ele mudou, sua boca entrando em contato com o meu pescoço. Tudo que eu podia fazer era esticar e dar a ele todo o acesso que ele desejava enquanto lambia e chupava a veia pulsante perto da minha clavícula. Era como se houvesse uma conexão direta de lá para baixo. Toda pressão que ele aplicava com a língua, cada gota de sucção disparava direto para o meu pau, me deixando mais duro e mais excitado.





—Na gaveta— ele sussurrou, sua voz cheia de necessidade. — Pegue o lubrificante.

Estiquei um braço, mexendo no cabo e conseguindo abri-lo onde encontrei a pequena garrafa.

Ele pegou de mim, mas pareceu esquecê-lo quando nossas bocas se uniram. Nós nos beijamos, longos, duros e profundos, nós dois lutando para estar mais perto, como se quiséssemos rastejar dentro um do outro e nunca sair. Nossas mãos estavam por toda parte ao mesmo tempo, corpos deslizando e moendo, buscando mais e mais e mais. Nossas línguas deslizaram uma contra a outra, e Anson gemeu, empurrando novamente.

Nós discutimos preservativos durante a nossa conversa antes e decidimos ficar sem. Eu nunca estive com mais ninguém e não tinha planos de estar, enquanto o último amante de Anson estivera anos atrás, e ele havia sido testado desde então.

Anson me incentivou a tirar minha cueca e ficamos nus enquanto continuamos a nos beijar. Eu quase pensei que encontraríamos nosso prazer assim, como havíamos feito várias vezes antes - e eu ficaria igualmente satisfeito -, mas Anson estava determinado e ansioso. Ele queria isso há muito tempo.

Embora tivéssemos discutido os aspectos técnicos, eu continuava incerto. Sentindo minha hesitação, Anson assumiu o controle de tudo, me guiando. Me mostrando. Me ensinando.

Uma vez que ele se preparou, me dando o show de uma vida, ele montou em minhas coxas, se enfileirou e afundou, nos conectando.





Era como nada que eu já senti na minha vida. Fechei os olhos e prendi a respiração quando ele se acomodou e parou. Meu coração galopava cada vez mais rápido. Meu sangue pulsou e meu orgasmo pairou perigosamente perto. A última coisa que eu queria era que isso terminasse muito cedo.

Anson sabia. Ele sentiu isso. Durante muito tempo, saboreamos nossa conexão sem nos mexer. Nós nos beijamos e exploramos com as mãos. Mas não foi o suficiente.

Quando Anson se mexeu, foi como voar. Calor me cercou. Me envolveu. Sangrou em minhas veias. Era como tocar o céu. Eu nunca senti algo tão incrível.

Nós éramos um. Nossas almas entrelaçadas. Nossas mãos tateando, puxando e se aproximando. Nós nos beijamos, nos movemos e choramos quando nossos prazeres rolaram sobre nós, roubando a respiração de nossos pulmões.

Depois, ficamos tremendo nos braços um do outro, o coração disparado, a respiração irregular.

Anson mudou, um pequeno grunhido de dor escapou dele quando ele se sentiu confortável em cima de mim.

—Você está bem? — eu perguntei.

—Mais do que tudo bem.

—Te machuquei?

— De jeito nenhum.

Passei os dedos pelos cabelos úmidos e beijei o topo de sua cabeça. Seu cheiro me cercou, e eu o levei aos pulmões, saboreando





esse novo sentimento. Valorizando isso. Meu coração estava cheio, e eu não sabia como expressar todas as coisas que estava sentindo.

—Eu te amo— eu sussurrei.

Ele levantou a cabeça, batendo o nariz no meu e sorriu, um que veio direto do seu coração. —Eu te amo.

—Será sempre tão bom assim? — eu perguntei.

— Não.— Antes que eu pudesse franzir a testa, ele me beijou. Era macio e macio. —Vai ficar melhor e melhor e melhor.

SEGUNDA MANHÃ trouxe ansiedade para nós dois. A reunião de Anson com Ray e o diretor foi às dez horas, em ponto. Ele acordou antes das oito e não fez nada além de passear e beber xícaras de café sem fundo. Eu sabia que ele teria matado para correr, mas com o braço na tipoia até pelo menos sexta-feira, ele não podia. Empurrar não faria nenhum bem.

—Você vai aumentar sua pressão arterial com todo esse café— eu disse quando ele conseguiu uma quarta xícara.

Ele não respondeu.

Bebi chocolate quente. Anson tinha me comprado uma lata de mistura no dia em que comprara a torta para a reunião de Javier. Eu saboreava uma caneca toda manhã desde então.

Não tínhamos saído de casa pelo resto do fim de semana. Nós nos abraçamos no sofá com filmes, lemos e fizemos amor muitas vezes. Era ridículo. Agora que cruzamos essa linha, eu não conseguia o suficiente dele. Eu não conseguia manter minhas mãos





para mim mesmo - para a diversão de Anson. Eu disse a ele que tinha muitos anos para compensar, e ele não parecia se importar.

—Lembra como eu disse que não queria que você fosse comigo?

— Sim.

—Bem...

—Você quer que eu vá com você?

—Talvez. Eu não sei. É estúpido. Não importa.

—Anson...

—Ok, sim, mas não por dentro, obviamente. Eu não acho que o diretor ficaria bem com isso. Mas...

—Eu poderia esperar no jipe.

—Estou sendo bobo. Isto não é boa ideia. —Ele soltou um suspiro e mordeu a lateral do polegar.

—É o que é. Ouça o que o diretor tem a dizer. Não seja reativo.

—É só... —Ele fez uma pausa, mas não achei que ele tivesse terminado de falar, então esperei. —Eu seria um idiota por lutar pela minha posição, não seria?

—Eu sei que você ama seu trabalho.

— Sim. Fiz antes de tomar uma surra toda vez que me virei. —Ele suspirou. —Não sei o que fazer.

—Você não precisa tomar uma decisão agora. E ouvimos o que eles têm a dizer. Leve para casa com você. O médico disse que levaria pelo menos algumas semanas antes de aprová-lo para voltar ao trabalho.





— Você está certo.

—Vamos.— Levantei-me e tirei a caneca de café da mão dele, colocando-a na minha na pia. —Então, vamos começar! Depois, talvez possamos voltar para casa e dar uma curta caminhada ao redor do quarteirão.

Ele assentiu, um olhar distante nos olhos. —Sim. Ok.

Concordar prontamente com o pedido de Anson pode não ter sido uma ótima idéia. No instante em que ele entrou no estacionamento de Polunsky, uma onda de ansiedade me atacou do nada. Minha pele formigou e meu coração estremeceu.

Muros de concreto e cercas altas com arame farpado enchiam o horizonte. Torres de guarda e janelas gradeadas me lembraram a vida que eu costumava viver. Náusea virou meu estômago. Meu peito se apertou. Engoli em seco várias vezes, pedindo ao meu café da manhã para ficar no chão.

Por mais da metade da minha vida, eu estava preso dentro dessas paredes. Eu tinha sido acorrentado e tratado como um animal selvagem. Eu tinha comido, dormido, tomado banho e falado quando me disseram. Todas as minhas escolhas e livre arbítrio foram arrancadas.

E eu era um homem inocente.

As imagens, sons e cheiros permaneciam na minha mente, ameaçando me puxar para baixo, para me levar de volta a um lugar





que nunca mais queria estar. Levou cada grama de autocontrole que eu tinha para permanecer presente.

Eu queria correr. Eu não queria estar aqui.

Anson tocou meu ombro quando ele estacionou, e eu quase voei pelo telhado.

—Uau. Ei, parece que você vai ficar doente.

—Talvez isso não fosse uma ideia tão boa assim.

—Como assim?

Eu me atrapalhei com algo em que me agarrar, o mundo escurecendo nos limites da minha visão. —Anson.— Foi um pedido, um pedido final de ajuda enquanto o passado se enrolava ao meu redor. Eu fechei os olhos.

Eram todos os portões de batida e gritos, luzes vibrantes e cheiros ruins. Concreto frio, grossas janelas de plexiglás, correntes e mãos ásperas.

—Bishop. —Sua voz estava distante. Uma mão bateu na minha bochecha. —Abra seus olhos e olhe para mim. Fique comigo.

Anson tinha se arrastado no meio do console e estava quase no meu colo quando eu por acaso espreitei.

— Isso mesmo. Concentre-se no meu rosto. Me escuta. Você não está mais lá.

Mas eu estava. Polunsky estava na minha frente, me cercando. Vi o prédio que havia roubado metade da minha vida, e as lembranças estavam espessas no ar, sufocantes.

—Foda-se, nós estamos indo embora.





Anson recostou-se no banco e o motor do jipe acelerou. Não consegui encontrar as palavras para protestar. Ele não podia perder a reunião, não por minha causa.

Estávamos na metade do caminho de volta para Onalaska antes que meus pés encontrassem a compra no chão novamente, e eu pude limpar a cabeça o suficiente para ordenar meus pensamentos.

—Volte— eu disse. —Anson, você não pode perder a sua reunião.

—Foda-se minha reunião. Não acredito que fui estúpido o suficiente para levá-lo até lá.

—Anson.

— Esqueça. Vou ligar para o diretor e dizer que não estou bem o suficiente para vir. Vamos marcar uma data diferente.

Eu não tinha forças para discutir.

De volta à casa, Anson insistiu que eu deitasse no sofá enquanto ele fazia uma ligação no outro quarto. Descansei um braço sobre o meu rosto, sentindo-me estúpido e fraco e nem um pouco como se eu estivesse indo mais adiante.

Meus objetivos diários haviam caído no esquecimento desde o meu encontro na cidade com o policial.

Quantas vezes uma pessoa precisou se desviar antes de descobrir que não valia a pena?

Anson entrou na sala com uma caneca fumegante de chocolate quente nas mãos. Ele colocou na mesa de café e bateu na





minha perna, me incentivando a me arrastar para que ele pudesse sentar.

—Eles me verão na próxima segunda-feira, na mesma hora. Relaxa.

— Sinto muito.

— Não fique. Me sinto como um idiota. Eu deveria ter imaginado.

—Sinto como se estivesse indo para trás. Alguns dias são piores que outros, mas eu não deveria estar vendo progresso agora?

Anson sorriu. Era triste, mas com tanto amor que doía no meu peito ao vê-lo. —As pessoas tendem a ficar cegas para o seu próprio progresso, especialmente quando tudo em que conseguem se concentrar são as falhas.

—É difícil ver o bem quando é abafado pelo mal o tempo todo.

—É mesmo? — Ele descansou a mão no meu peito sobre o meu coração. — E a noite passada? E a noite antes disso? Hoje de manhã? Porra na minha bunda é tão esquecível? Estou um pouco insultado.

Gargalhei. — Não. Nunca.— Peguei a mão dele, apertando-a.

—Que tal passar uma noite inteira entre companhia, rindo, bebendo e fazendo parte de algo especial? Comemorando um feriado que você não vê há vinte anos. Foi esquecível?

— Não.

—Eu sei que você teve apenas algumas sessões com Roger, mas o que ele disse sobre esses ataques de pânico e a maneira como eles consomem você e o trazem de volta ao passado?





—Esse TEPT é comum na minha situação.

— Isso mesmo. E leva tempo para se ajustar. É frustrante porque posso ver que você quer que seja perfeito agora, mas isso não é realista. Virá.

—É, talvez. Com o tempo. Mas isso não vai mudar a maneira como as pessoas lá fora me veem. Não importa o quão forte eu esteja aqui. —Eu bati no meu peito. —As pessoas lá fora não confiam em mim. A polícia.

—Foda-se eles.— A raiva brilhou nos olhos de Anson. Ele ainda estava chateado com a minha excursão à padaria.

Tanto quanto eu poderia dizer, nada poderia ser feito sobre isso. Cada vez mais, eu me sentia como um eremita, incapaz de deixar a casa por medo.

—Eu não tenho definido meus objetivos— admiti. —David e Roger me disseram que eu deveria fazê-los diariamente. Eles me ajudam a dar pequenos passos adiante.

—Você ainda está fazendo progresso. Mesmo sem defini-los. Você simplesmente não está vendo. Você está convencido de que tudo o que fez foi falhar. —Ele inclinou a cabeça para o lado, me estudando. —Quando foi a última vez que você escapou do quarto à noite e desceu à cozinha para sentar no canto?—

Eu pisquei, sem saber se lembrava.

—Viu? Desde que você veio e se juntou a mim na minha cama, você dorme. Eu amo isso, porra. Ter seu corpo próximo ao meu é um sonho tornado realidade. Quando foi a última vez que você comeu no horário da prisão?





—Eu não tenho. Isso nunca me passa pela cabeça.

—Exatamente. Esses foram grandes negócios algumas semanas atrás, mas você desconsiderou essas pequenas realizações. Não se esqueça de celebrar as pequenas coisas também. Não vai melhorar da noite para o dia, mas está melhorando.

Ele tinha razão. —Estou feliz que você esteja aqui ao meu lado. Não tenho certeza se poderia fazer isso sozinha.

—Você é mais forte do que pensa, Bishop.

—É como escalar uma montanha.

Ele riu. —E sim. Eu acho que, se for esse o caso, não se esqueça de fazer uma pausa de vez em quando e olhar para trás até onde você chegou.

Foi uma coisa boa que Anson estava lá para me chutar nas calças. Enquanto ele fazia o almoço, liguei para Roger e marquei outra sessão de aconselhamento para quinta-feira. Fiquei agradecido por ele ter vindo à casa porque meu senso de aventura quando se tratava de sair havia diminuído. Tive a sensação de que excursões ao ar livre seriam meu maior obstáculo.

—Você passou menos de dois meses do lado de fora depois de ficar trancado por vinte. Pense nisso — disse Roger.





Ele concordou em uma sessão de aconselhamento na minha sala de estar. Anson tinha ido às compras em Livingston para nos dar privacidade.

—É frustrante.

— Eu sei. Se eu tivesse todas as respostas, as compartilharia. Se eu pudesse melhorar com o estalar dos dedos, eu faria. Infelizmente não posso. É um processo. Infelizmente, o abuso da polícia local não surpreende. Eu gostaria de poder dizer que era uma raridade, mas acontece com mais frequência do que você imagina. Você pode agir. Isso é discriminação. Ele não tinha motivos para tratá-lo dessa maneira, mas acho que se você der um tempo, essas coisas também vão acabar.

—Torna difícil tentar.

— Eu sei. Lembra-se do que David e eu dissemos sobre não nos aventurarmos sozinhos? Não é apenas bom ter apoio ao realizar uma atividade que causa aumento de ansiedade, mas em casos como esse, acho que você terá menos probabilidade de ter um problema se tiver alguém com você. Aposto que o policial não teria tratado você assim se Anson estivesse ao seu lado.

—Talvez. Ou talvez tivesse sido pior. Somos um casal gay inter-racial em uma pequena cidade do Texas. Um de nós foi libertado recentemente da prisão. As cartas não estão empilhadas a nosso favor. Anson já está sofrendo por minha causa, e não quero trazer mais danos a ele.





Eu não tinha certeza de que Roger pudesse entender, mas ele assentiu, seus olhos mostrando o mesmo cansaço que eu sentia em meu coração.

Passamos para a minha próxima visita a Jalen.

SEXTA-FEIRA, ANSON tinha uma consulta médica, na qual ele compareceu sozinho. Por mais que eu quisesse apoiá-lo, não queria outra repetição da segunda-feira, onde ele teria que abandonar o médico porque eu não conseguia lidar ou fui jogada em um episódio.

O médico removeu a tipoia e instruiu-o a relaxar nas próximas semanas. Ele assinou documentos afirmando que, devido à natureza física de seu trabalho, ele não poderia voltar ao trabalho até depois do Natal. Anson ficou pouco satisfeito e achou desnecessário o tempo prolongado.

Fiz uma silenciosa oração de agradecimento, temendo no que ele voltaria.

Sábado, acordei com náuseas.

Anson continuou a dormir, seu alarme disparado às oito. Esperávamos estar no caminho de Georgetown às nove, para podermos almoçar lá.





Tomei um banho quente escaldante que não fez nada para impedir os calafrios internos, fazendo meus dentes baterem.

Depois, vesti algumas das minhas roupas novas - um jeans escuro e uma camisa polo justa - antes de descer as escadas.

O céu ainda estava escuro, com apenas uma sugestão do dia seguinte no horizonte. Já fazia mais de uma semana desde que eu tinha visto o nascer do sol, então fiz um chocolate quente e sentei no meu antigo canto para assistir. Minha mente girou sobre minha próxima reunião com Jalen. Eu não sabia o que diria a ele ou como iniciar uma conversa. Ele era um homem agora, não o garoto que eu deixei para trás quando fui para a prisão.

Eu sabia que ele não era casado - Anson havia me dito isso - mas ele estava namorando? Ele tinha namorada? Ele estava feliz? Ele gostou do seu trabalho de construção?

Eu estava a horas de descobrir todas essas respostas.

Quando ouvi o chuveiro ligar, levantei-me e fiz um café para Anson.

—Como você está?— ele perguntou quando desceu pouco tempo depois, deslizando em uma cadeira à mesa e abraçando sua caneca vermelha favorita. —Você acordou cedo.

—Não dormi muito bem.

—Vai ficar bom. Jalen é um cara legal, e acho que essa reunião está atrasada há muito tempo.

Anson estava tentando nos convencer a conversar desde muito antes de eu ser libertado. Ele me garantiu uma e outra vez que estaria tudo bem. Eu esperava que ele estivesse certo.





A viagem a Georgetown levou três horas. Anson tocou o rádio e cantarolou com a música enquanto eu observava as paisagens ao longo do caminho. Preocupei minhas mãos enquanto pensava no que ia dizer quando visse meu irmão.

No minuto em que Anson saiu da estrada e entrou em Georgetown, fui atingido por uma onda de nostalgia. Esta foi a cidade onde eu cresci. Era o mesmo, mas diferente. Os edifícios vitorianos de estilo antigo, as fachadas das lojas, as placas das ruas e os monumentos eram familiares. No entanto, vinte anos fizeram parecer que eu havia passado por uma máquina do tempo. Havia tinta fresca em volta das janelas, recursos aprimorados nas lojas e novos postes de iluminação e bancos nas ruas.

Meu queixo ficou frouxo quando eu girei minha cabeça, absorvendo tudo.

A mão de Anson pousou na minha coxa. —Reconhece este lugar?

—É ... diferente, mas eu lembro de tudo.

Ele desviou estradas familiares, e eu antecipei cada curva antes que ele as fizesse, sabendo o caminho. Quando ele parou na frente da minha casa de infância, lágrimas surgiram nos meus olhos, embaçando minha visão. Afastei-os enquanto examinava a casa, o quintal e as árvores. Não, nada havia mudado. Os dois veículos na entrada da garagem não eram familiares, mas eu não esperava que fossem.

O tijolo era do mesmo bege pálido, o jardim estava mais coberto do que Maw Maw teria permitido, e os galhos retorcidos das





árvores no gramado da frente estavam mais baixos do que eu lembrava. Faltava o balanço dos pneus que meu avô havia pendurado há muito tempo. Levou anos antes que eles me prendessem, mas eu nunca esqueceria as infinitas horas de diversão que Jalen e eu nos revezávamos empurrando um ao outro nele ou girando em círculos e ficando doentes.

—Como você está?— Anson perguntou, cortando a memória.

—É um pouco difícil respirar agora.

—Não tenha pressa.

As cortinas sobre a janela da frente se moveram, e uma cabeça apareceu. As sombras não me permitiram entender os traços do meu irmão, mas eu assumi que era ele.

—Devemos bater à porta, eu acho.

Anson esperou no caminho que levava à porta da frente enquanto eu demorava a sair do jipe. Eu me estiquei, reunindo meus pensamentos.

Nós caminhamos para a porta juntos. Eu queria pegar a mão dele, segurar firme e roubar sua força, mas não o fiz. Talvez Jalen soubesse que eu era gay, mas ver isso era outra coisa.

Na porta da frente, Anson parou, me olhando. — Pronto?

Assenti.

Anson bateu, e uma batida depois, a porta se abriu. Não era meu irmão do outro lado. Um homem mais magro, mais jovem que Jalen, sorriu largamente quando me olhou de cima a baixo.

—Putá merda, eles realmente se parecem, não é?— O homem levantou uma sobrancelha para Anson, que riu e assentiu.





— Volte. Bishop, este é Drake. Drake, conheça o Bishop.

—Prazer em conhecê-lo.— Apertei a mão estendida de Drake, sem saber quem era esse cara na minha antiga casa de infância.

—Eu não esperava que você estivesse aqui hoje— disse Anson enquanto Drake mantinha a porta aberta, convidando-nos a entrar.

Drake olhou de volta para dentro da casa e deu de ombros, um brilho nos olhos quando ele se inclinou para mais perto de Anson, baixando a voz.

—Alguém pode precisar de uma mão hoje. Ele quer dizer algumas coisas, se é que você me entende, mas está um pouco ansioso.

Isso significava que Jalen não tinha certeza de que queria me ver? Eu não disse.

—Bem, ele está entre os entendidos da compainha — disse Anson.

—Eu disse isso repetidamente. Não tenho certeza se ele está cem por cento convencido. Engraçado como você pode ficar cego quando às vezes não abre a porta e deixa entrar a luz, hein?

Os dois riram, mas eu não sabia do que eles estavam falando.

—Precisamos ser francos?— Perguntou Anson.

—Sem corte pode ser o único caminho a seguir com ele. Ele é como um coelhinho assustado. Ele pode deslizar para longe.

Eu fiz uma careta e olhei entre eles. —Jalen? Um coelho?

Anson apertou meu braço e balançou a cabeça. —Deixa pra lá.





Drake entrou na casa, piscando para Anson. —J-Bay? Seu irmão e Anson estão aqui. Para nós, ele disse: —Ele está tentando descobrir o que vestir há duas horas, o que não deve ser tão difícil para um homem que vive rodeado de roupas a vida toda.

Anson riu de novo.

Minha carranca se aprofundou. Jalen nunca foi da moda quando cresci, então eu não tinha certeza do que isso significava. Na verdade, lembrei-me mais de algumas vezes em que Maw Maw se deteve sobre quantos buracos havia em seus jeans e ele planejou lavá-los porque eles se sustentariam em breve.

Não tive tempo de pensar mais. Jalen virou a esquina, torcendo as mãos, vincos severos estragando sua testa. Seu olhar pousou em mim e seus pés pararam.

—Bishop.

—Ei, J. Faz muito tempo.

— Sim.

—Vocês gostariam de entrar?— Drake perguntou. —Você fez uma longa viagem. Você quer almoçar? Fiz chá gelado e sanduíches.

—Isso seria ótimo— disse Anson.

Ele pegou meu braço e me guiou. O olhar de Jalen pousou em nossa conexão, e ele lambeu os lábios repetidamente enquanto Drake sussurrava algo em seu ouvido. Jalen assentiu, e os dois acenaram para que seguissemos para a outra sala.

O interior da casa mudou da mesma forma que o resto da cidade. Alguns móveis familiares permaneciam, mas havia várias





atualizações modernas que eu não reconheci. A pintura nas paredes era fresca, os tapetes eram diferentes e as bugigangas que Maw Maw costumava guardar em um armário antigo haviam desaparecido. A TV era um plasma de tela plana e não o velho tubo que eu costumava assistir com o avô.

A mesa da sala de jantar era a mesma. A luminária pendurada no teto também era. Olhei em volta, observando tudo.

Jalen e Drake nos incentivaram a sentar, enquanto colocavam as coisas na cozinha e as traziam para fora. No minuto em que eles se foram, eu me inclinei contra Anson, sussurrando: — Quem é Drake? Você nunca mencionou ele.

Anson deu de ombros e sorriu. —Amigo do seu irmão.— Anson sabia mais do que estava dizendo, mas mudou de assunto muito rápido, para que eu não pudesse perguntar mais. —Parece o mesmo? A casa ?

—Tipo isso. Os móveis estão em locais diferentes e são todos mais novos. O lugar todo parece mais moderno.

—Faz vinte anos.

—Mudou.

Eu olhei para uma prateleira na parede da sala de estar. Tinha fotos emolduradas e pequenos vasos de plantas. Havia fotos do avô e Maw Maw, mas foi a do final que chamou minha atenção.

Afastei minha cadeira e fui investigar.

Era uma foto de Jalen e Drake. Eles estavam em uma praia em algum lugar com palmeiras e areia branca. O oceano estava calmo e rico em turquesa ao fundo. Drake usava óculos de sol no





topo da cabeça, mas linhas vermelhas bronzeadas marcavam círculos ao redor dos olhos onde eles estavam sentados. Os óculos de sol de Jalen estavam.

Um deles segurava o telefone que tirou a foto. Eu pensei que poderia ter sido Drake. Modo Selfie, Anson havia chamado. Ambos estavam sorrindo, suas bochechas pressionadas juntas.

—Foi tirada em Cuba há três anos— disse uma voz profunda atrás de mim. —Drake ganhou uma viagem através de seu trabalho. Dez dias, tudo incluído. Foi fenomenal. A primeira vez que viajei ou fui a algum lugar especial.

Eu me virei para Jalen. Ele se afastou, o olhar fixo na foto, a preocupação ainda estragando sua testa. Parecia que ele ia ficar doente, mas eu não conseguia entender o porquê, pois ele falou com tanto carinho da viagem.

—Ele é um bom amigo, não é?

—O melhor. A gente... Drake é... Estamos ... namorando. Ele é meu namorado. Já faz quase cinco anos.

—Seu namorado?!— Algo indeterminado cintilou dentro de mim com essas palavras.

— Sim. — Jalen me encarou, e seu desfiladeiro subiu e desceu enquanto ele molhava os lábios. —Eu sou gay.

Eu lancei meu olhar para Anson. Ele e Drake olharam da mesa da sala de jantar, sorrisos orgulhosos nos dois rostos.

—Você é gay?— Eu repeti.

Jalen assentiu e preocupou as mãos. —Drake disse ...

—Eu também. O Anson ...





— Eu sei.

— Não tinha ideia.

—Ninguém tem idéia— Drake interrompeu. Ele pulou para frente e pegou o rosto de Jalen entre as mãos. —Estou tão orgulhoso de você, J-Bay. É a primeira vez que ele diz essas palavras em voz alta para alguém. Como que é?

—Assombroso — Jalen se livrou do aperto de Drake, aborrecido em seu rosto, mas havia uma dose saudável de amor em seus olhos que o contrabalançavam. —Não se apegue. Eles sabem agora. Garanto que eles não querem ver provas.

—Ah, pff. Tanto faz.— Drake acenou com a mão e pegou o rosto de Jalen novamente. Jalen tentou detê-lo, mas desistiu sem muita luta. —Isso não foi tão difícil, foi?

—Mais difícil do que você pensa.

—Você sabe, esses dois provavelmente esbarram em gays tanto quanto nós. Eles não vão se importar se eu ficar apaixonado por você. Confie em mim.— Então Drake beijou Jalen na boca. Foi rápido, e os olhos de Jalen se arregalaram e se encheram de pânico, mas eu dei crédito a ele quando ele não empurrou Drake. Ele pegou e sorriu timidamente depois.

Quando Drake pulou de volta para a mesa, Jalen me olhou e ficou dez tons de vermelho antes de encontrar algo interessante no chão para olhar. —Devemos comer e nunca mais trazer isso à tona.

Eu ri e bati no braço do meu irmão, abaixando minha voz para que apenas ele pudesse ouvir. —Estou feliz que você tenha





alguém. Eu sempre tive medo de que você estivesse sozinho quando Maw Maw passou.

—Eu não estava. Drake é... Eu o amo.— Ele olhou para cima e olhou para Anson. —Estou feliz que você tenha alguém também. Anson é um cara legal, e eu sei que ele se importa muito com você.

—Ele é mais do que eu mereço.

—Não. Não diga merda assim. Você merece o mundo, Bishop. Você já foi punido o suficiente por uma vida inteira, não acha?

Talvez ele estivesse certo. Eu certamente não queria imaginar uma vida sem Anson nela. Eu só queria estar com ele não era tão complicado e prejudicial.

Nós nos acomodamos à mesa para o almoço. Foi estranho no começo. Por mais que eu conhecesse Jalen, eu não. Nós éramos irmãos, mas éramos estranhos. Todas as nossas memórias tinham vinte anos. Passamos um tempo relembrando enquanto Drake e Anson ouviam e sorriam. Foi legal.

Drake sorriu sem parar enquanto pegava pedaços do sanduíche e os enfiava na boca. Seus olhos nunca deixaram Jalen, e meu coração inchou, vendo o quanto ele amava meu irmão.

—Vocês moram juntos?— eu perguntei.

— Sim, o fazemos. —Drake cutucou o braço de Jalen e deu um beijo em sua bochecha, para desgosto de Jalen. —Quando Maw começou a lutar, mudei-me para ajudar.

—Você praticamente morou aqui antes de qualquer maneira— acrescentou Jalen.





— Verdade. Meu horário de trabalho é mais flexível que o de Bay, então pude estar em casa com ela com mais frequência.

— O que você faz? — eu perguntei.

—Sou massoterapeuta. Marcaria compromissos no escritório para quando soubesse que Jalen poderia estar em casa e, em seguida, alguns de meus clientes mais regulares ficariam felizes em vir aqui quando J tivesse que trabalhar.

—Ele se instalou no seu antigo quarto.

—Hmm... Maw Maw sabia ...? —Eu parei, sem saber como fazer a pergunta.

O sorriso de Drake deslizou, e Jalen olhou para ele antes de abaixar a cabeça e responder. — Não. Ela pensou que Drake era apenas um amigo. Eu ... não sabia como ela se sentiria sobre isso.

—Acho que ela sabia e não se importava— disse Drake. —Eu dormi no quarto de J-Bay, e ela nunca piscou um olho.

Jalen esfregou a parte de trás do pescoço e corou.

Em meu coração, eu queria acreditar que Maw Maw teria nos amado incondicionalmente. Ela não era uma mulher que julgou.

—Seus pais sabem que vocês estão juntos?— Anson perguntou a Drake.

— Sim. Eu estive fora desde o colegial, então Bay fica mais confortável em nos reconhecer quando os visitamos.

—Foi onde jantamos no Dia de Ação de Graças semana passada— acrescentou Jalen. —Mas ninguém mais sabe. Apenas eles e vocês. —O pânico em seu rosto mostrou verdadeiro terror.





—Ei, relaxe, cara— disse Anson. —Acredito firmemente no direito de todos de sair quando estiverem prontos. Ninguém deve ser pressionado.

—Você sabia, não sabia?— Jalen olhou para Anson, a preocupação de volta em seu rosto. —Sobre nós

—Eu suspeitei. Drake confirmou.

—Eu tropecei no seu gaydar.— Drake encolheu os ombros sem desculpas.

—Mas eu não contei a Bishop sobre você. Não era da minha conta. Ele precisava ouvir de você.

Jalen assentiu e olhou para seu sanduíche intocado. —Eu não estou pronto para acenar uma bandeira do arco-íris em um desfile ou algo assim. Contar à família já foi difícil o suficiente. Não acho que os caras com quem trabalho sejam tão compreensivos. Eles são um bando de brutamontes.

—Eu simpatizo— disse Anson, e eu sabia que ele estava pensando nos recentes abusos sofridos em Polunsky. Suas contusões estavam desaparecendo, mas os incidentes o haviam assustado onde ninguém mais podia ver.

Depois do almoço, Drake e Anson se ofereceram para limpar enquanto Jalen e eu vagávamos na sala de estar. Em vez de sentar, eu andei, admirando outras fotografias que estavam escondidas em outras prateleiras. Principalmente eles eram da nossa família crescendo. Fiquei surpreso ao encontrar alguns de Jalen e eu quando crianças.





—Encontrei muitas fotos quando Drake e eu limpamos as coisas de Maw Maw. Drake queria expor alguns. Ele gosta de decorar.

Havia uma foto de nós dois em um dia quente de verão, sentados na beira de uma piscina ao ar livre, nossos pés balançando na água. Eu tinha uns nove ou dez anos e Jalen três ou quatro. Ele usava boias de água cor de laranja nos braços e sunga verde neon. Minha sunga era preto e amarelo. —Isso foi na piscina da comunidade.

—Não lembro.

—Você é muito pequeno. Não estou surpreso. Maw Maw me fez ter aulas lá no verão, quando a escola terminava. Depois das minhas aulas, havia um tempo de natação público, e você também entrava na piscina. Ela me fez ficar na parte rasa e brincar com você o tempo todo. Eu odiava porque queria nadar com as crianças mais velhas, não com meu irmãozinho.

—Eu estraguei tudo, não foi?

—Às vezes. Não tanto quanto eu deixei transparecer.

—Eu sempre quis ser como você. Você era meu herói.

Uma onda de melancolia trouxe uma careta para o meu rosto. —Até você pensar que eu era capaz de matar uma mulher e seu filho?

—Mas eu nunca acreditei nisso.

— Sim, você disse.

—Não recusei.— Ele pegou meu braço e me virou para encará-lo. Ele estava muito irritado. —Fiquei chateado e confuso





porque não sabia o que aconteceu. Você era meu ídolo crescendo. Eu queria ser como você, mas nos poucos anos que antecederam essa prisão em particular, você sempre teve problemas. Você tinha coisas acontecendo que o deixavam temperamental e distante. Crianças na escola, eles falavam sobre você, mas eu não queria acreditar neles. Eles não te conheciam como eu. Você era meu irmão e eu sabia que havia uma razão. Tinha de haver.

Ele balançou a cabeça e esfregou a mão sobre a cabeça raspada. —Eu estava bravo com você por sempre ter problemas, porque isso significava que eu estava sem você em casa. Eu olhei para você. Eu me apoiei em você. O vovô morreu quando você esteve na prisão pela primeira vez, e eu não sabia como lidar com as repercussões. Maw Maw desmoronou, e eu era burro e jovem demais para saber como ajudá-la. Quando eles te acusaram de assassinar Ayanna, eu sabia que não havia como você fazer isso. Você a amava.

—Da única maneira que eu sabia.

—Faz sentido agora. —Ele parou, estudando o chão. —Eu sabia que ia perder meu irmão. Eu estava apavorado. Eu não sabia como sobreviveria sem você. Mesmo não sendo mais amigos, eu precisava de você. Não queria testemunhar, Bishop. Eu me odiava pelo jeito que eles me faziam olhar na bancada. Eles mudaram minhas palavras e depois tiraram você de mim. Eles te sentenciaram à morte. Fiquei doente de preocupação e culpa por mais tempo. Eu tentei me desculpar. Eu vim para vê-lo





repetidamente, mas você me calou. Você disse para eles me mandarem embora.

— Eu sei. Me desculpe.

Ele chutou o tapete e sua garganta estalou quando ele engoliu. —Você era o meu mundo inteiro, e eles te tiraram de mim.— As emoções fizeram sua voz grossa. —Então você não me veria. Você não faria. Eu precisei de você.

Eu toquei seu braço. Ele não se afastou, mas também não olhou para cima.

—Você sabe por que eu levei Maw Maw toda semana para visitar? — perguntou ele.

—Porque você era um bom garoto, e nunca disse a ela que não. Você sabia que era importante para ela.

—Isso faz parte disso. Mas eu a peguei porque esperava e rezei para que um dia ela saísse daquelas portas da prisão e me dissesse que você mudou de idéia e que me perdoou e que queria me ver. Mas você *nunca* fez.

Ele olhou para cima então, e o olhar em seu rosto era de desgosto e profunda mágoa. Lágrimas se acumularam na superfície. —Senti falta do meu irmão todos os dias durante vinte anos, e você me calou.

— Me desculpe. Jalen, sinto muito.

Segurei-o na parte de trás do pescoço e o puxei contra o meu peito. Ele caiu em mim e suas paredes caíram. Ele chorou, e minha própria culpa veio à tona, derramando lágrimas pelas minhas bochechas.





—Por favor, me perdoe— eu disse. — Sinto muito.

Nós nos abraçamos com força. Não conseguimos recuperar esses anos, mas podemos avançar e formar novos títulos.



Capítulo treze

JALEN ME LEVOU em uma excursão pela casa. As coisas eram diferentes, mas a sombra da minha infância permanecia atrás de cada porta e em cada esquina. Pequenas lembranças relampejavam nos limites da minha mente: a vez em que Jalen desceu as escadas do porão e quebrou seu pulso, o armário do corredor onde eu me escondia quando brincávamos de esconde-esconde em dias chuvosos, e janela no antigo quarto de Jalen que quebramos jogando beisebol em casa. Quando olhei para o quintal, a velha mesa de piquenique de madeira estava no mesmo lugar que estava há décadas. Foi aí que Ayanna me beijou pela primeira vez e levantou questões sobre minha sexualidade. A partir daquele momento, eu lutava para descobrir quem eu era e como me encaixava.

Jalen havia se mudado para o antigo quarto de Maw Maw e avô, o maior no final do corredor. Ele o repintou de verde-sálvia, e as cortinas berrantes que uma vez pairavam sobre a janela foram substituídas por persianas horizontais com ripas de madeira. Havia evidências dele e Drake na sala, e eu me perguntei o quão inconsciente Maw Maw tinha sido com o relacionamento deles ou se





ela tinha feito vista grossa por causa de Jalen, sabendo que ele não estava pronto.

—Foi difícil mudar aqui.— Jalen examinou a sala, um olhar distante em seus olhos. —Arrumar as coisas, sabendo que nunca mais voltarão. Doeu.

Meu peito se apertou, mas fiquei quieto.

—Eu guardei as coisas importantes. Está tudo em banheiras de plástico no porão. Coisas das quais não pude me separar porque tinham muitas lembranças. Drake também mantinha certas decorações em toda a casa. Pequenos lembretes dos dois. Não que eu possa esquecer. Ele sacudiu a cabeça e suspirou. —Se houver algo que você queira, é só pedir.

—Obrigado por cuidar dela por todos aqueles anos em que eu não pude.

Jalen passou a mão pelo rosto e assentiu, virando-se.

—J?— Ele ficou de frente para o outro lado da sala, mas eu sabia que ele ouvia. —Você me levaria para vê-los? No cemitério? Eu ... não tive a chance de me despedir.

Era algo que Anson e eu planejávamos fazer quando terminássemos nossa visita, mas parecia que seria melhor compartilhar com meu irmão. Anson e eu poderíamos ir outra hora. Na primeira visita, neste adeus oficial, eu precisava de Jalen ao meu lado.

Maw Maw e vovô haviam nos criado e nos amado incondicionalmente. Eles poderiam ter o título de avós, mas para nós, eles eram mãe e pai. Eles nos ensinaram a ser humildes e





gentis. Eles nos deram tudo o que podiam e nos ensinaram a ser gratos pelas pequenas coisas da vida. Maw Maw fez questão de saber que o dinheiro não comprava felicidade. Felicidade foi algo que você fez por conta própria. Veio de ter uma visão positiva da vida e não esperar que tudo lhe fosse entregue. O avô nos ensinou a trabalhar duro por nossas realizações e a orgulhar-nos de nossas realizações, por menores que sejam. Ele nos lembrou de nunca nos compararmos com outras pessoas.

—Sim. Nós poderíamos fazer isso — disse Jalen, tocando meu braço.

Seu rosto ficou borrado quando eu olhei para ele. —Obrigado. Anson e Drake ficaram em casa.

O carro de Jalen era pequeno para um grandão como eu, e ele riu quando eu entrei, minhas pernas esmagadas.

Ele se inclinou e encontrou uma alavanca embaixo do assento, que me atirou para trás, me dando mais espaço. —Drake não é nem metade do tamanho que você.

— *Você não é nem metade do meu tamanho.*

Ele deu um soco no meu ombro, sorrindo enquanto enfiava a chave na ignição. —Eu tenho um e noventa. Mais alto que a maioria dos caras que conheço.

—Camarão.

Jalen riu. —Eeee ... você é um idiota de doze anos de novo.

—Senti saudades.

Sério, ele me olhou quando parou na estrada. — Eu também senti sua falta.





O cemitério onde Maw Maw e o vovô haviam descansado se chamava Gentle Oak e ficava na periferia da cidade.

Jalen estacionou ao lado da estrada sinuosa perto do extremo oeste do cemitério. Um mausoléu estava à nossa esquerda, uma alta estrutura de mármore com placas anunciando os nomes de todas as pessoas que descansavam lá dentro. Um grande campo estava à nossa direita, com as lápides em fileiras organizadas que duravam cerca de duzentos metros ou mais.

—Por aqui.— Jalen enfiou o queixo dentro do casaco e se arrastou para o campo.

O vento soprava através da paisagem, me arrepiando até os ossos. A temperatura estava nos baixos sessenta, mas parecia mais fria ao ar livre.

Não segui imediatamente. Emoções presas na minha garganta. Culpa e profunda tristeza entre eles. Meus dedos tremeram, então eu fechei os punhos e fechei os olhos enquanto controlava o pior, forçando-me a mantê-lo junto.

Quando os abri novamente, pronto para dar o primeiro passo, Jalen estava olhando de volta para mim. —Você está bem?

—É mais difícil do que eu pensava.

Ele olhou por cima do ombro e das costas antes de voltar para onde eu estava. —No dia em que a enterramos, eu mal conseguia sair do carro. Então, e toda visita depois, Drake esteve comigo. Eu nunca... Não deixo que ele segure minha mão ou seja expressivo sobre o nosso relacionamento quando saímos. Sei que





isso o machuca, e gostaria de poder superar isso e ser quem ele precisa. Não sei por que ele me suporta alguns dias.

— Ele ama você.

—Eu também amo ele. Quando chegamos aqui, todas as vezes, mesmo no funeral de Maw Maw, quando havia uma dúzia ou mais de pessoas como testemunhas, deixei que ele me segurasse. Eu me agarrei a ele e não a soltei. Foi a única vez que me lembro de não dar a mínima para o que as pessoas pensavam.

Jalen estendeu a mão. Foi uma oferta. —Não sou Anson, mas sou seu irmão e sei que isso é difícil. Deixe-me te segurar. Deixe-me ser forte pela primeira vez.

Peguei sua mão na minha, precisando do apoio mais do que eu sabia. Um traço de sorriso apareceu e desapareceu antes que ele se virasse e me guiasse pelo campo.

Havia árvores plantadas recentemente ao redor do perímetro do cemitério e algumas espalhadas por áreas por toda parte. Os carvalhos mais majestosos estavam na seção mais antiga do lado leste. Esta área foi recentemente estabelecida e mais jovem. Muitas parcelas não foram preenchidas. Eles acrescentaram caminhos e bancos de mármore, fontes e estátuas, mas faltava o mesmo caráter do lado leste.

Jalen parou de andar quando chegamos a um pequeno pedaço de terra, mal sombreado por um carvalho bebê cujas folhas estavam ficando vermelhas e alaranjadas. Havia uma pitada de queda pintando a terra.





Ficamos lado a lado na frente de uma grande lápide de granito. Era preto e brilhava com manchas de prata à luz do sol. À esquerda estava o nome do vovô, *William 'Bill' Ndiaye*, e à direita estava Maw Maw, *Emilia Ndiaye*.

Uma aljava se enraizou no meu núcleo, irradiando para as minhas mãos e pernas. Eu apertei meus músculos, tentando pará-lo, mas era inútil. Jalen deve ter sentido as vibrações. Ele passou o braço em volta do meu ombro e apoiou a cabeça em mim. —Eu sei — ele sussurrou. — Eu sei.

—Ela nunca desistiu de mim.

— Nunca.

—Eu gostaria que ela tivesse vivido o suficiente para me ver sair. Ela é provavelmente a única pessoa fora de Anson que achou possível.

Jalen riu, mas soou triste no ar. —Ela costumava dizer a qualquer um que quisesse ouvir que você era inocente e, um dia, quando tirassem a cabeça da bunda, deixariam você sair de novo.

—Parece Maw Maw. No entanto, ela falaria nossos ouvidos se juramos assim.

—Pode acreditar. Ela me chamou na frente de uma loja inteira como um homem de trinta anos uma vez porque eu disse a palavra merda quando uma bolsa quebrou no caixa.

Eu sorri através das lágrimas, vendo isso claro na minha cabeça, mesmo que eu não estivesse lá. Ela era uma mulher poderosa. Foi um erro julgá-la com base em seu tamanho pequeno ou voz suave.





—Lembra daquela vez que o Sr. Howard ligou para a casa porque você pulou a aula de inglês dele?— Jalen perguntou, uma peculiaridade em seus lábios ao se lembrar do dia.

—Uma pessoa não esquece o Armageddon, J. Eu nunca tinha visto Maw Maw com tanta raiva. Ela vibrou com isso. Eu sabia que antes que ela desligasse o telefone com ele, provavelmente ficaria de castigo pelo resto da minha vida. Até o vovô parecia preocupado.

Jalen me puxou para o chão, e nos sentamos na grama, relembrando os velhos tempos, relembrando momentos com essas duas pessoas que nos salvaram depois que nossa mãe morreu.

—Você acha que eles se importariam?— Jalen perguntou um pouco depois, enquanto ele arrancava trechos de grama e os rasgava em pedaços.

—Se importava com o quê?

—Nós. — Ele se contorceu e encolheu os ombros. —Nós somos gays.

Estudei a pedra com os nomes gravados na frente. Eu me fiz a mesma pergunta várias vezes. Por mais que nossos avós tivessem fé, eles nunca se vincularam às regras da igreja. Eles eram lúcidos e de mente aberta. Eles criaram dois meninos indisciplinados quando deveriam estar aproveitando os anos dourados de suas vidas. Eles se orgulharam de nossos sucessos e nos encorajaram quando lutamos. Eles nunca nos envergonharam.

—Eu gostaria de acreditar que eles teriam nos aceito e nos amado da mesma forma que sempre fizeram — Pensei em Drake





vivendo sob o mesmo teto que Maw Maw enquanto ele e Jalen estavam juntos. —Maw Maw gostava de Drake?

— Muito. Ela o chamou de menino doce. Ele atendeu a ela. Ela gostou disso.

—Ela não era uma mulher estúpida, J.

Ele embaralhou novamente. — Eu sei. Então, ela sabia, não sabia?

—Provavelmente.

Ele suspirou. —Por que isso é tão difícil para mim?

—Você tem que se aceitar primeiro. Depois de fazer isso, você deixará de se importar com o que os outros pensam e isso não importa. —Fiz uma pausa e considerei meu conselho. —Isso é provavelmente mais fácil de dizer do que fazer. Eu luto com a aceitação desde que eles me libertaram. Não porque sou gay, mas porque todo mundo me vê como um ex-presidiário. As pessoas têm medo de mim.

— Isso é ridículo.

—É um fato.

Conversamos sobre as lutas que eu havia enfrentado em público, sobre meu confronto com o policial e, finalmente, sobre os abusos que Anson estava sofrendo no trabalho.

—Isso é besteira— disse ele quando terminei. —Você já passou o suficiente. Você não merece isso.

—É o que é. Eu vejo um conselheiro. Ele diz que pode levar tempo para as pessoas se ajustarem.





—Meu armário está muito bem agora. Talvez eu fique dentro para sempre. Não sei se poderia lidar com o abuso como o rosto de Anson.

—Isso é justo com Drake?

— Não. —Ele respondeu sem pausa, os ombros caídos.

Nós ficamos em silêncio por um longo tempo. Quando Jalen estremeceu e dobrou os joelhos, passei um braço em volta dos ombros. —Que tal voltarmos para casa? Está frio e acho que abandonamos nossos homens por tempo suficiente.

—Eles estão falando sobre nós, não estão?

—Não tenho dúvidas.

Quando voltamos para o carro, um pensamento me ocorreu e eu coloquei a mão no braço de Jalen.

— Como está?

Examinei as vastas linhas de lápides enquanto meu coração se apertava. —Onde ela está? Onde eles a enterraram?

Jalen me estudou e abaixou a cabeça. —Ayanna?

— Sim.

Ele acenou com a cabeça para uma área do outro lado da estrada de onde estacionamos. —Lá. Eles enterraram ela e Keon juntos. Você quer ver ela?

Um nó se formou na minha garganta enquanto eu pensava. Balancei a cabeça. — Hoje não. Outra hora, talvez. Eu só queria saber...

Partimos do cemitério sem outra palavra.





ANSON e eu saímos antes do jantar. Pegamos comida para a longa viagem para casa e depois pegamos a estrada.

—Como você acha que foi?— ele perguntou, pegando batatas fritas no saco de papel com comida ao lado dele.

—Bem. Foi estranho a princípio. Parecia que não nos conhecíamos. Mas não demorou muito para recuperá-lo. —Mordi minhas próprias batatas fritas. —Eu o machuquei. Eu não sabia o quanto. Eu estava muito ocupado com raiva para ver o quanto ele precisava de mim. Ele era criança e eu o abandonei.

—Foi uma situação ruim. Vocês dois estavam sofrendo. Mas está no passado agora. Você pode construir uma nova base.

Ele tinha razão. Jalen e eu consertamos pontes e poderíamos seguir em frente. Não havia motivo para se preocupar com coisas que não podíamos mudar.

—Drake parece legal— eu disse, lembrando como ele ficou perto de Jalen a tarde toda quando estávamos em casa.

—Eu gosto de Drake. Ele me lembra muito Derrick no trabalho, exceto um pouco mais ... expressivo. Drake diz o que está pensando. Ele é honesto e acho que ele cuida de Jalen.

— Sim.

—Como foi no cemitério?

—Com vontade. Sinto muito arrependimento e culpa. Doe.

Anson apertou minha coxa. — Eu sei. —Houve outra pausa prolongada antes: —Você perguntou a Jalen sobre esses papéis?





—Sim eu quero. Ele vai procurá-los. Ele tem certeza de que eles estão em uma sacola no porão. Ele os enviará quando os encontrar.

Como David e Roger sugeriram, eu perguntei sobre minha certidão de nascimento e meu diploma do ensino médio. Além disso, perguntei se Jalen sabia onde poderia encontrar meu número de previdência social. Embora eu ainda estivesse em dúvida sobre conseguir um emprego ou ir para a faculdade, sabia que acabaria precisando deles.

Comemos, deixando o rádio preencher as lacunas. Pensei na conversa que Jalen e eu havíamos compartilhado no cemitério. Eu disse a ele para não se preocupar com o que as outras pessoas pensavam, mas eu ficava lá dentro a maioria dos dias porque temia estar em público. Os olhares e comentários eram como pequenas facas esfaqueando no meu peito, e eu não aguentava. Quem era eu para lhe dar conselhos que não podia seguir?

—Podemos tentar sair neste fim de semana?

As sobrancelhas de Anson atingiram sua linha do cabelo. — O que você tem em mente?

—Talvez o café onde eu encontrei David e Roger? Estava quieto lá.

—Pode não ser tão silencioso no fim de semana.

—Eu preciso tentar novamente, mas eu quero você comigo. Sinto que parei e preciso avançar. Como vou me adaptar a este mundo se ficar em casa o tempo todo?





Ele pegou minha mão e levou-a à boca, beijando meus dedos.
—Parece um encontro.

—Pode ser, você sabe? Um encontro. Poderíamos pegar pizza?
Ou tentar um restaurante?

—Que tal pequenos objetivos? Se o café correr bem, levarei
você a um encontro real em Livingston.

—Você poderia segurar minha mão assim. Eu não me
importaria, mesmo que as pessoas vissem.

O sorriso de Anson aumentou. —Eu gostaria disso.

SÁBADO À TARDE, andamos de mãos dadas pela Main Street
até o café. Meu coração disparou a cada passo, mas eu me recusei
a dizer a Anson o quão nervoso eu estava. O centro da cidade
estava tão ocupado quanto no dia em que eu andei até a padaria.
Carros e pessoas enchiam a rua. Para uma cidade pequena, poderia
ficar lotada.

Quando nos aproximamos do café, peguei um grupo de
adolescentes olhando para nós. Um tinha uma ruga no nariz e
outro estava sussurrando atrás da mão para a terceira garota. Eu
não sabia se era porque eles me reconheceram ou se acharam
nosso ato aberto de intimidade perturbador.

Desviei o olhar, tentando não deixá-los me incomodar,
lembrando-me repetidamente de não dar às outras pessoas o poder
de me machucar ou me deixar desconfortável. Já era bastante difícil





lidar com o vasto ambiente ao ar livre sem me preocupar com a forma como eu era percebido pelos outros.

Entramos, os sinos acima da porta tilintando e anunciando nossa chegada. Havia uma pequena fila e mais da metade das mesas estava cheia. Eu digitalizei, mas mantive minha cabeça baixa, evitando olhar diretamente para alguém.

—Que tal por lá?— Anson apontou um estande ao lado de uma prateleira de grãos de café especiais que estavam à venda. Havia pessoas ocupando as mesas de ambos os lados.

— Estou sim.

—Você quer sentar enquanto eu peço?

Eu verifiquei a fila ocupada enquanto meu interior se torcia mais apertado. — Eu quero.

—Chocolate quente?

—Sim, por favor, e talvez cheesecake, se houver algum.

Soltei nossas mãos e encontrei meu caminho para os assentos disponíveis. Deslizei pelo banco de um lado e abri o zíper da minha jaqueta. Meu coração batia forte enquanto eu olhava novamente.

Foi quando eu o vi. O mesmo oficial que encontrei na padaria. Ele e um segundo oficial, uma mulher com a pele tão escura quanto a minha, um corte de cabelo curto e angular e olhos severos, estavam sentados no lado oposto do café, bebendo bebidas fumegantes em xícaras de porcelana. A mulher estava falando, e o homem estava olhando um buraco através de mim. Ela não pareceu notar a atenção desviada dele.





O suor formigou minha pele. Eu estava prestes a me levantar e encontrar Anson, dizer a ele que precisávamos sair, mas o oficial desviou o olhar, prendendo seu parceiro com o mesmo olhar severo que ele estava me dando. Talvez ele fosse um idiota todos os dias, e não fosse reservado apenas para mim.

Preocupei minhas mãos e bati meus pés enquanto esperava por Anson, as paredes ficando mais próximas e mais confinadas do que em casa. Quando ele se sentou com nossas bebidas, vi o policial assistindo novamente.

—Eles vão trazer o nosso cheesecake em um minuto.

— Tá bom. —Minha voz quebrou.

Anson deslizou a mão sobre a mesa e pegou a minha, acariciando com o polegar. —Você está bem? Você está tremendo e parece pronto para fugir.

Voltei minha atenção para o outro lado da sala, meu peito apertado. Ambos estavam olhando agora. Ambos carrancudos. Anson seguiu meu olhar e suas costas ficaram retas quando viu os dois policiais.— É ele? Esse foi o pau que te deu um tempo difícil?

—Eu não quero fazer uma cena.

— É ele? —Anson rosnou.

— Sim. Agora, por favor, não diga nada. Anson, vamos aproveitar nosso passeio da melhor maneira possível.

Anson se virou, embora com relutância. Ele segurava a caneca de café entre as mãos e o queixo estava tenso. Havia hostilidade em seus olhos.





Fiz tudo o que pude para manter o foco em Anson e não desviar minha atenção. Eu me senti doente, não consegui mais me alegrar em nosso passeio.

Os dois oficiais permaneceram na minha visão periférica, e eu sabia que eles não tiravam os olhos de nós desde que Anson se sentou. Esta tentativa de um encontro foi arruinada. Não havia como eu lançar esses sentimentos terríveis se infiltrando por dentro e me divertindo. Sua atenção indesejada tornou todos os outros sentimentos avassaladores muito mais intensos. Eu não conseguia ficar parado.

Anson tentou. Eu dei crédito a ele. Ele adoraria ter dado a esse oficial um pedaço de sua mente, mas ele tentou me levar a uma conversa.

—Mamãe quer que a visitemos no Natal. Eu disse a ela que provavelmente não aconteceria este ano. Eu não tinha certeza de que você gostaria de pegar um avião.

—Eu nunca estive em um.

—Sério?

—Não. Nunca deixou o Texas, para ser sincero.

Anson falava com sua mãe no Skype todo fim de semana. Eles estavam perto, e embora eu tenha dito oi uma ou duas vezes, deixei que eles tivessem seu tempo ininterrupto. Parte de mim ainda estava inseguro de que ela realmente me aceitasse.

—Eles têm neve em Michigan, certo? — eu perguntei.

—Ainda não, mas pode haver no Natal. Pense nisso. Eu disse a ela para não ter esperanças, mas que eu perguntaria a você.





Eu balancei a cabeça e girei minha caneca sobre a mesa.

Nosso cheesecake chegou. Era com sabor de cereja. Eu peguei com menos entusiasmo do que a primeira vez. A tarde estava manchada pelo olhar persistente de dois policiais de Onalaska. Meu estômago se contraiu com o pensamento de comida.

Foi apenas uma questão de tempo até uma mulher idosa entrar no café e me reconhecer. Ela estava na fila quando examinou o restaurante. No momento em que sua atenção caiu sobre a nossa mesa, ela ofegou, uma mão voando em seu peito. Quando o cavalheiro à sua frente mostrou preocupação, ela apontou para mim e disse uma única palavra.

—Assassino?

O café inteiro ficou em silêncio. Mais cabeças viradas. Meu estômago revirou, e eu tinha certeza de que minhas poucas mordidas de queijo iriam voltar. Foi um soco no estômago. Eu estava tão disposto a tentar novamente, determinado a não deixar que as pessoas tivessem esse tipo de poder sobre mim, mas era demais.

Abaixei meu garfo e afundei mais no estande. Exceto que um homem de mais de um e noventa de altura não podia se esconder.

Anson estava rosnando e voou de seu assento antes que eu pudesse detê-lo. Ele era de temperamento quente às vezes, e qualquer beligerância em relação a mim era provocadora.

Vê-lo gritando com uma velha e sendo atacado verbalmente por um café cheio de pessoas me fez encolher ainda mais. Cobri meus ouvidos e dobrei ao meio, fazendo o possível para regular





minha respiração. Eu estava tonto, e as bordas da minha visão estavam ficando borradas e escurecendo.

Foi a voz rouca e autoritária do policial que me levou de volta ao presente. Ele e Anson estavam indo de igual para igual enquanto seu parceiro puxava os braços de Anson atrás das costas e o algemava. Minha mente era um turbilhão de pensamentos incompletos. Eu não sabia o que fazer.

Quando Anson gritou de dor, algo dentro de mim estalou. Eu me levantei e empurrei a multidão. —Pare! Você está machucando ele. Ele está se recuperando de um ombro deslocado. Você não pode esticar o braço dele assim. Deixe-o ir.

O oficial do peito de cano pegou um punhado da minha camisa e entrou na minha cara. —Lá fora. Eu sabia que você era um problema no minuto em que coloquei os olhos em você. Veja o que você causou.

A mulher levou Anson, com o rosto tenso de agonia, do lado de fora. Eu queria detê-la, então quando o oficial me empurrou em direção à porta, não hesitei em segui-lo.

Na rua, Anson encontrou forças novamente e já se preocupava com a lesão. Ele gritou, sua voz rouca e tensa. —Isto é uma discriminação. Bishop é um homem inocente, e você o está tratando como um maldito criminoso! Como se atreve? Essas pessoas lá dentro são as que precisam ser corrigidas, seu imbecil. Faça o seu trabalho e pare de assediá-lo. Me algeme!

—Dan?— a oficial perguntou a sua parceira. —O que você quer que eu faça com ele?





—Estamos levando ele para dentro. Coloque-o no carro.

—Ele não fez nada de errado— argumentei.

—Ele agrediu verbalmente uma velha e causou uma cena. Ele precisa se refrescar na cela por um tempo.

—Não o algeme ele pelo menos. Você vai agravar a lesão dele.

—Você está me dizendo como fazer o meu trabalho?— o homem, Dan, rosnou.

Suspirei, sem saber o que fazer ou dizer para melhorar isso.

—Olha, nós vamos embora. Apenas deixe-o ir.

—Como diabos nós vamos— Anson rosnou, puxando suas restrições. —Temos tanto direito de estar aqui quanto qualquer outra pessoa. Eles não podem ditar como você vive sua vida, Bishop. Você é livre e inocente. Você não merece esse tratamento. Esse idiota deve estar ajudando você, não machucando você.

—Tire ele daqui— o oficial Dan latiu para o parceiro.

A policial puxou um Anson relutante do outro lado da rua para um carro de patrulha. Ela o empurrou no banco de trás e bateu a porta.

Tínhamos adquirido uma audiência, e minha pele esquentou como a superfície do sol enquanto todos assistiam ao espetáculo.

O oficial Dan virou-se para mim. —Esta é duas vezes que você tem sido um problema na minha cidade. O que eu te disse da última vez?

—Com todo o respeito, senhor, Anson e eu não fomos os únicos a causar a cena.





O policial soltou o taco Billy do cinto e apertou-o no meu peito, fazendo-me recuar um passo. —Você sai daqui e não me deixa ver seu rosto novamente, ou da próxima vez, eu também vou te enfiar na traseira do carro. Entendido?

Eu olhei para Anson e olhei para o rosto carrancudo do oficial Dan. —Eu vou embora, mas estou ligando para o meu advogado.

— Pode deixar.

Ele atravessou a rua e entrou no lado do motorista. Seu parceiro já estava esperando por ele.

Ele ligou o motor e foi embora. Anson não olhou para mim. A cabeça dele estava encostada no banco, os olhos estavam fechados e havia uma dor óbvia em seu rosto.

Uma vez que o carro estava fora de vista, eu me virei e notei todos os olhos curiosos olhando pela janela da cafeteria.

Abaixei meu queixo, evitando seus olhares, e fui para casa. Tudo o que eu queria era ir até a delegacia e encontrar Anson, pedir que deixassem ele ir e me prender. Se alguém merecia estar de volta atrás das grades, era eu. Eu tinha causado todos esses problemas por existir apenas em um mundo onde não pertencia.

Mas eu sabia que não adiantaria. Se eu aparecesse, eles provavelmente me colocariam na cela ao lado dele. Então onde estaríamos?



Capítulo Quatorze

CHAMEI CYNTHIA assim que cheguei em casa. Era o fim de semana, mas eu tinha um cartão de visita com o número pessoal dela nas costas. Ela me deu exatamente para esse propósito, como se soubesse que chegaria o dia em que a merda atingiria o ventilador.

—Cynthia, é Bishop— eu disse quando ela respondeu.

—O fato de você estar me ligando na minha linha pessoal no domingo não é um bom presságio. Como está?

—Anson foi preso.

— Perdão?

Suspirei e caí em uma cadeira na mesa da cozinha, uma dor de cabeça se formando atrás dos meus olhos. —Anson foi preso.

—Quais são as acusações?

—Eles não te disseram? Eles o levaram algemado à delegacia para que ele pudesse se refrescar.

—Faça backup e me diga o porquê.

Belisquei a ponta do nariz e comecei com o primeiro encontro que tive com o oficial da padaria e terminei com os eventos de hoje.

—Então estávamos tomando uma bebida e um petisco, tentando ignorar os dois olhando para nós do outro lado da sala,





então essa mulher entra e me vê. Ela aponta e diz alto como pode ser, ‘Assassino’.

Cynthia murmurou ‘Jesus’ baixinho. —Vocês estão loucos?

—O café inteiro começou a olhar, e Anson meio que causou uma cena tentando me defender. Ele gritou com as pessoas. Muito. Os policiais o algemaram e o arrastaram para a rua. O que me ameaçou e me disse para não voltar, colocaram Anson no carro e foram embora. Disse que ele precisava se acalmar.

— Isso é ridículo. Certo. Vou fazer uma ligação e seguir para lá agora.

—Posso ir com você?

— Não. —Ela fez uma pausa, uma nota de simpatia entrando em sua voz quando ela falou novamente. —Melhor deixe-me lidar com isso. Além disso, sou eu quem fará uma cena agora, e ninguém precisa testemunhar isso.

—Ele não fez nada de errado. Ele estava apenas me defendendo.

—Dou meu jeito.

—Obrigado.

Já era muito tempo depois do jantar quando a porta da frente se abriu. Cheio de vergonha e auto-aversão e sentimentos feridos demais, eu tinha levado para o meu canto de confiança na cozinha. Ao ouvir o retorno de Anson, levantei-me e fui até a porta da frente.





Eu o encontrei sentado no chão, encostado na parede, de cabeça baixa.

Ele irradiava miséria. Eu embaralhei, sem saber como me aproximar.

Ele deve ter sentido a minha presença. Sem levantar a cabeça, ele disse: —Não era assim que deveria ser— Sua voz grunhiu e ele fungou. —Era para ser melhor do outro lado, não pior. Agora tudo é um fôlego. Você não pode sair sem ser agredido verbalmente. Eu não posso ir trabalhar sem alguém tentando me foder por causa de quem eu sou. Não entendi. Não entendo.

Afundi-me ao lado dele, ombro a ombro, coxa a coxa, e peguei sua mão. Seus dedos estavam gelados, como sempre.

—Nem sempre parece melhor, mas é, chefe. Você me disse isso outro dia. Assim, por exemplo. —Apertei a mão dele e a trouxe para a minha boca, passando um beijo em seus dedos. —Eu não podia fazer isso quando queria antes. Eu não podia deitar na cama com você à noite. Eu nunca soube o prazer de ser íntimo de alguém com quem eu me importava. De fazer amor com essa pessoa. Eu estava trancado em uma cela. Negado contato humano de todo tipo.

—Roger diz que estes são trampolins. Talvez tenhamos um pouco mais do que a maioria por causa de nossas diferenças. Nós não somos heterossexuais. Eu não sou branco. Você trabalha em uma prisão supermax. Vivemos em uma pequena cidade no sul.

—São muitas coisas contra nós.

—É.





—Odeio isso. Queria lhe mostrar uma vida melhor e sinto que falhei.

—Você não falhou. Por todas as vezes que eu tropecei, por quantas coisas eu tive que me acostumar, essa vida aqui é mil vezes melhor do que eu tinha.

—Mas você gostaria de poder voltar alguns dias.

—Sim, mas apenas porque a vida infernal do corredor da morte é familiar, não porque é melhor.

Anson suspirou e apoiou a cabeça no meu ombro. —Você já desejou que pudéssemos desaparecer e morar em uma ilha em algum lugar onde ninguém pudesse nos incomodar?

Gargalhei. —Eu me sinto assim desde o dia em que me libertaram.

—Sinto muito por não ter sido melhor.

— Não é sua culpa.

—Obrigado por ligar para Cynthia.— Ele levantou a cabeça e me encarou. —Essa mulher é muito foda.

— Eu gosto dela. O que ela fez?!

—Ela teve uma palavra forte com o capitão sobre o tratamento de inocentes por parte de seus oficiais. Ameaçou ir mais longe se o tratamento continuasse.

—E?

—E o capitão defendeu seu povo, dizendo que havia testemunhas que disseram que eu havia perturbado a paz e que a intervenção deles era necessária porque as coisas estavam ficando





fora de controle. De maneira alguma eles agiram de maneira discriminatória.

—Claro que não. Imaginei. Mas e antes? A vez que fui à padaria?

—Dan O Pau, como eu gosto de chamá-lo, negou ter qualquer outro encontro com você. Cynthia disse para ligar para ela se houver mais problemas.

Nada disso me surpreendeu, e eu sabia que nada mudaria. O policial não tinha me preso, nem me havia algemado pela primeira vez. Ele não fez nada além de fazer ameaças e contornar sua autoridade. Esse comportamento não seria interrompido, porque, a menos que eu tivesse uma audiência, não poderia ser provado. Ele teria mais cuidado, mas continuaria. Eu não fui idiota.

—Você está com fome?

— Não. Estou dolorido, cansado e infeliz.

—É cedo para dormir.

Anson roçou o nariz ao longo da minha bochecha até a minha orelha. —Então talvez possamos encontrar outra coisa para fazer. Eu quero esquecer esse dia. Leve-me para a cama e me leve para longe de toda essa merda. Por favor!

Quando o mundo inteiro se sentiu hostil e como se estivesse travando uma guerra contra mim, Anson se sentiu em casa. Não mais incerto, não mais inexperiente, juntei-me a nós, assumindo o controle que ele voluntariamente desistiu esta noite. Precisava disso. Ele precisava de mim.





Sua alma estava atormentada, então eu a peguei gentilmente na mão e a acalmei da única maneira que sabia.

Eu amava ele.

Como aqueles primeiros beijos que compartilhamos, eu apreciei cada vez que nos reuníamos, saboreando e memorizando as menores coisas. A maneira como seus olhos nunca deixaram os meus. A maneira como seus lábios ficaram separados, ofegando e emitindo gemidos fracos, implorando por mais enquanto eu me movia profundamente em seu corpo. O estiramento de sua garganta e o áspero arranhão de sua barba quando ele arqueou para fora da cama, seu orgasmo rolando sobre ele. O tom áspero de sua voz quando ele disse meu nome repetidamente.

Eu beijei o pomo de Adão dele, nunca cessando o ritmo que havíamos encontrado, levando-o até o fim. Suas unhas cravaram na minha pele, seus músculos se apertaram ao meu redor, e eu estava ali com ele, voando, voando, caindo pela estratosfera e além, envolvido em uma sensação que eu nunca tinha conhecido antes de conhecer Anson.

Era demais e nunca o suficiente.

Eu desmaiei, nossos corpos escorregadios grudando. Cuidado para segurar meu peso para não esmagá-lo, segurei-o com força. Suas respirações quentes e ofegantes fantasmavam minha carne quando ele recuperou o fôlego. Seus braços ficaram ao meu redor, nos protegendo juntos e me segurando como ele temia que eu me afastasse cedo demais.





—Não se mexa— ele murmurou contra o meu peito, fortalecendo seu aperto e me mantendo profundamente por dentro. —Ainda não. Eu só ... quero sentir você o máximo que puder.

Eu beijei sua têmpora, suas bochechas, cada olho, seu nariz e então sua boca antes de sussurrar: —Eu ficaria assim para sempre se pudesse. Não há nada como isso. Você me consome. Eu te amo muito, Anson. Parece que às vezes não consigo respirar por causa disso.

—Nós vamos superar isso, certo?

—Espero que sim. Eu sei que vamos. Temos que. Com o tempo. E seremos mais fortes por causa disso.

Ele se aninhou mais perto, nossos corações diminuindo. — Por toda a merda que estamos passando, não me arrependo de nada.

Segunda-feira chegou em breve. Em vez do nervosismo de Anson, na semana anterior, antes de seu encontro com Ray e o diretor, hoje ele estava com raiva. Toda a provação no café trouxe um novo nível de indignação à superfície, e seu temperamento aumentou.

—Por que eu deveria ser punido por ser gay? Eu sei o que eles vão fazer. Eles vão sugerir uma transferência. Eles vão pregar sobre minha segurança e como seria no meu melhor interesse. Eles mentem sobre o quão duro estão lutando por mim contra a





discriminação, mas todos ficam sentados lá, esperando que eu corra pela porta e não olhe para trás. Puta merda. Eles não estão me perseguindo. Eles podem encontrar uma alternativa ou lidar melhor com as consequências de ter um agente penitenciário gay.

Eu mantive minha boca fechada. Se eu oferecesse minha opinião, a raiva dele se voltaria contra mim. Pessoas como Léon estavam por toda aquela prisão, e eu fiquei preocupado. Ele já havia sido machucado mais de uma vez. Quanto tempo até as lesões serem mais graves que um ombro deslocado? Se Anson recebeu uma mudança em F, eu não sabia se ele conseguiria sair vivo. Os caras da população em geral que acabaram fazendo um tempo solitário eram assustadores. Eles derramaram sangue sem piscar um olho. Tudo o que seria necessário era que um deles descobrisse que Anson era gay e que estava com problemas.

Anson não tinha comido, mas ele tomou seu terceiro café e bateu a xícara no balcão antes de verificar as horas em seu telefone. —Estou fora.— Ele exalou um suspiro fortalecedor e me encarou. — Me deseje sorte.

—Boa sorte.

Ele me deu um aceno cortante e correu da sala, pelo corredor.

—Anson — Gritei para ele. —Lembre-se de que ele é seu chefe. Ambos são. Tente não gritar com eles.

Ele não respondeu. A porta da frente se fechou e ele se foi.

Limpei sua bagunça na cozinha e fiquei de pé junto às portas do pátio, olhando para fora. As folhas estavam mudando de cor.





Uma brisa varreu o quintal, trazendo uma mudança de estação. Estava frio. Por mais que eu gostasse de sentar na grama e pensar, não gostava de sentir frio.

Andei, preocupado com a reunião de Anson. Encontrei um livro para ler para ocupar minha mente, mas não consegui me envolver na trama. Meu interior estava muito torcido.

Em vez disso, usei meu tempo livre para ligar para David.

—Ei, colega. Como vão as coisas?

—Eu gostaria de poder dizer que eles estão melhorando, mas seria uma mentira.— Caí no sofá, mentalmente exausto. —Não vejo a luz no fim deste túnel, e é frustrante.

—Você parece abatido.

—Sinto isso e não tenho certeza de como me arrastar para fora deste poço. Continuo tentando. Eu uso o seu e o conselho de Roger, mas é como se o universo estivesse rindo de mim.

—Seu homem está trabalhando hoje?

—Não, ele está de folga por algumas semanas. Faz parte disso. Ele foi derrubado da escada no trabalho por um preso que estava transferindo. Ele está sofrendo muito assédio agora que a notícia se espalhou sobre nós sermos gays e juntos. Ele está em uma reunião com o diretor e seu chefe, Ray, agora. Eles estão discutindo o trabalho dele em avançar. Ele está menos do que satisfeito.

David respirou fundo, que se transformou em uma tosse fleumática. —Aposto que ele não está muito feliz com isso. O que são opções?





—Não sabemos com certeza. É o que ele vai descobrir. —
Preocupei meu lábio e limpei minha garganta. —Eu queria saber se
você queria vir tomar um café? Me faça companhia um pouco?
Estou inquieto, e Anson vai demorar algumas horas,
provavelmente.

—Você já cedeu à bebida do diabo?

Dei risada. — Nem pensar. Essa coisa é rançosa.

—Com o tempo. Com o tempo. Sim, eu posso continuar. Nada
na minha agenda agora. Você quer experimentar o café como
fizemos antes? Tirar sua bunda de casa por um tempo?

—Não! Acho que não. Meio que tive alguns problemas na
semana passada. Vou lhe contar quando você chegar aqui.

David fez uma pausa, e eu pude ouvir tudo o que ele não
estava dizendo no silêncio. —Tudo bem, companheiro. Estarei lá em
breve.

Demorou uma hora para ele chegar. Abri a porta e fui
recebido por um sorriso brilhante espreitando por uma barba
espessa. O cheiro forte de cigarros remanescentes era algo que eu
atribuí a David agora, e flutuava em uma nuvem ao redor dele. Ele
era corpulento e robusto, como sempre, em jeans desgastados,
botas de caubói e jaqueta de couro cravejada. Seus cabelos estavam
soprados pelo vento e despenteados.

Nós trememos, seu aperto firme como sempre, e eu o
convidei. Nós nos reunimos na sala, mas antes que eu pudesse
escapar para fazer bebidas quentes, ele estendeu um pequeno
pacote. —Para você, companheiro. Um pouco de algo para animá-lo.





Um gosto de casa, vamos chamá-lo. Estou segurando há um tempo, esperando a próxima vez que te vi.

Eu fiz uma careta, mas aceitei o pacote, minha curiosidade despertada. Estava embrulhado em papel pardo, bem como os presentes enviados por correio que eu recebia de Anson quando estava na prisão. Havia um simples pedaço de barbante enrolado em volta dele e amarrado em um laço arrumado no topo.

—O que foi?

David riu enquanto acenava com a mão para o presente. — Abra. É assim que essas coisas funcionam.

Sentei-me no sofá e desabotoei o fio antes de puxar o papel para trás. Dentro havia um caderno de desenho de artista com papéis porosos e grossos, de cor branca-amarelada e uma pequena lata de carvão. Continha mais peças do que eu já tinha visto de uma vez.

Um nó ficou preso na minha garganta quando uma onda inesperada de emoções trouxe lágrimas aos meus olhos. —David ... isso é ...

—Algo que eu acho que você precisa. Algo para aterrar você. Algo saudável para sua mente. Nem sempre será fácil, companheiro. Pode não ser fácil por muito, muito tempo, mas você não deve deixar para trás coisas que lhe trouxeram alegria.

—Eu queria conseguir alguns materiais de arte por semanas, mas ir às lojas foi ...

—O pior tipo de tortura. Eu sei.

— Sim.





—Agora você tem um pouco. Não deixe as coisas ruins comê-lo de dentro para fora. A leitura é uma excelente saída, com certeza. Você me disse o quanto gosta, mas acho que fazer arte oferece uma maneira de expressar suas emoções para que elas não fiquem pesadas no peito, sufocando você. É uma válvula de alívio. Repita.

— Nem sei o que dizer. Obrigado.

—Não, não me agradeça. Apenas me prometa que continuará olhando para a frente, mesmo que pareça que seus pés estão se movendo para trás, mesmo quando não parece haver uma luz no fim do seu túnel.

— Prometo voltar.

Folhee as novas páginas, minha mente já girando com imagens que eu queria preenchê-las. Passei todos os meus anos na prisão desenhando em uma parede de concreto áspero. Como seria marcar nessas páginas suaves?

—Ansioso para começar agora, não é?— David disse.

— Sim. Eu senti falta de desenhar. Muito mais do que eu imaginava.

— Eu sei. Você falou com carinho antes. Agora, que tal aquele copo viciante de suco do diabo que você me prometeu?

—Sim, senhor. É para já.— Coloquei meu presente na mesa de café e fui para a cozinha.

—Negro como minha alma, companheiro. Não se esqueça disso — David chamou atrás de mim.

Eu ri, ainda confuso sobre por que tantas pessoas gostavam de café quando o sabor era a morte de esperanças e sonhos.





David e eu visitamos e conversamos sobre como as coisas estavam indo. Eu compartilhei sobre o meu encontro com o policial na padaria, o encontro de Anson no dia anterior e ser levado de algemas, e o sempre presente desespero que eu não conseguia abalar.

David se recusou a me deixar sair sem compartilhar as coisas positivas também. Eu costumava esquecer as coisas boas, porque as más lançavam uma sombra tão densa que as bloqueava.

Ele ficou emocionado ao saber o quão bem o jantar de Ação de Graças foi no Javier e riu quando lhe contei o quão extasiada as duas mulheres estiveram com a minha presença, me mantendo na cozinha a noite toda, me tocando sem parar e me embebedando em vinho.

—Talvez uma viagem a Michigan para visitar a família de Anson não fosse uma coisa ruim. Afaste-se das besteiras das cidades pequenas e respire um pouco de ar fresco do inverno por um tempo. — David estava sentado com um tornozelo acima do joelho, com atenção direta.

Parte de mim queria concordar. Outra parte não tinha certeza sobre viagens aéreas e multidões excessivas.

Antes que eu pudesse responder e expressar minhas preocupações, a porta da frente se abriu e Anson entrou.

—Isso soa como uma reunião fracassada— disse David em um tom abafado.

—Bishop. —Anson entrou na casa.

—Na sala de estar?





Anson enfiou a cabeça, uma profunda carranca no rosto, o que parcialmente esclareceu no minuto em que ele viu David. —Oi. É quem está estacionado na estrada. Eu não sabia que você estava vindo.

—Eu também não sabia que era, companheiro.

—Eu precisava de companhia— expliquei. —Como foi a sua reunião?

O rosto de Anson se apertou quando ele olhou para David. — Realmente horrível, se estou sendo honesto. O diretor está me mudando para as tarefas de vigilância porque me recusei a discutir uma transferência. Ray não quis me apoiar, então agora passo oito horas por dia sentado em uma pequena cabine e assistindo a feeds de câmeras que cobrem os pontos quentes do GP. Era isso ou trabalhar em turnos reduzidos na guarita nos portões da frente. É para minha segurança — ele retrucou, fazendo citações no ar para enfatizar seu sarcasmo. Eles não eram necessários, era alto e claro.

Ele correu para a cozinha e voltou com uma cerveja, caindo no sofá ao meu lado. — Me desculpe. Não vou estragar a sua visita. Ignore-me enquanto eu me afundo em auto piedade.

David piscou na minha direção e se levantou do sofá. — Já estou aqui há um tempo. Não quero ficar mais do que bem-vindo. Talvez vocês dois devessem conversar um pouco. Eu vou sair do seu cabelo. Obrigado pelo café e companhia, companheiro. Sempre um prazer, moço. Use as ferramentas que eu lhe dei e tente manter o queixo erguido.

Fui com David até a porta e apertamos as mãos. —Obrigado.





—Quando precisar. Às vezes, a melhor terapia de todas é tirar do peito.

Eu assisti enquanto ele se afastava antes de fechar a porta e retornar à sala de estar. Anson estava recostado, a cabeça inclinada para o teto, um braço sobre os olhos. Ele deu a impressão de derrota.

Eu sentei, puxando-o contra mim, passando um braço em volta do ombro dele. Ele estava rígido e sem vontade no começo, mas cedeu e caiu contra o meu lado. Ele estava chateado e eu não sabia como ajudar.

—Como minha nova posição não permite nenhum contato físico com ninguém, nem envolve atividades extenuantes de qualquer tipo, eu disse ao diretor Oberc que queria voltar amanhã para o turno. Foda-se esperando. Foda-se meu maldito ombro. Tranquilo.

— Amanhã. Mas o médico disse...

—Não me importo! Não é como se eu pudesse me machucar enquanto estava sentado na minha bunda assistindo telas o dia todo. — Ele era amargo e com razão.

—Talvez tire mais um tempo de folga e chame de interrupção da saúde mental. Você esta bravo.

—Estou certo. O problema é a carreira solo. Eu não fui à escola para assistir a porra de câmeras o dia todo. Se eu quisesse um emprego de vigilância, teria me candidatado a um.

— Eu sei.





Ele soltou um suspiro irregular. — Me desculpe. Não pretendo tirar isso de você.

Ficamos em silêncio, ambos nos apoiando um no outro, como tentávamos fazer todos os dias desde que nossos dois mundos estavam de cabeça para baixo.

—Veja o que David me trouxe— eu disse, mudando de assunto. Inclinei-me para frente e peguei o caderno e a lata de carvão da mesa de café.

Anson sentou-se à frente, levando-os ao colo, o rosto pensativo se transformando em um sorriso. —Uau.

—Não é ótimo?

—Sabe, eu quase disse cem vezes que sinto falta de vê-lo desenhar.

—Eu não tinha os meios. Hoje eu acredito.

O sorriso dele desapareceu. —Eu devia ter pensado nisso. Eu deveria ter comprado algo para você.

—Chefe, tivemos muitas outras coisas com que nos preocupar. Não importa. Estou animado para começar.

Ele colocou o bloco de desenho e lata no meu colo. —Posso assistir?

—Agora?

—Por que não?

Minhas bochechas esquentaram enquanto eu traçava a espiral do bloco. — Tudo bem. Se quiser ir. É estranho ter uma audiência.





Anson se esticou no sofá, e o amor que enchia seus olhos passou direto para o meu coração. Éramos dois homens quebrados, aprendendo a viver juntos enquanto eram abatidos a cada momento.

Não havia dúvida do que eu queria desenhar. Eu havia capturado a semelhança de Anson algumas vezes nas paredes de minha cela em Polunsky. Ele não sabia sobre eles, porque foi muito tempo depois que ele foi removido da minha área. Mas eles estavam lá - ou estiveram - e sempre que eu sentia falta dele, olhava para eles e sonhava com um dia em que estaríamos juntos.

Agora nós estávamos.

Abri o bloco e tirei um pedaço de carvão da caixa. Parecia familiar na minha mão. Por um momento, eu o abri. Seu sorriso suave, a tensão e o cansaço ao redor dos olhos, a boca eloquente, os ângulos agudos de suas maçãs do rosto não barbeadas. A fenda no queixo. A palidez de sua pele cor de marfim.

—Você está carrancudo.

—Eu não estou carrancudo.

Eu ri e me inclinei, esfregando o espaço entre os olhos com o polegar enquanto olhava profundamente em seus olhos. —Relaxe. Deixe todo o resto ir viva neste momento comigo.

Seu corpo suspirou, os músculos caindo pesadamente onde estavam tensos e tensos.

Parei de apagar suas linhas de preocupação e o levei de perto. —Você é uma visão impressionante, chefe. Eu nunca conheci um homem mais notável. Homem bonito. Atencioso.





Ele piscou por muito tempo - nossa expressão silenciosa de emoção - e eu sorri.

—Eu também te amo— eu sussurrei, abaixando o rosto e beijando-o uma vez antes de me afastar novamente.

Então eu desenhei.

Por mais de uma hora, nenhuma palavra passou entre nós. Eu não precisava olhar e referenciar meu assunto - eu sabia todas as partes dele de cor -, mas o fazia com frequência porque olhar para Anson era a minha coisa mais favorita a fazer.

Quando terminei, entreguei-lhe o caderno de desenho, sem tirar os olhos dele, ansioso por sua reação.

Seus lábios se separaram em um suspiro silencioso quando ele absorveu tudo, um leve sorriso se formando. —É incrível.

—Melhor do que desenhar em um muro da prisão, isso é certo.

—Você é muito talentoso.— Colocou-o sobre a mesa e estendeu a mão. —Venha aqui.

Balancei meus dedos escurecidos em carvão. —Eu deveria lavar.

Anson agarrou meu braço e puxou, me enviando em cima dele. —Até logo.— Então ele me beijou profundamente. —Preciso te amar primeiro.

Houve dias em que pensei que poderia me afogar na minha tristeza, mas hoje Anson me levou para as nuvens e, juntos, subimos.



Capítulo Quinze

ANSON, MINHA ANCORA e namorado previsível, voltou ao trabalho na terça-feira. Toda noite naquela semana, ele voltava para casa, lamentando o quanto odiava sua nova posição e como estava entediado.

Visto que permaneci firme na minha decisão de nunca mais sair de casa; Eu li, desenhei e passei muito tempo dentro da minha cabeça. Minha nova vida não era tão diferente de quando eu morava em uma cela. Além dos chuveiros mais longos e da quantidade ridícula de manteiga de amendoim e banana com torradas que comi, era a mesma coisa. Quatro paredes contendo e um mundo exterior ao qual eu não pertencia.

—Estou ficando louco— disse Anson na tarde de sexta-feira. —Sento-me em uma pequena cabana o dia todo, sem janelas e sem ar fresco. Eu chego em casa e me sinto confinado em casa. Eu preciso sair. Eu preciso fazer alguma coisa ou vou começar a malhar de novo antes de eu ficar bem e foder meu braço ainda mais.

Sombras escuras estavam sob seus olhos. Nenhum de nós estava dormindo bem.





—Então devemos sair— eu disse, meus nervos tremendo sob a minha pele.

Anson sorriu, mas tinha uma qualidade triste. —Para onde? As grandes multidões deixam você desconfortável, e todos nesta pequena cidade estúpida se revoltam se mostrarmos nossos rostos.

—Vamos para Houston, ou Livingston, ou Huntsville. Em algum lugar que não está aqui. Eu não me importo com o quão longe temos que dirigir. Vamos sair de Dodge, onde ninguém sabe nossos nomes e rostos.

—Essas são cidades maiores. Mais ocupado. As multidões seriam ...

—Prefiro lidar com o desconforto de muitas pessoas do que com a aparência e os sussurros daqueles que me reconhecem. Eu sei que vai ser difícil, mas você estará lá comigo. Você precisa disso, Anson. Para ser sincero, eu também.

Anson me estudou. Eles não se falaram por muito tempo. —Você tem certeza?

—Chefe, eu sinto que moro em uma prisão mais uma vez. Aqui estou, pronto para sair e não sinto que posso.

Anson assentiu, uma expressão pensativa nublando seus olhos. —Posso levá-lo para um encontro real? Jantar e um Filme?

Meu coração tropeçou em si mesmo. — Eu adoraria.

—Houston é enorme. A população está na casa dos milhões. Você está fora há tempo suficiente, essas pessoas devem ter esquecido quem você é. Não prevejo problemas desse tipo. De fato, podemos estar lá fora como um casal, de mãos dadas, se





quisermos. Não prometo que não receberemos comentários maliciosos ou alguns olhares sujos, mas tudo bem. Será o suficiente.

—A gente vai manipular ele. Não estou preocupado com alguns comentários homofóbicos. É quando as pessoas me chamam de assassino no meio de um café que meio que corta meu coração.

—Você tem certeza?

—Tenho certeza.

Então foi isso que fizemos.

Pela primeira vez em uma semana, Anson se arrastou para fora de sua depressão. Eu o peguei sorrindo no espelho enquanto nos vestíamos. Ele estava bonito, como sempre, em um par de jeans escuro que abraçava suas coxas e costas. Sua camisa polo preta com reflexos vermelhos combinava muito bem com seus olhos e cabelos escuros.

Quando ele passou a mão sobre o queixo desalinhado, seus pensamentos projetaram-se através da sala.

—Deixe isso— eu disse. —Eu gosto de você com uma cara áspera assim. Sente-se bem contra a minha pele quando você me beija.

Seu sorriso desonesto encontrou meu reflexo e pulou pelo meu corpo, me levando. Eu usava um par de jeans, ainda aberto na frente e não tinha colocado a minha camisa.

Os olhos de Anson embaçaram com luxúria. —Eu gosto de beijar você.





Fui atrás dele e passei meus braços em torno de seu meio, descansando meu queixo em seu ombro. Ele sorriu para mim através do espelho.

—Olhe para todo você lindo e meu — eu disse.

Eu era mais alto, ele era mais baixo. Eu estava mais escuro, ele era mais claro. Enquanto meu corpo estava quase sem pelos, o dele estava coberto de pêlos macios sobre o peito e as pernas. Nós éramos opostos de várias maneiras.

—Ficamos bem juntos— disse Anson, cruzando os dedos com os meus sobre o peito e inclinando a cabeça para o lado enquanto eu beijava seu pescoço.

—Eu também acho. —Eu peguei seu olhar no espelho. —Você é de tirar o fôlego.

—E todo seu.

—Meu.— Eu o virei e o beijei dentro de uma polegada de sua vida.

Quando nos separamos, Anson riu. —Este encontro corre o risco de nunca sair de casa.

—Não posso ter isso.

Nós nos reunimos novamente e Anson me apoiou em direção à cama. Quando minhas panturrilhas batem, eu caí no colchão. Anson caiu em cima de mim.

—O nosso encontro?— Ofeguei entre chupar o lábio inferior e a mão de Anson enfiando dentro do meu jeans aberto.

—Já, já a gente fala sobre isso. Depois.





Nós não saímos de casa até depois das cinco. Foi uma hora e meia de carro para Houston. Anson fez uma pesquisa enquanto eu estava no banho - de novo - e me informou que havia encontrado um bom restaurante para desfrutarmos de um jantar romântico. Era um estabelecimento menor, mas eles tinham espaço para nos acomodar para uma reserva das seis e quarenta e cinco.

—Você está bem?— ele perguntou enquanto voávamos pela estrada, o rádio tocando baixo no fundo.

—Ansioso, mas eu vou sobreviver.

—Não teremos policiais arrogantes, titulares, impedindo-nos de nos divertir. Eu prometo.

— Eu sei.

Ele pegou minha mão e não soltou o resto do caminho.

O restaurante chamava-se Mama Sicily's e era um pequeno restaurante italiano de estilo caseiro que Anson me disse que era um estabelecimento de gerência familiar que existia há décadas.

Anson nos encontrou um espaço de estacionamento não muito longe do restaurante.

—Você já comeu aqui antes?— Eu perguntei quando saímos do jipe.

—Não. Eu li sobre isso online. Não tenho explorado muito Houston. Antes de você sair de Polunsky, era só eu, e eu não tinha motivos para levar aventuras às grandes cidades. Não era como se eu estivesse procurando ligar ou bater em uma boate ou algo assim. Javier preferia esse barzinho em Livingston quando saímos. Eu sou uma pessoa caseira.





—Você já esteve em boates gays?— Foi outra parte da minha vida que me foi roubada por causa do meu encarceramento. Meus vinte anos deveriam ter passado a descobrir minha sexualidade em bares, boates e com pornografia. Eu tinha perdido tudo isso.

—Algumas. Eu nunca fui fã de uma noite e não posso dançar por merda. Quando eu estava na faculdade, costumava bater nos clubes todo fim de semana, mas depois, deixou de ser atraente. Tirei isso do meu sistema cedo. Alguns caras vivem na cena do clube e nos boquetes sem nome do banheiro. Não, obrigado.

—Huh.

—Por quê? Isso é algo que você queria experimentar?

Meus olhos se arregalaram. —O quê? Não! —Saiu muito mais alto e mais duro do que eu pretendia.

Anson riu. —Não os boquetes do banheiro. A cena do clube.

— Oh. Não, acho que não. Não tem problema. Eu não... Não é para mim.

Anson sorriu. —Eu não pensei que era. Além disso, esses lugares são ... intensos - ou podem ser. Se você tivesse dito que sim, eu teria dito para você esperar mais um ano.

—Mas você teria me levado?

—Claro que sim. Mas é melhor que você saiba que eu não estaria saindo do seu lado. Um cara sexy como você seria comido vivo em um lugar como esse. Os twinks escalarão você como uma árvore.

—Quem?

—Twinks.





—Eu não sei o que é isso,

Anson riu de novo e enfiou os dedos nos meus enquanto me puxava em direção à porta do restaurante. — Deixa pra lá. Vamos comer! Estou faminto.

Eu senti como se estivesse perdendo alguma coisa. As boates não me atraíram nem um pouco, então acho que nunca descobriria o que era um twink ou por que eles queriam me escalar.

Um anfitrião bem vestido nos encontrou quando entramos. Ele usava calça preta, camisa preta de botões e sapatos pretos brilhantes. Ele era tão jovem. Meados dos anos vinte. Seu cabelo estava penteado para trás e tão escuro quanto sua roupa. Seu sorriso era brilhante e acolhedor.

— Boa noite. Você tem reservas conosco hoje à noite?

—Sim, sob Miller.

O olhar do homem passou para nossas mãos unidas, e um pequeno sorriso apareceu no canto de sua boca antes que ele acenou com a mão para nós seguirmos. —Por aqui, senhores.

Anson chamou minha atenção, um olhar de satisfação em seu rosto que dizia: *Veja, não há discriminação aqui.*

Ele estava mais relaxado do que eu o via há séculos. Foi contagioso. Pela primeira vez em muito tempo, não me preocupei com o novo ambiente, com os estranhos ao meu redor ou com o fato de estar a quilômetros de distância da segurança de casa.

O restaurante era aconchegante, com pouca iluminação e uma decoração rústica e caseira. Lustres de estilo vintage pendiam do teto exposto. Havia pisos de madeira e paredes com painéis de





mogno escuro. As mesas estavam cobertas com toalhas de mesa brancas e arranjadas com peças centrais de flores. Alguns tinham velas tremeluzentes. Vasos de plantas ficavam nos cantos e em pedestais ao longo das paredes e pela área de jantar. A antiga arte em aquarela decorava a sala, representando a velha Itália. A música suave tocava, e embora eu não fosse bom em decifrar os vários tipos de música no mundo de hoje, eu podia dizer que era mais antiga e provavelmente também da Itália, uma vez que não era inglesa.

Em nossa pequena mesa isolada, um jovem garçom, com cachos loiros e saca-rolhas e olhos de corça, vestidos da mesma maneira que nosso anfitrião, perguntou o que gostaríamos de beber.

—Você quer vinho?— Perguntou Anson. —Eu sei que você gostou no Dia de Ação de Graças.

—Não achou que era sua bebida.

—Com comida italiana autêntica? Seria um insulto pedir qualquer outra coisa. Não ligo. Ele tem o seu lugar.

—Seria ótimo.

Anson pediu um tipo específico de que eu nunca tinha ouvido falar, e o garçom abaixou a cabeça em um quase arco. —Boa escolha, senhor. Vou trazê-lo imediatamente. Mamãe estará com você em breve.— Então ele se afastou, os cachos saltando.

— Mamãe? — eu perguntei.

Anson seguiu o retiro do jovem antes de voltar seu foco para a nossa mesa e para mim. —Acho que esse lugar funciona um





pouco diferente da maioria dos restaurantes. Mamãe ou papai, os proprietários, vêm à mesa e, depois de uma conversa, eles fazem uma refeição personalizada com base no que têm disponível na cozinha, nos gostos, nos desgostos e nas alergias.

— Interessante. Então não tem menus?

— Não. Como eu disse, nunca estive aqui, mas parecia divertido.

O garçom voltou rápido com o nosso vinho. Ele derramou e, quando pousou a garrafa na mesa, uma mulher redonda e agachada na casa dos sessenta anos se aproximou. O garçom fez um gesto florescido. — Aqui é mamãe. Ela cuidará de você agora.

— Oh, meninos fofos! — Mamãe exclamou com um forte sotaque, sua voz crescendo.

Ela pegou as duas bochechas, uma em cada mão e as beliscou como se tivéssemos doze anos. Ela era uma mulher robusta que parecia ter se entregado à sua culinária especializada por muitos anos. Ela tinha um daqueles rostos que você sabia que estava sempre sorrindo. Seus cabelos prateados e castanhos eram crespos e amarrados em um coque bagunçado na nuca, e ela usava um avental que dizia: *Coma o que mamãe diz, não é?*

Ele não pode deixar de sorrir.

— Deixe ver você. Meninos tão doces. Bonito. — Ela nos examinou com um olhar conhecedor e bateu palmas. — Oh, acho que este é um jantar especial, especial, sim? Você gosta de boa comida? Vou fazer um banquete para você. Você gosta de frutos do





mar? Frango, carne, porco? Qualquer coisa que mamãe deva saber, diga a ela agora.

—Não somos exigentes— disse Anson, os olhos apertados com seu bom humor.

—Bom. Bom. Mamãe gosta de seus filhos bem alimentados. Você é muito magro. Você deve. Você — ela disse, me examinando de cima a baixo, um dedo batendo no queixo. —Você é um homem que deixa mamãe orgulhosa. Homens grandes têm grandes apetites.

—Sim, senhora.

— Sim. Sim. Eu sei isso. Entendo. Eu gosto dele — ela disse a Anson. —Muito bonito.

—Eu concordo e também gosto dele.

Minhas bochechas esquentaram.

—Ok, rapazes, diga à mamãe, vocês são aventureiros? Tem algum tipo de alergia? Alguma coisa específica que você não gosta? Se não, tudo o que você tem a dizer é: ‘Alimente-me, mamãe!’ e eu vou

Anson me olhou e levantou uma sobrancelha. Além do café, não conseguia pensar em nada que não gostasse. Trocamos uma conversa silenciosa e ambos olhamos para mamãe e dissemos: — Alimente-me, mamãe!— com o sotaque italiano que pudéssemos reunir.

Ela riu, segurando o peito. —Oh, eu nunca me canso disso. Vou fazer essas barrigas tão felizes. Espere e verá!

Com isso, ela nos mandou um beijo e se aventurou de volta para a cozinha.





— Aquilo foi...

—Diferente— disse Anson, rindo.

—Ela é exuberante.

—Ela vai nos alimentar como uma mãe italiana alimenta sua ninhada. Vamos precisar de carrinhos de mão para nos tirar daqui quando terminarmos.

Eu não me importei nem um pouco. Com base nas poucas refeições que eu tinha visto em outras mesas, eu sabia que íamos comer bem esta noite.

Anson pegou minha mão e segurou-a ali mesmo na mesa ao ar livre. —Obrigado por concordar com este encontro. Acho que não percebi o quanto precisava até chegarmos aqui.

Eu examinei a sala. Os outros clientes estavam comendo ou conversando. Nenhuma pessoa tomou nota de nós ou se importou.

—Que é mais fácil. Estar aqui onde ninguém nos reconhece. Onde meu rosto foi esquecido ou pode não ter sido conhecido. Somos apenas dois caras para jantar.

— Nós somos.

—Você acha que o pessoal de Onalaska vai esquecer?

O sorriso de Anson caiu, e ele baixou o olhar para as nossas mãos unidas. —Não sei.

A escuridão que vinha nos seguindo há semanas nos encontrou novamente. Ficamos em silêncio, observando o ambiente, perdendo a cabeça. Não queria que essa noite fosse arruinada. Muitas vezes tentamos sair e falharmos. Não desta vez.





—Então, eu estive pensando— eu disse, trazendo o foco dele.
—Eu gostaria de ir conhecer sua mãe no Natal. Achei que poderíamos ir para Michigan e você poderia me mostrar neve.

As sobrancelhas de Anson se ergueram e seu rosto se iluminou.— Você? Você determina.

—Se você quiser. Estou namorando o filho dela. Pensei que talvez fosse hora de conhecê-la adequadamente e não em algum computador.

Os olhos de Anson assumiram um brilho molhado. —Eu adoraria. Você não faz ideia. Mamãe vai te amar.

Assim eu esperava. Anson não estava em casa há muito tempo, e eu sabia que ele sentia falta da mãe. Eles estavam perto ou antes de ele se mover dessa maneira. Ele pode não mencionar isso com frequência, mas eu vi a tristeza e o desejo alguns dias depois que ele desligou o telefone com ela.

—Você será capaz de tirar uma folga?

—Eu tenho dias de férias bancários. Não será um problema.

—Estou um pouco nervoso por viajar.

—Vai ficar tudo bem. Nossa. Incrível! Você tem certeza?

—Anson, por tudo que você fez por mim, o mínimo que posso fazer é lutar com um pouco de ansiedade e conhecer sua mãe. Eu gostaria de pensar que estou ficando mais forte. Claro, tivemos vários contratemplos, mas como você e David continuam apontando, houve todos os tipos de vitórias desde que saí também. Está na hora de me concentrar neles.





—Estou orgulhoso de quão longe você chegou, apesar de tudo.

— Nós, Não posso fazer isso sozinho.

—Nós.— Ele apertou minha mão no momento em que o jovem garçom correu com uma cesta de pães frescos.

—Da mamãe. Rolos de pão caseiro fresco. Você mergulha no azeite e depois no parmesão. —Ele imitou suas instruções, seu sotaque quase tão grosso quanto o de mamãe.

—Obrigado— disse Anson, olhando o pão fumegante.

O homem foi embora e nós devoramos a cesta inteira. Pão fresco, quente fora do forno, era requintado. Derretia na minha boca, e era preciso todo esforço que eu não tinha para gemer.

Quando terminamos o último pão, a própria mamãe trouxe nossa refeição. —Meus meninos, meus meninos— ela falou. —Eu tenho uma comida tão boa para você.— Ela colocou duas travessas gigantes no meio da mesa, assim que o jovem garçom apareceu atrás dela e colocou pratos e talheres em nossos lugares. Havia uma variedade de opções diferentes.

—Temos Scampi com Capelli d'Angelo, ravioli de espinafre, queijo feta e ervas, parmesão de frango, aspargo assado no alho e beterraba balsâmica e mel. Buon appetito! —Ela beijou as pontas dos dedos, sacudindo-os para fora.

Quando ela e o garçom desapareceram novamente, eu examinei o grande volume de comida que eles colocaram na mesa.

—Aqui há o suficiente para alimentar seis pessoas— comentei.





—E muito mais.

—Nós vamos comer tudo?

Anson pegou uma colher de servir. —Estamos muito bem, vamos tentar.

Nós dois compartilhamos uma risada e mergulhávamos. Mamãe estava certa, éramos dois meninos famintos e não estávamos dispostos a desperdiçar boa comida.

—Foda-se o médico, eu preciso começar a correr novamente amanhã.— Anson segurou seu estômago pouco tempo depois, com uma expressão de dor no rosto.

Acabamos com quase todas as mordidas do que mamãe nos trouxe. Ela ficou emocionada quando voltou à nossa mesa para ver como havíamos saído.

Claro, não tínhamos permissão para sair sem experimentar uma fatia do tiramisu caseiro dela.

—Eu me machuquei— Anson gemeu. —De verdade, onde está esse carrinho de mão? Eu estava brincando antes, mas agora estou falando sério.

Eu ri, depois me arrependi. — Pare. Sem rir. Não me faça rir. Isso dói.

Nosso encontro tinha sido espetacular, mas ainda não havia terminado. Depois que Anson cuidou da nossa conta, saímos de mãos dadas mais uma vez. O ar da noite estava fresco contra a nossa pele aquecida. Eu inclinei meu rosto para o céu, procurando estrelas, mas encontrei poucas desde que as luzes brilhantes da cidade as assustaram.





—Que tal um filme atrasado?— Anson disse, invadindo meus pensamentos. —Pode ser bom sentar um pouco e deixar essa comida digerir.

—Sabemos o que está passando?

—Faz diferença?

— Não.

—Vamos procurar.

Então, foi o que fizemos, Anson procurou o cinema mais próximo e seguiu nessa direção, enquanto me instruía a examinar a lista de filmes que estavam sendo exibidos.

—Eu nunca ouvi falar de nada disso.

—O que você está no humor para? Ação. Aventura.

Romance...

—Que tal aventura?

—Depois essa. —Ele bateu na tela sobre um pôster de filme que exibia uma selva e um grupo de pessoas que pareciam estar fugindo de alguma ameaça desconhecida.

— *The Wise Stone* — Eu leio. — Pois é. Por que não? Parece aventureiro.

Foi terrível. O pior filme que existe, segundo Anson. Eu não saberia, eu estava tão atrasada nos filmes, não tinha base para comparação, mas foi torturante.

Anson e eu nos sentamos na parte de trás do teatro, dividindo uma Coca-Cola enorme e zombando de todo o filme do começo ao fim. A atuação foi exagerada, os efeitos especiais foram risíveis e o enredo foi além do previsível, mas foi a melhor noite que





já tive. Eu disse a ele tanto quanto voltamos para o jipe depois da meia-noite.

—Eu também me diverti muito— disse ele.

—Foi como uma fuga da realidade. Acho que o mais ansioso que senti foi quando nos afastamos de casa.

—Concordo. Nós precisávamos disso. —Ele beijou meus dedos enquanto passávamos juntos.

—Podemos fazer isso de novo algum dia?

—É melhor não. Eu sou todo apaixonado por nossas noites.

—Eu também.

Era tarde quando Anson nos levou para casa. A estrada estava desolada depois que saímos da cidade. O rádio nos fez companhia a maior parte do caminho. Conversamos um pouco sobre o jantar, mamãe e o filme de merda, mas caímos em um silêncio confortável depois de um tempo.

Anson saiu da estrada e entrou em Onalaska. Estávamos a alguns quarteirões de casa quando Anson olhou pelo retrovisor e xingou.

—Porra. Sério?

Sentei-me, sacudindo os vestígios de sono que haviam tomado conta durante nossa longa viagem e me virei para olhar para trás. As luzes azuis e vermelhas rodopiantes no topo de um carro me cegaram.

—Essa é a polícia?

—Sim, e o filho da puta também está me puxando. Que porra é essa?





Anson diminuiu a velocidade do jipe e o levou para o lado da estrada. Ele fez uma careta no espelho retrovisor quando estávamos em um ponto final. —Quanto você quer apostar que conhecemos esse oficial?

—Você acha que...— Estava escuro demais para ver, mas o policial saiu do veículo e se aproximou.

Anson abaixou a janela. O oficial Dan se curvou e espiou dentro, com um olhar convencido. — Ora, ora, ora. Veja o que temos aqui.

—Qual é o problema?— Anson estalou. Sua mandíbula ficou tensa e os dedos afundaram no volante.

—Indo um pouco rápido pela cidade, não é?

—Eu estava indo no limite de velocidade.

—Sério? Lamento discordar.

Anson beliscou os lábios e olhou para frente, recusando-se a ser atraído para uma discussão.

—O que vocês estão fazendo tão tarde? Causando problemas?

—Estávamos em Houston tendo uma noite fora— eu disse, poupando a Anson o problema, pois ele parecia prestes a explodir.

— É mesmo? E o que dois bolos de frutas como vocês fazem por um bom tempo em Houston?

Eu fiz uma careta e Anson bateu o calcanhar da palma da mão contra o volante. —Não é da sua conta o que fazemos no nosso tempo livre, e é melhor você prestar atenção na porra da sua boca.

—Como é? É assim que você fala com um policial?





Minha pele estava quente. Isso estava aumentando muito rápido. A última coisa que eu queria era que Anson perdesse a paciência e fosse levado para a delegacia novamente.

—Por que você nos puxou, oficial?— Eu perguntei, o mais legal possível. Isso me rendeu um olhar incrédulo de Anson, que eu ignorei enquanto continuava a olhar através do policial Dan the Dick¹⁰.

—Bem, quando eu vejo pessoas como vocês na rua a qualquer hora da noite, desobedecendo à lei, tenho a obrigação de dar uma olhada. Agora, perguntarei novamente, o que vocês fizeram em Houston esta noite?

Eu descansei uma mão reconfortante na coxa de Anson e a cortei antes que ele estalasse. —Fomos a um bom jantar e ao cinema. É só isso.

O oficial Dan focou na minha mão, seu rosto se contorcendo de nojo. —Claro que sim— ele cuspiu. —Eu aposto que o dinheiro não foi bom.

—Nós terminamos aqui?— Anson perguntou entre os dentes cerrados.

— Não. Nós terminaremos quando eu disser que terminamos. Você estava bebendo hoje à noite?

O peito de Anson arfava, e eu sabia que ele estava tentando ficar calmo. —Tomei duas taças de vinho há mais de quatro horas com o jantar.

¹⁰ O pau.





— Sério?

— Serio! —Anson olhou para Dan, e fiquei feliz por não poder ver seu rosto. Eu sabia que havia veneno por trás desse olhar.

O rosto do oficial Dan ficou hostil. —Eu acho que você deveria sair do carro.

— Por quê? —Anson rosnou.

Apertei sua perna e abaixei minha voz. —Chefe, faça o que ele diz e mantenha a calma. Você não fez nada de errado; não lhe dê motivos para levá-lo.

Anson respirou algumas vezes sem se mexer. Ele assentiu. Foi cortado, mas ele estava me ouvindo.

Ele saiu e bateu a porta com força suficiente que todo o jipe sacudiu. Eu ouvi através da janela aberta.

—Siga-me— disse o oficial Dan.

— Por quê?

—Porque eu não gosto da sua atitude, e você vai tomar um bafômetro para mim, punk, porque eu disse. Agora mexa sua bunda.

Foi tudo o que ouvi. Eles foram em direção ao carro da polícia e a conversa, se houver mais, desapareceu. Eu esperava que Anson seguisse meu aviso.

Quinze minutos depois, Anson voltou e entrou no jipe, batendo a porta com tanta força quanto antes. Ele estava sentado, as narinas dilatando, o peito arfando enquanto olhava um buraco no para-brisa.

Alguns minutos depois, o carro entrou na rua e foi embora.





Uma vez que estava fora de vista e estávamos sozinhos novamente na estrada, perguntei: —Está tudo bem?

—Você sabe quanto autocontrole foi necessário para não dar um soco na cara dele?

— Muita.

—Ele me chama de punk quando eu aposto algum dinheiro que ele é mais novo que eu.

—Respire, Anson.

—Idiota homofóbico. Por que você teve que ser agradável com ele?

—Porque ele estava te provocando e tentando encontrar um motivo para arrastá-lo de volta à estação. Nada de bom virá irritá-lo.

— Eu sei. Ele decidiu nos atingir. Ele conhecia meu jipe. Você notou que ele não pediu minha licença e registro? Porque ele não ligou. Tudo isso foi mantido em sigilo. Ele sabia que éramos nós quando ele nos puxou.

—Não duvido. Podemos conversar com Cynthia.

— Esqueça. Não chegaremos a lugar algum. Deixe-me dizer, fiquei encantado ao passar seu pequeno bafômetro. O imbecil não tinha motivos para me multar, muito menos para nos puxar. Ele só queria estragar a nossa noite.

E foi exatamente o que ele fez.

—Vamos pra casa.

O peso pesado de desânimo e derrota recaiu sobre nossos ombros depois de nosso encontro com o oficial Dan. Nossa fuga





pacífica, nossa noite de encontro que nos deixara sentindo leves e felizes, se foi.



Capítulo Dezesseis

—TEMOS UMA DATA DO TRIBUNAL marcada para esta quinta-feira às nove para o seu processo por condenação injusta. Você não precisa estar presente. Só estou deixando você saber. Felizmente, será rápido e simples. Eu sei que você receberá alguma forma de compensação, mas quanto é o que está acontecendo no ar.

Inclinei-me contra o balcão da cozinha, minha torrada esfriando enquanto ouvia Cynthia. —Anson está trabalhando e não poderá me levar na quinta-feira. Tem certeza de que não preciso estar lá?

—Eu estou bem sem você. Então, esse não era o meu papel. Eu represento você. Vou ligar assim que tiver sua resposta.

— Tá bom.

Eu não tinha pensado muito no que receberia do estado por todo o meu tempo injustamente servido. Anson tinha tomado conta de mim até esse ponto, mas eu estava brincando com a idéia de encontrar um emprego e me sustentar por algumas semanas. Foi assustador, especialmente com todos os problemas que tive na cidade, mas sabia que estava na hora de sair e me tornar parte da sociedade.





Se eu recebesse a compensação pela qual Cynthia estava lutando, seria mais dinheiro do que eu tinha visto na minha vida e me daria uma almofada para considerar o meu futuro.

Talvez eu fosse para a faculdade.

—Só mais uma coisa. Isaiah e Terry Gordon foram presos. Eles tiveram uma audiência preliminar e se declararam inocentes por manipular um julgamento de assassinato por coerção e suborno. O juiz recusou a fiança porque eles já tentaram escapar de uma prisão, então estão esquentando uma cela enquanto aguardam o julgamento, o que pode levar um ano ou mais. Você sabe o quão lento o sistema está.

— Estou feliz. Talvez haja algum tipo de justiça para Ayanna e Keon, afinal.

—Eu sei que não é o mesmo, mas é alguma coisa, certo?

—É.

—Eu te ligo na quinta-feira quando eu sair do tribunal.

—Obrigado.

Nós desligamos e eu fiquei lá por um longo tempo, sem mais fome e perdido em um passado que alterou minha vida para sempre. Eu sempre me perguntava que tipo de mulher e mãe Ayanna teria sido se ela vivesse sem Isaiah manchar sua vida. Onde ela estaria hoje se estivesse viva? Teríamos ficado amigos? Ela teria entendido quando eu encontrei a coragem de dizer que eu era gay?

Eu suspirei. Nada disso importava. Era uma realidade que nunca seria.





Em casa e com um coração dolorido, joguei minha torrada no lixo e decidi encontrar meu bloco de desenho e desenhar um pouco. Anson não ficaria em casa por algumas horas e eu precisava de uma distração.

Levei-o para o quarto de hóspedes e sentei-me no meu antigo canto perto da janela. A luz do sol atravessou as cortinas abertas e pousou no meu rosto. Fechei os olhos e imaginei a garota que conheci. A mulher que me ensinou sobre o amor, mesmo quando eu sabia que era um tipo diferente de amor do que ela sentia por mim.

Quando abri os olhos, desenhei. Sua beleza se espalhou pela página, formando cachos escuros ao redor do rosto e um sorriso tão inocente quanto eu me lembrava quando tínhamos quinze anos. Eu desenhei seus olhos que sempre tinham um brilho especial quando ela olhava para mim. A curva suave de suas maçãs do rosto, uma clavícula pronunciada, pescoço longo e a curva suave de seus ombros. Ela ganhou vida no papel um pouco de cada vez.

E minhas lágrimas caíram.

Enquanto sua imagem transpirava, descobri que não podia continuar. Toquei seu rosto, passando os dedos pelo carvão e borrando-o. Meu mundo ficou turvo quando gotas de angústia se espalharam pela página.

— Sinto muito.

Fazia mais de vinte anos e havia momentos em que doía como se fosse ontem.





Foi lá que Anson me encontrou mais tarde, quando voltou para casa do trabalho. Ouvi a porta da frente, ouvi suas botas baterem na parede quando ele as chutou - algo que eu reconheci ser uma tendência com ele - e ouvi quando ele chamou meu nome pela casa.

Eu não respondi. Não demorou muito tempo até ele subir as escadas em busca de mim.

— Aí está você.— Ele pegou a cena. Eu no canto, caderno de desenho no meu colo, e um olhar triste no meu rosto que eu não conseguia esconder. —Dia ruim?

—Tive melhores.

Ele sentou ao meu lado. —Quer falar sobre isso?

Eu dei de ombros. —Ouvi falar de Cynthia. Ela vai a tribunal na quinta-feira por mim. É minha audiência judicial onde eles decidirão quanta compensação eu recebo.

—Isso é uma coisa boa, não é?

—Sim. Ela também me atualizou sobre Isaiah e Terry. Eles estão presos aguardando julgamento. Tudo isso me fez pensar, você sabe, sobre Ayanna. —Eu entreguei a ele meu caderno de desenho. Estava fechado, mas não tinha nada a esconder.

Ele pegou e abriu, folheando os desenhos que eu já tinha mostrado até que ele chegou ao meu mais novo. Eu estraguei tudo com lágrimas e comoventes, mas a evidência permaneceu do que tinha sido.

—Bishop — sussurrou Anson enquanto seus dedos pairavam sobre o papel.





—Como ainda pode doer todos esses anos depois?

—Não tenho certeza se isso vai parar. Ela era importante para você, e o que aconteceu, o que você testemunhou, o que passou, essas cicatrizes podem nunca se curar.

—Parece fresco recentemente.

—Com Cynthia criando Isaiah, tenho certeza que sim.

Ele estudou o retrato arruinado da jovem que eu conheci.

—Eu estraguei tudo chorando por todo o lado. Então não consegui parar de tocar seu rosto e desejando que ela estivesse aqui novamente.

—Não está arruinado.— Anson virou para mim. —É arte, Bishop. Essas manchas de lágrimas e marcas de dedos arrastadas sobre a imagem não diminuem sua beleza. Eles aprimoram isso. Eles mostram suas emoções e mágoa. Mesmo que eu não soubesse que ela era alguém importante para você, ver esse retrato me diz que ela era alguém especial e que você se importava muito com ela. Também me diz que algo ruim aconteceu e seu coração se partiu como resultado. Isso... É perfeito, se você me perguntar.

Tentei ver através de novos olhos, mas a imagem ficou borrada novamente.

—Acho que devemos colocar esse aqui em algum lugar— disse Anson.

—Sério?

—Sim. Talvez no quarto. Em algum lugar privado. Para você. Então você a tem sempre com você.

—Eu poderia fazer um melhor.





—Nenhum que mostra tanto amor. Fica com ele.

Eu assenti, admirando-o uma última vez antes de colocá-lo de lado. —Como foi seu dia?

—Miserável.

— Sinto muito.

— Não é sua culpa. Eu recebi minhas férias aprovadas. Hoje vou comprar nossas passagens de avião e ligar para mamãe, para que ela saiba que estamos chegando.

—Você ... você acha que ela vai gostar de mim?

—Ela já faz, porque você fez o filho dela feliz.

Peguei a mão de Anson e me inclinei contra o lado dele. —
Você tem certeza que eu não fiz sua vida pior?

—Absoluta. —Ele beijou minha têmpora. —Você esteve aqui o dia todo?

— Bastante.

—Que tal acender a grelha e fazer comida?

—Eu gosto de churrasco.

Juntos, descemos as escadas. —Ah, havia correio para você— disse Anson enquanto puxava salsichas para fora do freezer. —
Deixei em cima da mesa no corredor da frente. Eu acho que é do seu irmão.

— Oh! Meus papéis.

Encontrei a carta e rasguei o envelope. Com certeza, Jalen encontrou minha certidão de nascimento e alguns outros documentos importantes, incluindo meu número de segurança social e meu diploma do ensino médio.





—Eu posso conseguir um emprego ou ir para a escola agora, eu acho.

—Ou aprenda a dirigir.— Anson sorriu. Ele mencionou isso em algumas ocasiões.

—Eu não sei. Todo mundo tem essa necessidade de ir muito rápido, e não tenho certeza se ainda estou pronto para isso.

—Você pode dirigir na faixa dos idosos.

—Eles têm um desses?

Ele riu enquanto colocava a carne congelada no micro-ondas no degelo. —Estou brincando. Você está realmente pensando em conseguir um emprego?

Eu suspirei. —Eu não sei. Esta cidade não tem sido a mais acolhedora. A escola parecia melhor. David disse algo sobre educação on-line.

—Oh Senhor, isso exigiria um curso intensivo em computadores.

— É, eu sei. Eu amo computadores tanto quanto amo telefones celulares.

Anson abriu a geladeira e olhou para dentro. —Não tenha pressas. Pense nisso. Além disso, se Cynthia conseguir o que ela acha que você merece, você não precisará se preocupar com isso.

—Exceto que eu estou ficando louco agora.

Anson não respondeu. Nós dois sabíamos que esta cidade estava prejudicando meu progresso. —Que tal uma salada com as linguças?

— Perfeito.





Cortamos legumes e fizemos uma salada robusta. Quando o micro-ondas apitou, Anson saiu para acender a churrasqueira.

Com salsichas suculentas em pães e uma salada saudável, levamos nossos pratos para a sala de estar para variar, e Anson encontrou uma comédia na TV. Nós comemos e assistimos alguns shows seguidos. Quando alguém terminou e Anson mudou de canal, perguntei-lhe algo que estava em minha mente há muito tempo.

—Você consideraria morar em outro lugar?

Ele parou, mas não tirou os olhos da TV. —Eu não sei. Durante muito tempo, eu teria lhe dito não. Esquece. Não estou deixando as pessoas me expulsarem da minha casa, mas ultimamente ... Sim, eu pensei sobre isso.

—Existem empregos diferentes para agentes penitenciários, certo? Você não precisa trabalhar em uma prisão.

—Existem. Eu poderia trabalhar em um tribunal, provavelmente trabalhar em segurança em algum lugar, ser um agente de liberdade condicional. Coisas do tipo.

—Isso te atrai?

Ele se recostou no sofá, abandonando o controle remoto na mesa de café. —Eu não sei. Talvez. — uma pausa —Eu nunca procurei algo diferente. Eu gosto de trabalhar nas prisões com os presos. Geral era o meu favorito, mas obviamente mais perigoso. O corredor da morte era um mundo totalmente diferente. Acho que sim. Eu pensaria a respeito. Seria melhor do que equipar câmeras.





Eu encarei minhas mãos. —Não tenho certeza se posso construir uma vida nesta cidade. Qualquer um de nós, sério. Estamos fazendo muita merda, mesmo quando não a procuramos.

— Eu sei.

Nada mais foi dito. Entregamos em mais alguns programas até tarde da noite e fomos dormir.

Ainda era tarde na quinta-feira, quando ouvi falar de Cynthia.

—Bishop! Como você está?— Havia uma rara nota de vivacidade em seu tom.

—Tudo bem. Você parece alegre.

—Tenho certeza. Isso foi ainda melhor do que eu esperava! Gostaria de ouvir os resultados?

Ele não pode deixar de sorrir. — Estou sim.

—O tribunal concedeu a você uma compensação pelo seu tempo cumprido no valor de US \$ 2,6 milhões.

Caí com força na cadeira da cozinha. — Me desculpe. Como? Por favor, diga isso de novo.

—2,6 milhões de dólares. Vinte anos, com um número máximo de cem mil por ano servido, porque você estava no corredor da morte, além de terem acrescentado uma remuneração adicional por honorários de advogados, assistência médica - que cobre seus custos de terapia - moradia e educação.

—É muito dinheiro. Tem certeza?





—Na minha opinião, não basta, mas fizemos bem. Isso é mais do que poderíamos esperar. Você passou muitos anos em uma cela quando não deveria, Bishop.

— Eu sei. Acho que sim. Eu não sabia o que esperar. Também não tenho certeza de como me sinto sobre isso. Isso é estranho? O dinheiro não era importante para mim. Era a minha liberdade que eu queria.

O sorriso surgiu em sua voz. —Vindo de você? Não estou surpreso. Deixe tudo de molho. Parabéns, Bishop. Você merece tudo de bom que aparecer no seu caminho. Talvez isso dê a você e a Anson a chance de reconstruir uma vida juntos. Vocês dois merecem a chance de serem felizes.

— Obrigada. Você me deu muito em que pensar.

Nós desligamos o telefone e as emoções me atingiram como um caminhão de duas toneladas. Exclamei. Era verdade, eu não me importava com dólares e centavos. O dinheiro não me devolvia aqueles anos perdidos, mas para o estado reconhecer e admitir que cometera um erro era tudo. Talvez Cynthia estivesse certa. Talvez essa fosse nossa chance de mudança. Anson havia sugerido que ele não se oporia a um novo emprego e um novo local. Talvez fosse hora de falar mais seriamente sobre isso.

As férias de Natal seriam a minha morte.





Por dentro, a época do Natal era como qualquer outro dia. No mundo, era anarquia. Eu não sabia o que aconteceu com as pessoas, mas era como se elas perdessem a cabeça quanto mais chegávamos ao final de dezembro.

No minuto em que Anson entrou em um estacionamento na sétima subida da estrutura de estacionamento no aeroporto de Houston, eu sabia que iria odiar voar. O barulho de aviões no alto era incessante, e o congestionamento de carros e pessoas era suficiente para fazer minha cabeça girar. Acrescente a isso a corrida da temporada e foi exponencialmente pior.

Se eu pensava que as pessoas no mundo normal estavam com pressa em um dia normal, os viajantes levavam isso ao extremo. Os viajantes de Natal eram zangados, rudes e implacáveis. As pessoas corriam, indiferentes ao fato de estarem batendo nos outros enquanto corriam para pegar seus voos. As filas eram longas e ninguém era cortês. Não havia, por favor, ou *obrigado*. Não *Com licença* ou *perdão*. Maw Maw teria ficado horrorizado.

Eu segurei firme a mão de Anson, feliz por ele estar confortável com esse nível de intimidade em público, porque eu não tinha certeza se sobreviveria sem a força de ancoragem ao meu lado. Meu coração tropeçou e pulou, minhas mãos ficaram suadas, e eu tive que me lembrar de respirar.

Eles tinham calçadas em movimento para ajudar as pessoas a conseguir lugares mais rapidamente, o que me deixou perplexo. Anson riu quando eu apontei.





—Os aeroportos são enormes. Pode levar uma eternidade para ir de um lado para o outro. Se você está carregando muita bagagem, isso facilita as coisas.

Foi o que pensei.

Verificamos nossas malas desde que trouxemos uma quantidade razoável. Nosso plano era ficar em Michigan por uma semana. A mãe de Anson falava sobre nós passarmos o Natal com ela. Foi o meu primeiro Natal em vinte anos, e eu não tinha certeza de como me sentia sobre isso. Isso trouxe de volta muitas das lembranças da minha infância e, se eu me deixei levar por elas, fiquei triste.

Quando conversei com Jalen sobre Anson e eu indo para Michigan, ele me disse que passa as férias com a família de Drake e que não se sente mal por sair. Conversamos muito por telefone nas últimas semanas. Foi bom recuperar o atraso e reconstruir o relacionamento que já tivemos.

Minha opinião sobre voar piorou quando Anson e eu encontramos nossos assentos no avião. Eles não acomodavam um homem com mais de um e noventa de altura. Era apertado e desconfortável.

—A primeira classe no Natal está um pouco acima do meu orçamento— admitiu Anson quando me contorci para me sentir confortável. — Me desculpe. São apenas algumas horas.

—Está tudo bem.

O dinheiro que eu recebera da ação havia sido depositado em uma nova conta em meu nome dois dias antes. Eu não tinha





contado a Anson ainda. Havia pensamentos rodopiando em minha cabeça que eu precisava descobrir primeiro. Ele ficou atordoado em silêncio quando eu disse a ele o quanto estava recebendo, mas na respiração seguinte, ele franziu a testa e me disse que não era suficiente e como eles poderiam colocar uma quantia em dólares na vida de uma pessoa?

Dei de ombros e deixei para lá. Meu plano era seguir o conselho de Cynthia. Nós dois merecemos um novo começo. Um novo começo em algum lugar para construir uma vida juntos, onde não seríamos derrubados de novo e de novo. Minha mente estava gritando que aquele lugar era Michigan.

Nós pousamos em Detroit às quatro da tarde. É verdade. Eu balancei Anson acordado. Ele adormeceu uma hora antes e estava encostado ao meu lado.

—Anson, olhe. Neve

Ele piscou o peso sonolento do sono e olhou pela janela do pequeno avião. Então um sorriso apareceu em seu rosto. — Agitações. Mamãe disse que ainda não há muito no terreno, mas talvez possamos experimentar o inverno enquanto estivermos aqui.

Eu olhei pela janela enquanto taxiávamos, hipnotizados pelos flocos brancos rodopiando no céu. Eu queria tocá-los e senti-los no meu rosto.

Estávamos fora do avião e pegamos nossas malas em menos de meia hora. Anson mandou uma mensagem para sua mãe para ver onde poderíamos encontrá-la desde que ela estava nos pegando.





—Ela é por aqui— disse ele, andando e digitando ao mesmo tempo. Eu não sabia como ele fez isso. Vários meses depois, eu mal conseguia sentar em uma cadeira e digitar sem cometer uma dúzia de erros.

Eu o segui, ficando perto do lado dele, já que este aeroporto também estava movimentado.

Subimos uma escada rolante e descemos por um longo corredor com mais passagens móveis. Quando chegamos a um conjunto de portas que davam para o lado de fora, Anson parou e eu quase bati nas suas costas. Ele pegou minha mão e diminuiu o ritmo.

Abordamos uma mulher de sessenta e poucos anos com cabelos castanhos prateados que caíam sobre os ombros. Eu a reconheci nas sessões de Skype da Anson. Ela usava um casaco pesado, sem zíper, e com um suéter de lã por baixo. Ela era baixa e sorria tanto que lhe dava os mesmos vincos ao lado dos olhos e da boca que Anson ficou quando sorriu. Eles pareciam muito mais parecidos pessoalmente do que eu já havia notado antes.

— Mãe?— Anson caiu em seus braços abertos, e eles se abraçaram por um longo tempo, balançando de um lado para o outro.

—Senti saudades.

—Também senti sua falta — murmurou Anson contra o ombro dela.

Ela se afastou e o olhou de cima a baixo, com um brilho nos olhos, antes de olhar para mim. —Agora me apresente seu





namorado adorável. Estou morrendo de vontade de conhecê-lo pessoalmente.

Eu corei. Não consegui evitar. Anson ficou tímido como se eu nunca o tivesse visto quando ele pegou minha mão. —Mãe, eu gostaria que você conhecesse Bishop. Bishop, esta é minha mãe, Beatrice.

Beatrice me pegou pelos braços, me puxando para o nível dela para que ela pudesse pegar meu rosto. —Sinto muito por tudo o que você passou. Obrigado por ser tão gentil e amoroso com meu filho. —Então ela beijou minha bochecha e me puxou para seus braços. Eu recebi um abraço de urso igualmente intenso.

Anson olhou, a alegria irradiando de seus olhos.

Sua aceitação significava tudo - para nós dois.

Já era hora de jantar quando chegamos à casa de infância de Anson. A casa de tijolos térrea ficava em uma rua tranquila no extremo oeste de Grand Rapids. Anson estava empolgado demais para me fazer um tour.

Beatrice, que se prendeu no meu braço quando saí do carro, me levou para dentro. —Estou tão feliz por ter você aqui.

—Obrigada senhora. Estou muito feliz por estar aqui.

Havia dois quartos, um em cada extremidade da casa. Anson abriu a porta para uma enquanto eu carregava nossa bagagem.

—Este é meu antigo quarto. Ela é redecorada e transformada em um quarto de hóspedes, mas, tanto quanto eu sei, sou o único convidado dela, então ainda chamo de quarto. —Ele riu e ficou orgulhoso da porta enquanto eu entrava e olhava em volta.





Estava decorado com bom gosto, com uma cama queen-size, uma cômoda alta, uma penteadeira e um pequeno tapete no meio. Cortinas transparentes ondulavam quando a abertura de aquecimento soprava ar quente na sala por baixo. A colcha na cama mostrava um cenário campestre com uma fazenda, um trator, um silo e altos girassóis. A arte na parede também era do tipo fazenda. Outros estavam florescendo flores de diferentes variedades.

Eu sorri. —Você não me pareceu um garoto do interior, Anson. Isso me surpreende.

Ele bateu no meu ombro, rindo. —Eu disse que ela redecorou. Minha mãe adora flores e coisas da fazenda. É uma obsessão.

Deixamos nossas malas no quarto e Anson me mostrou o resto da casa. Estava decorado com bom gosto para o Natal, com várias poinsettias por toda parte, uma vila de Natal na janela da frente, ratos costurados à mão usando trajes de férias e uma pequena árvore de Natal em uma mesa no canto.

Foi enquanto eu estava absorvendo tudo que algo esfregou contra a minha perna, depois sentou no meu pé. Eu assustei e olhei para baixo. Um gatinho minúsculo estava amando minha meia. Era difusa e cinza, com olhos grandes e um rabo pequenino.

—Bem, olá, amiguinho.— Eu me abaixei e o peguei. Ele se encaixou na palma das minhas mãos com espaço de sobra.

—Oh meu Deus, mãe, quando você conseguiu um gato? Você não me avisou.

—Ele é adorável— eu disse.





Beatrice sorriu enquanto observava o carinha se contorcer em minhas mãos. —Um mês atrás. É ela, não ele, e o nome dela é Petúnia. O gato do vizinho tinha gatinhos, e eles não conseguiram encontrar um lar para esta pequena garota, então eu pensei, por que não? Ela é uma boa companhia.

Anson veio e se juntou a mim para acariciá-la. Ela estava rolando com a atenção, suas garras afiadas na minha palma enquanto ela amassava e ronronava. Eu nunca senti nada tão suave.

Eu a abracei contra meu peito, acariciando-a e acariciando seu pelo. Ela bateu no meu rosto e depois lambeu meu nariz, me fazendo rir.

—Ela gosta de você, Bishop— disse Beatrice.

—Ela é tão pequena.

—Ela precisa de um nome melhor— anunciou Anson. — Petúnia? Sério, mãe, é o melhor que você pode fazer?

—Eu acho que é um nome perfeito— eu disse.

—Beijador de bunda.

—Anson Idioma. — Beatrice fez uma careta para o filho.

— Desculpa.

A turnê terminou quando eu não estava disposto a decepcionar a pequena bola. Isso ou foi porque eu desliguei todo mundo e tudo o que não era uma bola de pelo de meio quilo e meio. Sentei no sofá e deixei Petúnia rastejar por cima de mim. Ela era uma coisinha cruel que queria brincar e não sabia o quão afiadas eram suas garras e dentes.





Anson beijou minha bochecha e me informou que ia ajudar sua mãe a jantar juntos.

—Posso ajudar? — eu perguntei.

—Estamos bem. Você brinca com a bola de pêlo enquanto eu alcanço minha mãe.

Foi o que eu fiz.

Quando o jantar estava sobre a mesa, eu já tinha desgastado a pequena Petúnia. Ela tinha se enrolado no meu colo e estava com frio. Transferi-a para a almofada ao meu lado e me juntei a Anson e Beatrice à mesa.

—Então, como estão as coisas?— Beatrice perguntou enquanto servia as costeletas de porco, feijão verde e fatias de batata.

Anson me olhou quando se mexeu na cadeira. Ele deixou claro, não queria que sua mãe soubesse dos problemas que vinha tendo no trabalho. Se ela soubesse dos ferimentos e dos abusos, isso só a faria se preocupar.

Eu mantive minha boca fechada.

—Está tudo bem. Eles me mudaram para a vigilância.

Não estava. Nada em casa estava bom. Nem o trabalho dele, nem a situação em curso que enfrentamos na cidade, nada disso.

—Vigilância? Por quê?

Anson deu de ombros e encheu a boca para não poder falar imediatamente.

Beatrice franziu a testa. Eu tenho a sensação de que ela não foi enganada. Ela mudou seu foco para mim.





—Como você está se adaptando, Bishop?

—Estou fazendo o melhor que posso, senhora. Tomando as coisas com calma. Tem sido um desafio.

—Aposto que sim.— Houve muitas mudanças em vinte anos. Isso é muito para se acostumar. E por favor, me chame de Beatrice.

— Sim, senhora. Beatrice

Ela sorriu o mesmo sorriso que vi em seu filho quando ele estava feliz. O sorriso que eu não via desde o nosso encontro em Houston.

—É tão adorável ter vocês aqui nas férias. Ouvi dizer que você nunca viu neve antes. Isso é verdade?

—Primeira vez em que pousamos.— Eu olhei pela janela e as rajadas ainda estavam caindo.

—O meteorologista disse que vamos conseguir alguns centímetros hoje à noite.

—Deveríamos passear depois do jantar— disse Anson.

Fez uma cara boa. —Poderíamos?

Anson me deu uma piscada longa que fez minhas bochechas esquentarem. —Com certeza.

Depois do jantar, ajudamos Beatrice a arrumar antes de encontrar as jaquetas mais quentes que Anson havia empacotado. Ele pegou dois chapéus de malha e colocou um na minha cabeça com um sorriso antes de me puxar para o seu nível e me beijar ali mesmo no corredor da frente.

Ele permaneceu, nossas bocas roçando juntas. Movi minhas mãos para seus quadris e olhei profundamente em seus olhos.





—Obrigado por voltar para casa comigo— disse ele.

—É bom ver você sorrindo e tão relaxado.

Ele suspirou, seus ombros liberando tensão. —É bom ficar longe de tudo.

—Sim.

E por que não conseguimos ficar longe de tudo?

O sol havia se posto há muito tempo. O ar estava fresco e frio contra a minha pele exposta. Anson pegou minha mão e passeamos pelas ruas vazias, admirando as luzes de Natal nas casas.

—No ano passado, você tirou fotos de Onalaska com luzes decorando os postes e as casas.

—Agora você pode ver a coisa real.

—E com neve.

Inclinei meu queixo para o céu e fechei os olhos. Paramos de andar, e levei um minuto para respirar o primeiro sopro de liberdade que eu tomara desde a minha libertação. Eu estava relaxado e feliz também. Havia algo na distância do Texas que tornava tudo isso um pouco mais fácil. As pessoas aqui não me conheciam. Anson duvidou que eles tivessem mostrado minha foto no noticiário após minha exoneração. Se tivessem, certamente não seria material de primeira página. Além disso, foi há meses atrás.

Os flocos macios atingiram meu rosto e derreteram imediatamente. Por mais frio que estivesse, meu coração estava quente com Anson ao meu lado.

—Nós poderíamos morar aqui, você sabe.— Estava fora da minha boca antes que eu pudesse pará-lo.





Anson se encolheu. — Como?

Examinei a rua, as casas, as árvores e a calçada, todas cobertas de neve. —Nós poderíamos morar aqui. Você poderia voltar para casa novamente. Estaríamos perto de sua mãe e longe daquela cidade pequena. Você odeia seu trabalho como está e parecia disposto a procurar algo fora das prisões de qualquer maneira. Por que não volta para casa?

Sulcos profundos apareceram em sua testa enquanto ele estudava meu rosto, depois a vizinhança ao nosso redor. — Casa?

—Por que não?

—Vender a casa e procurar alguma coisa aqui?

Eu o enfrentei e levantei seu queixo. —É uma péssima ideia? Eles depositaram meu dinheiro antes de sairmos. Financeiramente, não estamos sofrendo. Poderíamos olhar enquanto estamos aqui. Encontre uma bela casa. Você não precisa de um emprego imediatamente. Tire um tempo e encontre algo que você gosta. Eu sei que vai. Anson, estou pronto para viver agora. Passei o suficiente da minha vida a portas fechadas. Eu não quero mais fazer isso. Talvez melhore em Onalaska com o tempo, mas e se não melhorar?

Ele assentiu, vendo meu argumento. —Nós provavelmente teríamos que nos mudar de qualquer maneira.

—Então porque não aqui?

Ele arrancou o chapéu e andou alguns passos pela calçada, com o rosto pensativo. Quando ele ficou na minha frente novamente, espiou profundamente nos meus olhos. —Você sabe,





minha mãe vai te amar ainda mais se eu disser a ela que estamos voltando para cá e foi idéia sua.

Peguei sua mão e o puxei contra mim. Ele ficou na ponta dos pés e nos beijamos ali na calçada vazia, cercada por neve. Seu nariz estava frio na minha bochecha, então eu o coloquei o mais perto possível, amando o peso dele contra mim.

—Eu amo você, Anson.

—Eu te amo.

—Estão podemos fazê-lo.

—Eu acho que é uma ideia maravilhosa.

Continuamos nosso passeio. Uma rua, depois para outra. Depois de quarenta minutos no frio, terminamos em frente a um café tarde da noite em um canto tranquilo, e Anson me guiou para dentro, nunca soltando minha mão. —Eu digo que ganhamos chocolate quente.

E não serviram com chantilly e granulado? Foi o melhor chocolate quente que tive na minha vida. Anson não parava de sorrir ao meu prazer.

Nenhuma pessoa nos notou ou se importou que estávamos lá.

De volta à casa, muito depois de Beatrice ter ido para a cama, Anson e eu encontramos o caminho para o quarto de hóspedes. Petúnia pequena seguiu.

—Se ela entrar aqui, terei que deixar a porta rachada— disse Anson.





—Sem problema. Não é como se estivéssemos brincando com sua mãe sob o mesmo teto.

—Não seria a primeira vez.

Eu olhei para o meu namorado que estava ocupado se despindo. — Como? —ele disse com uma risada.

—Alguns de nós não precisam ouvir sobre seus outros tempos.—

—Com ciúmes?— O sorriso dele aumentou.

—Anson— eu avisei.

Nós dois rimos, e ele se arrastou para debaixo das cobertas, trazendo seu telefone com ele. Enquanto ele fazia o que fazia naquele dispositivo bobo, eu dei a Petúnia todo o amor, fazendo-a ronronar mais alto do que eu pensava ser possível para alguém tão pouco.

Coloquei-a no meu travesseiro enquanto me despia também e me mexia embaixo das cobertas. Então eu a coloquei no meu peito, onde ela se enrolou em uma bola.

—O que você faz nesse telefone o tempo todo, afinal?— Eu perguntei, olhando para ele. —Eu não consigo descobrir. Olho para o meu telefone e, a menos que eu esteja enviando uma mensagem para você ou David, é apenas esse pedaço chique de metal e plástico.

Anson sorriu, mas seus olhos nunca deixaram a tela. —Estou procurando empregos locais agora. Mas você sabe, existe todo o mundo das mídias sociais que você ainda precisa descobrir.

—Não, obrigado.





—Facebook, Instagram, Twitter.

— Nunca!

Ele riu.

—Você está vendo algo que vale a pena?— Eu perguntei, olhando para o telefone dele enquanto tentava não perturbar o gatinho.

—Na verdade, sim. Há uma posição de segurança na fronteira que parece atraente.

— O que seria?

—Estamos bem na fronteira com o Canadá e os EUA, o que implicaria trabalhar a segurança para as pessoas que cruzam para lá e para cá.

—Isso não parece tão ruim— eu disse.

—Melhor que a vigilância, e estaria trabalhando com pessoas diferentes dia após dia. Eu não ficaria entediado. Tenho a sensação de que seria um lugar que aceitaria mais minha orientação sexual também, visto que eles lidam com imigração e coisas assim. Eles teriam que ter muito cuidado com a discriminação em todos os níveis.

Ele desligou o telefone e o colocou no carregador ao lado da cama. —Eu acho que devemos fazê-lo. Mexa-se. Acho que você tem razão. Nós teríamos que nos mudar de qualquer maneira. Se não estou mais trabalhando em uma prisão, por que não voltar para casa?

—Podemos pegar um gatinho? — eu perguntei.

Anson riu. —Poderíamos.





—Podemos chamá-la de Pedrita?

— Não.

Nós dois rimos. Meu peito saltou, interrompendo minha pequena convidada que miou e reajustou sua posição.

—Eu acho que quero ir para a escola. Não faça coisas on-line, mas vá e faça aulas. Existe uma faculdade local em algum lugar?

—Existem alguns em Michigan. O que você quer levar?

—Eu ainda não tenho certeza. Eu estava pensando em algo com arte. E ... talvez você possa me ensinar a dirigir?

—Posso.

—Isso será bom para nós, chefe. Eu posso até sentir isso nos meus ossos. É a decisão certa.

Anson se encolheu contra o meu lado, sua cabeça no meu travesseiro, sua perna tecida com a minha, e nós aconchegamos Petúnia juntos. — Acho que você tem razão.



Capítulo Dezessete

BEATRICE ESTAVA SOBRE A LUA quando Anson anunciou nossos planos na manhã seguinte. Ela nos abraçou e depois desabou em uma cadeira e chorou porque a verdade saiu sobre o abuso de Anson no trabalho e os incidentes que estavam ocorrendo em nossa pequena cidade que levaram à nossa decisão.

Anson ficou com ela por vinte minutos, abraçando-a e dizendo que as coisas seriam diferentes agora.

Uma vez que ela se estabeleceu, ela insistiu em fazer um grande café da manhã para comemorar.

—Você vai se candidatar a essa posição?— ela perguntou enquanto quebrava alguns ovos em uma tigela.

Anson tinha feito café e nos sentamos na pequena lanchonete da cozinha depois de sermos repreendidos por oferecer ajuda.

—Eu vou fazer uma ligação hoje e descobrir o que preciso fazer e perguntar sobre os detalhes que não são mencionados na lista. Podemos sair hoje à tarde e olhar para as casas, se eu puder marcar alguns compromissos.

—Na cidade?— Ela parecia esperançosa.

—Mãe, seria uma viagem de duas horas e meia para chegar à fronteira. Isso não é viável.





— Eu sei.

—Mas estaremos em Michigan. Pensei em procurar casas em Canton ou Livonia. Seria perto da fronteira e da faculdade em Ann Arbor. Bishop quer ir para a escola.

Seus olhos brilharam quando ela olhou para mim. — Oh! Isso é adorável. O que você vai levar?

—Eu ainda não tenho certeza. Ainda pensando.

—Muitas opções por aí. Você faz o que lhe chama, querido. Era o que eu sempre dizia a Anson.

Anson sorriu do outro lado da mesa.

—Sim, senhora.

O café da manhã consistia em ovos mexidos com queijo, bacon, torradas de trigo integral e suco de laranja. Quando limpamos nossos pratos, eu estava empalhado.

Anson desapareceu para fazer algumas ligações enquanto eu ajudava Beatrice a lavar a louça.

—Ele te ama muito, sabe? Eu nunca o vi tão apaixonado antes. Esse olhar nos olhos dele é novo e é tudo para você.

Meu coração esquentou. —Eu o amo muito. Ele tem sido paciente e cuidadoso com tudo isso. Não tenho certeza se eu poderia ter chegado tão longe sem ele.

—Ele tem um grande coração, Bishop. Ele foi ferido no passado, então, por favor, cuide bem disso. Ele merece tanta felicidade quanto o próximo homem. Eu odeio vê-lo arrastado pela lama uma e outra vez por causa da maneira como ele nasceu. Ele merece melhor. Vocês dois fazem.





— Concordo. Eu acho que fugir das prisões é uma boa jogada.

—Eu também.— Ela limpou a mesa e parou na minha frente no caminho de volta para a pia. —Fico feliz que alguém possa convencê-lo a sair de lá antes que seja tarde demais. Vocês dois são bons juntos. Eu acho que você pode aprender muito um com o outro.

—Eu também acho, senhora.

Ela negou com a cabeça. —Chega disso. Você me chama de mãe ou Beatrice. Nada disso, senhora, está me ouvindo?

Eu sorri. —Sim mamãe?

—Isso também funciona. —Ela me abraçou e fechei meus olhos. Eu estava encontrando meu lugar neste grande mundo assustador e, ao fazê-lo, também estava encontrando paz.

No início daquela tarde, Anson nos levou a uma cidade chamada Lavonia para olhar algumas casas. Ele fez alguns telefonemas e conseguiu alguns compromissos.

—Você descobriu alguma coisa sobre esse trabalho?

—Sim eu quero. Conversei com o cara de recursos humanos que está contratando. Ele disse que eu sou exatamente o tipo de pessoa que eles estão procurando. Tenho muita experiência de trabalho e não sou um garoto punk recém-saído da escola.

—Encaminhei meu currículo e liguei para Ray e meu antigo chefe na I-Max para garantir referências positivas. O cara disse que provavelmente não conseguiria uma entrevista antes do Natal, mas que eu poderia marcar uma entrevista pelo Skype em janeiro.





—Isso é bom.

—Souu positivo. O salário é melhor do que eu estava ganhando na Polunsky, o que é uma vantagem.

As peças estavam todas se encaixando. Parecia fácil demais, mas quando considerei a jornada que tínhamos feito desde o dia em que nos conhecemos, nada tinha sido fácil. Reunir-se depois de todo esse tempo foi o sopro de ar fresco que merecíamos.

OS OLHOS DE ANSON se ampliaram quando o agente imobiliário nos levou pela primeira casa. Ele apertou os lábios, e eu tinha certeza que ele estava tentando não rir. A casa era de propriedade de uma velhinha de 80 anos que estava se mudando para um lar de idosos.

As paredes eram rosa e amarelo brilhantes com bordas florais no topo. As janelas estavam cobertas com cortinas de babados em uma violeta de seda, e o tapete era de um azul bebê fofo.

—Parece que o coelhinho da Páscoa vomitou aqui— disse Anson baixo o suficiente que o corretor de imóveis não ouviu.

—Nós podemos pintar—, eu sussurrei em seu ouvido. —E as cortinas não fazem parte da venda, você sabe.

—Mas o tapete é.

—Teríamos que substituí-lo.

—Nós teríamos que queimar.

Quando o homem que nos escoltava pela casa nos mostrou o banheiro, Anson balançou a cabeça e recuou, bufando. —Eu não





posso. Não. Nem pensar. Nem por cima do meu cadáver. —Ele apontou e não conseguiu conter sua risada.

Papel de parede coberto de margaridas e acessórios rosa felpudos à parte, o banheiro antiquado estava equipado com um bidê.

Eu levantei uma sobrancelha. —O quê? Você não quer um banheiro de limpeza de traseiros?

—É facilmente substituído— explicou o corretor de imóveis.

Anson estava no meio do corredor, mas eu o ignorei e continuei olhando em volta. O quarto era de tamanho médio, os armários eram pequenos e a cozinha parecia uma página do catálogo da Sears dos anos 60. Eles não fabricavam mais aqueles aparelhos de cor verde, e os azulejos e contra-piso... Não foi ... tudo bem.

Anson esperou na porta quando voltei para a sala da frente.

—Eu acho que não é o que estamos procurando— eu disse ao homem, apertando sua mão. —Obrigada pela sua atenção.

Anson não conseguia parar de rir até a próxima casa da nossa lista. —Eu estou prestes a fazer uma reforma, mas esse lugar era ... Acho que não poderia viver enquanto consertamos. Foi demais ...

—Cor-de-rosa

—Ou alguma coisa assim. E um bidê ?! Não, apenas, de jeito nenhum.

Foi a quarta casa que vimos que chamou nossa atenção. Era uma casa de dois andares, três quartos e em estilo campestre, nos





arredores da cidade. Era uma propriedade imensa, com um quintal interminável, um pátio nos fundos, uma varanda na frente, um porão terminado e muitas janelas grandes, o que tornava o interior brilhante.

—É muita casa para duas pessoas— observou Anson enquanto subíamos as escadas para o segundo andar. —Nós realmente precisamos de tanto espaço?

—Precisamos de espaço extra para Pedrita e Bamm-Bamm. Além disso, gosto da ideia de estar fora da cidade.

—Espera. Quem é Bamm-Bamm?

—Nosso husky.

Anson se virou e eu quase esbarrei nele. Ele fez uma careta com um sorriso no rosto. Era um olhar engraçado para ele, e eu não pude deixar de sorrir em troca. —Estamos ficando com um husky?

—Com um quintal tão grande? Afirmo que sim. Eu sempre quis um husky.

—Um cão...

—Um husky é um cachorro, sim.

Anson ponderou por um minuto e deu de ombros. —Sim, eu podia nos ver tendo um cachorro.

—E um gato— lembrei a ele.

—E um gato. Pedrita e Bamm-Bamm? Gosta de *Os Flintstones*?

—Sim. Melhor desenho animado de todos os tempos.

—Precisamos trabalhar com esses nomes.





—Não, não precisamos. Eles são perfeitos.— Eu o virei e o encorajei a continuar subindo as escadas.

O primeiro quarto que entramos foi o quarto principal, e Anson engasgou e parou novamente. Naquela época, eu esbarrei nele. Mas quando eu vi o que o deteve, eu ofeguei também.

O quarto principal tinha vigas abertas, tetos abobadados e janelas que cobriam metade da parede ou mais. Havia um banco acolchoado do outro lado da sala, embaixo daquelas janelas que os proprietários haviam decorado com travesseiros. A vista era espetacular. Olhou para o campo aberto, além do grande quintal e até uma área de floresta ao longe. Não havia necessidade de cortinas ou persianas. Era privado.

—Este poderia ser o meu novo lugar.— Sentei-me no assento da janela e admirei a vista.

Anson bateu no meu ombro. —Você não precisa de um lugar.

—Eu faço se parecer assim. Já posso imaginar sentado aqui, lendo ou desenhando.

—É lindo.

Nós o levamos por muitos minutos antes de observar os outros recursos da sala. Havia um enorme closet e uma estante do chão ao teto que foi construída na parede oposta que funcionaria bem para conter toda a coleção de Anson.

Os outros dois quartos no segundo andar eram menores, mas não menos impressionantes, com suas grandes janelas e paredes brilhantes. Cada um deles tinha piso de madeira também.





—Você poderia usar um quarto como estúdio de arte— disse Anson, girando no lugar. —Podemos comprar um cavalete e todos os tipos de outros materiais de arte. A iluminação é incrível. Se você escolheu fazer arte na escola, gostaria de um lugar como esse para trabalhar.

Eu gostei dessa ideia. Aqueceu meu coração quanto mais eu pensava nisso.

—E o outro quarto?

—Uma pequena sala de ginástica, talvez?

—Eu gosto disso.

No momento em que visitamos a casa inteira e nos encontramos de novo com a mulher imobiliária chamada Jasmine, que nos deixou fazer nossa própria turnê, sabíamos que estaríamos fazendo uma oferta. Também não haveria reformas ou negociação. Nós queríamos, e não queríamos mexer. Pagariamos o preço pedido e mais para garantir que fosse nosso.

Sáímos felizes e alegres. Anson nos levou a uma pequena lanchonete onde saboreamos uma bebida quente e uma sobremesa. Cheesecake, porque nós dois tivemos uma fraqueza pelo saboroso leite.

MANHÃ DE NATAL, acordamos com uma paisagem de brancura. Várias polegadas de neve caíram durante a noite, e eu não pude deixar de ficar em pé na janela da cozinha, observando o sol da manhã refletindo no cobertor intocado do quintal. Brilhava e





brilhava. Os galhos das árvores estavam pesados com a carga. Era pitoresco e eu queria memorizá-lo. Eu nunca tinha visto algo tão bonito.

—Você gostaria de café, querido?— Beatrice perguntou quando me encontrou na cozinha.

—Não, obrigada. Não ligo muito para o café, mesmo que Anson pense que é um crime contra a humanidade.

Uma risada suave escapou dela. —Isso soa como meu filho.

Ela tocou meu ombro de uma maneira gentil e maternal e colocou o roupão mais apertado em volta dela enquanto se arrastava para o balcão para preparar uma panela para ela e Anson.

—Anson ainda está dormindo?

—Sim. Petúnia também está abraçada com ele. Não consegui convencer nenhum deles a se levantar comigo.

—Bem. Se ele quiser a meia, logo vai mexer a bunda.

—O que é isso sobre uma meia?— Anson murmurou quando entrou na cozinha, sem camisa e bocejando, com as calças do pijama penduradas nos quadris. Ele parecia maravilhosamente despenteado, e eu não pude deixar de sorrir.

—Eu pensei em fazer meias tradicionais para você e Bishop, já que você está aqui— disse Beatrice.

—Você não faz isso desde que eu era criança.

—Desde os dezoito anos— ela corrigiu, colocando uma caneca de café nas mãos dele.





Ele sorriu e inalou, seus olhos tremulando fechados com o cheiro enquanto as mechas de vapor lambiam seu rosto. —Um néctar dos deuses.

—Ele tem sido assim com café desde que era adolescente.— Beatrice revirou os olhos. —Não há como mudá-lo agora.

—Café bom—, ele murmurou, tomando seu primeiro gole. —Faça o cérebro funcionar.

—Bom, espero que quando você conseguir uma em você, você possa fazer frases novamente.

Nós viajamos para a sala, e Beatrice colocou meias nos nossos colos. Gargalhei. Isso não era algo que eu fazia desde pequeno. Só tínhamos meias até Jalen parar de acreditar no Papai Noel. Isso aconteceu quando ele tinha sete anos. Eu tinha treze anos

As meias que Beatrice nos deu foram preenchidas com várias guloseimas de chocolate e itens práticos, como desodorante, creme de barbear e lâminas de barbear, meias, sabonetes e muito mais.

—Ela sempre fez assim— explicou Anson. —Crescendo, o Papai Noel sempre reabastecia meus suprimentos de banheiro.

—Não quando você era muito pequeno — disse Beatrice. —Então você tem muitos carros e soldados esquisitos.

—Isso mesmo! Eu esqueci deles.

Sorri e agradeci a Beatrice pelos presentes atenciosos.

—Aqui. Isso é para vocês dois, à luz do seu recente anúncio. —Ela estendeu um envelope.





Anson pegou e abriu para nós dois. Dentro havia dois cartões-presente, um para o Walmart e outro para o Lowe's.

—Com uma nova casa em breve, imaginei que você poderia usar alguma ajuda.

—Obrigada, mãe. —Anson se levantou e a abraçou.

Eu o segui. Ela aguentou com mais força e eu pude sentir o amor por trás disso.

—Mal posso esperar para ter vocês, rapazes locais. Está solitário sem você aqui — ela disse ao filho.

—Breve? Fizemos uma oferta, mas o corretor de imóveis disse que seria depois do Natal antes de ouvirmos alguma coisa. Então precisamos embrulhar as coisas em casa. Acho que vai demorar alguns meses.

— Eu sei.

Foram necessários três meses para que tudo fosse esquecido.

Era o fim de março. A casinha em Onalaska havia sido vendida, Anson havia sido avisado na prisão, o emprego como oficial de fronteira em Michigan era dele - eles o queriam bastante, estavam dispostos a esperar até que tudo fosse esquecido - e a casa com as grandes janelas e o futuro estúdio eram nossos.

As caixas estavam prontas e o caminhão chegava pela manhã. Seria uma longa viagem através do país, mas Anson e eu





íamos fazer uma jornada e apreciar todas as vistas ao longo do caminho.

Sentamos no jipe do lado de fora da casa de Javier em Livingston. O sol estava baixo no céu e a rua ao nosso redor estava cheia de carros. Foi a nossa festa oficial de despedida. Anson disse que era desnecessário, mas Javier colocou o pé no chão e nos disse para não discutir.

—Quem são todos que ele convidou? — eu perguntei.

—Quem sabe? Tenho medo de descobrir.

—Devemos entrar? Afinal, somos os convidados de honra.

—Devemos. Em um minuto. —Ele alcançou cegamente minhas mãos e nossos dedos entrelaçados.

—Você está triste por estarmos saindo? — eu perguntei.

—Sim e não. Fiz bons amigos aqui e seu irmão está no Texas, mas acho que o Texas nunca se sentiu em casa.

Assenti.

—E quanto a você? — perguntou ele. —O Texas foi sua casa a vida toda.

—De certo modo. E de certa forma, não tem. Polunsky é o único lar que me lembro com alguma clareza. Antes disso, minha vida parecia fazer parte de um sonho e não real. Eu mal era adulto quando eles me trancaram. Agora, Polunsky é uma mancha escura na minha alma. Não é um lugar que eu quero lembrar ou estar perto, para ser honesto. Você é minha casa, Anson. Onde quer que formos, ficarei contente, desde que você esteja ao meu lado.





Ele se inclinou sobre o console e puxou meu rosto para ele, passando a mão pela minha nuca e me beijando com força esmagadora. Ele mordeu meu lábio inferior, puxando-o para sua boca enquanto se aprofundava, inalando-me e pegando tudo o que eu daria a ele.

E eu tinha me dado a Anson há muito tempo.

Uma batida na janela nos assustou. Afastamo-nos um do outro, sacudindo a cabeça em direção ao barulho, e nos deparamos com duas caras rindo.

Jalen e Drake.

—Obrigado pelo show. Eu estava com medo de que passasse pela PG em um minuto, então achei melhor interromper. De jeito nenhum eu quero ver meu irmão mais velho ficando todo quente e incomodado assim.

Anson limpou a boca quando um rubor subiu pelo pescoço.
— Sim, sim. Cala a boca.

—Vocês vão? A festa é sua!

Sáímos e encontramos Jalen e Drake no caminho que levava à casa. Eles estavam de mãos dadas. Anson percebeu e chamou minha atenção, sorrindo. Nenhum de nós disse nada. Sabíamos que era um grande passo para Jalen. Drake não poderia ter parecido mais satisfeito.

Todos nós entramos e fomos recebidos com uma multidão de pessoas que eu não esperava. David estava lá e Roger. Derrick, um guarda com quem Anson havia trabalhado na prisão, Ray, seu





antigo chefe, Jin, Sonny e Mason. Todos os homens com quem ele trabalhou no passado que aceitaram Anson por quem ele era.

A amiga de Melanie, Katie, também estava lá, e ela correu, me envolvendo em um abraço esmagador quando entramos. O perfume dela pairava denso no ar, me sufocando.

Anson revirou os olhos para a tela e foi cumprimentar seus amigos, deixando-me mais uma vez para essa mulher que era mais sensível do que eu gostava.

—Parabéns pela sua mudança e sua nova casa— disse ela, afastando-se.

— Obrigada. Estamos empolgados.

David me encontrou então, oferecendo sua mão. Nós trememos, e ele me puxou para um abraço esmagador, dando um tapa nas costas. —Essa é uma boa jogada, companheiro. Sei que você vai longe e faz grandes coisas.

—Eu te devo muito.

—Não, você não me deve nada. Pagar adiantado. O Projeto Inocência também possui uma base de operações em Michigan. Juntar-se a eles Ajude outros homens e mulheres que precisam.

Eu não tinha considerado isso, mas ele estava certo. Por tudo que David tinha feito por mim, eu poderia oferecer a mesma mão amiga e amizade a alguém que era novo no mundo exterior.

—Vamos. Uma bebida. Todas essas pessoas estão aqui para ver você e seu cara.

E foi muita gente.





Enquanto me movia pela casa, parei e disse oi para muitos rostos familiares. Derrick era um deles.

—Cara, eu costumava ter tanto medo de você.

Gargalhei. —Então eu fiz o meu trabalho.

— Não brinca. Intimidação no seu melhor. Estou feliz que você não é uma aberração como o resto deles. Anson é um cara legal. Ele não merece a merda que está acontecendo. Este movimento será bom para ele. —Derrick fez uma pausa, depois assentiu como se tivesse chegado a alguma conclusão que eu não estava a par. —Você sabe, eu não sei como é viver como você viveu por tanto tempo, mas estou feliz que Anson lutou por você e não desistiu.

—Eu também. Eu meio que gosto muito dele. É bom estar deste lado novamente e levar esta aventura com ele.

Derrick sorriu largamente. —Ele gosta muito de você também. Dá pra perceber. Ele fica com olhos de corça e risonho quando fala de você. É fofo.

— Não. —Anson veio atrás de mim e passou um braço em volta da minha cintura. —Não dê ouvidos a ele!

—Por que não? Ele estava apenas me dizendo o quanto você me ama.

—Bem, ouça essa parte, mas não a coisa dos olhos. Não faço isso.

Derrick riu e empurrou o ombro de Anson. —Tanto faz, cara. Você faz isso com olhos de amor. Você é todo idiota e sentimental. Javier concorda comigo.





Anson rosnou, mas era de boa índole. Sem perder o ritmo, Anson me levou para outra sala onde Javier me entregou uma cerveja.

Anson já tinha um. Tocamos em copos e bebemos para o nosso futuro.

A festa de despedida foi acolhedora e divertida. Era bom estar cercado por pessoas que eu conhecia e que nos aceitavam como éramos.

Uma hora depois, peguei meu irmão na cozinha sem Drake.
—Ei, J.

—Bishop. Animado?

—Tenho certeza. Vou me matricular na escola em setembro. Fazer estudos de arte na faculdade local. Se eu gostar, posso trabalhar para obter um diploma de ensino. Eu deveria ter minha licença até então também. Anson vai me ensinar a dirigir.

—Que legal!— Ele enfiou as mãos profundamente nos bolsos e olhou para o chão. —Eu vou sentir saudades de você. Sinto que acabei de recuperar meu irmão e ele está saindo.

—Você sabe que pode visitar a qualquer momento.

— Eu sei.

—Venha aqui.— Eu o puxei para um abraço, e ficamos assim por um longo tempo. —Eu te amo, J. Pode parecer que estou indo embora, mas não é como antes.

— Eu sei.

—Você tem Drake aqui, e podemos conversar ao telefone a qualquer momento.





—Ou Skype?

—Computadores estúpidos. Não sei quanto a isso.

Jalen riu e se afastou do abraço. —É melhor você superar isso, grandalhão. Eles fazem parte do mundo agora.

—A vida estava bem sem eles. Telefone Celular. Eu odeio telefones celulares.

Jalen empalideceu. —Anson precisa ensinar você em todas as coisas eletrônicas.

—Ele está tentando. Acreditem em mim.

Ficamos em pé, sem saber o que dizer um ao outro. —Eu vi você segurando a mão de Drake mais cedo. Isso é bom.

Ele deu de ombros. — Bem, é um começo... Ele me ensinou sobre como estaríamos cercados por aceitar pessoas aqui, visto que todas eram amigas de você. Então... Eu fui com isso. Estou tentando!

— Estou orgulhoso de você.

—Um passo de cada vez, certo?

—É tudo o que podemos fazer.

Fomos interrompidos por uma multidão que veio buscar mais bebidas. Roger me puxou para o lado e me entregou um pedaço de papel quadrado com um nome e um número. —Antes que eu esqueça ou perca a chance de falar com você, eu queria ter certeza de que você conseguiu isso. Mack Evans é conselheiro do Innocence Project em Michigan. Eu queria passar o nome dele, caso você sentisse necessidade de conversar com alguém lá fora. É uma grande jogada, suspeito que será um alívio para você, mas se, por





qualquer motivo, você sair da pista, ele é um cara legal. Ele pode ajudar... Você diz a ele que Roger enviou você.

— Obrigada. Vou fazer.

Coloquei o papel no bolso e Roger e apertamos as mãos.

—Você vai se sair bem por aí. Eu acho que sua vida está apenas começando. Às vezes, uma realocação faz toda a diferença.

—Eu me sinto bem com isso.

Dizer adeus foi a parte mais difícil da noite. Sair com os amigos, compartilhar algumas bebidas e conversar era fácil. Mas quando chegou a hora de partir, foi quando as emoções atingiram. Até Anson lutou e ficou com os olhos vidrados.

Ele e Javier se abraçaram por um longo tempo, prometendo manter contato. O resto dos caras ofereceu seus melhores votos para nossas viagens futuras e seguras em nossa viagem pelo país.

Nós nos encontramos com Jalen e Drake do lado de fora, onde nossas lágrimas caíram. Eu tinha passado muitos anos sem meu irmão. Como eu disse a ele na cozinha, isso seria diferente.

—Ligue-me quando estiver satisfeito— disse Jalen.

—Vamos, e você precisa vir visitar. Veja a casa.

—Nós vamos— Drake respondeu por ambos.

Outra rodada de abraços e entramos no jipe de Anson e voltamos para casa. No dia seguinte, íamos embora ao raiar do dia.

Foi quando nossa história, nossas vidas, realmente começaram.



Epílogo

Um ano e meio depois ...

A porta da frente bateu, sacudindo meu cavalete e me fazendo estremecer porque meu pincel estava a uma fração de polegada da tela que eu estava pintando.

Sempre.

O barulho enviou Bamm-Bamm a um frenesi latindo, que eu sabia que acordaria Pedrita da soneca da tarde. Era apenas uma questão de tempo antes que ela aparecesse, procurando atenção.

—Bishop. Onde você está?

—Em cima.

Eu esperei, sabendo o que se seguiria.

Na respiração seguinte, as botas de Anson atingiram a parede quando ele as chutou, e ele subiu as escadas. Meu namorado era tudo menos gracioso ou quieto. Um touro numa loja chinesa

Ele enfiou a cabeça na esquina, uma mão cobrindo os olhos, conhecendo minhas regras sobre espreitar no meu estúdio sem permissão.

—Estou em casa— ele anunciou.

—Você acha? Tenho certeza de que metade do quarteirão sabe que você está em casa.





—Você está dizendo que estou alto?

—Estou dizendo que a hora da soneca acabou.

Como se soubesse que estava falando sobre ele, Bamm-Bamm passou por Anson e sentou-se aos meus pés no cavalete. Pedrita seguindo, caindo ao lado de seu irmão, miando tão alto quanto seu pequeno corpo permitiria. Eu arranhei Bamm-Bamm entre as orelhas, o que me rendeu uma cara de cachorrinho enrugada. Ele era um garoto grande por ter apenas dez meses de idade. E indisciplinado. Eu o levei para sua segunda corrida pelo parque do dia e finalmente o convenci a tirar uma soneca em uma poça de sol na cozinha.

—Posso abrir meus olhos?

—Agente firme.— Virei o cavalete para que ele não pudesse espionar minha mais nova criação. Estava quase terminado.

Eu comecei a explorar novas mídias para minha arte desde que fomos incentivados e ensinamos várias formas na escola. A pintura em aquarela era meu novo favorito, e eu a explorava cada vez mais em casa.

— Tudo bem. Abra.

Anson sorriu aquele sorriso de menino que eu adorava. — Em que está trabalhando?

—Nada.

—Por que não posso ver isso então?

—Porque é para o seu aniversário e vai estragar a surpresa.

Pare de ser curioso.





Ele estreitou o olhar e eu ri. — Não funcionará. Afaste esse rosto. Você ainda não está vendo.

—Certo. Você se lembra que temos planos para o jantar hoje à noite?

—Sim, Anson. Você me lembra há uma semana. Não conseguia esquecer se queria.

Houve aquele sorriso novamente. —É o aniversário de dois anos da sua data de lançamento. É importante. Eu queria comemorar.

Dois anos do lado de fora. Era difícil acreditar que eu vivi a maior parte da minha vida no corredor da morte e só saíra há dois anos. Muita coisa havia mudado. Nós tínhamos ido longe.

—As reservas são para seis, correto?

—Sim.— Anson pegou o telefone e verificou as horas. —Isso nos dá pouco mais de uma hora.

—Uma hora Que horas são?

—Dez a cinco. Por quê?

Fiz uma careta. —Eu pensei que era antes. Por que você está em casa tão tarde? Eu pensei que você estivesse saindo às três.

—Ficamos ocupados. Eu não poderia deixá-la.

Era sábado e um dia de viagem para as pessoas que atravessavam a fronteira.

O horário de trabalho de Anson estava em todo lugar, pois ele ainda era considerado um novo contratado. Ele ainda tinha que ganhar antiguidade e turnos melhores, por isso trabalhou muitos fins de semana e horas extras. Ele não se importou. Ele amava seu





novo emprego mais do que esperava, e se estabeleceu como um oficial abertamente gay na fronteira. Nenhum de seus colegas de trabalho lhe deu dificuldades. Era um mundo diferente de estar em uma prisão.

—Melhor tomar banho e se arrumar. Vou alimentar os dois patifes e limpar aqui. Vou precisar tomar um banho rápido depois que você terminar.

Anson me acenou, apontando para os lábios enrugados. — Beije primeiro.

Eu me aproximei, Bamm-Bamm e Pedrita nos meus calcanhares, e beijei sua boca. Não foi o suficiente para ele, e ele me arrastou para mais perto, deslizando a língua ao longo da minha costura e implorando para entrar. Eu o pressionei contra a parede e assumi o controle. Anson parecia gostar quando fiz isso, e agora que estava mais confortável em nosso relacionamento íntimo, assumi esse papel cada vez mais.

Ele gemeu e subiu os quadris para frente, me cutucando com uma ereção crescente. —Você deveria tomar banho comigo.

—Você sabe que se fizermos isso, estaremos atrasados para essa reserva.

— Não importa. —Ele pressionou contra mim novamente. — Nós podemos ser rápidos.

—Você é problema, e nada entre nós é sempre rápido.

— Verdade. Ah, foda-se. Quarto. Agora. Preciso que você me foda.

—E você é mandão.





—Me pegou. Vamos.

Ele riu, agarrando minha mão e me arrastando para o nosso quarto. Eu aprendi que o termo para Anson era de baixo para cima. Por mais versátil que ele alegasse ser, ele tinha uma preferência definitiva. Me serviu muito bem.

Uma vez que estávamos atrasados o suficiente, nus, suados e exaustos, rolei por cima de Anson, esmagando-o debaixo de mim enquanto puxava o telefone para fora de suas calças de trabalho descartadas.

— Vamos nos atrasar!

—Tome banho comigo rápido.

—Isso não vai ajudar, e você sabe disso. Estes foram *seus* planos, Anson. Você os perfura na minha cabeça há uma semana, me dizendo o quanto eles são importantes.

— Tudo bem. Podemos nos atrasar.

O restaurante pode discordar, mas eu não ia discutir com ele.

Tomamos banho - separadamente - e depois nos vestimos com roupas extravagantes porque Anson insistia que era uma ocasião especial, e o restaurante que ele escolhera era chique assim.

Quando estávamos prontos, Anson encontrou mais dez coisas que precisava fazer primeiro. Esperei na porta da frente enquanto ele corria escada acima, descia, voltava para a cozinha e digitava loucamente no telefone para alguém.





—Devemos ligar para o restaurante? — eu perguntei. —Eles podem não manter nossa mesa nesse ritmo.

—Tá tudo bem. Estamos bem. Tudo está bem. Eles irão Espere, quero dizer. Está bem. Merda! Só mais uma coisa.

E ele se foi novamente, lá em cima.

Quando ele me encontrou na porta da frente, um brilho de suor cobriu sua testa, e ele estava torcendo as mãos.

—Você está bem?

— Eu estou bem. Ótimo.— Ele soltou um suspiro audível. — Está quente aqui?

— Não. Anson

—Vamos. Vamos nos atrasar!

—Já estamos, por mais de vinte minutos.

—Entendi. Não tem problema. Legal. Vamos.

Suas mãos tremiam quando ele trancou a porta.

—Anson...

— Estou bem.

Eu deixei cair. Ele estava agindo de forma estranha, e eu não tinha ideia do porquê.

Chegamos ao restaurante com trinta minutos de atraso. Eu me preparei para eles nos dizerem que haviam distribuído nossa mesa, mas quando Anson disse ao homem que fazíamos parte da festa Miller, fiquei chocado que ele não disse nada.

Espere. *Festa Miller*?

O garçom nos mostrou nossa mesa e meus pés pararam quando vi quem estava lá. Beatrice, Jalen e Drake estavam todos





sentados ao redor de uma mesa grande. Cada rosto exibia um sorriso enorme quando nos aproximamos.

—O que eles estão fazendo aqui?!

—Eu contei. É uma ocasião especial.

Não vi como meu aniversário de lançamento justificava esse tipo de atenção. Não era grande coisa, mas talvez isso significasse mais para Anson.

Beatrice se levantou e me envolveu em um abraço caloroso.

— O que faz aqui?

—Celebrando — Ela pegou meu rosto e me puxou para o nível dela para beijar minha bochecha.

Eu me virei para os outros. —J, Drake, quando você chegou à cidade?

Jalen se levantou e deu a volta na mesa para me abraçar também. —Voamos nesta manhã. Ficamos até quarta-feira.

Drake ofereceu sua mão para apertar em vez de um abraço.

Anson me guiou a sentar, e todos encontramos nossas cadeiras.

—Isso é uma surpresa— eu disse. —Anson não me disse que convidou todos vocês.

—Era para ser uma surpresa— disse Anson.

—Então talvez devêssemos ter chegado a tempo.—

Anson deu de ombros e olhou por cima do ombro e ao redor do restaurante. No mesmo momento, o garçom apareceu com vinho. Ele encheu um copo para todos sem perguntar.





Jalen e Drake ficavam olhando para Anson, e Beatrice estava sorrindo com olhos vidrados, olhando para o filho também.

Olhei para Anson, confuso.

Ele se mexeu no assento e pegou minha mão. —Eu sou um idiota desonesto. Convidei todos aqui por um motivo diferente, não apenas para comemorar dois anos do lado de fora. Bispo, no dia em que te conheci em Polunsky, sabia que você era diferente. Especial de alguma forma. Eu estava em um lugar ruim na época e não tenho vergonha de dizer que você me intimidou um pouco. Eu não sabia nada sobre você, exceto que você tinha esses olhos escuros e alucinantes que me observavam o tempo todo.

—Não demorou muito para eu te conhecer. Quanto mais conversamos, mais você roubou meu coração. Quando todo mundo me disse que eu era um idiota e que deveria esquecer você e seguir em frente com a minha vida, não consegui. Nós travamos uma batalha longa e difícil juntos. Entre o seu julgamento, a discriminação em curso que enfrentamos no Texas e a nossa mudança para o Michigan, onde finalmente conseguimos começar uma vida juntos, sempre o fizemos lado a lado. Quero seguir todas as jornadas da vida da mesma maneira. Juntos. Eu quero você ao meu lado sempre. Bishop Ndiaye, você me fará a honra de se casar comigo? —Ele colocou uma simples banda de ouro na palma da minha mão e fechou meus dedos em torno dela.

Beatrice suspirou e levou a mão à boca enquanto lágrimas rolavam por suas bochechas. Meu irmão piscou para mim. Drake apoiou a cabeça no ombro de Jalen.





E Anson, o homem que eu mais amava no mundo inteiro, esperou pacientemente minha resposta, parecendo muito mais afetado e assustado do que ele precisava.

— Claro que vou. Quando tudo que eu sabia era escuridão, você se tornou o único ponto brilhante da minha vida, Anson. Sim, eu vou casar com você.

Anson agarrou a parte de trás do meu pescoço e me puxou para um beijo. —Eu te amo— ele sussurrou contra a minha boca, beijando de novo e de novo.

—Eu te amo.

O que eu não esperava foram os aplausos de várias pessoas ao redor do restaurante que estavam ouvindo. Nós fizemos um espetáculo de nós mesmos. Algumas pessoas olharam para o outro lado, talvez achando a idéia de um casal gay se casar assustadoramente, ou talvez fosse a demonstração aberta de afeto. Eu não me importava. Mas mais pessoas do que eu esperava aplaudiram e nos deram parabéns.

Isso fez eu sentir-me bem.

Tudo parecia bom.

A mão de Anson nunca deixou a minha durante todo o jantar. Ele acariciou o polegar sobre a banda de ouro uma e outra vez. Juntos, com nossas famílias, comemoramos este próximo passo em nossas vidas. O próximo ramo da nossa jornada.

Fomos longe e encontramos nosso bem-merecido felizes para sempre.

FIM





Caro Leitor,

Muito obrigado pela leitura. As críticas são sempre bem-vindas, por isso, considere deixar algumas palavras na Amazon, Goodreads ou Bookbub. Cada pequeno passo conta.

